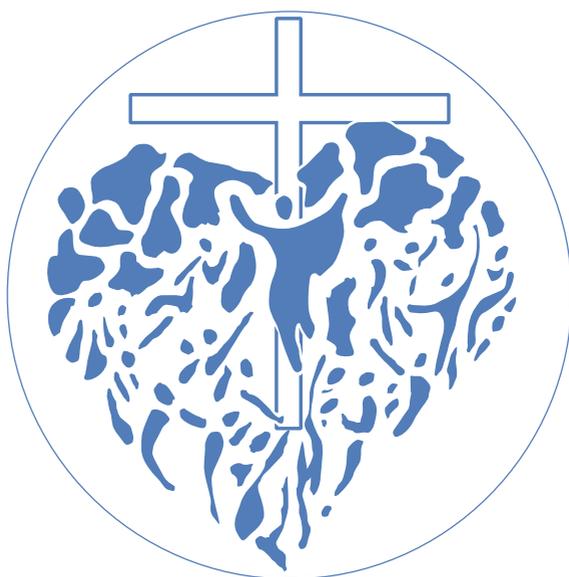


TEMÁRIO E CALENDÁRIO DE ATIVIDADES
DO ANO PASTORAL DE 2014-2015

SANTIFICADOS EM CRISTO



ITINERÁRIO TEMÁTICO
DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA
5.º CICLO

COLEÇÃO FÁTIMA ITINERÁRIOS

FICHA TÉCNICA

Coordenação | Carla Abreu Vaz
Design e Paginação | Redpost

Impressão e Acabamentos | Gráfica Almondina
Depósito legal | 384 306/14
ISBN | 978-972-8213-99-2
Edição | Santuário de Fátima 2014

ÍNDICE

Introdução	7
<i>Carlos Cabecinhas</i>	
Itinerário temático para o Centenário das Aparições de Fátima, 5.º ciclo, 2014-2015	10
I Perspetivas do 5.º ciclo	
Santificados em Cristo	15
<i>Miguel Almeida</i>	
Oração	27
<i>Teresa Messias</i>	
Quarta aparição de Nossa Senhora nos Valinhos a 19 de agosto de 1917	49
<i>Luciano Cristino</i>	
II Núcleos temáticos do 5.º ciclo	
A mãe de Jesus estava com eles	63
<i>João Paulo Quelhas</i>	
A quem iremos?	71
<i>Gonçalo Diniz</i>	
Sede santos!	83
<i>Joaquim Teixeira</i>	
Formamos um só corpo (Ef 4,4)	95
<i>Nuno Manuel Santos Almeida</i>	
Felizes os convidados para a Ceia do Senhor	107
<i>Joaquim Félix de Carvalho</i>	
Vigiai e orai	125
<i>Maria do Rosário Soveral</i>	
III Propostas para a vivência do tema do ano	
Catequese para Adolescentes	139
<i>Sandra Dantas</i>	
Catequese para Crianças	143
<i>Sandra Dantas</i>	
Mistérios do Rosário	147
<i>Marta Heleno</i>	
Santificados em Cristo, diante do Cordeiro.	
Adoração ao Santíssimo Sacramento	167
<i>Marco Daniel Duarte</i>	

Adoração Eucarística com crianças	189
<i>Maria Emília Carreira</i>	
Via-sacra	197
<i>Maria Isabel Rodrigues</i>	

IV Missas para as Peregrinações Aniversárias

maio	217
junho	217
julho	218
agosto	218
setembro	219
outubro	219

V Propostas para a vivência do tema do ano

Textos de apoio aos temas mensais	223
-----------------------------------------	-----

VI Programa oficial do Santuário 271

VII Calendário de atividades

novembro	285
dezembro	285
janeiro	288
fevereiro	291
março	294
abril	297
maio	300
junho	302
julho	305
agosto	307
setembro	310
outubro	312
novembro	314

Memória descritiva do projeto de comunicação

5.º ano da Celebração do Centenário das Aparições de Fátima <i>Michel Gonçalves</i>	317
----------------------------------------------------------------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Carlos Cabecinhas

O 5.º ciclo do itinerário temático, que guia a vida do Santuário ao longo de sete anos, até 2017, toma como ponto de partida a aparição de Nossa Senhora em agosto de 1917. A opção de partir, em cada ciclo do septenário, de uma aparição permite-nos identificar as ideias fundamentais da mensagem de Fátima e aprofundar os seus temas mais significativos, ligando-os entre si de forma orgânica e coerente.

Na aparição de agosto, identificamos a exortação final de Nossa Senhora como as palavras mais importantes: «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas». Nesta exortação percebe-se aquele que é o seu conteúdo teológico mais relevante: a comunhão dos santos.

No Credo, na forma mais breve, o chamado Símbolo dos Apóstolos, afirmamos que cremos na comunhão dos santos. Quando a Igreja fala da *Comunhão dos Santos* quer referir-se à união ou comunhão de todos os que creem em Cristo, «de modo que o que cada um faz ou sofre por Cristo e em Cristo reverte em proveito de todos» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 961). S. Paulo, comparando a Igreja a um corpo, afirma: «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro for honrado por alguém, todos os membros se alegram com ele. Vós sois Corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe diz respeito» (1 Cor 12, 26-27). E o *Catecismo da Igreja Católica* explica que «o mais insignificante dos nossos atos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa

solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos. Pelo contrário, todo o pecado prejudica esta comunhão» (n. 953).

A Ir. Lúcia, refletindo sobre esta afirmação do Credo, recorda a imagem do corpo, usada por S. Paulo: «Como diz S. Paulo (Col 1, 24), é preciso completar em nós o que falta à paixão de Cristo, porque somos membros do Seu Corpo Místico. Ora, quando um membro do corpo sofre, todos os outros membros sofrem com ele, e, quando um membro se sacrifica, todos os outros membros participam desse sacrifício; se um membro estiver enfermo e o mal for grave, ainda que o mal esteja localizado só nele, todo o corpo sofre e morre. O mesmo se passa na vida espiritual: todos somos enfermos, todos temos o dever de, em união com a vítima inocente que é Cristo, nos sacrificarmos em reparação pelos nossos pecados e pelos dos nossos irmãos, porque todos somos membros do mesmo e único Corpo Místico do Senhor» (*Apelos da Mensagem de Fátima*, Carmelo de Coimbra – Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2000, p. 89).

Assim, o ano pastoral de 2014-2015 no Santuário de Fátima terá como tema «Santificados em Cristo», sendo a santidade de Deus, na qual Ele nos faz participar, o núcleo teológico que lhe subjaz. Pretende-se, deste modo, destacar a Igreja como comunhão dos santos enquanto elemento catequético: a santidade, enquanto vida de comunhão com Deus e em conformidade com a Sua vontade, é a vocação de todo o cristão.

A atitude crente, ligada a este tema, é a oração: «A oração, que abre à experiência do amor de Deus, insere também na comunhão dos santos» (E. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima, 2014, p. 228). Também a atitude crente encontra o seu ponto de partida nas palavras de Nossa Senhora, nesta aparição: «Rezai, rezai muito». Este apelo recorda o do Anjo, na sua segunda aparição no ano anterior: «Que fazeis? Orai! Orai muito!». O apelo insistente à oração

constitui um dos traços mais característicos da mensagem de Fátima: é o primeiro pedido de Nossa Senhora aos Pastorinhos e o pedido mais vezes repetido, nas várias aparições. A oração faz parte do âmago da mensagem de Fátima como convite a uma forte experiência de Deus.

O presente livro, à imagem do dos anos anteriores, apresenta-nos um vasto conjunto de perspetivas de reflexão e aprofundamento do tema do ano, bem como contributos vários para a catequese e a oração pessoal e comunitária. Pretende-se que seja uma ajuda a quantos desejam preparar peregrinações a Fátima ou viver o tema que guia, ao longo deste ano pastoral, a vida do Santuário. Possa ele ajudar-nos a viver mais profundamente a mensagem de Nossa Senhora, em Fátima.

Itinerário Temático

Para o Centenário das Aparições de Fátima

5.º Ciclo | 2014-2015

Acontecimento de Fátima de referência

Aparição de Nossa Senhora no mês de agosto

Frase inspiradora

«Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores»

Núcleo teológico

Deus Santo

Elemento catequético

A Igreja como Comunhão dos Santos

Atitude crente

Oração

Tema do ano

Santificados em Cristo

Subtemas Mensais

Meses	Unidades temáticas	Conteúdos a abordar
maio	A Mãe de Jesus estava com eles. (cf. Act 1, 14)	<ul style="list-style-type: none">• Maria como intercessora• Maria, membro e modelo da Igreja
junho	A quem iremos? (cf. Jo 6, 68)	<ul style="list-style-type: none">• Penitência como conversão permanente• Os caminhos de santificação• A experiência de fé como peregrinação• A peregrinação como experiência de fé• Um povo de peregrinos
julho	Sede santos. (Lv 11, 44; 19, 2; cf. 1Ped 1, 16)	<ul style="list-style-type: none">• A santidade como comunhão com Deus• A santidade da Igreja• A santidade como dádiva gratuita• A santidade e a imperfeição dos crentes
agosto	Formamos um só corpo. (cf. Ef 4, 4)	<ul style="list-style-type: none">• A Igreja, Corpo de Cristo• Solidariedade dos membros do Corpo Místico• Os carismas como articulação do corpo• Unidade e diversidade no corpo• A comunhão dos Santos
setembro	Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. (Missal Romano: Rito da Comunhão)	<ul style="list-style-type: none">• Eucaristia como fonte de comunhão• Comunhão construída e comunhão celebrada
outubro	Vigiai e orai. (Mt 26, 41; Mc 14, 38; cf. Lc 22, 46)	<ul style="list-style-type: none">• Modos de oração• Instrumentos espirituais de intercessão• Sentido da ascese e dos sacrifícios• Rezar em comunhão e rezar pela comunhão• Oração ecuménica



PERSPETIVAS DO 5.º CICLO



Santificados em Cristo

Donde é Vossemecê?

Tudo começa (sempre) com uma visitação do Céu

Miguel Almeida

A presença de Deus, o seu amor, a graça com que nos santifica não se conquistam, são puro dom. Quando contemplamos a nossa história e ganhamos um momento de lucidez, somos levados a perguntar com S. Paulo: «Que tens tu que não tenhas recebido?» (1Cor 4,7). Descobrir esta radical dependência da graça de Deus leva-nos a viver em constante ação de graças por tanto bem recebido. O caminho da santidade é abrir-se progressivamente a esta presença do Espírito Santo que tudo vivifica com o seu amor e tudo transforma. Essa descoberta é-nos sempre dada pela visitação de outro; nunca pela própria suficiência¹.

Desde o primeiro momento que o acontecimento de Fátima tem esta marca. Diz Lúcia que, ao ver os relâmpagos, se preparavam para voltar para casa e que, de repente, viram uma Senhora em cima de uma carrasqueira: «Ficámos muito assustados por vermos aquele resplendor que A envolvia»². Mais tarde, na quarta memória, Lúcia vai tentar explicar este medo e afirma que não era medo, mas surpresa³. Tenha havido susto ou não, todos os relatos manifestam a total iniciativa da «Senhora vinda do Céu» perante uma absoluta surpresa e passividade por parte dos pastorinhos.

Ao mesmo tempo, também desde a primeira aparição, a mensagem de

1. Cf. PEDRO FERNÁNDEZ CASTELAO, "En Torno A la Teología de la Gracia", Santander, Sal Terrae, 101 (2013), 713.

2. P. ANTÓNIO MARIA MARTINS, S.J. (introdução e notas), Novos Documentos de Fátima, Livraria A.I., Porto, 1984, 98.

3. *Ibid*, 315.

Fátima convida a responder livremente a essa graça com uma missão concreta: fazer penitência e rezar para a salvação do mundo. A reparação dos pecados, a paz para o mundo e a conversão dos pecadores serão os frutos da resposta generosa de santidade de vida dos pastorinhos ao convite de Nossa Senhora. Se a graça é puro dom, ela requer uma resposta – e uma resposta que seja em prol do bem universal e não só do bem particular. No encontro com os jornalistas a caminho de Portugal, Bento XVI afirmava que «a Mensagem de Fátima não vai, substancialmente, na direção de devoções particulares, mas precisamente na resposta fundamental, ou seja, a conversão permanente, a penitência, a oração e as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade»⁴.

A Mensagem de Fátima revela-se, assim, profundamente evangélica no seu conteúdo e no modo como surge. A total iniciativa «vinda do Céu» convida a uma resposta de conversão e santidade de vida que se dirige e envolve a Igreja e a humanidade: «Nossa Senhora ajudou-os a abrir o coração à universalidade do amor»⁵.

Santidade: dom e ascese

A vida é difícil. É assim que começa um livro de Scott Peck que deu a volta ao mundo e foi traduzido em dezenas de línguas⁶. De algum modo, espontaneamente, todos nós tendemos a pensar e a exigir, ou ao menos a desejar, que assim não fosse. E podemos passar a vida inteira a lutar e a lamentar a dificuldade da existência. Agimos e vivemos como se devesse ser de outra forma e que a culpa... a culpa desde os primórdios é sempre do outro. «Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi... A serpente enganou-me e eu comi» (Gn 3,11-13).

4. BENTO XVI, "Encontro do papa Bento XVI com os jornalistas durante o voo para Portugal", in http://www.pcf.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100511_porgallo-interview_po.html.

5. BENTO XVI, "Homilia do Papa Bento XVI, no Santuário de Fátima, 13 maio, 2010" in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100513_fatima_po.html

6. SCOTT PECK, O Caminho menos percorrido. Sinais de Fogo Publicações, 2002.

Tomar consciência da nossa nudez e pequenez diante do mistério da vida, aceitar que somos seres em criação, frágeis, mas a caminho da plenitude do nosso próprio ser, esse é o primeiro passo da sabedoria humana. Só aceitando a realidade enquanto tal, podemos começar a caminhar e a tirar partido de tudo o que a criação tem para nos oferecer, incluindo as dificuldades, as tensões e as dores que fazem parte da vida e lhe dão, por vezes, uma sensação de realidade paradoxal. Sim, a vida é um paradoxo. Um dom imerecido, mas uma luta diária. Quem nasce maravilha-se com a vida inimaginável e o incrível mundo novo, mas tropeça na exigência quotidiana de lhe corresponder. Viver é a abertura de uma fenda entre a bênção – uma chuva de bênçãos – e a dor, o trabalho e o suor do rosto. «Em cada nascimento o dom recebe-se e desenha-se como espaço vital entre memória e promessa, chamamento e resposta, gratuidade e custo, herança e invenção»⁷.

Assim, também, a santidade é paradoxo: oferecida como dom, mas ainda tão-só promessa; já nas entranhas do nosso ser, mas longe de estar completa; já à imagem do Santo que é Deus, mas todo o caminho da Sua semelhança por percorrer. Se por um lado, afirmamos que a santidade é a meta à qual se dirige toda a vida espiritual, não podemos deixar de constatar, por outro lado, que ela é o dom primeiro e fundamental que constitui o ser cristão. É o mistério da graça que faz de um “simples” ser humano um filho de Deus, o dom primordial que abre à possibilidade da comunhão com Deus. Ora, esta comunhão só é possível precisamente porque é dom. Qual a criatura que, por si só ou por seus méritos, poderia alcançar a comunhão com o Criador? A distância que separa Deus do ser humano é de tal modo radical, que só por iniciativa do seu amor se torna possível a relação e a comunhão. Este amor tem, para nós, um rosto e um nome: Jesus Cristo.

7. JOSÉ FRAZÃO CORREIA, *A Fé vive de afeto, variações sobre um tema vital*. Prior-Velho, Paulinas, 2013, 32

Deste modo, quando nas suas cartas S. Paulo se dirige ou se refere aos seguidores de Jesus Cristo, usando a expressão "santos" ou "santos em Cristo"⁸, não está a referir-se à vida moral dos seus destinatários, já que «a palavra *Santo* não denota em primeiro lugar a santidade de pessoas humanas, mas aponta para as dádivas divinas que distribuem santidade no meio da miséria humana»⁹. Santos são aqueles que, por aderirem à pessoa de Jesus Cristo, recebem dele a graça da Sua santidade. É, antes de mais, a graça que nos torna "nação santa" (1Ped 2,9) e, de facto, nos faz filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1).

No entanto, é também verdade que, a cada passo, a Escritura sublinha que à santidade oferecida como dom do Espírito se impõe a atitude humana de corresponder a este dom com a própria vida: «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lev 19,2). Esta santidade de Deus é a base fundamental da Aliança que Ele estabelece com o Povo. Porque Deus é santo, convida-nos à santidade. Todas as leis, normas e prescrições decorrem desta base fundamental e são expressão dela. No Novo Testamento, adensa-se esta tensão entre a santidade como dom e graça e a santidade como resposta livre do ser humano: «Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo» (1Cor 6,19-20). Assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder (1Ped 1,15). Se queremos entrar na comunhão com Deus e disfrutar da santidade que Ele nos oferece, então temos que a pôr em prática no quotidiano do nosso viver. A graça de Deus não é magia; é convite à relação. E, como todas as relações, também a relação com Deus sofre os seus "altos e baixos", porque é para ser vivida na realidade da vida concreta. A relação íntima com Deus não torna a vida mais fácil.

8. Cf., por exemplo, Rm 12,13; 16,15; 1Cor 6, 1; 14,33; 2Cor 9,1; 13,13; Fil 1,1.

9. JOSEPH RATZINGER, Introdução ao cristianismo – preleções sobre o Símbolo Apostólico, S. Paulo, Herder 1970, 293.

Jesus nunca prometeu uma vida fácil. Aliás, bem pelo contrário: «quem quiser seguir-me tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16,24). Mas uma certeza podemos ter: Deus nunca nos abandona, porque é fiel e não pode negar-se a si próprio (cf. 2Tim 2,13), mesmo quando a vida é difícil ou quando não conseguimos perceber-lhe o sentido. Não é essa a nossa experiência? Quantas vezes não é no caminho árduo e inclusivamente doloroso, em que somos chamados a abdicar dos nossos gostos e prazeres, ou a experimentar as tempestades e o aparente sem-sentido da vida, que a graça se manifesta? Como afirma o Catecismo da Igreja Católica, todo «o progresso espiritual implica a ascese e a mortificação que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças» (CIC, 2015).

A santidade revela-se, então, como dom e ascese. O objeto que é dado a alguém só se torna "presente", só é oferta e dom, se o destinatário o reconhecer como tal. Se ninguém o recebe, se ninguém o reconhece, então não é verdadeiramente dom. Porque é próprio do dom ter um dador e um recetor. A graça que nos é dada pelo amor de Deus tem que ser por nós acolhida. A história é, então, o lugar em que a Santidade de Deus é acolhida por nós e por nós expressa através das nossas obras (cf. Ef 4,17.20-24; Col 3,7-17). A vida cristã deverá ser, afinal, a coerência entre a dádiva de Deus e o nosso acolhimento, entre dom e aceitação, entre o ser e o fazer. Ganha aqui pleno significado o antigo ditado do poeta grego Píndaro: «Homem torna-te aquilo que és». Santo, santifica-te.

É Cristo que nos santifica

O termo "santo" designa biblicamente o que é separado do profano, do comum, do quotidiano. Por vezes era um termo usado para se referir a espaços específicos de adoração (o templo santo, o monte santo) ou a objetos (altares, vasos litúrgicos) ou a tempos (o sábado). Quando utilizado em modo verbal, *santificar* significava *separar* para o uso religioso (Lev 10,10). Então, o Santo por excelência é Aquele que é separado do

mundo, da criação, que se distingue dela, sem jamais se confundir com a mescla criada. Santo é só Deus. A santidade não é um mero atributo de Deus, mas sim a sua natureza essencial (Espírito Santo). Santidade refere-se a Deus e/ou ao que foi feito santo por ele. Portanto, nenhuma santidade existe fora dele. "Santo" indica a própria separação de Deus de toda a impureza ou de qualquer pecado na sua perfeição de ser.

Ora, o grande mistério, absolutamente inabarcável à razão humana, é o incomensurável ato de amor com que Deus, o Santo, nos chama a tomar parte da sua santidade, nos convoca à plenitude da comunhão consigo, nos convida à intimidade da sua vida trinitária. A aproximação de Deus ao ser humano dá-se desde o início da criação. O ato criador é o primeiro gesto, no tempo, de sair de si. Ao criar, Deus produz uma realidade distinta de si mesmo que é o pressuposto necessário para que ele se comunique a esta mesma realidade, autodoando-se a ela no amor¹⁰. Progressivamente, através da eleição de um Povo, da libertação da escravidão, do dom da Terra Prometida, do envio de profetas vai-se tecendo a trama da História da Salvação. Deus revela-se Emanuel, um Deus-connosco.

Mas é em Cristo que este mistério adquire a sua plena realização. Em Cristo, Deus faz-se carne, torna-se um de nós e vive entre nós. «Em Cristo o próprio Deus amarrou-se aos homens, deixou-se atar por eles»¹¹; em Cristo, a natureza divina une-se à natureza humana e santifica-a, penetrando-a da vida de Deus. Cristo é o Santo de Deus (Act 3,14). Também aqui, nesta parábola vivida de duas naturezas inseparáveis e inconfundíveis, se desenha a experiência primordial humana no que de mais profundo ela anseia: o encontro com o seu criador. No "Homem-Deus" (Rahner), este encontro ganha a concretude da carne histórica e, com ela, abre-se a porta de todos os derradeiros encontros da existência humana.

10. Cf. KARL RAHNER, *Missão e Graça*. Petrópolis: Vozes, vol. 1, 1964. p. 57.

11. JOSEPH RATZINGER, *Ibid*, 294.

No batismo, o próprio Deus vem habitar em nós: «Nós viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14,23) e o cristão faz a experiência de *mergulhar* em Cristo, na sua morte, para ressuscitar para a vida nova da graça. Estamos “plantados” em Jesus, diz S. Paulo: «Pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos plantados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição» (Rm 6,4-5). A «ação santificadora do Espírito» (2Tes 2,13) que se opera no batismo diviniza o cristão e converte-o em «nova criatura» (Gal 6,15).

A experiência da vida cristã é, incontornavelmente, comunitária. O batismo, esse *mergulho* em Cristo, é um mergulho no seu corpo, que é a Igreja. Ao reconhecermos a graça de Deus em nós, não a podemos calar. A este respeito, é significativo como a Jacinta, depois da primeira aparição de Nossa Senhora, apesar do *pacto de silêncio* feito pelos três pastorinhos, «não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém», conta Lúcia. E, confrontada pela Lúcia, respondia: «eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada»¹². É assim desde os tempos evangélicos: todos aqueles que se deixavam realmente encontrar por Jesus não conseguiam calar esse encontro vital (Mc 1, 40-45; Mt 4,24; Jo 1,35ss). E a primeira pessoa a reagir deste modo é Maria, a Mãe de Jesus que, apenas acabando de saber que está grávida, «pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia» (Lc 1,39) para visitar a sua prima Isabel, e aí deixa que o seu coração expluda num louvor incontido e exclama o seu *Magnificat* (Lc 1,46-55). Quem se deixa tocar pela presença de Jesus não pode ficar instalado, mas é impelido a ir ao encontro dos outros a anunciar essa novidade radicalmente transformadora. É este mesmo dinamismo que faz nascer a Igreja. A alegria experimentada pela ressurreição de Cristo leva os discípulos a

12. P. ANTÓNIO MARIA MARTINS, SJ. (introdução e notas), *Novos Documentos de Fátima*, Livraria A.I., Porto, 1984, Primeira memória, 153.

levarem a boa nova uns aos outros: «Vi o Senhor!» é o anúncio da manhã de Páscoa. A Igreja vai-se construindo como a comunidade daqueles que se reúnem à volta do Ressuscitado e se descobrem «santificados em Jesus Cristo, chamados à Santidade» (1Cor 1,2). Há uma comunhão que a todos nos une, porque todos estamos unidos a Jesus Cristo.

A Comunhão dos Santos

A Igreja é santa, não porque todos os seus membros são santos, mas precisamente o contrário: os membros da Igreja é que são santos porque a Igreja é Santa. Como afirma o Cardeal Ratzinger, «a palavra *santo* não denota em primeiro lugar a santidade de pessoas humanas, mas aponta para as dádivas divinas que distribuem santidade no meio da miséria humana. A Igreja é chamada santa, não porque todos os seus membros sejam santos, isentos de pecado (...), mas [porque] a santidade da Igreja consiste naquela força de santificação que Deus exerce nela, apesar da pecaminosidade humana»¹³. A fonte de santidade da Igreja não lhe vem de si mesma ou dos seus membros, mas de Cristo. De facto, a Igreja é santa porque Cristo é Santo¹⁴. E os santos são os que vivem a vida divina, já que, como foi dito, a santidade da Igreja é o poder de divinização que Deus exerce sobre ela apesar dos nossos pecados¹⁵, porque «o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5,5).

Esta santidade, na qual participam todos os batizados, e que é a Comunhão dos Santos, realiza-se não só entre todos os crentes vivos na Terra, que constituem a Igreja Peregrina, mas estende-se a todos os nossos irmãos que já morreram e fazem parte da Igreja Celeste. Comunicada por Cristo, é uma verdadeira comunhão de fé e de amor entre todos os crentes e realiza a partilha de bens na vivência e na solidariedade mútua entre

13. JOSEPH RATZINGER, *Ibid*, 293-294.

14. Diz o Concílio Vaticano II que «com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito o único Santo, amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar (cf. Ef 5,25-26) e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulado-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por isso, todos na Igreja (...) são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: "esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1Tess 4,3; cf. Ef 1,4)» (LG 39).

15. Cf. FRANCOIS VARILLON, S.J., *A Alegria de crer e de viver*. Braga, AO 1996, 148.

todos os membros do seu corpo que é a Igreja. Cada um contribui para o bem de todos, na medida em que o que cada um faz de bem chega aos outros em virtude da graça de Cristo¹⁶. Manifesta-se, então, esta santidade, na oração e na ação concretas, «autênticos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis»¹⁷, e que levam à construção do Reino de Justiça e de Paz sonhado por Jesus Cristo.

No entanto, no esforço pela construção de um mundo melhor e na procura de uma vida de santidade, há um subtil mas grande perigo: o legítimo desejo de santidade pode levar-nos a confundi-la com a pureza, no sentido de idealizarmos uma santidade intocável, sem qualquer mancha de pecado e nunca misturada com o mal. Este sonho, levado ao extremo, conduzir-nos-ia a uma igreja dos puros, dos separados do mundo, dos “fiscais da fé” (Papa Francisco), dos que julgam os outros. Ora, como dito acima, o ato incomensurável do amor de Deus – Ele que é o Santo, o separado do mundo e de todo o profano – foi precisamente o de se misturar connosco, quando ainda éramos pecadores (cf. Rm5,8) e encarnar no mundo real em Jesus Cristo. Esta conceção de santidade como separação não sujeita a qualquer contágio impuro já existia no tempo de Jesus. E, por isso, a sua santidade foi considerada escandalosa e blasfema. A santidade de Jesus exprimiu-se na busca radical dos pecadores, no estar à mesa com eles, na partilha de vida com os indignos e os excluídos da sociedade: «Jesus atraiu a si o pecado e tornou-se parte dele, revelando deste modo o que é a autêntica santidade: não isolamento, não julgamento, mas amor salvador... Na pecadora santidade da Igreja, em contraste com a humana expectativa dos puros, não se revela a verdadeira santidade de Deus que é amor, amor que não se conserva em nobre distância diante dos puros intocáveis, mas se mistura com a sujidade do mundo para vencê-la?»¹⁸.

Não é por acaso que, desde o primeiro momento, Fátima grita como um apelo à oração e ao sacrifício pela conversão dos pecadores. Fica desde

16. BERNARD SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2001, 525.

17. LG 39.

18. JOSEPH RATZINGER, *Ibid*, 295.

logo claro que uma revelação mística, se o é verdadeiramente, não se reduz ao proveito próprio, ou de um pequeno grupo dos puros, mas abarca sempre uma missão maior. Logo na primeira aparição do Anjo, em 1916, os pastorinhos ajoelharam com ele e rezaram. Mas esta, que foi a primeiríssima experiência mística dos pastorinhos, recusa-se a ficar no sabor da consolação pessoal e da afirmação de fé daquelas três crianças («Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-Vos»), *saltando* imediatamente para as dores e falhas do mundo: «peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam».

Diz o Papa Francisco que «a aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e das suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e levar a peito o bem dos outros»¹⁹. Não será a falta de fé, de esperança e de amor, com o reconhecimento de que tudo vem de Deus, a origem de toda a miséria humana? A primeira atitude de quem crê é a oração. Sabemos como o Francisco, desde a aparição do Anjo – e mais ainda desde as aparições de Nossa Senhora –, se retirava para a solidão em longos momentos de oração, no campo ou na igreja «junto de Jesus escondido». Esta mesma sensibilidade aparece sublinhada na segunda aparição, em que o Anjo irrompe «à hora da sesta» e insiste com os pastorinhos para se sacrificarem «em ato de reparação pelos pecados com que Ele [Deus] é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria a paz». Parece impossível! O Anjo dá a entender que a paz de Portugal depende da oração e da penitência de três humildes crianças que nem sabiam ler. Mais ainda, no ano seguinte, na primeira aparição de Nossa Senhora, fica a esperança de que a oração dos pastorinhos possa alcançar a paz para o mundo! De facto, a oração e a caridade são os bens mais excelentes que vêm de Cristo e que constituem a verdadeira Comunhão dos Santos. Assim, também na terceira aparição há um vínculo íntimo entre a comunhão do Corpo

19. PAPA FRANCISCO, A alegria do evangelho, Prior-Velho, Paulinas, 2013, n. 178.

e Sangue de Jesus Cristo, a «reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido [...] e a conversão dos pecadores». Não podia ser de outro modo. É possível comungar verdadeiramente o Corpo de Cristo, sem comungar as alegrias e as tristezas, as dores e as dificuldades dos nossos irmãos? A realidade do Corpo de Cristo joga-se na vida concreta do corpo vivido de cada irmão, nas suas feridas e cicatrizes, nas suas lágrimas e sorrisos, nos afetos e nos sonhos realizados ou perdidos no horizonte de cada história sofrida.

Tendo como pano de fundo a imagem da Igreja-corpo desenvolvida por S. Paulo (1Cor 12,12-27), diz S. Tomás de Aquino que «na Igreja, porque todos os fiéis são um só corpo, o bem de um comunica-se ao outro. [...] E, assim, deve-se acreditar que há uma comunhão de bens entre os fiéis, que se chama Comunhão dos Santos»²⁰. Já no Novo Testamento, este elo de união indivisível entre o amor a Deus e o amor aos irmãos é evidente. O Próprio Jesus havia afirmado que «sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes” (Mt 25,40). Não admira, portanto, que o desejo de santidade dos pastorinhos os leve a responder entusiástica e afirmativamente a Nossa Senhora: «– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? – Sim, queremos». O convite e a pronta resposta revelam um diálogo em tudo semelhante aos da Escritura, em que Deus procura e convida alguns para a salvação de todos. Já o profeta Isaías relata: «Então, ouvi a voz do Senhor que dizia: “Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?” Então eu disse: “Eis-me aqui, envia-me”» (Is 6,8). E Jesus, confrontando os filhos de Zebedeu obtém o mesmo tipo de resposta: «“Podeis beber o cálice que Eu estou para beber?” Eles responderam: “Podemos”» (Mt 20,22).

Sermos santificados em Cristo é, afinal, reconhecermos em nós a força do Espírito que nos move à construção do Reino de Deus, ao estilo de

20. S. TOMÁS DE AQUINO, Sermão sobre o Credo – Expositio in Symbolum Apostolorum, art. 10.

Jesus. Da intimidade com o Pai, aprofundada na oração, surge em Jesus a fortaleza de ânimo que o leva a denunciar injustiças, a partilhar a sua vida com os pobres, a amar até ao dom total de si mesmo. «Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. [...] De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz»²¹. Somos chamados a uma santidade inquieta, de entrega a todos quantos vivem hoje a paixão de Jesus; uma santidade por vezes batalhada, nunca fácil, mas sempre verdadeiramente alegre, porque a alegria é o fruto do serviço e da entrega; uma santidade que brota da intimidade com Jesus, na oração, que é a atitude primeira do crente, e que se deve manifestar numa «Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas [ao encontro de] tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo»²¹. Como Maria, que sabia guardar todas as coisas meditando-as no silêncio do seu coração (Lc 2,19), mas que também não calava quando notava a falta da verdadeira alegria (Jo 2,1-12), assim a Igreja é chamada a estar atenta e a recorrer a Cristo – e a agir como ele – para que a verdadeira paz e alegria não falem neste mundo tão dilacerado pela injustiça e pela indiferença.

21. BENTO XVI, "Homilia do Papa Bento XVI, no Santuário de Fátima, 13 maio, 2010" in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100513_fatima_po.html.

22. PAPA FRANCISCO, A alegria do evangelho, Prior-Velho, Paulinas, 2013, n.48.

Atitude Crente: Oração

Teresa Messias

Orar é a comunicação livre e recíproca entre a vida de uma mulher ou homem e o Mistério de Ser que a/o habita, funda e transcende, isto é, Deus. É um intercâmbio, ou partilha recíproca, de vidas feito dentro da experiência do ser: de Deus ser (Pai, Filho e Espírito Santo) e do ser de um homem ou mulher únicos, num concreto momento histórico; é a construção de uma relação consciente, deliberada e original, vivida no concreto de um contexto cultural, entre pessoas que se dão a conhecer e a aceitar umas às outras; é uma aventura de mútuo desvelamento do ser de cada um daqueles que nesse diálogo, vital e simbólico, se dizem um ao outro, num contexto existencial concreto. A oração está orientada para uma experiência de comunhão em amor que se prolonga para além do tempo e da morte, para o íntimo da vida de Deus Trindade.

1. É Deus quem inicia a oração e nos precede

Na experiência judaico-cristã, é Deus quem toma sempre a iniciativa de começar a oração. Deus dá o primeiro passo, faz o primeiro gesto, provoca a primeira experiência que O manifesta e faz conscientemente notado. Foi assim no AT com os profetas e igualmente na vida de Maria e em Jesus. É Deus quem inicia o processo da comunicação de Vida, dando-Se a Si mesmo numa experiência ou acontecimento mediador, interpelando a capacidade humana de relação interpessoal, de aceitação e de resposta consentida e livre. Nós rezamos, enquanto cristãos, porque Deus, na história do Povo de Israel e em Jesus Cristo, se nos manifesta como alguém que é radicalmente afetado pela nossa vida desde a sua

origem, como alguém que quer amar, cuidar, libertar, entregar-Se para realizar, dentro de uma relação de consentimento e entrega livre, a pessoa única que somos muito para além do que sabemos ou esperamos. Deus manifesta-se como o Criador da nossa existência, alguém que desde a origem está amorosamente implicado na nossa história e fim. Como alguém que é fiel: fiel a Si mesmo, fiel a cada um de nós e ao amor que nos tem. Fiel até ao extremo da fidelidade (cf. Jo 13, 1) sem jamais vacilar, mesmo – e sobretudo – quando nós somos infiéis: a Ele e a nós mesmos.

Rezamos como cristãos e em Igreja como resposta à manifestação e à Palavra de Deus que se nos dirigiu primeiro. Sempre que Deus Se oferece espera a nossa resposta e reação. A oração do ser humano a Deus é resposta em atitude de credibilidade e confiança ao dom de Si que nos faz. O fundo da oração nasce do desejo de Deus que O conheçamos e aceitemos como Fonte originária de amor, da vida e fim último da realização profunda do nosso ser vivendo uma nova vida recebida no seu Filho Jesus, o Cristo, e partilhada em comunidade ampla, diversa e rica.

A oração é marcada pela imprevisibilidade, pela surpresa e pela escuta de algo que afeta a nossa vida e a solicita para uma resposta que se constitui uma missão: ser presença viva e gratuita da relação vital e transformante que Deus desperta em nós, da Sua vida para/e em nós; relação que não podemos controlar mas na qual recebemos a capacidade de nos deixarmos conduzir e transformar. Na oração cristã estão sempre presentes três polos: Deus, o orante e todas aquelas outras pessoas a quem Deus, por meio da relação estabelecida com aquele que reza, se quer também comunicar e entregar. A oração cristã nunca se reduz a um dualismo ou exclusivismo a dois: Deus-orante. É sempre aberta, universal, inclusiva, gratuita, superabundante. Destina-se sempre aos outros e ao seu bem, porque a entrega recíproca dada na oração gera Vida que Se expande e Se difunde desde aquele que ora e se deixa orar por Deus. A oração é sempre feita em Igreja e visa o mundo todo, mesmo se estamos sós, porque é o Espírito de Jesus que nos abre à oração e nos permite a comunicação com

Deus. Há um só Espírito de Jesus que em todos nós abre à Vida, revela a Vida e amadurece em alegria a vida que somos. É esse único Espírito do Ressuscitado que faz a Igreja ser e nunca fica enclausurado nos limites da nossa consciência pessoal ou comunitária.

O apelo à oração atravessa transversalmente toda a Mensagem de Fátima a qual traz em si também a marca da imprevisibilidade, da surpresa, da gratuidade, quase em excesso, desde a primeira aparição do Anjo em 1916. O Anjo que se manifesta às crianças convida-as a rezarem consigo, ensina-lhes uma oração vocal. Na segunda aparição o pedido repete-se com insistência: «Orai, orai muito. [...] Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios». Finalmente, na terceira aparição do Anjo as crianças recebem o Corpo e o Sangue de Cristo, isto é, são introduzidas na oração litúrgica e sacramental da Igreja como verdadeira presença e comunhão com a vida de Jesus. A Mensagem de Fátima e o Santuário como lugar de mediação estão profundamente vinculados à oração, à sua importância e eficácia transformativa.

2. Imagens de Deus e de nós mesmos

Um dos aspetos mais importantes inerentes à oração de que muitas vezes não estamos conscientes mas que interfere profundamente na nossa abertura e adesão à relação com Deus é a imagem que d'Ele temos. Às vezes essa imagem pode transformar-se num poderoso preconceito, num certo bloqueio interior. Por outro lado, se correta e positiva, tal imagem pode ser facilitadora da abertura em confiança e verdade da circunstância vital do crente.

Todos trazemos em nós uma imagem de Deus. Em parte, ela é construída pelo que alguém nos transmitiu acerca de Deus, sobre o seu "temperamento" e intenções, sobre a interpretação que nos fizeram (ou fizemos nós) da Bíblia. Também em parte resulta de uma projecção inconsciente das nossas experiências passadas, sobretudo infantis, do modo como fomos

tratados, da influência social, da imagem assimilada inconscientemente do que é ser Pai/Mãe¹, do nosso imaginário, da nossa história de fé e oração. Uma das maiores dificuldades que Jesus enfrentou no seu tempo foi precisamente a da imagem deformada de Deus que alguns intérpretes das escrituras judaicas tinham produzido: um Deus distante, legalista, que detestava os pecadores e não tinha compaixão das suas fragilidades, que amava os cumpridores legalistas da Lei, que amaldiçoava as pessoas e punia enviando doenças e sofrimentos. Jesus enfrentou-se com vigor e fortes oposições a esta imagem. Foi da relação orante de Jesus com Deus que nasceu nele um outro rosto de Deus e se desvelou a consciência da sua identidade profunda: Pai e Filho. Um Pai cuja melhor imagem se encontra na parábola sobre o filho pródigo em Lc 15, 11-31.

Quando abrimos a nossa vida em oração a Deus, convém estarmos atentos e conscientes deste fundo da imagem de Deus frente ao qual pensamos, consciente ou inconscientemente, que nos estamos a colocar. Deus não é essa imagem. Deus não se reduz, jamais, a uma imagem que d'Ele possamos fazer. Contudo há imagens mais ou menos fiéis, mais ou menos verdadeiras. Dos acontecimentos de Fátima desprende-se uma imagem de Deus que precisamos aprender a interpretar corretamente: um Deus que está atento aos corações humanos, que se comove com eles, que se preocupa com o seu destino, que os chama à conversão.

Que imagem tenho de Deus? Alguém exigente, com um feitio instável, sujeito a fúrias e vinganças? Alguém capaz de me compreender, acolher na minha fragilidade e pecado sem me repelir, sem me “cobrar” e culpabilizar? Vou colocar-me diante de um Juíz severo ou diante de um Pai/ Mãe, de um Companheiro de vida, misericordioso em extremo? Alguém que me policia, vigia e pune ou alguém que me olha com ternura e compaixão, com

1. É importante recordar que Deus não se pode reduzir à imagem de um pai ou uma mãe mas é importante sentir liberdade para lidar com as duas imagens e as características pessoais que cada uma delas comunica do ser de Deus mas transcendê-las. A este propósito lê-se no Catecismo da Igreja Católica: «Convém [...] lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida: ninguém é pai como Deus» (CIC, 239).

alegria, sentindo-Se feliz na minha felicidade profunda? Alguém avarento com os seus dons e bens e que só a muito custo e com muitos sofrimentos me "dispensa" algumas graças? Ou alguém magnânimo e generoso, mesmo se não me responde no tempo e no modo que eu esperaria? Alguém que se deixa afetar pelas minhas próprias dores e situações de rutura e desalento ou alguém que me olha desde um nível superior, indiferente e distante ao que se passa em mim, à alegria ou ao grito que sai de quem sou? Alguém que me cobra o dever de cumprir regras e leis sem atender à minha situação ou alguém que é Ele mesmo a Lei Viva enquanto Amor que se oferece? Necessitamos abrir-nos a Deus a partir de uma imagem próxima possível ao seu modo de ser para connosco, mesmo se toda a imagem que d'Ele viermos a ter é chamada, com o tempo, a ser superada e transcendida pela experiência da Sua comunicação ao orante.

Uma segunda chamada de atenção torna-se necessária a respeito da imagem que temos de nós mesmos. Como nos tratamos e consideramos a nós mesmos? Em regra, tendemos a pensar *inconscientemente* que Deus nos trata tal como nós, no fundo e não à superfície, nos tratamos a nós mesmos ou achamos que merecemos ser tratados. Se estamos marcados por histórias de falta de amor e valorização pessoal corremos o risco de pensar que não valemos muito para Deus. Contudo, somos de valor infinito para o Senhor: valemos Deus. Valemos o seu próprio Filho que se fez homem por nós e a quem Deus não poupa para nos dar a sua vida e, com Ele, todas as coisas (cf. Rm 8, 32). Deus não está condicionado, no seu amor cheio de afeto e interesse pela nossa vida, pelos mesmos condicionamentos que temos a nosso respeito. Podemos descansar nesta verdade, sem nos julgarmos, sem medo. Mesmo se por vezes nos assalta o medo. Mesmo se o mistério do mal nos toca e afeta. Nas nossas maiores experiências de pecado Deus não está longe de nós e Deus não nos repele: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17). Só há uma forma de Deus chamar: com amor, com acolhimento, desejando perdoar e transformar com um novo dom de Si. Importa considerar que tendemos a

ser muito punitivos e censores com nós próprios e, desse modo, acabamos por produzir uma imagem de Deus que se parece connosco e O desfigura. Necessitamos de nos descondicionarmos, quanto nos é possível, destas amarras. Ao menos podemos estar conscientes delas. A única verdade importante para a oração é a de que Deus nos ama como somos e no estado em que estamos, mesmo se está longe de ser modelar e trazemos em nós desequilíbrios e fragilidades. Deus ama-nos assim, aqui e agora. Não está à espera de amanhã, de sermos “melhorzinhos” para querer, então, amar-nos e entregar-se-nos na oração. Deus ama-nos agora porque só com o seu amor poderemos ser transformados e verdadeiramente novos. Não merecemos o amor de Deus com as nossas virtudes. Ele declara-o por nós, simplesmente. Podemos contudo colaborar com Ele, pedir-Lhe que nos faça conscientes do Seu amor, deixando-nos transformar, intercedendo a favor de outros. Isso requer um consentimento consciente. E tempo para o desenvolver.

3. Deus faz-se presente ao homem, revela-se sensível e afetado pela relação com os homens e mulheres

Na história da fé judaico-cristã Deus faz-se presente e notado na vida de pessoas particulares. Por vezes, essa comunicação é descrita na Bíblia como sendo acontecimentos que implicaram escuta de palavras, visões ou sonhos. São sempre atos transformativos, chamamentos a uma mudança de vida, a uma conversão. Trazem consigo uma missão e são, sempre, destinados também a serem partilhados com outros. Trazem consigo uma inerência de gratuidade e generosidade radicais à transmissão fiel do dom recebido: «recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8).

Mas no seu nível mais profundo as várias experiências de oração no AT revelam-nos um Deus que se deixa afetar e precisa de nós. Um Deus que nos quer amar sem se colocar num patamar de insensibilidade ou apatia divina face à relação (sentimentos, gestos, decisões, etc.) que estabelece com aqueles a quem Se entrega. Como toda a pessoa que

ama Deus revela-se numa riqueza de sentimentos, estados de alegria ou tristeza, de ternura ou dor, até de indignação ou irritação.

«Ao amar-nos Deus abre a possibilidade de ser alguém de algum modo afetado pelo que nós fazemos. Uma vez que Deus realmente nos ama e tem a intenção de que sejamos seus filhos e filhas, então temos de dizer que o louvor e a ação de graças realmente agradam a Deus, realmente alegram o seu coração, uma vez que aquilo que é sua intenção está a acontecer»².

Naturalmente estes sentimentos são uma interpretação humana à manifestação de Deus. Mas no seu carácter mediado, interpretivo e simbólico eles expressam a sensibilidade profunda de Deus e o modo como o homem também tem, pela força do amor que Deus lhe dirige, a capacidade de provocar um efeito e uma alteração na sensibilidade profunda das Pessoas divinas. Deus é não só alguém que Se revela e manifesta mas é também um Deus que nos escuta, acolhe, recebendo em Si mesmo a nossa própria reação. Responder ou não ao amor de Deus não nos deixará iguais a nós mesmos. Mas também não deixa igual a Deus que se deixa afetar pela qualidade da resposta e do amor que aceitamos retribuir desde a nossa liberdade. Por isso a oração é também uma relação de liberdades, de afetividades, de naturezas e pessoas. O que faço ou não faço, o que sou ou deixo de ser como resposta ao amor que me é anunciado por Deus não O deixa indiferente.

Nos acontecimentos de Fátima impõe-se a declaração da sensibilidade de Deus face aos homens e mulheres. Diz o Anjo às crianças que os corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das suas súplicas (primeira aparição). Na vez seguinte comunica-lhes: «Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia». Finalmente tanto o Anjo como Maria fazem saber às crianças que Deus é sensível ao modo como

2. John H. WRIGHT, "Prayer", in *The New Dictionary of Catholic Spirituality*, The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota 1993, 773.

nós o tratamos e que sofre com isso: Deus é ferido («é muito ofendido»). Também Maria introduz as crianças nos sentimentos de tristeza de Deus e, na medida em que Senhora vive unida a Deus, é sensível e atingida por esses mesmos sofrimentos. O coração de Maria cercado por espinhos que as crianças viram na aparição de 13 de junho é o símbolo de um amor materno magoado enquanto rejeitado e desprezado por aqueles a quem se quer entregar. Deus deixa-se passivamente ferir como é ferido quem, amando, é rejeitado e desprezado pela pessoa que ama na sua intenção de oferecer felicidade e consolação com nada mais e nada menos que a Sua própria Pessoa.

O fundo de relação pessoal de cada homem e mulher é único para Deus e produz n'Ele sentimentos específicos. Dá-se sobre um chamamento contínuo ao abandono de comportamentos, critérios, valores, gestos, uma sensibilidade marcada pelo pecado e pela insensibilidade diante das Pessoas divinas. Gera uma transformação em curso, um diálogo de "consciências" entre pessoas que mutuamente se entregam. Mais do que esperar de nós "virtudes", Deus quer comunicar-se e ser acolhido no núcleo da nossa identidade. As "virtudes" são uma consequência deste acolhimento na oração, não uma sua condição prévia.

O modelo fundamental de oração encontramos-lo no NT, em Jesus. Jesus é o orante por excelência. Toda a sua existência é uma atitude interna de oração. Ele tinha necessidade de dedicar momentos concretos do seu dia e da sua capacidade de ser e fazer a oração pessoal, a sós, com o seu Pai. É dessa oração que brota a Sua consciência de Filho, os gestos, as palavras, o discernimento do que deve fazer e rejeitar. É da sua oração que recebe o impulso e graça da confiança filial que se abre em obediência ao amor recebido do Pai como revelação de Si mesmo à sua humanidade. Desta oração nasce a sua percepção da missão, a escolha dos seus companheiros, os sítios onde deve ir, ficar, anunciar. É, ainda, da sua experiência de oração e entrega ao Pai e a nós que brota a inovação radical de se entregar no pão e no vinho abençoados no decorrer da sua última ceia pascal

com os seus discípulos. A oração de Jesus manifesta estados e experiências que são também vividos na nossa oração: reconhece os sinais do Espírito de Deus nos que lhe são desconhecidos (Lc 7, 9-10) e a presença da tentação mesmo nos que lhe são próximos (cf. Mt 16, 22-23). Jesus não se limitou a rezar: ensinou os seus discípulos a rezar (Mt 6, 5-8; Lc 11, 1-4), exortou-os a rezar sem desfalecer e com insistência (Lc 11, 5-8), explicou-lhes o poder da oração (Lc 11, 9-13), rezou por eles ao Pai (Jo 17) e pediu-lhes que rezassem com ele no momento mais doloroso da sua vida (Mt 26, 35-38; Lc 22, 40-42). Estamos todos introduzidos na oração de Jesus ao Pai, sempre e em toda a parte, e não só quando nos lembramos de Deus ou nos sentimos próximos dele: «Pai santo, Tu que a mim te deste, guarda-os em ti, para serem um só, como Nós somos!» (Jo 17, 11). A oração de Deus por nós, a oração de Jesus por nós não se afasta nem diminui quando lhe somos infiéis, quando o rejeitamos ou quando nos deixamos vencer pelas forças de pecado que nos habitam e atuam no mundo. Mas o ato de resposta, a adesão, a entrega, essa, depende da nossa adesão, da nossa liberdade e de uma abertura pessoal.

4. Oração e consciência de relação pessoal com Deus

A consciência de uma relação pessoal com Deus, recíproca e viva, leva o seu tempo a desenvolver. Se para algumas pessoas a pedagogia de Deus consiste em fazer-se-lhes presente de forma sensível e pouco habitual, com experiências intensas e incontornavelmente marcantes da sua presença, como no caso dos Profetas, de Jesus ou de alguns Santos e Santas, na esmagadora maioria das vezes a presença de Deus faz-se primeiramente através da missão de anúncio da Igreja. Deus faz-se-nos presente através do dom que é o corpo místico de Jesus, da Sagrada Escritura, da Liturgia da Igreja, da graça da caridade fraterna e da presença de cada homem ou mulher, sobretudo os que seguem Jesus e de acontecimentos da história. Estas formas de Deus se fazer presente na nossa vida não devem nem podem ser desprezadas. Por elas Deus faz-nos verdadeiramente presentes,

interpela-nos, chama-nos, manifesta o seu amor, exorta-nos à conversão, dirige-nos um amor personalizado. Respondemos-lhe, no segredo da nossa consciência e na vida, também de forma única.

Pode dar-se o caso de se passar muito tempo sem que, apesar da relação fiel com Deus presente na Igreja, no corpo místico de Cristo e nas suas mediações, tenhamos consciência interna de Deus se nos dirigir de modo personalizado, de realizar um diálogo verdadeiramente único com a nossa pessoa e as nossas circunstâncias vitais, de nos interpelar em primeira pessoa.

Isso não significa menor amor de Deus por nós. Faz parte da Sua pedagogia, própria para cada um. Quando assim é continuamos a crescer para Deus caminhando e caindo, ora sentindo o Senhor mais próximo ora muito longe, quase como alguém inexistente e significativo, de facto, nas decisões e na nossa vida. Mas continuamos apoiados a viver em fé. Caminhamos apoiados na Sua revelação, na Sua promessa, na palavra de Jesus e na Sua presença viva na Igreja e no mundo como o Ressuscitado. É precisamente nesta situação de fé em Deus sem experiências sensíveis – que é praticamente a de todos nós – que precisamos de desenvolver uma prática regular e continuada de oração, a sós e em quietude, dando a Deus a ocasião e o tempo para se nos dirigir e manifestar. Experiência profunda disto mesmo teve aquela que viria a ser uma das maiores santas conhecidas da Igreja, Teresa de Ávila. Escreveu ela a esse respeito:

«Por não estar apoiada nesta forte coluna da oração, passei neste mar tempestuoso quase vinte anos. Ora com estas quedas, ora com levantar-me e mal – pois tornava a cair – e em vida de perfeição baixa, que nenhum caso fazia de pecados veniais; e dos mortais, embora os temesse, não era como devia ser, pois não me apartava dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que me parece se pode imaginar; nem gozava de Deus, nem achava contentamento no mundo. Quando estava nos contentamentos do mundo, lembrando-me do que devia a Deus, era com pesar; quando estava com Deus,

as afeições do mundo me desassossejavam. Isto é guerra tão penosa que não sei como a pude sofrer um mês, quanto mais tantos anos. [...] Daquilo que tenho experiência, posso dizer que, por males que faça quem começou a ter oração, não a deixe, pois é o meio por onde pode tornar a emendar-se e, sem ela, será muito mais difícil. E não o tente o demônio, do mesmo modo que a mim, de a deixar por humildade. Creia que não podem faltar as palavras do Senhor, arrependendo-nos deveras e determinando-nos a não O ofender, Ele volta à amizade que tinha e a fazer as mercês que antes fazia, e, às vezes, muito mais se o arrependimento o merecer. A quem ainda não a começou, por amor do Senhor lhe rogo, não careça de tanto bem. Não há aqui que temer senão que desejar. Mesmo quando não for avante mas se esforçar a ser perfeito que mereça os gostos e regalos que Deus dá a estes, pouco a pouco irá entendendo o caminho para o Céu; e se persevera, espero eu na misericórdia de Deus, pois ninguém O tomou por amigo que não lho pagasse. E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama. E se ainda O não amais (porque para que seja verdadeiro o amor e para que dure a amizade hão de encontrar-se as condições: a do Senhor já se sabe, não pode ter falta; a nossa é ser viciosa, sensual, ingrata), não podeis por vós mesmas chegar a amá-Lo, porque não é da vossa condição; mas, vendo o muito que vos vai em ter a Sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com Quem é tão diferente de vós»³.

Em suma: quem não reza ponha os meios e comece sem mais desculpas e atrasos. Quem reza não o deixe de fazer, seja fiel.

3. TERESA DE JESUS, SANTA, *Livro da Vida*, Cap. 8, parágrafo 2; in IDEM, *Obras Completas*, Carmelo, Paço d'Arcos 2000.

5. Oração como diálogo vital eficaz

A oração é um acontecimento de vida e tem uma eficácia própria. Sempre que rezamos fazemos um ato deliberado e consciente de nos abirmos à ação do Espírito Santo e de nos disponibilizarmos para acolher a Sua ação em nós. Nesse sentido a oração é sempre eficaz: Deus entra sempre no nosso coração e toca-o mesmo se não sentimos essa ação. A energia transformante do amor que é a santidade de Deus passa muitas das vezes pela escuta da Palavra das Escrituras. Mas podemos também dirigir-nos a Ele sem o recurso a um texto escrito, seja a Bíblia ou outras orações escritas. Podemos recitar orações vocais (como o Terço) ou pequenas frases repetidas de modo recitativo/ meditativo: um versículo ou uma jaculatória⁴.

Podemos também dirigir-nos diretamente a Deus como o faríamos com alguém presente à nossa frente já que Ele está verdadeiramente connosco, onde quer que estejamos. Deus "está atento" aos nossos corações, mesmo se estamos a sós no nosso quarto ou numa grande multidão. Estamos em geral muito mais distraídos de Deus do que Ele, no Seu amor, alguma vez estará de nós.

Jesus ensinou os discípulos a rezar dizendo-lhes: «Quando orardes, entrai no quarto mais secreto e, fechada a porta, rezai em segredo a vosso Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-vos. Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes» (Mt 6, 6-8).

Não se trata pois de falar muito ou repetir mecanicamente muitas fórmulas ou textos. Trata-se de abrir a nossa pessoa (o coração, a mente, o afeto, a vontade, as nossas capacidades, a nossa presença física, etc.) a Deus e à sua vontade com confiança e escutar interiormente o que acontece.

4. Para um contacto mais sistemático com formas, métodos e itinerário de oração sugiro o texto: AA.VV., *A fé da Igreja*, Paulus 2014, 334-347.

Ao longo da história da revelação muitas foram sendo as formas e os métodos de oração. Elas não estão fechadas. Cada um de nós tem liberdade para criar aquelas formas de oração que enraízam a relação particular que Deus tem conosco e nos ajudam a responder-Lhe e a entregar-Lhe a nossa própria vida. Deus é criativo e, mesmo se existe um notável leque de modos e estilos de oração que faz parte da tradição cristã, o Senhor tem liberdade para nos sugerir caminhos novos e criativos. A oração é marcada por atitudes que a definem: ação de graças, louvor, petição, intercessão, abandono, adoração. Faz-se na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, em qualquer circunstância de vida em que estejamos, porque nasce da vida. Por vezes a oração é um cântico, como o *Magnificat* de Maria; por vezes lágrimas, gemidos, o grito de Jesus no Jardim das Oliveiras e sobre a cruz. Tudo é oração porque é a expressão sincera e aberta à comunicação da nossa vida a Deus, é uma entrega do mistério do que somos e do que vivemos ao Mistério maior que nos sustenta no ser em amor: ora feito Palavra ora feito silêncio infinito.

Tal como acontece com uma pessoa, Deus tem uma intencionalidade específica em relação a nós e à nossa circunstância. Ele conhece a nossa história, as nossas características, as nossas capacidades e limites muito mais profundamente do que nós.

A oração enraíza-se na consciência de que Ele é o nosso Criador e, em Jesus, nosso Pai. Deseja dar-se-nos a conhecer e sentir para nos conduzir ao conhecimento do nosso verdadeiro "eu", da nossa identidade profunda e do desígnio único de amor que tem para nos oferecer. A raiz do nosso "eu" é Deus, é a Trindade. Não nascemos de nós mesmos. Os sentimentos e a alegria de Deus – se quisermos, a Sua glória – tornam-se-nos também presentes e conscientes na oração. Somos chamados a dar-Lhe glória como filhos, isto é, alguém que traz em si a mesma vida da qual é criado e gerado em Cristo.

A partir da consciência do que Deus já fez efetivamente por nós em Jesus, e em vista da promessa de Jesus de que faremos obras maiores do que as d'Ele porque foi para o Pai (cf. Jo 14, 11-13), somos chamados a atualizar na nossa vida a própria presença de Jesus no mundo. A oração cristã atualiza o mistério da encarnação do Verbo, atinge o auge no mistério pascal de Jesus e abre-nos plenamente à relação com as três Pessoas divinas que habitam o íntimo da consciência humana. É experiência de filiação e experiência de escuta, de acolhimento dos sentimentos pessoais de Deus por nós, obediência e serviço vital à alegria que é a salvação dos nossos irmãos e irmãs para glória de Deus.

O centro ou dinâmica da oração consiste sempre numa dinâmica de reciprocidade. Mais do que um *fazer* a oração transforma o nosso *ser* pelas graças, dons e carismas que Deus mesmo derrama em nós. Então é possível sentir que, em rigor, não somos nós que nos elevamos a Deus ou nos santificamos, mas é Deus quem age em nós. Ele é que é o Santo que, vindo à nossa consciência, nos transforma e santifica, fazendo-nos sinais vivos da Sua santidade. Deste modo, toda a nossa atividade apostólica vem da relação vital e orante com Deus. Ela é um fruto da santidade de Deus recebida como dom. Jesus viveu esta experiência de modo intenso: «As coisas que Eu vos digo não as manifesto por mim mesmo: é o Pai, que, estando em mim, realiza as suas obras. Crede-me: Eu estou no Pai e o Pai está em mim; crede, ao menos, por causa dessas mesmas obras» (Jo 14, 10-11). Alerta o Papa Francisco a este respeito:

«É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia.

Ao mesmo tempo, "há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação". Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se em alguma falsa espiritualidade»⁵.

Sendo transformados intimamente na oração pela vida recebida de Deus podemos resituar-nos nas relações familiares, profissionais, sociais, apostólicas, etc., de tal modo que a nossa vida seja a realização de um movimento recíproco: a vida de Deus que vive em nós, a nossa que entregamos a Deus de forma viva e eficaz, na forma de um amor sincero, uno e total através de tudo o que fazemos e de todas as pessoas com quem tratamos.

6. Oração, desejos profundos e dinâmica de conversão

A atitude de oração vive e nasce da escuta dos desejos, vontades ou sedes profundas: as do Pai por nós em Jesus, as de Jesus a nosso respeito, os nossos desejos profundos que se vão manifestando de modo conscientemente gradual. São estes desejos, esperanças, medos, dores, feridas e capacidades que tecem o interior da nossa identidade e é com eles que Deus se quer relacionar, tocar, e nos chama a entregarmo-nos com confiança na relação com ele.

Nesta relação de consciências e desejos acontece o processo de conversão. É marcado por fases e intensidades que se modificam ao longo da vida, segundo a idade e o contexto. Todo o caminho da oração nos levará a depararmo-nos em nós não só com o amor de Deus mas também com o mistério do pecado que nos habita, do desamor, das resistências e incapacidades de confiar, de amar, de nos entregarmos. Também isso faz parte do processo. A purificação da incapacidade de ser fiel a Deus, de

5. Papa Francisco, *Exortação Apostólica: A Alegria do Evangelho*, 262.

avancarmos no caminho de Deus só com as nossas forças faz parte do processo.

O centro da purificação da consciência está no que podemos chamar a graça da conversão. Em Fátima, Maria insistiu muito na necessidade de rezarmos pela conversão dos pecadores. Os pecadores são, poderíamos dizer, os "prediletos" da misericórdia de Deus e dos cuidados maternos de Maria. Maria pede súplicas, orações e sacrifícios (oferta da própria vida) pela conversão dos pecadores de forma constante ao longo de todas as aparições aos Pastorinhos.

Na verdade, a conversão dos afetos profundos, das resistências e apegos a hábitos, ideias, sentimentos, modos de pensar e sentir que são contrários à vida, ao respeito pelos outros e ao amor de Deus requer uma ação interna do Espírito de Deus e uma adesão voluntária do homem. Mas o amor e a santidade presentes nuns membros do Corpo de Cristo, graças ao mistério da Comunhão dos Santos, têm uma eficácia capaz de unir e tocar as vidas uns dos outros com uma graça específica de amor que converte. Tal graça é administrada pela iniciativa misteriosa de Deus, no tempo em que Ele decide. A conversão não se "compra" a Deus, não se obtém heroicamente nem por um mero esforço da vontade ou por um ato externo de magia. É fruto de amor pessoal. É o verdadeiro milagre cristão. Escreveu a este propósito André Louf:

«Não pode haver ascese cristã nem esforço ou compromisso cristão que não levem infalivelmente à contrição do coração: nesse ponto zero em que a força pascal de Jesus tudo vence, poderá exercer todas as suas possibilidades e operar maravilhas que excedem os seus esforços mais generosos. Em ascese é inútil falar de heroísmo ou de esforço. Não há senão maravilhas, verdadeiros milagres. Isto vale para qualquer forma de ascese cristã, tanto para o celibato e o jejum como para a obediência e a dedicação ao serviço dos outros. É Deus quem realiza tudo isso em nós, frequentemente quando menos o esperamos e depois da experiência de nos ter ensinado

que isso supera absolutamente as nossas possibilidades. Basta, então, prestar-se ao milagre, entregando-se ao seu poder, com a alegria indizível do coração arrependido e contrito que é capaz de confiar no amor de Deus até à loucura»⁶.

Enraizados na graça da contrição e de um coração que sabe que por si só e só com o seu esforço não pode elevar-se ao amor de Deus, podemos ser levados pelo Senhor a outro modo de relação com Ele: uma iluminação interior da Sua presença em nós que está orientada para a experiência da união com Ele. Em tudo isso vai-se manifestando e enraizando cada vez mais um desejo de ser, de nos entregarmos a Deus com a mesma totalidade com que Ele se entrega a nós, de O darmos a conhecer e colaborarmos com Ele na salvação que é a alegria de Deus e dos homens e mulheres, uma alegria que não passa e não engana. O Papa Francisco escreveu na *Alegria do Evangelho*:

«Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do Evangelho e não deixemos cair os braços. Indispensável é que o pregador esteja seguro de que Deus o ama, de que Jesus Cristo o salvou, de que o seu amor tem sempre a última palavra. À vista de tanta beleza, sentirá muitas vezes que a sua vida não lhe dá plenamente glória e desejará sinceramente corresponder melhor a um amor tão grande. Todavia, se não se detém com sincera abertura a escutar esta Palavra, se não deixa que a mesma toque a sua vida, que o interpele, exorte, mobilize, se não dedica tempo para rezar com esta Palavra, então, na realidade será um falso profeta, um embusteiro ou um charlatão vazio» (n.º 151)⁷.

É dentro de uma dinâmica de conversão que podemos crescer na experiência de Deus cujo critério seguro é o aumento das virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Também estas serão purificadas, amadurecidas

6. A. LOUF, *Ao ritmo do Absoluto*, A.O., Braga 1999, 86.

7. Papa Francisco, *Exortação Apostólica: A Alegria do Evangelho*, n.º 151.

e provadas. Por isso, não é incomum, bem pelo contrário, que ao longo da vida do orante Deus permita que tenhamos de enfrentar provas, tanto exteriores como interiores, que nos levam quase aos limites da nossa consciência de fé, de esperança e de capacidade de amar. Às vezes tais provas vêm por acontecimentos também exteriores: perdas (saúde, pessoas, situações de vida, frustrações, humilhações), dúvidas, rejeições, etc. Tudo isso nos desprende de apoios e seguranças humanas para nos refundar na confiança só em Deus. Não raramente acontece que após períodos de uma grande proximidade e consciência da presença de Deus se experimenta subitamente na oração uma ausência, um silêncio inquebrável, um sentimento de aridez ou mesmo de abandono, uma incapacidade para orar, ausência sensível de fé, de esperança ou de amor. Na verdade esses sinais em geral não querem dizer que estamos longe de Deus mas antes que o Senhor nos trabalha e conduz a um outro nível, mais espiritual e profundo, mais despojado da sensibilidade superficial. É uma graça de crescimento na oração embora pareça justamente o seu contrário.

Crescer na relação com Deus, na experiência da oração e serviço do Senhor acontece também por meio destas provas. Porém, por vezes, podemos ficar em aridez e em impasse espiritual por nossa própria responsabilidade, por cedência a variadas tentações.

Que fazer então? Jamais abandonar a oração mas procurar alguém experimentado no serviço e no amor do Senhor com quem possamos abrir-nos e receber luz, ânimo, conselho, a Graça sacramental de Cristo. Fechar-se em si mesmo e fugir da abertura prudente mas confiante na graça de Jesus presente na Igreja nunca é boa solução. Esse é o momento para confiar no amor de Cristo presente na Igreja que, mesmo se não o sentimos, nunca nos falta e sempre providencia todas as ajudas e graças necessárias ao nosso crescimento, mesmo por caminhos que são, como os de Cristo, em certos momentos, de perseguição, provação, luta e uma certa experiência de morte interior.

7. O oferecimento de si como atitude nascida da relação com Deus

A relação de comunicação entre Deus e aquele a quem Ele se revela está marcada pela atitude de entrega. Deus entrega-se verdadeiramente a nós e por nós no Seu Espírito, nos seus dons, no Seu Filho, na sua vida paterna e fontal. É intrínseco ao amor ser difusivo, expansivo, esvaziar-se como forma de se fazer dom à vida daquele a quem se quer dar. Mas também é próprio do amor saber acolher aquele que o ama, recebê-lo em si mesmo, deixá-lo agir e ser em Si. O amor vive deste ato de reciprocidade. Sentiu-o bem Santo Inácio de Loyola quando nos seus Exercícios Espirituais escreveu a propósito da *Contemplação para alcançar Amor*: «O amor consiste na comunicação recíproca, a saber, em dar e comunicar a pessoa que ama à pessoa amada o que tem ou do que tem ou pode; e, vice-versa, a pessoa que é amada à pessoa que ama; de maneira que, se um tem ciência, a dê ao que a não tem, e do mesmo modo quanto a honras ou riquezas; e assim em tudo reciprocamente, um ao outro»⁸.

Depois de recebermos em nós o amor de Deus somos chamados a oferecer-nos a nós mesmos movidos interiormente por esse mesmo amor de Deus que nos convida à entrega ou “devolução” de nós a Deus. Este é o movimento existencial crístico por excelência: receber-se do Pai como Seu enviado ao mundo e entregar-se – devolver-se – ao Pai com amor, confiando na sua fonte e no seu descanso, gerando nessa entrega vida: a vida de todos os homens e mulheres novos que Cristo assumiu gerar.

Uma tal entrega de si não nasce da obrigação, de um sentido de dever mais ou menos formal, de uma “fuga para a frente” como que antecipando o tempo da maturação do agir de Deus em nós. Essa entrega vem naturalmente como resultado de experiência profunda da gratuidade e da entrega que de Si mesmo Deus nos faz. Vem quando já não podemos reter em nós mesmos o amor recebido e nasce o desejo de retribuição,

8. INÁCIO DE LOYOLA, SANTO, *Exercícios Espirituais* (Trad. Vital Dias PEREIRA, S.J./ Org. e Notas: F. de Sales BATISTA, S.J.), A.O. Braga 2002, parágrafo 231.

com amor, ao amor recebido. É uma entrega que nasce do afeto eficaz, do conhecimento do amor que Deus nos tem e que lhe devolvemos. Deixa efeitos no mundo, no coração das pessoas, leva-nos a colaborar no ato de um amor gratuito que salva quando recebido. Essa entrega torna-se um compromisso de vida e requer uma ação assumida com liberdade e com responsabilidade.

É a partir da oração e sempre fundados na oração que Cristo faz por nós, em nós e conosco, que somos chamados a uma colaboração comprometida que se torne fundamento de um novo estilo ou estado de vida, que nos leve a assumir novos projetos, companhias, decisões, formações, projetos apostólicos de modo estável, estruturado, permanentemente. Se o pecado cria estruturas e dinâmicas de mal em nós, no mundo e no destino dos povos, o amor e a oração criam oportunidades e estruturas de bem, modificam a personalidade, a consciência e a sociedade pela fidelidade às inspirações que nascem de um coração convertido e comprometido a amar Deus.

O amor compromete-se, é realista, gera ser novo, cria um estado de Aliança interpessoal que se concretiza em responsabilidades concretas e objetivas no mundo, em favor da sua transformação, da sua libertação do mal, do desamor, da mentira, de todo o pecado que nos desumaniza e desvia de uma realização profunda do ser. Trata-se de um compromisso que nos alia tanto a Deus como a pessoas concretas fazendo-nos corresponsáveis uns dos outros, membros uns dos outros, companheiros de caminho como os Apóstolos o foram de Jesus. O essencial da Igreja e do compromisso da Igreja com Deus não está na eficiência organizacional (embora essa seja necessária) mas na profundidade e intensidade do nosso compromisso de amor transformativo com Deus, da qualidade da nossa oração.

Em Fátima, logo na primeira aparição, a Mãe de Jesus perguntou aos pastorinhos: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» Insisto:

o oferecimento a Deus não tem só os sofrimentos que nos acontecem; é toda a vida que pode e deve ser objeto de oferta confiante e agradecida: as alegrias, o amor, os sucessos, os dons, todo o bem e a felicidade recebidos. Contudo, são os sofrimentos, as frustrações, os desânimos, as tentações e as quedas que nos custam mais a viver, a dar sentido positivo, criativo. Tais experiências, inerentes à condição humana ou provocadas pelo mistério do mal e pelo enraizamento do pecado no nosso coração, podem, se vividas desde uma dinâmica de amor transformativo e curativo, abrir caminhos de vida e criar vida nova na fé. Esse é o núcleo do mistério pascal de Jesus. A força do amor que permite viver sofrimentos com confiança em Deus e numa atitude de fé torna-se, no mistério da comunhão dos Santos, em Cristo, uma força que permite tocar muitas outras vidas. A força do amor a Deus de uns torna-se assim, unida ao poder de Deus em Cristo, graça interior que permite libertar as consciências de um estilo de vida, de afetos, de critérios afastados ou contra Deus. A conversão dos pecadores (que somos todos nós) é uma graça que resulta também do amor com que muitos outros crentes aceitam partilhar em si a vida mesma de Cristo e entregar-se também por nós.

Deus pede a cada um a sua própria resposta e o seu próprio caminho de oferecimento. Não tenhamos, pois, medo de sermos originais, de sermos criativos e ousados; e de sermos humildes. As duas primeiras características e a humildade não são, de todo, incompatíveis. O importante é a confiança, o amor e a disponibilidade para aceitarmos que Ele nunca nos faltará com fidelidade e fortaleza para vivermos as entregas que nos pede e que são mediações concretas e sacramentais do seu amor para com o mundo.

«Não temas, filha, eu nunca te deixarei. O meu coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus», prometeu Maria a Lúcia em Fátima, em 13 de junho de 1917. Esta promessa não é só para a Lúcia. É, rigorosamente, para todos nós, orantes no Santuário de Fátima ou nos muitos lugares onde Deus nos espera, ora como o Pai do

filho pródigo, ora como a Voz Complacente ouvida na transfiguração de Jesus no Tabor (cf. Lc 9, 35). Aos muitos erros e desacertos da nossa liberdade na história medeia o amor de Cristo, também manifestado e mediado em Maria. A ternura de Deus por nós é maior do que todos os nossos pecados. Ele conhece bem o nosso coração (cf. 1 Jo 3, 18-20) e sabe como converter-nos à sua santidade.

Resta-nos aceitá-l'O com um ato interior de confiança orante, em terna gratidão.

Quarta Aparição de Nossa Senhora nos Valinhos a 19 de agosto de 1917

Luciano Cristino

Lúcia, Francisco e Jacinta, pastorinhos de Fátima, regressados de Vila Nova de Ourém, depois de o Administrador do concelho os ter levado, no próprio dia 13 de agosto de 1917, tiveram a quarta aparição de Nossa Senhora.

1. Data da aparição

Desde o ano de 1917, têm sido apresentadas várias datas desta aparição. O interrogatório de 21 de agosto, do Padre Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, esclarece: “Disse Lúcia que viu Nossa Senhora, *no domingo a seguir ao dia 13*”¹, isto é, a 19 de agosto. O Padre António dos Santos Alves, pároco das Cortes, Leiria, interrogou as videntes Lúcia e Jacinta, quando estiveram na Reixida, da mesma freguesia, entre 14 e 27 de setembro de 1917, e datou, num primeiro depoimento², a aparição no dia 18 de agosto; num segundo depoimento, corrigiu: “*no domingo imediato ao dia 13 de agosto*”³. No primeiro interrogatório do Dr. Manuel Nunes Formigão, a 27 de setembro de 1917, Lúcia respondeu: “Nesse mês [de agosto], *vi-a só alguns dias depois [de 13 de agosto], a dezanove*”⁴. Leonor de Avelar e Silva Constâncio, que assistiu ao interrogatório do Dr. Formigão, em 19 de outubro de 1917, refere: “Soubemos depois que as crianças [...] diziam ter sido no dia 19 [de agosto], favorecidas com nova aparição”⁵. Maria da Conceição Stokler Parente, de Alcobça, em carta de 16 de outubro de 1917,

1. DCF 1, 1.ª edição, Fátima, 1992, Doc. 4, de 21 de agosto de 1917, p. 17.

2. DCF 1, Doc. 44, depois de 17 de setembro de 1917, p. 318.

3. DCF 1, Doc. 45, depois de 17 de setembro de 1917, p. 322.

4. DCF 1, Doc. 7, de 27 de setembro de 1917, p. 53.

publicada em "A Ordem", a 27 do mesmo mês, diz: "No dia 19 [de agosto], apareceu Nossa Senhora às ditas crianças, noutra lugar"⁶. No dia 2 de novembro, o Dr. Formigão interrogou a Lúcia, a Jacinta e o João Marto: "Que disse ela no *domingo seguinte [ao dia 13 de agosto]*, quando te apareceu no sítio dos Valinhos?"⁷. No estudo psicológico sobre os videntes, o mesmo Dr. Formigão afirma: "A 19 de agosto, no sítio dos Valinhos, a Senhora aparece-lhes improvisamente [sic]"⁸. Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos, em *A Minha peregrinação a Fátima*, publicado nos finais de novembro de 1917, diz a mesma coisa: "No domingo imediato, 19 de agosto, a criança pediu à Senhora a não deixasse ficar por mentirosa, no dia 13 de outubro"⁹. O "Boletim Popular", de Matosinhos, publicou, em dezembro de 1917, um artigo sobre os acontecimentos de Fátima, em que se afirma: "No dia 19 [de agosto], apareceu Nossa Senhora às ditas crianças, em outro lugar"¹⁰. A 6 de agosto de 1918, data final do processo paroquial de Fátima, o pároco repete o que tinha escrito em 1917: "No dia dezanove, que fora domingo, andava a pastorear as ovelhas, no sítio chamado Valinhos"¹¹. O Dr. Formigão, no opúsculo, *Os episódios maravilhosos de Fátima*, com *imprimatur* a 16 de junho de 1921¹², e em *Os acontecimentos de Fátima*, de 18 de março de 1923, continua a datar a aparição a 19 de agosto¹³.

A partir de 1922, Lúcia parece inclinar-se para outro dia, no seu escrito do Vilar, Porto: "Assim se passaram três dias [em Vila Nova de Ourém]. [...] Então vieram-nos pôr em casa do Senhor Prior. Chegando a nossa casa, fomos logo pastar as ovelhas para um sítio chamado Valinho. [...] Chegando a Jacinta, deu um relâmpago e apareceu a Senhora em cima duma carrasqueira"¹⁴.

5. DCF 3-1, Doc. 129, de depois de 19 de outubro de 1917, p. 339.

6. DCF 3-1, Doc. 211, de 27 de outubro de 1917, p. 504.

7. DCF 1, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, pp. 169, 170 e 179.

8. DCF 1, Doc. 19, depois de 3 de novembro de 1917, p. 194.

9. DCF 1, Doc. 42, de 23 de novembro de 1917, p. 306.

10. DCF 3-1, Doc. 353, de dezembro de 1917, p. 815.

11. DCF 1, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, pp. 262-263.

12. DCF 3-3, Doc. 621, de 16 de junho de 1921, p. 121.

13. DCF 4-2, Doc. 256, de 18 de março de 1923, p. 161.

14. DCF 3-3, Doc. 685, de 5 de janeiro de 1922, p. 268.

Quando Lúcia foi ouvida, no Porto, em 8 de julho de 1924, pela Comissão Canónica Diocesana, no depoimento que foi redigido em terceira pessoa, diz-se: [No dia 13, o administrador] “interrogou-as na administração; depois, levou-as para casa dele [...]. Que no dia seguinte [dia 14], uma senhora de idade as interrogou sobre o segredo [...]. Levaram-nos para casa do administrador e lá ficaram aquela noite no mesmo quarto. No dia seguinte [dia 15], foram à administração, interrogatórios de manhã e de tarde; à noite desse dia, ficaram lá e, no outro dia [dia 16], pelas 10 horas, de novo à administração, mandou-os sentar no carro e, no *dia 15* [sic], foram para casa, com o administrador, a casa do prior, deixando-os na varanda. O povo fez muitas perguntas. Quando chegaram a casa, receberam ordem de ir para os Valinhos e ali, *nesse mesmo dia*, se deu a aparição, também sobre uma carrasqueira”¹⁵. Nesta versão, acrescenta-se mais um dia ou dois.

No depoimento da mesma data, redigido em primeira pessoa, Lúcia exprime-se assim: “Quando chegámos a Ourém [dia 13], fecharam-nos num quarto [...] No dia seguinte [dia 14], uma senhora de idade interrogou-nos sobre o segredo; depois, levaram-nos para a administração, onde fomos de novo interrogados [...]. Voltámos para casa do Senhor Administrador onde tínhamos ficado na noite anterior e, de tarde, fomos outra vez interrogados sobre o segredo. Levaram-nos à cadeia e ameaçaram-nos de lá ficar, se o não disséssemos. Tornámos para a administração, e como não disséssemos o segredo, prometeram que nos iam fritar com azeite [...]. Levaram-nos para casa do Administrador, e lá ficámos aquela noite no mesmo quarto. No dia seguinte [dia 15], foi quase a mesma coisa: interrogatórios de manhã e à tarde, com muitas promessas e ameaças. No *dia dezasseis*, fomos outra vez à Administração, pelas dez horas, mas nada conseguiram de nós, como das outras vezes. Então o Senhor Administrador mandou-nos seguir para um carro, e deixou-nos em casa do Senhor Prior, na varanda.

15. DCF 2, Doc. 7, de 8 de julho de 1924, pp. 129-130.

Chegando a nossa casa, *fomos logo* com as ovelhas para um sítio chamado Valinho, na companhia do Francisco e do João. [...] Quando chegou a Jacinta, disse-lhe que tinha dado um relâmpago e que provavelmente a Senhora ia aparecer. Descemos por um atalho, e vimos a Senhora, em cima duma azinheira¹⁶. Nesta versão, acrescenta-se mais um dia.

No dia 28 de setembro de 1923, Manuel Pedro Marto, Olímpia de Jesus, Maria Rosa e Maria dos Santos ou Maria Carreira, ouvidos pela Comissão Canónica Diocesana, exprimiram-se, respetivamente: "no dia 19 de agosto", "no dia 19 era um domingo", "no dia dezanove" e "nos Valinhos, quando se deu a aparição, a dezanove do mesmo mês"¹⁷. Damos a palavra à Senhora Maria Rosa, mãe de Lúcia: "O administrador veio trazê-los à Fátima, no dia 15 [de agosto], num carro e foi pô-los à varanda do Senhor Prior [...]. *No dia dezanove*, a Lúcia chegou a casa, à noite, trazendo na mão um raminho de azinheira e disse que *Nossa Senhora lhe tinha aparecido, um pouco antes do sol posto, aí pelo meio da tarde, às quatro horas*, tendo estado, ao meio-dia, com o gado em casa. A mãe pegou no ramo e notou que cheirava muito bem. O cheiro não se podia comparar com nenhum outro cheiro. Ela era descrente e ficou um pouco quebrada, um pouco mais convencida. Disse a filha que a Senhora tinha dito que continuassem a ir à Cova da Iria e que havia de fazer um milagre em outubro, na Cova da Iria, que os militares haviam de vir da guerra, que havia de vir Nossa Senhora das Dores e outras coisas mais"¹⁸.

No relatório da Comissão Canónica Diocesana, aprovado em sessão de 13 e 14 de abril de 1930, diz-se que as aparições foram todas no dia 13, de maio a outubro, "exceto em agosto, que se realizou, *alguns dias depois, segundo parece, no dia 16*"¹⁹. E a Carta Pastoral de D. José Alves Correia da Silva evitou a indecisão e indicou simplesmente "*alguns dias depois*" de 13 de agosto²⁰.

16. DCF 2, Doc. 8, de 8 de julho de 1924, pp. 142-143.

17. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, pp. 68, 79, 91 e 108.

18. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 91.

19. DCF 2, Doc. 9, de 13 e 14 de abril de 1930, p. 163.

20. DCF 2, Doc. 11, de 13 outubro de 1930, p. 268.

Na sua Segunda Memória, de 21 de novembro de 1937, a Irmã Lúcia diz que a aparição de agosto, "a meu ver, foi no dia *15 de agosto*"²¹. Na Quarta Memória, terminada a 8 de dezembro de 1941: "Dia 13 de agosto de 1917 – Como já está dito, o que, neste dia, se passou, não me detenho nisso e passo à aparição, a meu ver no dia 15, *ao cair da tarde. Como ainda então não sabia contar os dias do mês, pode ser que seja eu a que esteja enganada*; mas conservo a ideia que foi *no mesmo dia* em que chegámos de Vila Nova de Ourém"²².

Conhecida, depois de maio de 1942, a Quarta Memória da Irmã Lúcia (terminada em 8 de dezembro de 1941), Maria de Freitas entrevistou Teresa de Jesus, irmã de Lúcia, sobre o assunto. – "E no dia 19?" – "Não posso dizer se foi no dia 19, mas o que posso afirmar com toda a certeza é que a aparição dos Valinhos *foi num domingo ou dia santo de guarda*". – Pois o dia 19 de agosto de 1917 foi um domingo!" – "Então seria isso... O que sei de certeza é que vim à Missa à Fátima com o meu José e de lá acompanhámos com a minha Lúcia, a Jacinta e o Francisco à Cova da Iria, para rezarmos o terço. Nisto, o Sr. José Alves, da Moita, que também por cá apareceu, levou-os consigo e lá lhes deu de jantar [almoço]. Eu voltei com o meu homem e até fomos jantar [almoçar] a casa da minha mãe que ficou toda "acelerada", por a Lúcia não ir, com medo que ela não chegasse a horas de abrir o gado. Jantámos [almoçámos], estivemos por ali um bocado, e nisto chegaram a Lúcia, o Francisco e mais o João, irmão deste. Perguntámos-lhes pela Jacinta, e eles disseram que, ao passarem lá por casa, a tia Olímpia a não tinha deixado seguir, porque a queria catar. A minha mãe mostrou-se satisfeita por a Lúcia chegar a tempo de levar o gado, e lá foram todos três para os Valinhos. Daí a pouco, eu segui também com o meu José para a minha casa, mas quando passámos à porta da tia Olímpia, entrámos a fazer-lhe uma visita. Estávamos lá, e a cachopita já

21. *Memórias da Irmã Lúcia*, II, II, 11. Dada a diversidade de edições das *Memórias da Irmã Lúcia*, citamos a Memória com número ordinal, a parte, também com ordinal, e o capítulo com algarismo.

22. *Memórias da Irmã Lúcia*, IV, II, 6.

a brincar por ali, quando chega o Francisco [isto é, João] muito acelerado...". "Chamava pela Jacinta que fosse já com ele, que a Lúcia a mandava chamar porque Nossa Senhora lhes ia aparecer". "A mãe não a queria deixar abalar e disse logo: Qual aparece! O que vós quereis é brincadeira! Não pode andar o patrão sem o moço!... Mas o caso é que a pequena se escapou sem se importar de nada... [...] Eu [...] pus-me a caminho, mais o meu José [...] Íamos quase a entrar na Fátima [...], quando comecei a ver os ares diferentes, tudo transtornado, e até foi na camisa do meu homem que comecei a dar pela coisa. [...] Quando chegámos à igreja, disfarçou tudo. [...] Calculámos depois que os ares se tinham começado a mudar, no mesmo tempo que a Jacinta e o irmão levassem, a correr, até chegarem aos Valinhos"²³.

Manuel Pedro Marto, entrevistado pela mesma pessoa, não tem dúvidas sobre a data e conta a história do ramo da carrasqueira, que a sua cunhada, Maria Rosa, tinha contado em 1923: "Foi no dia 19 de agosto. Era domingo. E eu, só pela tarde, é que cheguei a casa. Quando ia já perto, encontrei o pai do vizinho Augusto que me diz assim: "Ó ti Marto! Então o milagre já está mais aprovado?" [...]. Nossa Senhora tornou a aparecer aos seus cachopos, há bocado, nos Valinhos". [...] "Pois, sempre lhe digo, ti Marto, que a sua Jacinta tem uma virtude qualquer. Pelo visto, Nossa Senhora não apareceu, sem ela lá chegar. Esteve à espera dela!" Fui para casa, mas a pequena não estava. Sentei-me um bocado no *arrebate* da porta e depois fui para a cozinha e ali fiquei, sentado num banco, a pensar cá na vida. A mulher andava lá para fora, não sei se em visitas ou quê. Nisto, vejo a Jacinta na estrada, aos pulos, muito satisfeita, com um ramo de carrasqueira na mão e, ao mesmo tempo que ela entra em casa, chega-me um perfume assim tão fino como eu nunca cheirei na minha vida. "Ó Jacinta, que é o que trazes aí?" – lhe perguntei – "É um ramo de carrasqueira dos Valinhos, onde Nossa Senhora apareceu, ainda há bocado!" – "Ora deixa cá ver!" Peguei no ramo, cheirei-o, mas nada: o perfume tinha

23. Maria de Freitas – *A aparição dos Valinhos*, em "Stella" (70) outubro de 1942, p. 14. A articulista, nas palavras de Teresa, emprega expressões populares, que atualizámos.

desaparecido! Pus-me então a lembrar-me daquelas palavras: – “Sempre a sua Jacinta tem uma virtude qualquer...” – “Tem então a certeza de que não foi no dia 15, dia em que as crianças chegaram de Ourém?” – pergunta a entrevistadora – “Toda a certeza!”²⁴. O P. Luís Gonzaga da Fonseca e o Cónego Casimir Barthas datam a aparição de agosto: “quatre jours après le retour de Vila-Nova”²⁵.

Terminamos este assunto da data, com uma resposta que a Irmã Lúcia deu, num questionário de Joseph Goulven, em 1946: “– A Aparição nos Valinhos foi a 16 ou a 19 de agosto? – Segundo o que dizia a minha mãe, que sabia contar, e eu não, deveu ser no dia 19”²⁶.

Em conclusão: o regresso a Fátima foi no dia 15, dia de Nossa Senhora da Assunção, dia santo de guarda, e a quarta aparição, no dia 19, domingo²⁷.

2. Local da quarta aparição

O sítio da aparição é referido como *Valinho*, no interrogatório do pároco de 21 de agosto²⁸, no primeiro escrito autógrafo da Lúcia, de 1922²⁹ e na versão em primeira pessoa do interrogatório de 1924³⁰. Na restante documentação, logo a partir de 1917³¹, o sítio é referido como *Valinhos*: no já referido interrogatório do Dr. Formigão, de 2 de novembro de 1917 e no estudo psicológico sobre os videntes³². A 6 de agosto de 1918, o pároco de Fátima repete o que tinha escrito em 1917: “No dia dezanove,

24. *Ibidem*, p. 19.

25. FONSECA, Luís Gonzaga da, S. J., e BARTHAS, Casimir – Fátima: *Merveille inouïe*, Toulouse, 1942, p. 57.

26. Em: REIS, S. M. – *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, p. 44.

27. Sobre a data da aparição de agosto de 1917, ver: COELHO, Messias Dias – *O que falta para a conversão da Rússia*, Fundão, 1959, p. 85–86; REIS, Sebastião Martins dos – *Síntese crítica de Fátima: Incidências e repercussões*, Évora, 1967, p. 72; IDEM – *Fátima e os seus problemas – Qual a data exata da 4.ª Aparição nos Valinhos?*, em: “A Defesa”, Évora, 45 (2331) 9 março 1968, pp. 1 e 7. Este último autor aceita o erro de Lúcia, ao falar do dia 16, em Vila Nova de Ourém, quando se sabe que regressou a Fátima, no dia 15: Carta do pároco “aos crentes e não crentes”: “P. S. – *Chegou no dia 15* [de agosto] a autoridade com as crianças a minha casa, onde se ajuntaram os pais das mesmas e muitas outras pessoas, perante as quais pretendeu, com todas as amabilidades, explicar o seu modo de proceder” (DCF 1, Doc. 40, de 2 de setembro de 1917, p. 296, nota 20).

28. *Documentação Crítica de Fátima (DCF)* 1, Doc. 4, de 21 de agosto de 1917, p. 17.

29. *DCF* 3–3. Doc. 685, de 5 de janeiro de 1922, p. 268.

30. *DCF* 2, Doc. 8, de 8 de julho de 1924, p. 142.

31. *DCF* 1, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, pp. 169, 170 e 179.

que fora domingo, [Lúcia] andava a pastorear as ovelhas, no sítio chamado Valinhos"³³. O Sr. Manuel Pedro Marto, pai do Francisco e da Jacinta, em 1923, localiza, mais precisamente, a aparição: "ao chegar a casa, depois de ter passado pelos *Valinhos*, propriedade particular de António Ferreira Rosa, para ir a uma fazenda sua, ouviu dizer que Nossa Senhora tinha aparecido nesse dia, *naquele sítio*"³⁴.

Na sua *Sexta Memória*, terminada a 25 de março de 1993, a Irmã Lúcia faz uma referência curiosa à sua mãe, relacionada com os Valinhos: "Quando o Administrador nos veio, de novo, trazer a Fátima e se deu a aparição nos Valinhos, a Mãe dizia: 'Se essa Senhora vier agora, a aparecer aqui nos Valinhos, ainda é bom, porque, talvez, essa gente venha para aqui, e deixem de ir à Cova de Iria. Aqui nos Valinhos, não causam tanto prejuízo, porque não é terra cultivada'. Mas quando nos ouviu dizer que a Senhora nos tinha mandado continuar a ir à Cova de Iria, dizia: 'Valha-me Deus, estamos na mesma! Nem os republicanos foram capazes de acabar com isto!'"³⁵.

A carrasqueira ou pequena azinheira esteve protegida por um círculo de pedras, mas logo desapareceu, levada pelos fiéis, e, em 1956, foi junto dela edificado um monumento evocativo, com estátua da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva.

3. Mensagem desta aparição dos Valinhos

A vidente Lúcia comunicou ao pároco, a 21 de agosto de 1917, as respostas de Nossa Senhora às suas perguntas: "Quero dizer-te que voltes lá à Cova da Iria; se não tivessem abalado contigo para a Aldeia [antiga Aldeia da Cruz, Vila Nova de Ourém], seria o milagre mais conhecido; havia de vir S. José com o Menino Jesus, dar a paz ao mundo; e havia de

32. DCF 1, Doc. 19, depois de 3 de novembro de 1917, p. 194.

33. DCF 1, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, pp. 262-263.

34. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, p. 68.

35. *Memórias da Irmã Lúcia*, VI, n.º 43.

vir Nosso Senhor benzer o povo; vinha Nossa Senhora do Rosário, com um anjo de cada lado, e Nossa Senhora com um arco de flores à roda; aquele dinheiro, façam dois andorzinhos pequeninos; um, leva-o tu, mais três meninas como tu, e vão de branco; o outro leva-o o Francisco e mais três meninos como ele; levem uma capa branca, levem-no à Senhora do Rosário e apliquem-no a ela”³⁶.

No processo paroquial, datado de 6 de agosto de 1918, o pároco repete, com pequeníssimas variantes: “Vinha Nossa Senhora do Rosário, com um *anjinho* de cada lado. Vinha Nossa Senhora das Dores, com um arco de flores à roda”³⁷.

No interrogatório de 11 de outubro, o Dr. Formigão perguntou à Lúcia se, no dia 13 de outubro, “além de Nossa Senhora do Rosário, de S. José e o Menino, aparecem Nossa Senhora das Dores, com *ramos de flores*, Nosso Senhor, a abençoar o povo, e *dois anjos*”. Nos manuscritos do Dr. Formigão não foi anotada a resposta a esta pergunta. Eventualmente, pode não ter sido feita a pergunta³⁸.

O Dr. Formigão perguntou também à Jacinta, no dia 2 de novembro de 1917, o que Nossa Senhora tinha dito, na aparição de agosto. A vidente respondeu: viria “Nossa Senhora do Rosário com *dois anjinhos, um de cada lado*”³⁹.

A Lúcia e a Jacinta estiveram na Reixida, freguesia das Cortes, Leiria, entre 14 e 27 de setembro, já depois da quinta aparição. O pároco, Padre António dos Santos Alves, entrevistou as duas e acrescentou, em dois depoimentos conhecidos, o pedido que Lúcia fez a Nossa Senhora de melhorar alguns doentes e de converter certas pessoas: “que se converteriam e melhorariam alguns, mas outros não, porque não acreditavam, e alguns nem sequer em seu (Divino) Filho”⁴⁰.

36. DCF 1, Doc. 4, de 21 de agosto de 1917, p. 17.

37. DCF 1, Doc. 31, de 6 de agosto de 1918, p. 263.

38. DCF 1, Doc. 11, de 11 de outubro de 1917, pp. 86–87.

39. DCF 1, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, p. 174.

40. DCF 1, Doc. 45, de 17 de setembro de 1917, p. 322.

Maria dos Santos Carreira (mais tarde conhecida como “Maria da Capelinha”), depois de saber a resposta da Virgem sobre o destino das esmolas, pediu que Lúcia lhe falasse da intenção de se fazer aí uma capela. A resposta foi dada por Lúcia, à mesma e, também, a 27 de setembro, ao Dr. Manuel Nunes Formigão, que lhe fez a mesma pergunta: “Parte desse dinheiro seria destinado ao culto e festa da Senhora do Rosário e a outra parte para ajuda de uma capela nova”. O anúncio de um milagre, na aparição dos Valinhos, é realçado neste mesmo interrogatório, em que o Dr. Formigão perguntou se Nossa Senhora tinha feito “mais alguma revelação”. Lúcia “declarou que no dia 13 [de outubro], fará com que todo o povo acredite que ela realmente aparece”⁴².

A 8 de julho de 1924, aquando do interrogatório oficial que lhe foi feito, no Porto, Lúcia referiu que Nossa Senhora “disse que, no último mês, fazia um sinal no sol”⁴³. O Padre José Pedro da Silva interrogou a Irmã Lúcia, em 1947, sobre este pormenor do *sol*: “A Irmã, no interrogatório oficial [8 de julho de 1924], declara que Nossa Senhora, nos Valinhos, tinha dito que havia de fazer um milagre no *sol*... Tem a certeza de que Nossa Senhora disse: *no sol*? Nenhum documento mais antigo diz que fosse no sol”. A Irmã Lúcia respondeu: “Conservo uma vaga ideia”⁴⁴. Efetivamente, nenhum documento anterior a 13 de outubro refere que o milagre prometido seria no sol. Na promessa das visões de S. José, Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, não se dava qualquer indicação onde é que seriam essas visões. Cremos que este foi um lapso compreensível de Lúcia, sete anos depois das aparições de 1917.

No interrogatório do Dr. Formigão, do dia 2 de novembro, a Jacinta lembrou o que Nossa Senhora tinha dito, na mesma aparição de agosto: “a Lúcia perguntou à Senhora se trazia o meu Manuel (um irmão da Jacinta

41. DCF 1, Doc. 7, de 27 de setembro de 1917, p. 60.

42. DCF 1, Doc. 7, de 27 de setembro de 1917, pp. 60-61.

43. DCF 2, Docs. 6 e 7, de 8 de julho de 1924, pp. 134 e 143.

44. Interrogatório de 3 de julho de 1947, respondido a 1 de agosto, em: S. M. REIS – *A Vidente de Fátima dialoga e responde pelas Aparições*, Braga: Editorial Franciscana, 1970, p. 62.

que está servindo em Cabo Verde), e ela disse que trazia cá todos⁴⁵. Esse pormenor é referido também por João Santos, irmão do Francisco e Jacinta, que não se lembrava do que Lúcia disse, "a não ser a última pergunta, que foi se Ela trazia cá o meu Manuel"⁴⁶.

No interrogatório oficial feito pela Comissão Canónica Diocesana, a 28 de setembro de 1923, Maria dos Santos Carreira fez uma declaração nova: "Nos Valinhos, perguntou a Lúcia à Senhora, a pedido da depoente, se Nossa Senhora tinha aparecido a mais alguém, na Cova da Iria, e a Senhora respondeu que não era ela, mas um anjo, o vulto que a Carolina, filha mais nova da depoente, de doze anos, e uma pequena de sete anos, de Espite, viram a vinte e oito de julho junto da azinheira, de pequena estatura, muito lindo, de cabelo loiro, vulto que depois a Carolina viu em cima da azinheira"⁴⁷. O Padre José Pedro da Silva, em 1947, interrogou a Irmã Lúcia sobre esta declaração: "A tia Maria da Capelinha, assim chamada, diz, no depoimento oficial, e ainda hoje o confirma, que sua filha Carolina tinha visto um Anjo passear na Cova da Iria, e que pedia que rezassem três Ave-Marias... Que, depois, tinha pedido, à Irmã, que perguntasse a Nossa Senhora o que era "aquilo"; e que a Irmã, nos Valinhos, tinha perguntado a Nossa Senhora, obtendo a resposta de que era um Anjo... O que há de verdade nisto? E a resposta da Irmã Lúcia foi: "Não sei, não me lembro de nada"⁴⁸.

Na sua *Quarta Memória*, de 1941, a Irmã Lúcia diz, pela primeira e única vez, as últimas palavras de Nossa Senhora, nessa aparição de agosto de 1917: "Tomando um aspeto mais triste: Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas. E, como de costume, começou a

45. DCF 1, Doc. 17, de 2 de novembro de 1917, p. 174. Manuel dos Santos Rosa, meio-irmão da Jacinta e do Francisco, prestou serviço militar em Cabo Verde, de 23 de janeiro de 1917 a 12 de dezembro de 1918.

46. DCF 1, Doc. 17, de 3 de novembro de 1917, p. 181.

47. DCF 2, Doc. 4, de 28 de setembro de 1923, pp. 108-109.

48. Interrogatório citado, p. 61.

elevar se em direção ao nascente"⁴⁹. Compreende-se que a Irmã Lúcia só depois de ter revelado as duas primeiras partes do segredo, na aparição de julho⁵⁰, tenha referido estas palavras de 19 de agosto de 1917.

49. *Memórias da Irmã Lúcia*, IV, II, 6.

50. *Memórias da Irmã Lúcia*, IV, II, 5.



NÚCLEOS TEMÁTICOS
DO 5.º CICLO



A Mãe de Jesus estava com eles Maria, membro e modelo da Igreja

João Paulo Quelhas

Depois do Senhor Jesus ter sido «arreatado para o Céu» (Act 1, 10), os discípulos «desceram, então, do monte chamado das Oliveiras, situado perto de Jerusalém, à distância de uma caminhada de sábado, e foram para Jerusalém. Quando chegaram à cidade, subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente. Estavam lá: Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelota, e Judas, filho de Tiago. E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus» (Act 1, 12-14).

Neste texto, S. Lucas indica que todos aqueles a quem Jesus apareceu vivo depois da sua paixão e a quem deu numerosas provas com as suas aparições, durante quarenta dias, falando também a respeito do Reino de Deus (cf. Lc 1, 3), estavam reunidos no mesmo lugar em comunhão e oração. De facto, ainda antes da Ascensão ao Céu, Jesus ordenara que «não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem que se cumprisse a promessa do Pai» (Act 1, 4-5). Assim, segundo o mandamento de Jesus, «permanecer juntos» foi a condição exigida para que pudessem receber o dom do Espírito Santo. Enquanto esperavam, eles entregavam-se à oração perseverante e unânime, qual alimento da unidade entre todos. No cumprimento da ordem de Jesus, contemplamos, pois, na Igreja nascente, um exemplo admirável de oração e de unidade: a Mãe de Jesus, orando com os Apóstolos¹. Contemplando a Igreja nascente, unida em fervorosas

1. COLETÂNEA DE MISSAS DA VIRGEM SANTA MARIA, Missal, Formulário 17, Nossa Senhora do Cenáculo, Prefácio, p. 101.

preces, implorando o Espírito Divino, aparece em destaque o lugar especial daquela que é a Mãe da Igreja, já que «foi ela que com suas eficacíssimas orações obteve que o Espírito do divino Redentor, dado já na cruz, fosse depois em dia de Pentecostes conferido, com aqueles dons prodigiosos, à Igreja recém-nascida»².

1. Estavam todos reunidos

Aqueles que tinham recebido as instruções de Jesus (Act 1, 2) reuniram-se novamente na sala de cima, onde se encontravam habitualmente. Desta vez, com uma missão claríssima: esperar o Prometido do Pai (Lc 1, 4). Em primeiro lugar estavam reunidos os Apóstolos, elencados com o próprio nome, aqueles que o Senhor Jesus tinha escolhido de forma especial de entre os discípulos, para que O acompanhassem no Seu caminho e, assim, poderem dar testemunho das Suas palavras e das Suas obras (Lc 6, 13). Para além dos Onze estavam, também, algumas mulheres, certamente «aquelas que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades» e que serviam Jesus e os Apóstolos com os seus bens (Lc 8, 1-3). Por fim, estavam presentes Maria e os irmãos de Jesus. S. Lucas apresentou apenas uma única vez, no seu Evangelho, este grupo de parentes próximos de Jesus, quando durante a sua atividade pública procuravam Jesus para O verem e aos quais Ele respondeu: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 8, 21). Portanto, todos os que se encontravam reunidos na sala de cima obedeceram à ordem de Jesus de não se afastarem de Jerusalém, mas de aguardarem a vinda de uma força, a do Espírito Santo, que descendo sobre eles, os tornaria Suas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo (Act 1, 8). De facto, no centro da Igreja nascente está Jesus e todos estavam ali presentes porque se encontravam unidos a Ele de alguma forma. Na verdade, os que se reuniram no mesmo lugar também se reuniram à volta do mesmo centro das suas vidas, ou seja, a

2. PIO XII, *Carta Encíclica Mystici Corporis*, 106.

fidelidade Àquele que os chamou e que todos tinham acompanhado no Seu caminho e na Sua missão. Obedecendo à promessa de Jesus vivem em grande harmonia, em oração unânime e perseverante, recordando, certamente, a advertência que o Senhor lhes tinha dado sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer (Lc 18, 1). Portanto, a oração é o alimento que sustenta a espera do cumprimento da promessa feita por Jesus. A nenhum deles foi dado «a saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade» (Lc 1, 7). É preciso esperar que se cumpra a vontade do Pai, perseverando com uma oração insistente, confiando que a promessa se cumprirá. É preciso esperar, naquele lugar, o Prometido do Pai, do qual Jesus tinha falado (Lc 1, 4). É preciso fazer memória das palavras de Jesus para que a promessa se torne realidade e a espera se transforme em testemunho até aos confins do mundo. E na expectativa da vinda do Prometido do Pai começa aquela caminhada na fé da Igreja até à consumação dos tempos, onde se encontra a Mãe de Jesus, implorando com as suas orações o dom do Espírito, qual modelo de oração e figura da Igreja³. Por isso, «no início da Igreja, no princípio da sua longa caminhada mediante a fé, que se iniciava em Jerusalém com o Pentecostes, Maria estava com todos aqueles que então constituíam o gérmen do “novo Israel”. Estava presente no meio deles como uma testemunha excepcional do mistério de Cristo. E a Igreja era assídua na oração juntamente com ela e, ao mesmo tempo, “contemplava-a à luz do Verbo feito homem”. E assim viria a ser sempre»⁴. Maria faz parte da Igreja, e a Igreja, na sua peregrinação na fé, através da história de todos os tempos, segue as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Mãe, a qual também «avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz»⁵. A Mãe de Cristo, que era assídua e perseverante na oração, com os Apóstolos e os demais discípulos Daquele que Ela tinha gerado, esteve presente e participou de forma ativa e eficaz no princípio da manifestação da

3. COLETÂNEA DE MISSAS DA VIRGEM SANTA MARIA, Missal, Formulário 17, Nossa Senhora do Cenáculo, Prefácio, p. 101.

4. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Mater*, 27.

5. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, 58.

Igreja e acompanha constantemente, também de forma ativa e eficaz, a Igreja nesta sua caminhada através da história da humanidade. Por isso, «talvez seja necessário no nosso tempo olhar Maria. Olhá-la tal como ela se mostra, não tal como nos apetece pensar nela. E vê-la precisamente para não esquecermos o seu papel essencial na obra da salvação e na Igreja. Na verdade ela mostra-se e define-se como a Igreja primordial, à imagem da qual nós deveríamos ser formados»⁶.

2. Com Maria, a Mãe de Jesus

No texto citado dos Atos dos Apóstolos, constata-se que, para além dos Apóstolos, só Maria é recordada com o seu nome e, ao mesmo tempo, é apresentada como a Mãe de Jesus. Conclui-se que Ela não pertence anonimamente ao grupo das mulheres, mas ocupa um lugar especial e insubstituível. De facto, Ela está ligada ao grupo dos discípulos representantes de Israel, ao grupo das mulheres discípulas de Jesus e ao grupo dos irmãos de Jesus, qual membro da Igreja em oração. Também Maria une a sua oração à de todos os outros pedindo e esperando a descida do Espírito Santo porque, como membro da Igreja orante e fiel ao mandamento de Cristo, está presente qual serva do Senhor, cumprindo a vontade de Jesus de esperar a vinda do Espírito. Na realidade, Ela aceita novamente o plano de Deus a Seu respeito. Novamente, com a Sua presença e a sua oração, ela repete: «faça-se em mim segundo a Tua Palavra» (Lc 1, 38). Maria pertence à Igreja, faz parte do grupo de pessoas mais próximas de Jesus, todavia, como afirma o Concílio, escolhida para ser a Virgem Mãe do Filho de Deus, é por vontade divina «membro eminente e inteiramente singular da Igreja»⁷. Ela está presente no mistério de Cristo e no mistério da Igreja como Mãe, ocupando o lugar mais próximo de Jesus, porque toda a sua pessoa e toda a sua vida estiveram sempre ao serviço do Filho. Como escreveu o Santo Padre João Paulo II, «depois dos acontecimentos

6. H. U. VON BALTHASAR, *Maria na doutrina e na piedade da Igreja*, in *Maria primeira Igreja*, Gráfica de Coimbra, p. 123

7. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, 53.

da Ressurreição e da Ascensão, Maria, entrando com os Apóstolos no Cenáculo enquanto esperavam o Pentecostes, estava aí presente como Mãe do Senhor glorificado. Era não só aquela que “avançou na peregrinação da fé” e conservou fielmente a sua união com o Filho “até à Cruz”, mas também a “serva do Senhor” deixada por seu Filho como mãe no seio da Igreja nascente: “Eis a tua mãe”. Assim começou a estabelecer-se um vínculo especial entre esta Mãe e a Igreja»⁸.

A Mãe do Senhor glorificado, implorando, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na Anunciação, está presente de forma maternal, no momento em que a “Igreja nasce” na sua manifestação ao mundo. A presença ativa e insubstituível de Maria, no próprio momento do nascimento da Igreja e da sua plena manifestação ao mundo, deixa já antever a continuidade da sua maternidade. De acordo com o que diz S. João Paulo II, «sendo assim, na economia redentora da graça, atuada sob a ação do Espírito Santo, existe uma correspondência singular entre o momento da Incarnação do Verbo e o momento do nascimento da Igreja. E a pessoa que une estes dois momentos é Maria: Maria em Nazaré e Maria no Cenáculo de Jerusalém. Em ambos os casos, a sua presença discreta, mas essencial, indica a via do “nascimento do Espírito”. Assim, aquela que está presente no mistério de Cristo como Mãe, torna-se – por vontade do Filho e por obra do Espírito Santo – presente no mistério da Igreja. E também na Igreja continua a ser uma presença materna, como indicam as palavras pronunciadas na Cruz: “Mulher, eis o teu Filho”; “Eis a tua Mãe”»⁹. Maria pertence à Igreja, faz parte do grupo daqueles que seguem a Cristo na fé, vivendo Nele e para Ele. Contudo, só Ela é a Mãe do Senhor glorificado e, por isso, desde o nascimento da Igreja e na Igreja, a Mãe de Jesus ocupa um lugar único e singular. Assim sendo, pelo dom da maternidade divina e pelas suas singulares graças recebidas e funções desempenhadas, a Virgem Mãe é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da

8. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, 40.

9. *Ibidem*, 39.

fé, da caridade e da perfeita união com Cristo e, no mistério da Igreja, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de Mãe¹⁰.

A Igreja não cessa de sublinhar esta união indissolúvel com a Virgem Santa porque ambas têm muito em comum. Ambas têm a missão de dar ao mundo a Jesus Cristo, não pela sua própria força, mas pela ação do Espírito Santo. Tanto Maria como a Igreja assumem a sua missão na fé e, pela oração, imploram de Deus a fecundidade da sua missão, porque ambas são chamadas por Ele ao serviço da inteira humanidade. Como reza a Liturgia:

«Vós estabelecestes, por admirável dom da vossa bondade, que se realizasse misticamente na Igreja o que se tinha cumprido na Virgem Maria: a Igreja dá à luz novos filhos na fonte do Batismo concebidos virginalmente pela fé e pelo Espírito; unge os recém-nascidos com o óleo precioso do Crisma, para que o Espírito Santo, que à Virgem encheu de graça, desça abundantemente sobre eles com os seus dons; e para alimentar estes filhos cada dia prepara a mesa, a fim de os alimentar com o pão descido do Céu, que a Virgem Maria deu à luz para a vida do mundo, Jesus Cristo, nosso Senhor»¹¹.

Existindo esta relação de exemplaridade, a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a Ela. Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja não só como modelo, mas também como cooperadora na regeneração e formação dos novos filhos e filhas da Mãe Igreja. De facto, a maternidade da Igreja realiza-se não só segundo o modelo e a figura da Mãe de Deus, mas também com a sua "cooperação". Esta característica "materna" da Igreja foi expressa de um modo particularmente vivido pelo Apóstolo Paulo, quando escreveu: «Meus filhinhos, por quem sofro novamente as dores de parto, até que Cristo não se tenha formado em

10. Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, 63.

11. COLETÂNEA DE MISSAS DA VIRGEM SANTA MARIA, Missal, Formulário 16, Santa Maria, fonte da luz e da vida, Prefácio, p. 96.

vós!» (Gal 4, 19). Nestas palavras está espelhada a consciência que tinha a Igreja primitiva da sua função maternal, que andava ligada ao seu serviço apostólico entre os homens. Tal consciência permite, ainda hoje, à Igreja encarar o mistério da sua vida e da sua missão à luz do exemplo Daquela que deu à luz o Filho de Deus¹².

3. Em Fátima reunimo-nos com a Mãe de Jesus

A leitura feita até aqui, sobre o significado da presença da Mãe de Jesus, juntamente com as outras testemunhas, na sala de cima, ilumina de forma direta alguns dos pontos da mensagem trazida pela Santa Virgem nas Aparições de Fátima. Deve pois sublinhar-se que a vinda da Mãe do Céu a Fátima deve ser entendida dentro do exercício da sua maternidade, que acompanha a Igreja até ao fim dos tempos. Se Maria esteve presente como a Mãe de Jesus no início da Igreja, de forma ativa e eficaz, também agora continua presente no caminho da Igreja e do mundo, com a mesma solicitude materna. Na Igreja de então como na Igreja de sempre, Maria está verdadeiramente presente como a Mãe de Jesus, qual modelo de segura esperança que não dececiona. A este propósito são elucidativas as palavras do Papa Bento XVI aquando da sua viagem a Fátima, em 2010, onde afirmou: «vim a Fátima para rejubilar com a presença de Maria e a sua materna proteção»¹³. Rejubilar com a presença da Mãe de Jesus é um desafio colocado a todos os peregrinos de Fátima, para que não se banalize o necessário encontro pessoal com a Senhora mais brilhante do que o Sol, que comunica uma luz tão intensa que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma nos faz ver a nós mesmos em Deus, que é essa luz¹⁴. Rejubilar com a presença da Mãe de Jesus é reviver e construir continuamente os sentimentos de unidade e de comunhão que caracterizavam a primitiva comunidade cristã. Construir a comunhão com os que estão mais perto, mas também com aqueles que nem sequer conhecemos, de acordo com a

12. Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Mater*, 43-44.

13. BENTO XVI, Homília na esplanada do Santuário de Fátima, 13 de maio de 2010.

14. Memórias da Irmã Lúcia, Postulação, Fátima 1976, p. 141.

pergunta que a Santa Virgem fez aos Pastorinhos: «quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»¹⁵. Rejubilar com a presença da Mãe de Jesus é deixar-se envolver e guiar pela oração perseverante respondendo ao apelo incessante por Ela feito na Cova da Iria a rezar continuamente pela paz no mundo e o fim da guerra, pela conversão dos pecadores, pelas intenções da Igreja e do Santo Padre. Rejubilar com a presença da Mãe de Jesus é colocar-se debaixo da Sua materna proteção, na certeza de que na Via-Sacra do nosso mundo e na Via-Sacra da vida concreta de cada um de nós, Ela nos refugia no Seu Coração Imaculado que é o caminho seguro que nos conduzirá até Deus¹⁶.

15. Ibidem.

16. Ibidem, p. 145.

A quem iremos?

Gonçalo Diniz

A Boa Nova cristã centra-se na pessoa de Jesus Cristo e no acontecimento salvífico que n'Ele se realiza. A partir da Encarnação até à Ascensão, Jesus percorre um caminho, 'peregrina' no meio da humanidade, representada pelas gentes da Sua terra. Entra em contacto com as realidades do Seu tempo, com as alegrias e tristezas do povo onde vive, convive com as suas esperanças e sofrimentos.

O caminho de Jesus e dos Seus discípulos

O Seu caminho não é um caminho solitário. Logo no início do Seu ministério, faz questão de convidar algumas pessoas para caminharem com Ele. São os discípulos, a quem chama, a quem desafia e convida a 'peregrinar' com ele. No caminho destes discípulos, tal como nos é narrado nos evangelhos canónicos, podemos reconhecer o caminho do crente de qualquer tempo e lugar.

De facto, no caminho de cada um daqueles discípulos da primeira hora e no seu caminho em conjunto, podemos reconhecer os mesmos desafios, dificuldades, alegrias e esperanças com que se defronta cada crente, independentemente da sua origem, condição ou formação. Sempre que contemplamos e meditamos o caminho dos discípulos, somos convidados a fazer a ponte para a nossa própria caminhada. O caminho de fé daqueles homens é precedido pelo 'caminho' do próprio Deus. É Ele que toma a iniciativa, que se aproxima. Todo o mistério da encarnação está marcado por este movimento de aproximação ao Homem.

O evangelho de Lucas mostra uma grande sensibilidade à aproximação de Deus à realidade humana, à Sua inserção plena na história humana, na sociedade do Seu tempo, com as suas instituições sociais e religiosas, assumindo as vicissitudes próprias da existência humana, assim como as limitações e contrariedades que a caracterizam. Este caminho de aproximação, neste evangelho, é descrito como uma 'visita'¹, não no sentido de ser algo transitório, mas sim acentuando o facto de que a visita supõe que alguém deixe o seu ponto de origem, o seu ambiente habitual e se aproxime de quem será visitado, entre na sua realidade e estabeleça uma relação de comunhão e amizade. É isto que sucede na encarnação do Filho de Deus e é o que se torna visível e palpável no modo de viver e atuar de Jesus de Nazaré.

Em Fátima, logo na primeira aparição, à pergunta de Lúcia "De onde é vossemecê?", Nossa Senhora responde: "Sou do Céu"². Apresenta-se, assim, como sendo do Céu, mas vem ao encontro daquelas três crianças, do mundo, do tempo e da história que as rodeava.

Caminho com Jesus

No caso dos discípulos, o seu caminho de fé começa com o encontro com Jesus e o chamamento que Ele lhes dirige. Nas narrações evangélicas desse momento, sobressai o facto de que é Jesus que se aproxima deles. É Ele que vai ao seu encontro. Em Mateus e Marcos, a perícopa do chamamento dos primeiros discípulos é introduzida com a informação de que Jesus *passava junto ao mar da Galileia*³. Ele aproxima-se do 'mundo' deles. Para além da conotação bíblica do mar como símbolo do reino do mal, este mar da Galileia simboliza, ao mesmo tempo, toda a realidade vivencial e existencial destes homens que ele vai chamar. Entra no seu mundo, caminha até eles, e, uma vez perto deles, chama-os.

1. Cf. Lc 1,28; 1,40; 7,16; 10,38; etc.

2. *Memórias da Irmã Lúcia*, Fátima 2004, 173.

3. Cf. Mt 4,18 e Mc 1,16.

O Seu chamamento consiste em que vão com Ele. Assim como ele está a caminho, também os discípulos são chamados a fazer o mesmo, a integrar o Seu caminho. Chama-os a porem-se a caminho, a caminharem com Ele. Diz-lhes ainda que os fará chegar a ser pescadores de homens. Ou seja, faz-lhes uma promessa, com um horizonte de futuro, deixando bem claro que se tratará de um processo e que será Ele o autor e o executor desse processo de transformação.

A imagem do caminho caracteriza, assim, a vivência da fé de qualquer discípulo de Cristo. Já no Antigo Testamento, onde esta imagem é muito utilizada para falar do comportamento moral, vemos como o povo de Deus constrói a sua identidade fundamental na travessia do deserto, no caminho que Deus lhe ia indicando. O caminho está assim associado a um processo de aprendizagem da confiança e da fidelidade a Deus, de fortalecimento dos laços profundos entre Deus e o Homem.

Caminho do Mestre – caminho do discípulo

Os discípulos são chamados a *'irem com Ele'*, a *'irem atrás d'Ele'*, a *'seguirem-No'*. Com a simplicidade e profundidade tão características do texto evangélico, são várias as passagens onde encontramos Jesus a caminhar com os seus discípulos.

Um lugar importante na narração evangélica é ocupado pela chamada *'subida a Jerusalém'*. Trata-se da última etapa do ministério público de Jesus, em que Ele, acompanhado pelos seus discípulos, caminha em direção à Cidade Santa, onde terão lugar os acontecimentos centrais da Sua obra salvífica: a paixão, a morte e a ressurreição.

Durante esta *'subida'*, Jesus vai revelando progressivamente que o caminho que o Pai, por amor, traçou para Ele, passará pela entrega até ao extremo, para assim chegar à ressurreição. Será um caminho de sofrimento e de injustiça, que abrirá as portas à vitória da vida e do amor. Esta revelação progressiva de Jesus gera, na maior parte dos casos, incompreensão, mas

também medos e incertezas. A única segurança e confiança que têm é que Jesus caminha com eles, à sua frente. Eles avançam, porque Ele os guia.

Esta 'subida' é, assim, imagem clara do caminho de todos os crentes. Jesus chama a uma entrega idêntica à sua, o que nem sempre é fácil. Em muitos casos, a fidelidade ao Evangelho e aos seus valores levam o crente por sendas difíceis e tortuosas, marcadas, muitas vezes, pela incompreensão própria ou alheia. Mas a grande dificuldade surge quando o caminho do crente perde a referência, quando se autonomiza e segue os seus próprios caminhos. Foi o que aconteceu a Pedro, pouco antes do início da subida a Jerusalém. Depois de ter professado a sua fé em Jesus, como o Messias, o Filho de Deus Vivo, e de Jesus ter anunciado o Seu caminho de paixão, morte e ressurreição, de acordo com a narração de Mateus e Marcos⁴, Pedro deixou que as suas categorias humanas tivessem mais força e, levado pela lógica da grandeza e da glória humanas, quis tomar o lugar de mestre, daquele que sabe qual é o caminho a seguir: "Tomando Jesus de parte, começou a repreendê-lo" (Mt 16,22). O termo utilizado no texto e que geralmente se traduz por '*reprender, admoestar, censurar*', tem aqui um sentido diferente, que pode ser traduzido por '*expulsar demónios*', e é usado nos evangelhos cada vez que Jesus expulsa algum demónio. Ao utilizar este verbo, os evangelistas estão a chamar-nos a atenção para a gravidade da atitude de Pedro: na prática, ele considera que Jesus, ao propor um caminho de sofrimento e de cruz, está possuído por algum demónio.

A resposta de Jesus não se faz tardar. Contrariamente ao que se encontra na maior parte das traduções, Jesus diz a Pedro que '*vá para trás*', ou seja, que volte ao seu lugar como discípulo e que deixe que seja Jesus o mestre do caminho.

O que sucedeu a Pedro, neste momento, repete-se muitas vezes no caminho de fé de cada crente, de cada discípulo de Jesus, de ontem e de hoje, quando põe os seus valores e ideais pessoais, ou os valores e ideais que

4. Cf. Mt 16, 13-28 e Mc 8, 27-38.

imperam na sociedade, por cima da Palavra de Deus. Nesse momento, deixa de caminhar como discípulo e necessita que o Senhor o volte a chamar e a convidar a segui-Lo.

Caminho de fé: Em direção a Jesus

A experiência de Pedro sobre a qual acabamos de meditar, mostra-nos também como o caminho do crente nunca é linear, uma vez que passa por tentações, quedas e desvios. O mais grave é quando o discípulo não tem a humildade para ouvir a voz do mestre e regressar ao Seu caminho.

No evangelho de João, encontramos um momento de crise profunda entre os discípulos de Jesus⁵. Depois do longo discurso sobre o Pão da Vida, muitos abandonaram o caminho. A pregação de Jesus, o caminho que Ele propunha, pareceu-lhes demasiado exigente e voltaram para trás. Nenhum crente está livre de que tal não lhe suceda, pois, mesmo que a chamada de Deus seja poderosa, a resposta é sempre deixada à liberdade de cada um.

Diante do abandono de muitos dos seus discípulos, vemos como Jesus preza a liberdade individual e só aceita com Ele aqueles que verdadeira e livremente O queiram seguir. Por isso mesmo, em vez de mudar o Seu discurso, de o suavizar ou adaptar para ser mais atrativo e fácil de aceitar, pergunta aos doze apóstolos se também eles se querem ir embora.

É neste momento que Pedro responde: “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus” (Jo 6, 68s). Neste caso, a confissão de fé de Pedro não é seguida por uma negação, como acontecera anteriormente. Num momento de dificuldade, em que muitos abandonam o caminho, Pedro reconhece que o único a quem se deve ir é o Senhor! O caminho já percorrido leva-o a reconhecer que as palavras de Jesus são palavras de vida eterna. A sua fé, bem como a sua consciência de quem Ele é, são suficientes para querer que a sua vida se oriente para Ele.

5. Cf. Jo 6, 60-71.

A frase, em que Pedro diz '*Nós cremos e sabemos*', utiliza os verbos num tempo verbal que indica que se trata de algo que sucedeu no passado, mas que continua a ter efeitos no presente. Ou seja, Pedro já acreditou, ao longo do caminho percorrido, mas continua, e continuará a acreditar. É isso que o faz orientar-se para o Senhor. O seu caminho, a sua peregrinação de vida, dirige-se para Ele, tendo-O como sua meta.

Alcançados por Ele para assim o alcançar

São Paulo, na carta aos Filipenses, depois de ter exaltado a maravilha do conhecimento de Cristo e exposto o seu desejo de chegar a conformar-se com a morte de Cristo, para assim participar da Sua ressurreição, diz: "Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não me julgo como se já o tivesse alcançado. Mas uma coisa faço: esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, corro em direção à meta, para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus" (Fil 3, 12-14).

A partir desta perspetiva, o crente é, então, alguém que se sabe 'alcançado' por Cristo, que veio até ele, como vimos num modo tão simples e claro nas passagens do chamamento dos discípulos. Mas, ao mesmo tempo, o crente caminha, ou corre, de acordo com São Paulo, em direção a Cristo.

Nestas linhas, São Paulo deixa-nos algumas notas importantes sobre a vivência da fé como uma peregrinação. Em primeiro lugar, para além da experiência de ser 'alcançado' por Cristo, a caminhada do crente, a sua peregrinação são sempre vividas com o agradecimento pelo caminho já percorrido e com a consciência de que ainda não chegou à meta. O cristão é chamado a reconhecer constantemente que ainda não é perfeito e que necessita de conversão.

Um caminho de conversão e de santificação

Muitas vezes, a conversão é vista como um acontecimento único e definitivo. No entanto, à luz destas palavras de São Paulo e com a ajuda da mensagem de Fátima, compreende-se bem que a conversão é um processo longo e demorado. De facto, a peregrinação do cristão é um progressivo aproximar-se de Cristo, um processo de transformação n'Ele, até chegar a pensar como Ele, sentir como Ele, viver como Ele e amar como Ele. Trata-se de uma transformação que deve tocar todas as dimensões da vida do crente. Por isso mesmo, a conversão é sempre um processo gradual, um caminho a percorrer.

Para além desse processo gradual, a fraqueza humana e a sua debilidade fazem com que o caminho não seja sempre reto, plano e na direção correta. Sendo assim, a conversão é algo diário na vida do cristão. Deixar atrás os desvios, as quedas, e até os momentos de desorientação, torna-se tarefa constante para viver a fé como uma autêntica peregrinação em direção a Deus.

Toda esta experiência de *'deixar para trás'* e de *'lançar-se para o que está à frente'* não pode ser vista como uma obra meramente humana. Já nas perícopas do chamamento dos discípulos, ficava patente que a transformação, até eles chegarem a ser pescadores de homens, seria obra d'Aquele que os chamava. Imediatamente antes do abandono de vários discípulos, como é narrado na passagem que já mencionámos, Jesus afirma claramente: "Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai" (Jo 6, 65). Curiosamente, é na sequência desta afirmação que muitos dos seus discípulos O abandonam!

O ser humano tem dificuldade em reconhecer os seus limites e a sua necessidade de ajuda. Por isso, infelizmente, até o próprio caminho de conversão é visto, muitas vezes, como uma obra humana, fruto exclusivo do esforço e da vontade pessoal de cada um.

No final da última ceia, pouco antes de ser entregue à morte, de acordo com o evangelho segundo São João, Jesus pronuncia uma longa oração, na qual confia os Seus discípulos ao Pai⁶. Ao afirmar que a Sua peregrinação neste mundo está prestes a terminar, Jesus pede ao Pai que *santifique os Seus discípulos*⁷. A expressão utilizada pode ser traduzida por '*santificar*', mas também por '*consagrar*', ou ainda, por '*separar para Deus*'. Estas três possibilidades de tradução mostram bem a riqueza do que Deus quer fazer connosco. A conversão, isto é a transformação em Cristo, é um processo que nos torna cada vez mais de *Deus*, que nos torna santos como Ele é Santo⁸, que nos torna *sagrados*. Tudo isto sem nos retirar do mundo. De facto, nessa mesma oração, Jesus pede ao Pai que, embora não sejamos do mundo, não nos tire dele⁹. O caminho do cristão, a sua peregrinação, realiza-se precisamente no meio das realidades deste mundo. É aí que o crente pode experimentar a força salvadora, santificadora de Deus.

Se a conversão e transformação do crente são, em primeiro lugar, obra de Deus, então não podemos deixar de acreditar na possibilidade dessa conversão e transformação, seja em nós próprios, seja nos outros.

Infelizmente, muitas vezes, as nossas próprias fraquezas ou as dos outros, as dificuldades e contratempos, levam os cristãos a pôr em causa a possibilidade da própria conversão. Em vez de caminharem, ficam parados no caminho, como o cego Bartimeu¹⁰: "mendigo, cego... sentado à beira do caminho...". Bartimeu é descrito como aquele que é necessitado, que não consegue caminhar, e que fica sentado, enquanto os outros caminham; à beira do caminho, a vida passa e ele fica...

O pior que, porventura, pode suceder a um cristão é, na prática, já não acreditar que pode mudar, que se pode converter; o ficar instalado numa vida aparentemente cristã, em que se cumprem alguns deveres e obri-

6. Cf. Jo 17.

7. Cf. Jo 17, 17-19.

8. Cf. Lev 19, 2; Mt 5, 48.

9. Cf. Jo 17, 15.

10. Cf. Mc 10, 46-52.

gações, em que se celebram certos ritos, mas sem procurar crescer no caminho, o que pode tornar-se numa ridicularização do cristianismo. Geralmente, quem assim vive também não acredita verdadeiramente na possibilidade de conversão dos outros, ou, dito de outro modo, quem não acredita na possibilidade de conversão dos outros, normalmente também não acredita na própria conversão, vive *sentado à beira do caminho*...

Quando, em Fátima, Nossa Senhora nos convida a rezar e a fazer sacrifícios pela conversão dos pecadores¹¹, está a lembrar-nos este ponto tão importante de que a conversão é, em primeiro lugar, obra de Deus e que devemos acreditar na Sua força e no Seu poder. Rezar pela conversão dos pecadores pressupõe acreditar que Deus nunca dá ninguém por perdido. Seja qual for a situação em que qualquer pessoa viva, Deus vê sempre uma possibilidade de conversão. O cristão que vive o seu caminho de conversão contínua, que experimenta constantemente a misericórdia de Deus, acredita que essa mesma misericórdia se oferece a todos, sem exceção.

Assim, o caminho do cristão, o *ir para Deus*, torna-se também numa atitude ativa de colaboração com a misericórdia de Deus para que esta chegue ao coração de todos e de cada pessoa que se cruza no caminho.

Peregrinos pela graça de Deus

Todas estas vertentes do caminho da fé só podem ser vividas à luz da graça de Deus. Sabendo-se acompanhado por Ele, o cristão vive a sua peregrinação neste mundo sob o sinal da alegria. É esta alegria, a qual é em si um dom de Deus, que permite passar pelas dificuldades e lutas que caracterizam a caminhada cristã.

A peregrinação, como atividade física e exterior, ajuda a compreender o caminho de fé que o cristão é chamado a percorrer. No caminho de quem peregrina a pé, há terrenos diferentes, uns mais duros e difíceis,

11. Cf. *Memórias da Irmã Lúcia*, Fátima 2004, 179.

outros mais suaves e agradáveis, e, tantas vezes, subidas e descidas, que o peregrino vai aprendendo a superar.

Algo semelhante acontece no caminho interior que cada cristão é chamado a percorrer. Também este está marcado por várias etapas, umas mais fáceis que outras, e requer treino, aprendizagem e experiência. Por isso, quem se faz ao caminho, em ambiente de peregrinação, fá-lo com o intuito de renovar e fortalecer o seu caminho interior.

Um povo de peregrinos

É certo que a peregrinação exterior tem uma dimensão muito pessoal. É cada um, individualmente que percorre o caminho. O mesmo sucede com a peregrinação da fé, que é uma caminhada feita no coração e na mente de cada pessoa. No entanto, a verdadeira peregrinação, exterior ou interior, requer sempre a dimensão comunitária ou de grupo. Para quem peregrina, é importante saber que não está só no seu caminho, que há outros que partilham a mesma estrada com ele. A vivência da fé requer essa consciência de comunidade, de se sentir parte de uma família que caminha na mesma direção e com as mesmas dificuldades e desafios. A consciência da própria fraqueza convive com a certeza da ajuda do outro que, ao percorrer o mesmo caminho, está em condições ideais para poder ajudar. O cristão, na sua vida diária, precisa deste suporte e apoio comunitário que encontra na Igreja, o povo de Deus que com ele caminha.

A peregrinação exterior também ajuda a compreender outra dimensão importante: a do serviço ao próximo. De facto, quando se participa numa peregrinação em grupo, esta torna-se muitas vezes numa experiência única de serviço. O peregrino descobre, frequentemente, em si uma maior capacidade de apoiar e servir os que com ele peregrinam; é uma escola de serviço, onde se exercita com alguma espontaneidade a capacidade de zelar pelo outro, de o apoiar e ajudar. Esta experiência é uma parábola daquilo que é fundamental no caminho da fé, uma vez que este só é

autêntico e pleno, quando se vive numa atitude de dedicação e serviço aos outros. Não existe caminho de fé que não seja caminho de serviço. Por isso mesmo, é em Igreja, como povo de Deus, que o crente percorre o seu caminho. Assim se compreende que a própria Igreja é um povo em caminho. Composta por caminhantes, ela é um povo que marcha, que caminha com dificuldades e desafios, mas sempre sob o signo da alegria.

Peregrinos para Deus e para a missão

A quem iremos? perguntava Pedro de forma retórica a Jesus. Nesta pergunta está contida a resposta e orientação para cada cristão: alcançado por Cristo e por Ele acompanhado, caminha em direção a Ele. No final do evangelho, de um modo mais explícito em Mateus e Marcos, o próprio Jesus, antes de subir aos céus, convida os discípulos a 'irem': "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o evangelho a toda a criatura!" (Mc 16 15); "Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos..." (Mt 28 19).

A verdadeira peregrinação do cristão só é realmente completa quando se dirige aos outros, quando se vive num espírito missionário, evangelizador. Só assim, a caminho para Deus e para o mundo é que o cristão vive o seu peregrinar.

Maria, mulher peregrina e caminho seguro

Logo depois da anunciação, Maria põe-se a caminho¹². Este gesto de Maria é como um primeiro capítulo da Sua missão. Ela é a mulher peregrina por excelência, que percorre o caminho das montanhas até à casa de Isabel e que percorre o caminho da fé. Desde o seu 'sim' incondicional a Deus, em espírito de abandono e de fé, Ela vive intensamente o caminho do crente, sendo imagem e modelo da verdadeira vivência da fé, na entrega a Deus e aos irmãos.

12. Cf. Lc 1, 39.

Essa primeira 'peregrinação' em direção à casa de Isabel, levando o Filho de Deus no Seu seio, terá uma atualização nos nossos dias, no acontecimento de Fátima, em que Ela volta a 'peregrinar' até à Cova da Iria, trazendo, de novo, a Boa Nova do Seu Filho ao mundo dilacerado pela incredulidade e pelas consequências do afastamento de Deus. Ela peregrina para ajudar os homens a regressarem ao caminho da autêntica peregrinação, aquela que, também a nós, nos deve levar a Deus e aos irmãos.

Por isso, em Fátima, Ela apresenta-se como caminho seguro: "O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus"¹³. A Sua adesão incondicional ao amor e à vontade de Deus, simbolizadas no Seu Imaculado Coração, são o caminho para todos os discípulos de Jesus. Em Maria e com a Sua intercessão, o cristão percorre alegre e confiadamente o caminho da fé, a peregrinação da vida.

13. *Memórias da Irmã Lúcia*, Fátima 2004, 175.

Sede santos!

Joaquim Teixeira

Introdução

A santidade é a meta da vida de todo o ser humano. Sejam crentes ou não crentes, todos os homens aspiram à perfeição; ainda que percorram diferentes caminhos, quer acertem no caminho ou não, levam inscrito no seu coração um desejo de felicidade que só numa abertura a Deus, pode aspirar à sua consumação plena. A Igreja é a comunidade dos batizados em Cristo que não só acolhe, consciencializa e cultiva este desejo de santidade, como também se abre à graça de Deus e se abandona ao Seu amor para que Ele possa realizar estes desejos. A Mensagem de Fátima é para a Igreja um grande chamamento à santidade que vem também interpelar todos os homens de boa vontade.

A vocação universal à santidade foi uma das afirmações mais contundentes do Concílio Vaticano II e que os cristãos vão assimilando com alegria, esperança e decisões concretas. Dizia-nos o P. Jesus Castellano, ocd, que também a Mensagem de Fátima se destina a todos os cristãos de todos os estados de vida. A Irmã Lúcia vê este chamamento à santidade nalgumas particularidades das aparições. A presença de S. José numa das aparições é um insistente convite à santificação da família, um tema-chave em todos os escritos da Irmã Lúcia. A aparição da Virgem Maria das Dores, de pé junto à cruz, como cume da sua vida santa, é para Lúcia um convite à perfeição da vida cristã. Finalmente, a aparição de Nossa Senhora do Carmo, com o seu hábito religioso, sugere a chamada à perfeição na vida consagrada, seguindo Cristo pela via dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Mas, como afirma e explica

Lúcia, é também um insistente apelo à santidade para todos os cristãos; apelo este que provém de Maria, o modelo da santidade mais perfeita a que possa ser elevada uma criatura (cf. P. Jesus Castellano Cervera, ocd, Consultor da Congregação para Doutrina da Fé na Apresentação do livro dos *Apelos da Mensagem de Fátima*).

1. O Deus Santo

Mas onde fundamentamos este ideal e este chamamento à santidade? Só o verdadeiramente Santo nos pode chamar e dar a Sua santidade. O Santo é só um: o Deus Santo, o Santo de Israel (Is 6,3) e ninguém se Lhe pode comparar. Deus é o Santo dos santos.

Só a Deus são devidos todo o louvor e toda a glória, porque Deus, na Trindade de Pessoas, é a máxima perfeição, a fonte e origem de todas as coisas. No entanto, o Deus Santo convida-nos à santidade, a participar da Sua santidade: «Sede santos porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo» (Lv 9,2). Deus, no dizer de Santa Teresinha do Menino Jesus, não pede coisas irrealizáveis. Se Deus nos manda ser santos, é porque a Sua santidade está ao nosso alcance. Pomos fé na possibilidade real da nossa santificação. O Criador, o Santo e Poderoso, fez-nos à Sua imagem e semelhança, fez-nos santos. No uso da sua liberdade, o ser humano manchou esta santidade ao distanciar-se de Deus e, por consequência, distanciou-se das outras criaturas: e, afastando-se de Deus, experimenta a tristeza, a dor e a solidão. No entanto, Deus nunca desistiu do Seu projeto original e sempre manteve a possibilidade, a porta aberta para que aquele reatasse os laços da santidade de vida com o Deus Santo.

A presença de Deus no meio do Seu povo é garantia de santidade. A Sua presença na Palavra, na Arca da Aliança, na Tenda do Encontro, nos Profetas e Patriarcas, na Virgem Maria e, sobretudo, em Seu Filho Jesus, é garantia da Sua fidelidade e persistência para que a criatura que saiu do Seu sopro de vida realize a Sua vontade. Onde chega e onde é acolhido

o Deus Santo com todos os sinais da Sua presença tudo se transforma, purifica, ilumina, recuperando novo vigor. Aproximar-se do Santo ou deixar que Ele Se aproxime é pisar terra santa (Ex 3,5), espaço sagrado que renova a vida dos que se encantam com a Sua beleza e a Sua glória. O Santo separa do profano, do que se distancia de Deus, do que não está marcado pelo esplendor da Sua santidade.

2. Participantes da santidade de Deus

Diante do Deus Santo que nos chama a sermos santos, o ser humano descobre uma das suas notas mais características: está chamado a participar da santidade do próprio Deus. Ele não desiste de nos exortar à santidade. E a Igreja reafirma solenemente que todas as criaturas estão chamadas à santidade. Esta é uma vocação universal e não parcial. Mas como participar da santidade de Deus? Como é que nos santificamos?

A santificação pode ser entendida de forma ativa, na medida em que eu me esforço por imitar o Deus Santo, revelado de forma última em Jesus Cristo, rosto e palavra definitiva do Pai, por Lhe dar espaço, por O escutar, por cumprir a Sua vontade. Neste aspeto, o crente exercita-se na santidade quando cultiva as virtudes, os valores humanos e cristãos, quando lê todos os sinais da ação de Deus na Sua vida e acolhe todas as oportunidades de crescer, em santidade e justiça, na Sua presença. Todos os esforços morais e ascéticos por cumprir os mandamentos, por pôr a vontade de Deus acima da sua própria, preparam-no para acolher a graça de Deus, que é o próprio Deus dando-Se.

Mas chega um momento na sua vida, em que o cristão se apercebe de que Deus é que conduz tudo e que, por muitos esforços que ele faça, só o Deus Santo é que o santifica, é que pode aperfeiçoar, pela ação redentora de Seu Filho Jesus e pela ação do Espírito Santo, a criatura que saiu das Suas mãos. Por isso, concluímos que a santidade também pode ser entendida de forma passiva, quando confio e me abandono, quando deixo espaço

para que Deus atue em mim, me transforme, me guie e conduza para a participação na Sua santidade. O abandono, a confiança e a entrega são as atitudes que se esperam dos cristãos.

E, por fim, seja na fase mais ativa ou na fase mais passiva, acabamos sempre por concluir que, em última instância, a santificação é sempre passiva, porque é obra de Deus e que Ele apenas pede a nossa colaboração ativa. Mesmo quando pomos tudo da nossa parte é já Deus que nos está a mover, nos está a dar a determinação e a decisão firme de irmos ao Seu encontro. Assim no-lo recorda: «Eu sou o Senhor que te santifica» (Lv 22,32). «Porque é Santo Aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, como diz a Escritura: “Sede Santos porque Eu sou Santo”» (1 Ped 1,16).

A Mensagem de Fátima veio renovar em toda a Igreja a sua vocação à santidade, pelo exercício da oração, da caridade e da penitência. A Irmã Lúcia faz uma síntese entre a ação de Deus e a colaboração humana desta forma: «Ser santa não é ser indolente, é saber dar-se, entregar-se, dizer sempre «Sim!» a tudo o que o Senhor quiser, com amor, com alegria e generosidade. Isto é viver a luz de Deus que habita em mim, viver na luz, viver da luz e viver para a luz! Ser recetáculo da Luz Divina, dessa Luz que é Deus, que mora em mim e me absorve em Si, – Sou assim uma pequena centelha de Luz Imensa que é Deus! Amo-Te Senhor, porque Tu és Amor!» (Irmã Lúcia, *O Meu Caminho*, Vol. II, p.381). A Irmã Lúcia, profundamente identificada com a Virgem Maria, Mãe de Jesus, que a visitou em Fátima, e à imagem de quem configurou a sua vida como religiosa carmelita descalça, deixa-nos assim uma síntese do que é a santidade do cristão, resultado da ação da graça de Deus, mas que conta com a cooperação humana. Quanto mais santos, mais somos «luz do mundo... mais a nossa luz brilha diante dos homens», não porque tenhamos brilho próprio, mas porque refletimos a Luz do próprio Deus que resplandece em todos os Seus santos.

A santidade, a perfeição, revela a nossa condição criatural de imagem e semelhança de Deus. Reconhece a Irmã Lúcia: «Quanto mais me assemelhar a Ti, mais se intensificará o nosso Amor e a nossa íntima união!» (*O Meu Caminho*, Vol. II, p.111). Pela santidade de vida, restaura-se em nós esta imagem que o Criador imprimiu nas Suas criaturas, participantes da Sua santidade. E quem participa da santidade do Deus Santo, participa do brilho resplandecente da Sua Glória; os seus gestos, palavras e obras apontam sempre para a santidade de Deus encarnada na existência pessoal.

Moisés é, a este respeito, um exemplo claro: ao regressar do seu Encontro com o Deus Santo, tinha o rosto iluminado e iluminador (Ex 19,16), mesmo sem se dar conta, espelhava o brilho da santidade de Deus à sua volta. A santidade é uma luz que não se pode esconder, mas que brilha para todos os que estão em casa (Mt 5,14-16). A Irmã Lúcia diz-nos que «a nossa santidade é fruto da ação de Deus em nós e é por Ele e com Ele que somos santos... É o amor que nos purifica, que nos santifica, que nos une e nos salva» (*O Meu Caminho*, Vol. II, 341). Assim, a luz da santidade resulta do exercício da caridade na vida de cada um de nós. Nos seus Apelos, deixa-nos uma pedagogia para santificar tudo o que sai das nossas mãos: «Devemos, por isso, santificar o nosso trabalho, o nosso descanso, o nosso alimento, as nossas recriações honestas como se fossem uma permanente oração. Sabendo nós que Deus está presente, basta lembrar-nos d'Ele e de vez em quando dirigir-Lhe alguma palavra: quer seja de amor – *Amo-Te, Senhor!* –, quer seja de agradecimento – *Obrigado, Senhor, por todos os teus benefícios* –, quer seja de súplica – *Senhor, ajuda-me a ser-Te fiel; (...)*. Este trato íntimo e familiar com Deus transforma os nossos trabalhos e as nossas ocupações diárias numa verdadeira e permanente vida de oração, torna-nos mais agradáveis a Deus e atrai sobre nós graças e bênçãos de especial predileção» (Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, 8, 95).

Como veremos, de seguida, a santidade é sinónimo de união com Deus, da nossa vida de comunhão com os irmãos, com a natureza e com toda a Trindade, comunhão das Pessoas Divinas.

3. A santidade gera comunhão à imagem da comunhão trinitária

A comunhão de vida na família, na Igreja e na sociedade é o sinal mais evidente da santidade de Deus que nos habita e se vai apropriando de todos os nossos sentidos e faculdades. Todos estamos chamados, por natureza e por graça, à unidade, à comunhão uns com os outros e com Deus Pai, comunhão de Pessoas. O cultivo da vida orante é o melhor exercício para escutarmos a vontade de Deus e Lhe confiarmos a nossa, a fim de realizarmos o Seu desígnio de comunhão. Por isso é que a Mensagem de Fátima insiste tanto na importância da oração na vida dos cristãos, pois sem ela mantemos fechada a porta a todos os dons que Deus nos quer dar, sem ela não realizamos a nossa vocação e missão sobre a terra. Diz a este respeito a Irmã Lúcia: «É na oração, vivida em diálogo íntimo com Cristo, que devemos preparar-nos para o desempenho da missão que Deus nos quiser confiar, porque é neste encontro que Deus nos comunica a luz, a força e a graça, com os dons do Espírito Santo. Só assim poderemos ser apóstolos junto dos nossos irmãos e transmissores da palavra de Cristo. Mas, além destes templos construídos pelas mãos dos homens, temos outros templos, não menos reais, onde devemos orar e oferecer a Deus os nossos sacrifícios: é a nossa alma, o nosso coração, a nossa consciência. Aí está Deus! Aí habita a Santíssima Trindade! Se nos encontramos em estado de graça, somos templos de Deus: "Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra; Meu Pai amá-lo-á e viremos a ele e faremos nele morada"» (Jo 14,23) (Apelos 8, 99). «Deus é o único Ser onde está a felicidade, para a qual, nos criou» (Apelos 11, 122). «Somos templos de Deus, e Deus é a nossa morada, caminhamos à luz da glória de Deus, fomos escolhidos por Deus, e Deus chamou-nos e conhece-nos pelo próprio nome. (...). A nossa grandeza é imensa: fomos escolhidos por Deus, somos guardados

por Deus, somos santificados pela presença de Deus para louvor da Sua glória, somos sacrários vivos onde habita a Santíssima Trindade, somos casa de Deus e porta do Céu!» (Apelos 11, 124).

Nestas passagens ressoam ecos da leitura do livro das Moradas ou Castelo Interior de Santa Teresa de Jesus, que a Irmã Lúcia leu e meditou muitas vezes. Esta obra da Fundadora da Ordem das/os Carmelitas Descalças/os diz-nos que a nossa alma é como um Castelo habitado com muitas moradas, pois nós não estamos vazios, não somos ocos por dentro, mas somos habitados, temos muitas moradas e que precisamos de nos recolher cada vez mais neste Castelo para que o Espírito nos conduza à Morada mais central e interior onde habita Jesus. A porta para entrar neste Castelo é a oração; no aposento mais interior do Castelo vive-se a comunhão mais perfeita com toda a Santíssima Trindade, tanto quanto se pode nesta vida.

A espiritualidade cristã centra-nos em Cristo, e Cristo, pela ação do Espírito Santo, conduz-nos ao Pai. É assim que fazemos a experiência da comunhão trinitária, construímos comunhão uns com os outros, formamos a Igreja, querida pelo Pai, fundada por Cristo e animada pelo Espírito. A Igreja lê-se a si mesma como uma imagem e reflexo da Trindade das Pessoas Divinas. Os cristãos, na sua relação, individual e comunitariamente considerada, com o Pai, a exemplo do Seu Filho Jesus, sob a ação do Espírito Santo, criam unidade, criam comunhão, porque aprendem a relacionar-se como as Pessoas da Trindade Se relacionam. As Pessoas Divinas revelam-Se constantemente umas às outras: o Pai põe todas as Suas complacências no Seu Amado Filho; o Filho dá a primazia às coisas do Pai, faz as Suas obras, dialoga pela oração intensa e, demoradamente, com o Pai; e o Espírito, que procede dos dois, personaliza o Amor na relação e comunhão entre tal Pai e tal Filho. Todo o ser humano que adora e se relaciona com a Trindade aprende, naturalmente e por graça, os hábitos de relação da Trindade, que são marcados pelo respeito das diferenças, pela delicadeza, pela suavidade e intimidade. E são estas virtudes que aperfeiçoam e tornam a Igreja cada vez mais santa.

A comunhão trinitária atrai e seduz todas as criaturas, pela beleza e harmonia vividas nessa comunhão perfeita e santa. A nossa santidade tem como modelo e meta o Deus três vezes Santo, a Santíssima Trindade, porque o Senhor chama-nos a participar da Sua natureza divina (2 Pe 1,4).

Então, a santidade consiste no cumprimento da vontade do Pai tal como Jesus o fez. A vontade do Pai manifesta-se no cumprimento dos mandamentos, no exercício das virtudes teologais da fé, esperança e amor. O Anjo, em Fátima, ensinou os pastorinhos a renovarem a adesão a estas virtudes com esta oração: "Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos...". A santidade pede-nos o amor mais puro, generoso e total, pede-nos uma esperança radical no Senhor e nas suas promessas e pede-nos uma fé a toda a prova, uma fé testada no meio das dificuldades da vida, mas que nunca sucumbe.

A santidade acaba por se resumir num amor gratuito que se dá sem reservas. A entrega de Jesus, que «tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim», é o maior exemplo de santidade, traduzido na entrega da própria vida, para que os oprimidos pelas lógicas perversas do poder religioso, político e social experimentassem a libertação. A este respeito, diz a Irmã Lúcia: «Se Deus me leva por um caminho de renúncia e de sacrifício, é porque me ama, e eu quero corresponder a esse amor na busca da santidade que consiste na plena entrega de mim mesma ao Senhor» (*O Meu Caminho*, Vol. III, 266). É realmente da comunhão que nasce a vida, a fecundidade e a entrega.

4. A Igreja, comunidade de santos, sujeitos ao pecado

A participação na santidade de Deus leva-nos a viver a vida da graça e a distanciarmo-nos do pecado que introduz a rutura na relação com o próprio Deus e com os irmãos e, até mesmo, com todas as demais criaturas. A existência do ser humano à face da terra está marcada, desde a sua origem, pela realidade da graça e pela tentação do pecado. É um facto.

Todos nos confrontamos com a realidade do pecado, ainda que lhe demos outro nome, mas ele existe e passa diante dos nossos olhos todos os dias. O pecado é evidente na fome e na guerra, na injustiça e na opressão, nas divisões e contendas, em todos os atropelos à dignidade da pessoa humana. Já São Paulo enunciava alguns dos frutos do pecado: «fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas» (Gal 5, 20-21). Mas também notamos que o nosso mundo está povoado de gestos de bondade e de amor, onde são evidentes os frutos da graça naqueles homens e mulheres que vivem segundo a lei do Espírito, e estes frutos, segundo São Paulo, são: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio» (Gal 5, 22-23).

Pelo batismo fomos introduzidos na Igreja e na ordem da graça e do Espírito para vivermos a santidade dos filhos de Deus. No entanto, continua a travar-se esta luta contra o mal, contra o pecado que persiste em ofuscar a santidade da Igreja e dos seus membros. Os cristãos que receberam o dom da fé em Cristo Salvador e Libertador do pecado já estão salvos em esperança, mas nem por isso deixam de experimentar vivamente a tentação do pecado e, tantas vezes, lhe cedem. Por isso, a Igreja, comunidade dos batizados em Cristo, é santa e pecadora. Vive sob o signo do Espírito que gera o homem novo; no entanto, se os cristãos não se alimentam e fortalecem, quotidianamente, nas fontes da Salvação que são os sacramentos, a Palavra de Deus, a oração, o exercício das virtudes..., cedem às lógicas mundanas marcadas pelos critérios do ter, do poder, da autossuficiência que são e geram o pecado e, por isso, o afastam da vontade de Deus e do Seu projeto de felicidade e alegria para todos os Seus filhos.

Todos nós experimentamos a força da graça, mas também a força do pecado. Quais são as motivações que nos levam a fugir do pecado para viver a vida nova que Jesus veio trazer? A grande motivação há de estar fundada em Deus que nos quer fazer participantes da Sua santidade de

vida. A santidade é cultivada pela lei do amor a Deus e ao próximo. Quem ama conhece a Deus e vive a santidade de Deus. Diz a Irmã Lúcia nos seus Apelos: «Nós temos obrigação de ser santos, isto é, de não ofender a Deus com o pecado, transgredindo a Sua Lei em matéria grave e até mesmo em matéria leve, advertida e voluntariamente» (*Apelos*, 8, 99). Esta obrigação não é algo extrínseco a nós próprios, mas é intrínseco à nossa própria natureza potenciada pela lei divina. Todo o ser humano, crente e não crente, tem enraizado no seu ser esta necessidade e esta obrigação de praticar o bem consigo mesmo e com os outros, e de evitar o mal. Neste desejo e nesta vontade, que muitas vezes está debilitada e condicionada pelo pecado social, Deus vem em ajuda da nossa fraqueza. Deus ama-nos com um amor imenso e, ao experimentarmos este grande amor, só podemos corresponder com amor. Aspiramos à santidade para dar gosto e prazer a Deus: «Ser santo, para agradar a Deus, para nos assemelharmos a Deus, para fazer a Sua vontade, para dar gosto a Deus e provar-Lhe todo o nosso amor» (*Apelos*, 21,1). E por isso, o amor a Deus é o grande motor da nossa renúncia ao pecado: «É a fé e o amor que hão de levar-nos a detestar os nossos pecados, a arrependermo-nos deles e a mudar de vida, para que Deus nos diga como a Maria Madalena: “Os teus pecados estão perdoados”» (*Apelos*, 7, 88).

Deus dá-nos sempre a possibilidade de recomeçarmos, de emprendermos um caminho de pequenos passos, feito de pequenas ou grandes decisões, mas que nos vai predispondo para dobrar a nossa vontade à de Deus. Este caminho de conversão, de mudança de vida, vai-nos fazendo experimentar a alegria e a paz quando colocamos Deus no centro da nossa vida e, a partir Dele, reordenamos a ordem de prioridades. Este é um caminho que nunca fazemos sozinhos. Fazemo-lo na comunidade eclesial, e contando sempre com Deus que vem em nosso auxílio, pois, como diz São João da Cruz, «se nós O procuramos, muito mais Ele nos procura a nós».

A comunidade eclesial emerge na vida dos cristãos como um dom de Deus para nos alegrarmos na experiência da fraternidade, mas também

para nos purificarmos, pois a vida nas diferentes comunidades eclesiais dá-nos sempre muitos pretextos e oportunidades para nos descentrarmos de nós mesmos e nos centrarmos no bem dos irmãos. A Igreja torna-se assim agente de correção fraterna: «Deus corrige-nos para nosso bem, para nos fazer participantes da Sua santidade» (Heb 12,10b). Esta correção de Deus é encarnada no tecido de relações que se vão construindo na vida das comunidades, para que elas sejam comunidades de comunhão e fraternidade, onde a lei do amor se enraiza cada vez mais.

Conclusão

Nas aparições de Fátima, a Virgem Maria dirige a toda a humanidade um forte apelo à santidade. A Virgem Maria, Mãe de Jesus, santificou-Se pela Sua perfeita correspondência à graça. Maria escutou muitas vezes a passagem do Levítico: «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lv 19,2). Estas palavras ter-se-Lhe-ão gravado de tal forma no coração, ao ponto de Se determinar, com todas as Suas forças, a pôr a vontade de Deus no centro da Sua vida.

Mas este apelo do Senhor é universal e para todos os estados de vida. Está ao alcance de todos: «O Senhor disse a Moisés: "Fala a toda a assembleia dos filhos de Israel e diz-lhes: Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo"» (Lv19,1-2). A vida consagrada, matrimonial, e sacerdotal é vocação à santidade de vida. A vivência, em profundidade, de cada uma destas opções de vida torna aqueles que as abraçam em liberdade participantes da santidade de Deus. E aqui a Virgem Maria é exemplo e modelo para todos os cristãos. Ela foi mãe esmerada e esposa fiel, foi Virgem fecunda que consagrou a Sua vida às coisas do Pai, foi a Virgem sacerdotal que ofereceu o Seu próprio Filho para redenção do mundo. Por isso, a Virgem Maria precede-nos e é para nós garantia de que a santidade está ao nosso alcance, é um dom que Deus nos oferece todos os dias. Só precisamos de cooperar com Ele para que a Sua obra se realize e se torne visível, em nós, para o mundo inteiro.

Formamos um só Corpo (Ef 4,4)

Nuno Manuel Santos Almeida

Introdução

As palavras de Nossa Senhora em Fátima e os textos do Concílio Vaticano II apontam-nos, decididamente, para o primado de Deus, para o mistério do Seu Amor Trinitário a ser adorado, ou seja, a ser acolhido totalmente pelo coração dos homens e mulheres, pela Igreja, pelas famílias e pela sociedade.

Tanto a Mensagem de Fátima como a do Concílio são conforto, consolação e antídoto contra a indiferença e resignação perante a banalidade e a fatalidade do mal, apresentando uma Igreja, sem medo, no coração do mundo e o mundo no coração da Igreja. A contemplação do Mistério Trinitário desafia ao empenho por uma Igreja bela, verdadeira casa de família, sensível, fraterna, acolhedora e sempre apressadamente a caminho (Lc 1,39); Igreja como mãe "comovida" com as dores e alegrias dos seus filhos e filhas, a quem deve fazer chegar e saber envolver na mais simples e comovente notícia do amor de Deus.

Não é, certamente, por acaso que o último capítulo da *Lumen Gentium*, a Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, seja sobre Maria, a Mãe do Senhor.

«A visão mariana da Igreja e a visão eclesial de Maria reconduzem a Cristo e ao Deus trinitário, porque aqui se manifesta o que significa santidade, o que é a morada de Deus no homem e no mundo, como devemos compreender em perspectiva "escatológica" a Igreja. Assim, somente o capítulo de Maria leva ao cumprimento a eclesiologia

conciliar e nos reconduz ao seu ponto de partida cristológico e trinitário»¹.

Tendo em conta estas afirmações, julgamos não ser abusivo tentar entrelaçar a Mensagem de Fátima e a do Concílio Vaticano II no que respeita à Igreja. Ambas recordam que a vida da Igreja é marcada pela conversão constante ao Evangelho e pela peregrinação. Ambas são do género “profecia em devir”² ou “profecia evenencial”, que se vai realizando, e que nós vamos compreendendo na medida em que se realiza, em que acontece. Convém, portanto, estarmos prevenidos para não nos confrontarmos com estes dois acontecimentos como algo que está atrás de nós, mas sim diante de nós, a atrair-nos, com esperança para o futuro.

São muitos os obstáculos que a cultura atual coloca à fé. O ambiente cultural em que vivemos é caracterizado quer pela opulência das razões humanas, quer pela magia do dispositivo mediático, quer ainda pela rotina do religioso herdado. Os homens e mulheres aprenderam a viver sem Deus nas nossas sociedades, como tinham aprendido a viver com Ele nas gerações mais antigas. Viver sem Deus é fácil, nos tempos que correm: há pão, há bem-estar, há dinheiro, há abundância. Sente-se fortemente, e cada vez mais, o fascínio da autossalvação, sem recurso ao outro lado do mundo que nunca se viu, tentando ser adultos e autónomos. No máximo, descobrimos a necessidade dos outros e sentimo-nos simplesmente homens e mulheres ao lado de outros homens e mulheres.

Mergulhados numa época em que dominam a tecnologia e o racionalismo, também nós podemos ser submetidos à tentação de andarmos à procura de fórmulas mágicas, de soluções eficazes e rápidas, esquecendo a grande novidade da vida da Igreja: aquela “comunhão” (*koinonia*) que na reciprocidade do dom e do acolhimento “contém” o próprio Deus, porque vem do Alto e é participação na vida divina.

1. J. RATZINGER, *L'ecclesiologia della Costituzione Lumen Gentium*, in “Nuova Umanità” 3-4 (2000), p. 406 (383-407).

2. Cf. A. MARTO, *Fátima para o Século XXI, ou o significado permanente de Fátima*, in “Communio”, 1 (2008), p.55 (pp. 55-58).

«Não nos move a esperança ingénua de que possa haver uma fórmula mágica para os grandes desafios do nosso tempo; não será uma fórmula a salvar-nos, mas uma Pessoa, e a certeza que Ela nos infunde: Eu estarei convosco!»³

Mas será possível experimentar e testemunhar esta “comunhão”, que nos faz “um só corpo”, sem uma atitude consciente e constante de contemplação e de adoração do mistério amoroso de Deus?

1. A Mensagem de Fátima no horizonte de fé cristológica e trinitária

Num horizonte de fé cristológica e trinitária, a Mensagem de Fátima na sua totalidade consta de três ciclos: o ciclo angélico (aparições do anjo – 1916), o ciclo mariano (aparições de Nossa Senhora de 13 de maio a 13 de outubro de 1917) e o ciclo do Coração de Maria (aparições de Pontevedra – 1925-1926 e de Tuy – 1929).

A última aparição, em Tuy, remata e sintetiza toda a mensagem nessa visão deslumbrante que compendia num só e único olhar o mistério da Trindade, o sacrifício redentor da Cruz, o sacrifício eucarístico e a presença e participação singular de Maria sob a cruz, com o Seu Coração Imaculado em todo este mistério da salvação do mundo. Escreve Lúcia:

«Eu tinha pedido e obtido licença das minhas superiores e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente, iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao teto. Em uma luz mais clara, via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre

3. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI), Braga, A.O., 2001, n. 29.

o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um Cálice e uma Hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálice. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora (“era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda,... sem espada, nem rosas, mas com uma coroa de espinhos e chamas...”), com o Seu Imaculado Coração... Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, com se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: “Graça e Misericórdia”. Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar»⁴.

Trata-se de uma síntese plástica da teologia trinitária: o Pai que entrega o Filho para ser solidário com os homens, e sofre na dor do seu amor; o Filho que se entrega a si próprio totalmente pela multidão dos irmãos; a pomba do Espírito de Amor que sustenta o Filho na sua entrega e que, por sua vez, é entregue pelo Filho à humanidade como dom do seu amor sofredor. É este mistério de amor e de dor que celebramos na Eucaristia e que a gera. É este mistério de dor e amor que alimenta a Igreja, e através da Igreja, a Humanidade: Graça e Misericórdia, Graça do Amor misericordioso, síntese da Mensagem de Fátima e da revelação do Deus compassivo que, no Seu Amor Trinitário, se inclina sobre todos os sofrimentos humanos, sobre a humanidade para lhe fazer sentir toda a Sua ternura, para Se manifestar como Pai amoroso de toda a criatura.

Fátima apresenta-se como um sinal de Deus para a nossa geração, uma palavra profética para o nosso tempo, uma intervenção divina na história da humanidade mediante o rosto materno de Maria.

No centro da Mensagem de Fátima está, permanente e veementemente, um convite a reconduzir a adoração de Deus para o centro da vida da Igreja e do mundo. No início do século XX, o confronto era, sobretudo,

4. *Memórias da Irmã Lúcia*, 3.ª Ed., Fátima, Postulação, 1978, pp. 181-182.

com o ateísmo militante, que procurava erradicar Deus da consciência e da sociedade. Hoje, deparamo-nos com a indiferença religiosa, com o niilismo, com o vazio da fé e da esperança. Trata-se do mesmo desafio de descobrir o gosto de Deus e da beleza do Amor Trinitário, a dimensão mística da fé, num clima de eclipse cultural de Deus, de ocultamento de Deus nas consciências e na cultura. A Mensagem de Fátima é portanto advertência e, ao mesmo tempo, consolação da esperança teológica: o mal é vencido pelo amor trinitário, revelado na cruz e ressurreição de Jesus, e pelo amor de Maria por nós.

2. O rosto materno da Igreja

Algumas décadas depois das aparições de Nossa Senhora em Fátima e Tuy, o Concílio, ousada e decididamente, convidou todos a contemplar Deus Trindade de Amor, pois «o Vaticano II queria claramente inserir e subordinar o discurso da Igreja ao discurso de Deus, desejava propor uma ecclesiologia no sentido propriamente teo-lógico»⁵. A Santíssima Trindade é apresentada como a origem (a Igreja recebe-se como dom e mistério de comunhão), modelo (a Igreja constrói-se, vivendo o amor recíproco ou trinitário) e pátria (Igreja incómoda, inquietante, livre e serva, ocupada e disponível) da Igreja.

O êxodo ou a “saída” da Igreja é o resultado de outro êxodo: o de um Deus trinitário, que sai de si mesmo para Se comunicar ao homem e o reconciliar consigo. A Igreja, povo de peregrinos, vai “para outro lugar”, porque vem “de outro lugar”: ela não é fruto da “carne e do sangue”, não é flor brotada da terra, mas, antes de tudo, é dom do alto, fruto da iniciativa divina. A Igreja não se inventa nem se produz, mas recebe-se. Não é o resultado somente do esforço do homem, mas oferta gratuita de uma graça, que não é nem merecida nem previsível. É fruto do Espírito!

5. J. RATZINGER, *L'eccelesologia della Costituzione Lumen Gentium*, in “Nuova Umanità” 3-4 (2000), p.385 (pp. 383-407).

2.1. Igreja Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo

A Igreja é o Corpo de Cristo⁶. Foi Ele que a fundou, “a cria e sustém”⁷ em cada momento da História. A Igreja tem muitos membros, mas formam “um só corpo” (cf. 1 Co 12, 12), unidos à Cabeça, em que a diversidade deve transformar-se em unidade. A Igreja é dom de Cristo à humanidade. Cristo vive na Igreja como “*seu Esposo*” (LG 6), numa unidade muito intensa, mas que não anula a distinção. O conceito de “Corpo de Cristo” destaca “a unidade dentro da multiplicidade, indicando sobretudo o princípio e a fonte dessa ‘unidade’: Cristo”⁸. Há um vínculo íntimo entre Cristo e a Igreja; Cristo é Senhor da Igreja e a fonte da sua vida. A ideia de *corpo* serve sobretudo para apresentar a relação dos membros da Igreja entre si e compreende-se como tal na Ceia Eucarística (cf. 1 Coríntos e Romanos), realizando assim o mistério esponsal. Por fim, aparece uma estreita identidade entre Cristo e o seu Corpo eclesial (cf. Efésios e Colossenses). Em suma, a Igreja Corpo de Cristo alimenta-se das relações pessoais concretas de fé e de caridade dos discípulos com o Senhor Jesus e entre eles mesmos. “A Cabeça e o corpo formam o Cristo na sua integridade”⁹, que Santo Agostinho chamava o “Cristo total”.

A Igreja é o templo santo, «representado pelos santuários de pedra» (LG 6). A Igreja como conjunto das pessoas habitadas pela Trindade é também ela o Templo da Trindade. A imagem do Templo realça a participação dos cristãos na santidade de Deus. «Esta construção recebe vários nomes: casa de Deus (1 Tm 3,15), na qual habita a Sua “família”; habitação de Deus no Espírito (cf. Ef 2, 19-22); tabernáculo de Deus com os homens (Ap 21,3); e sobretudo “templo” santo» (LG 6).

O Espírito Santo aparece como construtor da Igreja, como sua força divinizadora, purificadora e unificadora, segundo se constata na “explosão

6. Só no 1.º capítulo da LG aparece mais de 10 vezes a expressão “corpo” referida à Igreja.

7. J. RÄTZINGER, *I movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica* in P. C. LAICIS, *I movimenti nella Chiesa*, Vaticano, Tip. Vat., 1999, p.28.

8. JOÃO PAULO II, *Catequeses sobre o Credo* (CC), (audiências gerais 1985-2000), IV, 15, 2, 92.

9. JOÃO PAULO II, Exortação Pós-sinodal *Christifideles Laici* (ChL), Porto, Perpétuo Socorro, 1989, n.º 14.

inicial" do dia de Pentecostes: um acontecimento continuado. Ele «habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19)» (LG 4).

A eclesiologia proposta pelo Vaticano II, particularmente na *Lumen Gentium*, é simultaneamente cristológica e pneumatológica. O Espírito Santo é o elemento vivificador da Igreja, numa união dinâmica com ela (LG 8 a), elevando-a a sinal eficaz da graça de Cristo para a união dos homens com Deus e união da comunidade humana em Cristo Mediador (LG 1,9 c). Em linguagem simples, poderíamos dizer que é o Espírito Santo que nos faz passar do dom ao dar, do perdão ao perdoar, do amor ao amar.

A Igreja é o sinal e o instrumento através do qual o próprio Jesus Cristo se torna presente para os homens e mulheres de todos os tempos e lugares, para os fazer participar na vida de comunhão trinitária que Ele mesmo trouxe à terra.

2.2. Carismas: unidade na diversidade

O Concílio afirma que os carismas devem ser recebidos em ação de graças, por serem «muito úteis às necessidades da Igreja» (LG 12). Os carismas precisam, no entanto, do discernimento dos que presidem à Igreja (Papa e Bispos), «aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom» (LG 12). A medida de juízo é o amor recíproco e os chamados "critérios de eclesialidade"¹⁰.

A diversidade dos carismas e dos ministérios orienta-se para a unidade de todo o corpo. Por isso, todos têm o dever de procurar a unidade, que é dom, mas, ao mesmo tempo, tarefa constante. A unidade não é uniformidade estagnante nem uma diversidade que se absolutiza, mas distinção que se harmoniza na caridade humilde e confiante e em que o preconceito dá lugar à abertura.

10. Cf. ChL, n.º 30: Santidade, profissão de fé, testemunho de comunhão, apostolado, presença na sociedade.

A própria função pastoral consiste principalmente no serviço da unidade, isto é, em assegurar a união de todos no Corpo de Cristo, que é a Igreja¹¹. De facto, «não há um contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática. Ambas são coessenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus»¹². A unidade não é mera absorção de uma dimensão por outra, mas é diálogo e caminho, realizado por vezes com esforço, na certeza de que é a única forma de realizar a unidade pedida por Jesus, fruto de uma comunicação constante em reciprocidade e verdadeira caridade.

Podemos falar de duas dimensões da unidade: a institucional ou exterior (petrina) e a carismática ou interior (mariana), que representam respetivamente a organização e o amor. E, embora a dimensão mariana preceda a petrina, ambas são complementares uma da outra, pois «a Igreja é conjuntamente mariana e apostólico-petrina»¹³. É preciso, neste sentido, uma pastoral que «promova uma cordial colaboração entre todos os fiéis a as suas associações»¹⁴.

2.3. Solidariedade entre os membros do Corpo Místico

Passados cinquenta anos, a dinâmica conciliar suscitou muitas estruturas de comunhão, incentivou atividades, mobilizou pessoas. Quanto esforço, quanta dedicação generosa, quanta sementeira...! Mas temos a sensação de que, frequentemente, falta algo de essencial. É como ter todos os ingredientes para preparar uma boa refeição e faltar o fogo. Falta, muitas vezes, o fogo que Jesus veio trazer e que quer que se acenda na terra, também hoje; o fogo do mandamento que Ele chamou Seu e Novo: amai-vos mutuamente como Eu vos amei! Falta uma verdadeira conversão ao

11. Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, Lisboa, Secret. Geral do Episcopado/Rei dos Livros, 1992, n.º 16. Cf. CC IV, 59, 1, 317.

12. JOÃO PAULO II, "Messaggio" in P. C. LAICIS, *I movimenti nella Chiesa*, p.18. Uma vez que a Igreja tem uma configuração que corresponde à vontade fundadora de Jesus Cristo, a pergunta deverá ser: "Como contribuir para a unidade de uma Igreja que é simultaneamente ministerial e carismática"?

13. JOÃO PAULO II, *Mulieris Dignitatem*, n.º 27. Cf. Catecismo da Igreja Católica, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2000, n.º 773.

14. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, *Ecclesia in Europa (EEur)*, Lisboa, Paulinas, 2003, n.º 28.

Evangelho de que falou Nossa Senhora aos Pastorinhos e falta colocarmos-nos em marcha, num caminho comum, marcado pela adoração e pelo serviço, pelo permanecer sempre na mais alta contemplação e caminhar ao lado de cada um. Só assim podemos dizer, sentir e testemunhar com verdade que «formamos um só Corpo» (Ef 4,4).

Constatamos que na Igreja são possíveis dois extremos e ambos se chamam egoísmos. Verificam-se, respetivamente, quando *cada um* (indivíduo ou grupo) ou quando um só pretende ser tudo. Neste último caso, o vínculo da unidade é tão apertado e o amor tão sufocante que não se pode evitar extingui-lo; no primeiro caso, tudo é tão desconexo e frio que o gelo é insuportável. Um destes egoísmos gera o outro. Mas nem *um* só nem *cada um* pode ser o todo. Só todos constituem o todo e só a união de todos forma uma totalidade.

Mas o que realmente se pretende é um modo comunitário de viver e de trabalhar pastoralmente, pois a Mensagem de Fátima, o Concílio Vaticano II e as circunstâncias em que vivemos exigem uma pastoral comum, unida, estável, criativa, dinâmica e dialogante no que respeita à missão a desenvolver num determinado território.

2.4. A comunhão dos Santos

A comunhão que somos chamados a viver aqui na terra, de forma imperfeita, realiza-se em plenitude na glória celeste. Do mistério pascal de Cristo brota toda a comunhão na dimensão presente da vida e também na dimensão futura. Por um lado, a comunhão dos santos significa a união dos cristãos na Igreja, mas também a ligação com os que já estão na outra dimensão da vida. A Igreja abarca, «no vínculo da comunhão dos santos, além dos fiéis que na terra seguem a Cristo pelo caminho do Evangelho, aqueles que completam a sua purificação no purgatório e os santos do céu»¹⁵.

15. CC IV, 2, 9, 28.

Falar da comunhão dos santos significa que a Igreja está a caminho da pátria, da completa participação na vida trinitária. «E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, mas antes, segundo a fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais» (LG 49).

A orientação para o mundo futuro é essencial para a Igreja. Sabe que está rodeada pelas realidades visíveis, mas com vista ao Reino eterno invisível, que já realiza misteriosamente e a cuja plena manifestação ardentemente aspira.

Conclusão

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja acolheu, mesmo se, por vezes, com sofrimento, o desafio de se repensar e reconfigurar segundo a graça e o projeto de Jesus para o nosso tempo, ou seja, em conformidade com o seu "mistério" que se manifesta no desígnio salvífico universal de Deus. Sem lançar fora o que é essencial, mas saindo do porto seguro e protegido em que, durante séculos, estava atracada e, com coragem e ousadia, assumindo o risco do mar aberto, das velas desfraldadas ao vento do Espírito: "*Duc in altum!*" (Faz-te ao largo!), exortava João Paulo II; urge uma "Igreja sempre de saída", desafia o Papa Francisco, no *Evangelho da Alegria*.

Porque é longo o caminho que há a percorrer, talvez se possa aplicar o que afirmava Teilhard de Chardin: «O que está para vir é melhor do que qualquer passado», pois a fé cristã é a fé do "infinitamente futuro"; mas um futuro que não pode ser esperado passiva, preguiçosa ou desleixadamente, deve, sim, ser construído e reconstruído dia a dia, nas ideias e sobretudo nos factos, com a disposição de fazer toda a nossa parte, não tendo receio de sofrermos por amor até ao fim (sentido da reparação).

O Ressuscitado precede-nos, estava, está e estará sempre presente, opera, não só na Igreja, mas no mundo. Ele já fez suas todas as dificuldades que podemos encontrar, em nós e na nossa Igreja, no nosso mundo, os

problemas que encontramos nos ambientes de trabalho, nas paróquias, nas contradições e dramas da sociedade. Em qualquer realidade, mesmo obscura, está já lançada a semente da Ressurreição. Nós cristãos somos chamados a ser cada vez mais, pessoal e comunitariamente, testemunhas de Jesus ressuscitado em nós e entre nós.

A Igreja está no mundo ao serviço do Reino de Deus, qual sentinela que escuta os ruídos da noite, que se apercebe também dos clarões da aurora e que sabe chamar pelo nome os caminhos do futuro. Como qualquer sentinela, não inventa nem imagina os ataques, mas prepara-se para eles e sabe distingui-los. Vê ao longe, por certos indícios, mas não cria fantasmas que só trazem dificuldade, medo e desânimo.

A índole contemplativa do ser e do agir eclesial não pode significar uma fuga do mundo ou medo de empenhar-se nele. Não existe situação dolorosa da qual a Igreja possa sentir-se excluída: a sua obrigação é tornar-se presente através de uma realidade que não é nem forçada, nem supletiva.

Nos acontecimentos e na Mensagem de Fátima, bem como no Concílio Vaticano II, Maria apresenta-se como modelo do crente por ser a primeira e a melhor discípula de Cristo. É chamada «modelo de virtudes» (LG 65), é mestra de comunhão no sentido de que nos faz entrar numa «comunhão mais íntima com Cristo e com o Espírito Santo»¹⁶. Promove a união com Deus, inicia à experiência da vida trinitária (recordem-se as orações que ensina aos Pastorinhos) e propõe ainda «caminhos da unidade e da paz entre todos os homens e mulheres de boa vontade»¹⁷. Maria é “mãe e modelo” e verdadeira “Mãe da unidade da Igreja”¹⁸. Como e com ela, a Igreja é chamada, no século XXI, pelo amor recíproco, a dar visibilidade a Jesus Ressuscitado no seio da humanidade.

16. CC V, 5, 1, 34. Cf. CC V, 57, 5, 215.

17. CC V, 6, 7, 41.

18. *EEuc*, n.º 53. Cf. CC IV, 22, 9, 129.

Como Maria, a Igreja do século XXI, formando um só corpo, é chamada, através da vida do amor recíproco, a dar visibilidade a Jesus Ressuscitado no seio da humanidade.

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor

Joaquim Félix de Carvalho

Partimos de uma bem-aventurança. Poderia haver melhor partida? Fosse qual a imaginássemos, esta abrirá a nossa liberdade à plenitude da vida cristã. Oferecida em sinal sacramental, é-nos endereçada por convite: «Felizes os convidados para a Ceia do Senhor». É a fórmula com que, na sequência dos ritos da Comunhão, os concelebrantes, fiéis e ministros, são convidados a participar nos dons eucarísticos.

O alcance desta 'ampliação', *introduzida no ordo missae do Missal Romano* reformado na sequência do Concílio Vaticano II, concentra significados no quadro da espiritualidade litúrgica que, não obstante a perceptível finalidade de preparação imediata para a Comunhão, nem sempre resultam acessíveis e claros. Isto sucede por vários motivos. Entre eles, há dois que, em nosso entender, serão os mais determinantes: por um lado, a falta de informação relativa à evolução ritual; e, por outro, as indecisões na explicitação textual da fonte bíblica que lhe está na raiz.

Procuremos pois compreender a amplitude semântica desta bem-aventurança para que, ilustrada a sua espiritualidade, participemos mais conscientemente no rito central da Eucaristia. O itinerário que propomos segue os passos da mistagogia litúrgica. Embora recorrente no discurso teológico, nem sempre é praticada de modo correto. Por isso, para evitar equívocos, apresentamos, de início, o método, e, de seguida, aplicamo-lo na sua sequência processual à fórmula litúrgica em estudo, no respetivo enquadramento ritual.

Mistagogia

Vários especialistas constataam falta de clareza quanto à noção de *mistagogia* (cf., p.e.: Ph. DE ROTEN, «Le vocabulaire mystagogique de Saint Jean Chrysostome», in A.-M. TRIACCA – A. PISTOIA (edd.), *Mystagogie: pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne* (BELS 70), Roma 1993, 115; E. MAZZA, *La mistagogia. Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo* (BELS 46), Roma 2^a1996, 11). Tal imprecisão influencia negativamente quer a compreensão, quer a praxis pastoral da mesma, sobretudo no que respeita à iniciação cristã, onde lhe é atribuído um tempo específico. Por conseguinte, não são de estranhar perguntas como as que se seguem: Em que consiste a *mistagogia*? Dirá respeito só à celebração dos sacramentos da iniciação cristã? Qual é o seu método? Pressuporá uma compreensão mistérica da liturgia? As perguntas poderiam multiplicar-se, mas estas são suficientes para introduzir e esclarecer a questão de fundo e as principais dúvidas de foro pastoral.

Ao longo da história da Igreja, várias foram as teologias para interpretar os sacramentos; uma delas foi a mistagogia. Algum do vocabulário persiste ainda, mas com significados novos. Daí a atenção redobrada, para evitar equívocos hermenêuticos. Relativamente à *mistagogia*, termo técnico que conservamos, pode dizer-se que começou por ser uma explicação, de natureza teológica, dos sacramentos e de todos os ritos da sua celebração litúrgica. Bem sabemos como, desde os tempos apostólicos, sempre houve a preocupação por aprofundar o significado dos sacramentos. Foi contudo no século IV, que, num contexto especial para a Igreja, estas catequeses, ligadas aos sacramentos da iniciação cristã (antes e depois da sua celebração), atingiram a sua melhor expressão nas conhecidas catequeses e homilias mistagógicas. A sua geografia estende-se em torno do Mediterrâneo, e os mistagogos mais reconhecidos foram Santo Ambrósio de Milão, São Cirilo (ou, melhor, João) de Jerusalém, São João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e, já na transição para o século V,

Santo Agostinho de Hipona. Desconhece-se ainda por que este fenómeno atinge a melhor expressão, como género teológico-litúrgico, nos fins do século IV. Há quem sugira a hipótese, como Enrico Mazza, de a sua origem poder estar relacionada com o cânone 46 do Concílio de Laodiceia. Este período áureo acaba porém por desaparecer nos inícios do século V, mas as principais causas são conhecidas: entrada em massa de cristãos na Igreja, após a liberdade constantiniana; incremento do batismo de crianças, donde a dificuldade da sua preparação; debilidade da conversão e o medo das exigências batismais, que levam a requerer o batismo no fim da vida; entre outras.

O método usado pelos Padres da Igreja na teologia mistagógica é o da tipologia bíblica. Da análise às catequeses mistagógicas dos Padres acima referidos, Enrico Mazza surpreende-se com a seguinte conclusão: «O resultado a que cheguei deixou-me muito surpreendido, porque a mistagogia não é outra coisa que o método para interpretar a liturgia da iniciação cristã de modo que os vários ritos estejam em relação com os eventos da salvação descritos pela Escritura. Para fazer isto os Padres servem-se de um método comprovado: a tipologia bíblica, que era o modo normal de ler a Escritura. Esta relação é obtida numa dupla operação: a) descrever e interpretar os ritos; b) descrever e interpretar a Escritura. A mistagogia, portanto, não é outra coisa que a tipologia bíblica aplicada à liturgia; daqui se formou a teologia patrística dos sacramentos» (*La mistagogia. Le catechesi liturgiche*, 16-17). Para compreender melhor a operacionalização do método tipológico na mistagogia, vale a pena enunciar as cinco fases: 1) Descrição do rito litúrgico a explicar; 2) Do rito sobe-se à passagem bíblica (do AT ou NT) do evento de salvação; 3) Aprofundamento do significado salvífico do evento referido na Escritura; 4) Descida do evento salvífico ao rito litúrgico a ilustrar; 5) Aplicação da terminologia sacramental na relação entre o evento salvífico e o rito litúrgico (mistério, sacramento, figura, imagem, semelhança, tipo-antitipo, sombra-realidade, etc.).

Estas categorias inscrevem-se numa ontologia sacramental que, na relação evento-rito, preserva a *identidade na diferença*, através da *participação*. Porém, quando sucessivamente, numa linha de valorização do realismo sacramental, a teoria da *imitação* e da *semelhança* (que preservam a alteridade) evolui para a teoria da *presença* (mais preocupada com a imanência), acaba-se por cair naquilo que, ainda hoje, constituem dois enormes perigos: o *fisicismo* ou *realismo sacramental ingénuo* e o *alegorismo* de matriz didática (sobre esta evolução e suas principais consequências: cf. E. MAZZA, *La mistagogia. Le catechesi liturgiche*, 204).

Não obstante a evolução semântica da terminologia sacramental, a *mistagogia* continua atualmente a ser interpretada numa perspetiva teológica, porquanto se estima ser a melhor para preparar, celebrar e viver os sacramentos, em especial e por tradição, os da iniciação cristã. Hoje valoriza-se cada vez mais a articulação da experiência litúrgica com a vida crente, a partir de uma dinâmica mistagógica (a propósito desta articulação, cf. I. GAZZOLA – R. LACROIX, «Liturgie et vie chrétienne: une articulation en tension dans le «Rituel de l'initiation chrétienne des adultes», in *La Maison-Dieu* 273 (2013) 93-124; em particular as páginas 111-123).

Neste dinamismo, passamos a fazer a mistagogia do convite para a Comunhão, rito central da Eucaristia, sacramento maior da iniciação cristã.

Ritualidade litúrgica

Os ritos da Comunhão, como aliás todos os outros, evoluíram significativamente na última reforma do ordo *missae* segundo a liturgia romana. Convém ter isto presente para contextualizar o convite para a Comunhão sacramental. Conhecida a evolução, melhor se compreenderá quer a sua estruturação interna, quer, naquilo que agora interessa esclarecer, a forma de convocação para participar nos dons eucarísticos.

Em síntese, a sequência dos ritos da Comunhão no *ordo missae* antes de 1969 apresentava-se do seguinte modo:

1. *Pater noster*;
2. embolismo *Libera nos* do *Pater*, em silêncio, com per-
signação e beijo da patena;
3. fração da hóstia em duas partes e, de uma delas, o
destaque duma partícula para a *Commixtio*;
4. *Commixtio* acompanhada da fórmula *Pax + Domini +*
sit + sempre vobiscum, com a resposta do coro: *Et cum*
spiritu tuo;
5. *Agnus Dei* recitado três vezes, primeiro pelo presidente
e ministros e, depois, repetido em canto pelo coro;
6. oração pela paz dirigida a Jesus, implorada para o
sacerdote e a Igreja;
7. beijo da paz, do sacerdote ao diácono, e destes a todos
os ministros assistentes à volta do altar, com a fórmula
Pax tecum / R. Et cum spiritu tuo;
8. duas orações de preparação (apologias), a recitar em
privado, pelo sacerdote;
9. *Domine, non sum dignus*, repetida três vezes pelo
sacerdote; Comunhão do sacerdote sob as espécies do
Pão e do Vinho;
10. o *Confiteor* e, por três vezes, a fórmula *Domine, non*
sum dignus, a recitar pelos fiéis; a Comunhão dos fiéis,
normalmente sob a espécie Pão;
11. *Antífona ad communionem*;
12. *Ablutio*
13. *Postcommunio*. Todas estas ações rituais, desenvolvi-
das quanto à gestualidade, são meticulosamente des-
critas nas rubricas.

A ritualidade prevista no *Missal Romano* reformado, já na sua terceira edição típica, apresenta a seguinte sequência:

1. convite do sacerdote, com fórmulas à escolha, para a oração do *Pai nosso*, agora recitado ou cantado por todos;
2. embolismo *Livrai-nos de todo o mal*, em alta voz, concluído pela aclamação do povo: *Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre*;
3. introdução ao rito da paz com a fórmula *Senhor Jesus Cristo*, que disseste aos vossos *Apóstolos*; saudação do sacerdote *A paz do Senhor esteja sempre convosco* e resposta do povo *O amor de Cristo nos uniu*; gesto da paz, conforme as circunstâncias, entre todos os presentes;
4. fração da hóstia e, com fórmula presidencial em silêncio, a *immixtio*, enquanto se canta ou recita o *Cordeiro de Deus*;
5. oração preparatória do sacerdote (*entre duas ad libitum*), em silêncio, para a Comunhão;
6. apresentação da hóstia fracionada e convite para a Comunhão, em alta voz: *Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*; fórmula *Senhor, eu não sou digno*, dita uma só vez e de forma conjunta pelo sacerdote, ministros e fiéis;
7. Comunhão do sacerdote, com as breves fórmulas em silêncio para o Pão e o Vinho, e dos membros da assembleia sob uma ou as duas espécies; entretanto, canta-se um cântico de Comunhão ou, menos frequentemente, a antífona da Comunhão;
8. Ação de graças em silêncio, através de um cântico ou peça instrumental;
9. eventualmente, purificação dos vasos, com a fórmula *O que em nossa boca recebemos*;
10. Oração depois da Comunhão

Em apreciação de conjunto, verificamos que foram seguidos os princípios estabelecidos na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, em ordem a promover a participação ativa dos fiéis, numa fluência ritual pautada por um ritmo mais sóbrio. É neste sentido que se interpretam a eliminação das repetições e a reorganização de peças que, embora comuns, adotaram outras posições. Recordemos que a reforma se realizou segundo uma espiritualidade diferente daquela que esteve na origem do *Missal Romano* de 1570. O género literário é francamente diverso: enquanto este foi escrito em função do sacerdote (e, ao seu serviço, dos ministros assistentes), o missal reformado privilegia, em dinamismo ministerial e dialógico, toda a assembleia litúrgica.

Sem nos determos na totalidade das inovações inseridas pela reforma dos ritos de Comunhão, centremos a atenção na convocatória para participar nos dons eucarísticos, na sua articulação com o *Cordeiro de Deus e o Senhor, eu não sou digno*.

O *Coetus* responsável pela reforma desta parte da missa tinha consciência de que, com o tempo, esta secção da liturgia eucarística se desarticulou muito. Nele trabalharam, entre outros, V. Kennedy, B. de Gaiffier, B. Botte e J. P. de Jong, P. Jounel, T. Schnitzler. As soluções para a nova articulação dos ritos exigiram estudos demorados e só através de diversos esquemas se chegou à forma atual. No esquema de partida (*Schemata*, n.39), elaborado em 1964, foram elencadas as principais questões:

1. *Oratio Dominica*;
2. *Embolismus*;
3. *De Pace*;
4. *De cantu Agnus Dei*;
5. *De fractione panis deque immixtione*;

6. *De communionem*. O aprofundamento destas levou porém a que, na apresentação do primeiro esquema da missa, dita 'normativa', aos Padres do *Consilium* se abrisse o horizonte para outras questões, entre elas, a do anúncio da Comunhão com as palavras *Ecce Agnus Dei*.

Os membros do *Coetus* consideraram várias fórmulas de convite. Uma delas, aliás venerável, fazia parte dos ritos de Comunhão das Igrejas orientais: *Sancta sanctis*, à qual o povo respondia: *Unus sanctus* (cf. *Schemata*, n.16). No esquema 39, acabou por se rejeitar tal possibilidade em benefício da fórmula *Ecce Agnus Dei*, com a tríplice resposta do povo *Domine, non sum dignus*, como no missal precedente. Porém, no esquema 113, ao apresentar a estrutura da missa aos Padres do *Consilium*, retocaram a fórmula *Ecce Agnus Dei*, pospondo uma locução retirada do Apocalipse: «*Felizes os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro*» (Ap 19,9). Que se pretendia com tal 'ampliação'? Como veremos na iluminação bíblica, os Padres desejavam sublinhar o aspeto escatológico da Comunhão Eucarística.

A fórmula *Ecce Agnus Dei*, pela qual se optou, evidenciava a relação com o momento precedente, o *Agnus Dei*. Era uma mudança significativa. Porquê? Após a concentração do momento da paz (que, no missal anterior, sucedia em dois momentos), preferiu-se que este seguisse o embolismo do *Pater*. Por sua vez, a fração do Pão, acompanhada pelo *Agnus Dei*, deveria preceder imediatamente o convite para a Comunhão. Deste modo, o *Agnus Dei* recuperou a sua vocação original, de *confractorium*, ou seja, de cântico que acompanhava a fração, como atestam as mais antigas fontes, o *Liber Pontificalis* e o *Ordo Romanus I*. Alguns Padres ainda colocaram a hipótese de outros cânticos de *confractorium*, à semelhança do que se verifica no rito ambrosiano, mas a questão acabou por não ser debatida.

Se a fixação da fórmula não suscitou insuficiências, o Papa advertiu uma variante: no que respeita à última invocação do *Agnus Dei*, preferia que terminasse com *dona nobis pacem*, em vez de *miserere nobis*, como aparecia

nos esquemas precedentes. E prevaleceu a sua vontade (cf. *Schemata*, n.281). A origem de tal variante continua por apurar, mas, segundo os estudiosos Jungman (*Missarum Sollemnia*, II, 255-256) e Righetti (*Storia Liturgica*, III, 497-499), supõe-se que o *Agnus Dei* tenha acompanhado o *osculum pacis* ou, pelo menos em períodos calamitosos, fosse usado com esta invocação pela paz. Também pelo princípio de acomodação, compreende-se que, nas missas de defuntos, tenha assumido o final *dona eis pacem*. De qualquer das formas, a aceitação da vontade papal para a última invocação do *Agnus Dei* não desarticula a sequência ritual; antes, valoriza a ligação com o momento da paz, agora na sua dimensão mais interior, e liga-a à misericórdia. De facto, uma e outra andam sempre abraçadas.

Na resposta ao convite, preferiu-se valorizar, conforme se fundamenta no *esquema* 39, a dimensão comunitária, uma vez que a Comunhão constitui um único ato, tanto para o sacerdote como para os demais participantes. Além disso, para a harmonizar com a fórmula de Ap 19,9, os membros do *Coetus* propuseram, no *esquema* 113, que, em vez de *ut intras sub tectum meum*, texto bíblico à letra, se adotasse *ut acedam ad mensam tuam*. Sustentavam a mudança no facto de, também no uso litúrgico do texto bíblico Mt 8,8, desde há muito tempo se ter preferido a variante *anima mea*, e não como no texto evangélico *puer meus*. A proposta não passou na votação, prevalecendo deste modo a antiga fórmula. E, como tal, dizia-se três vezes. Contudo, por ocasião de uma missa celebrada na Capela Matilde, em janeiro de 1968, levantou-se a questão de a repetir. Reflexo disso, no *esquema* 271, propôs-se que a repetição fosse facultativa. A questão só ficou resolvida em definitivo, na XI reunião dos Padres do *Consilium*, na qual eles se pronunciaram a favor de se dizer uma única vez.

Para passarmos à iluminação bíblica da fórmula litúrgica em apreço, precisamos de referir que também o seu texto de base (Ap 19,9) foi subtilmente alterado no *ordo missae* da edição típica do missal, em relação ao *esquema* 113. Como assim? Retiraram-lhe «*nuptiarum*», «*das núpcias*». Pode parecer muitíssimo pouco, um genitivo, mas não é tão insignificante assim.

Iluminação bíblica

A fonte bíblica da bem-aventurança do convite para a Comunhão, como já referimos, é Ap 19,9: «Felizes os convidados para o banquete de núpcias do Cordeiro». Que convidados são estes? Em que consiste a sua felicidade? Banquete de núpcias do Cordeiro: – Mas, quem é o Cordeiro? E quem é a sua esposa? Quais são as circunstâncias deste banquete nupcial? Para responder às questões, a fim de interpretarmos melhor o convite para a Comunhão Eucarística, precisamos naturalmente de aceder ao texto bíblico.

O versículo acima transcrito faz parte do capítulo 19, que reúne uma série de cânticos de triunfo no céu. A sua tonalidade é de júbilo, aquele tom que Santo Agostinho bem definiu. Estão ligados ao capítulo 18, versículo 20: «Exultai por sua causa, ó céu, e vós, santos, apóstolos e profetas, pois julgando-a, Deus vos fez justiça». Julgando-a, ou seja, Babilónia, que cairá. A sua queda será, conforme o capítulo 18, lamentada pelos reis (vv.9-10) e mercadores da terra (vv. 11-17a), pelos pilotos, navegadores, marinheiros e quantos trabalham no mar (vv.17b-19). Com a grande pedra, que o Anjo poderoso atirou ao mar, profetiza-se entre outros desastres o eclipse da alegria nupcial: «a voz do esposo e da esposa em ti não mais se ouvirá» (v.23). As imagens de fundo provêm da profecia de Jeremias, agora porém aplicada a Babilónia: «Eu farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz de júbilo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, porque a terra tornar-se-á uma ruína» (Jr 7,34). E ainda: «Eis que vou fazer cessar neste lugar, aos vossos olhos e em vossos dias, o grito de júbilo e o grito de alegria, o grito do noivo e o grito da noiva» (Jr 16,9). A causa da destruição é, aliás, a mesma: a idolatria. Esta é a grande acusação feita pelo Anjo que anuncia, com voz poderosa, a queda da Babilónia: «'Caiu! Caiu Babilónia, a Grande! Tornou-se moradia de demónios, abrigo de todo o tipo de espíritos impuros, abrigo de todo o tipo de aves impuras e repelentes, porque ela embriagou as nações com o vinho do furor da sua prostituição; com ela se prostituíram os reis da terra, e os mercadores da terra se enriqueceram graças ao seu luxo desenfreado'» (Ap18,2-3).

O tom e os temas dos cânticos do capítulo 19 contrastam totalmente com as lamentações sobre a Babilónia. De facto, as lamentações dão lugar às aclamações, cujo rumor é comparado a numerosa multidão, ao fragor de águas torrenciais e ao ribombar de fortes trovões. São cânticos aleluiáticos. O primeiro e grande motivo de louvor é o julgamento da Babilónia feito por Deus: «'Aleluia! A salvação, a glória e o poder são do nosso Deus, porque seus julgamentos são verdadeiros e justos. Sim! Ele julgou a grande prostituta, que corrompeu a terra com a sua prostituição, e nela vingou o sangue dos seus servos!'» (vv.1-2). Abrem e fecham os cânticos aclamações litúrgicas, como as que os vinte e quatro anciãos e os quatro seres vivos, prostrados, dizem diante do trono: «'Amém, Aleluia!'» (v.4).

É deste trono que uma voz faz o primeiro dos convites: «'Dai louvores ao nosso Deus, vós todos, seus servos, e vós que o temeis, os pequenos e os grandes!'» (v.5). Acolhido o convite, logo se faz ouvir o cântico da grande multidão: «'Aleluia! Porque o Senhor, o Deus todo-poderoso passou a reinar! Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e a sua esposa já está pronta: concederam-lhe vestir-se com linho puro, resplandecente'» (vv.6-8).

Eis as núpcias do Cordeiro. Que núpcias são estas? O seu simbolismo há de ler-se no estabelecimento do Reino de Deus, descrito mais à frente no capítulo 21, a partir do versículo 9, onde um dos sete Anjos das sete taças, com as sete últimas pragas, faz o convite: «'Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro!'». E passa a descrever a Jerusalém messiânica (cf. v.10s), cujos traços são extraídos sobretudo de Ez 40-48. Quem é o Cordeiro, a lâmpada? É o Ressuscitado que, desde Jerusalém, irradia a sua luz e santidade (vv. 23-27).

A imagem das *núpcias* tem um enquadramento mais amplo. E convém apresentá-lo. Para o fazer de forma sintética, são suficientes os dados contidos na *Bíblia de Jerusalém*, nota b) de introdução ao livro do profeta Oseias: «Oseias, contudo é o primeiro a representar sob a imagem

da união conjugal as relações de Iahweh com o seu povo desde a aliança do Sinai, e a qualificar a traição idolátrica de Israel, não apenas de prostituição, mas de adultério. Depois dele o tema será retomado pelos profetas (Is 1,21; Jr 2,2;3,1; 3,6-12). Ezequiel desenvolve o tema em duas grandes alegorias (caps. 16 e 23). O Dêutero-Isaiás apresentará a restauração de Israel como a reconciliação com uma esposa infiel (Is 50,1;54,6-7, cf. Is 62,4-5). É necessário, também, ver as relações de Iahweh e de Israel expressas com imagens nupciais do Cântico dos Cânticos e do Sl 45. Finalmente, no NT, Jesus, representando a era messiânica como núpcias (Mt 22,1-14;25,1-13), e sobretudo revelando-se como o esposo (Mt 9,15, cf. Jo 3,29), mostra que a aliança nupcial entre Iahweh e seu povo realiza-se plenamente em sua pessoa. S. Paulo utilizará igualmente esse tema (2Cor 11,2; Ef 5,25-33; cf. 1Cor 6, 15-17), que será finalmente retomado pelo Apocalipse 21,2». Por enquanto, são notas suficientes, pois a entrada nos detalhes da apresentação da esposa e do esposo levar-nos-iam a desenvolvimentos maiores.

Passemos, então, ao segundo convite, que corresponde à fórmula do *ordo missae* de preparação dos comungantes. A voz faz ainda o pedido: «'Escreve: felizes os convidados para o banquete de núpcias do Cordeiro'» (v.19,9). Quem são os 'felizes convidados'? São os santos de toda a Igreja. Sim, a Igreja é convidada para as núpcias do Cordeiro. Este convite será melhor entendido se nos recordarmos da parábola do banquete nupcial, que Jesus conta aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus (cf. Mt 22,1-14). Não sendo apresentada em contexto nupcial, São Lucas apresenta uma versão paralela (cf. Lc 14,16-24). E, bem assim, não podemos esquecer o convite para o banquete preparado pela sabedoria hospitaleira (cf. Pr 9,1-6).

A este pedido, a voz acrescentou: «'Estas são as verdadeiras palavras de Deus'» (v.19,9). Eis porque o sacerdote, ao fazer o convite para a o banquete eucarístico, deveria reconhecer que tais palavras são de Deus e não suas. Mas esta e outras aplicações da iluminação bíblica à ritualidade litúrgica vão fazer-se de seguida.

Do evento salvífico ao rito litúrgico

Na versão portuguesa do *Missal Romano*, o convite para a Comunhão é feito do seguinte modo: «Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». Semelhante tradução não deixa de surpreender, uma vez que, na edição típica do *Missal Romano*, em latim portanto, aparece com a seguinte formulação: «*Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi. Beati qui ad cenam Agni vocati sunt*». Desconhecemos porque se tenha optado pela inversão. Do ponto de vista comunicacional, até pode resultar melhor. O sacerdote volta-se para a assembleia e, antes mesmo de elevar a hóstia sobre a patena ou sobre o cálice, dirige o convite de olhos postos nas pessoas. E, à elevação, ele e todos os presentes concentram o olhar nos dons eucarísticos.

Quanto à tradução de «*Agni*» por «Senhor», já não partilhamos da mesma percepção. Ainda que se tente justificar, pelo recurso às equivalências dinâmicas, que o «Senhor» é o «Cordeiro», parece-nos que a tradução peca por defeito. De facto, não se torna tão perceptível o alcance escatológico da eucaristia, razão pela qual foi proposta, no esquema 113 do *ordo missae*, a 'ampliação' extraída do Apocalipse, em detrimento de outras possibilidades. Sucede o mesmo noutros missais em línguas vernáculas, como no francês. O que leva, por exemplo, Lucien Deiss, na obra *La messe – Sa célébration expliquée*, a exprimir o seu lamento: «O nosso Missal não ousou retomar a imagem do 'festim das bodas do Cordeiro' e adapta o texto bíblico desta maneira 'Felizes os convidados para a Ceia do Senhor'. Reduz, portanto, o convite do Apocalipse à celebração eterna na presença de Deus, ao convite a ir comungar. É de lamentar tal adaptação». Lucien Deiss tenta, todavia, encontrar uma razão plausível para que se tenha preferido tal adaptação: «Poderá, no entanto, ser justificada se se tiver em conta que, para as nossas comunidades, pouco familiarizadas com o vocabulário e as imagens do Apocalipse, essa adaptação vem a ser indubitavelmente útil e até necessária. Note-se, finalmente, que as leituras do Lecionário (quinta-feira da 34.^a semana do Tempo Ordinário) e as do Ofício Divino

(5.º Domingo do Tempo Pascal) conservam a imagem do festim das bodas do Cordeiro, respeitando o texto do Apocalipse». Revemo-nos inteiramente nesta observação.

Poderia ainda advogar-se que, com tal adaptação, se evitaria repetir «Cordeiro», uma vez que comparece na frase sucessiva, cuja fonte é o testemunho de João Batista: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». Bem sabemos do significado pascal da apresentação de Cristo como Cordeiro de Deus. João Batista deve ter-se inspirado em Is 53,7: «Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro», cuja expressão é próxima de Jr 11,19. Ele terá tido ainda presente Is 53,4: «E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava». Em At 8,32 o v.7 de Is 53 é aplicado a Jesus. Não faltam, todavia, referências bíblicas onde isso sucede. Em 1Ped 1, 18-19 ela é explícita: «Pois sabeis que não foi por coisas perecíveis, isto é, com prata ou com ouro, que fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula». São Paulo e São João exploram, também, o seu significado pascal: cf. 1Cor 5,7; Jo 1,29; 19, 28-36. E só no Apocalipse são 28 as vezes em que Cristo aparece como Cordeiro pascal.

A liturgia acabou por unir estas duas imagens – Cordeiro servo e Cordeiro pascal – e apresentá-las nos ritos de Comunhão. Na liturgia bizantina, o Pão eucarístico destacado da prósfora, na forma de um cubo, denomina-se «Cordeiro». E, na liturgia siro-ocidental de São Tiago, o cântico de *confractorium*, isto é, da fração do Pão, possui o seguinte texto: «Vós sois Cristo Deus, cujo lado foi trespassado por nós no Gólgota em Jerusalém; vós sois o Cordeiro que tirais o pecado do mundo».

Se entendida a valorização do significado pascal do Cordeiro, nem por isso se deveria diminuir à dimensão escatológica da Eucaristia. Certo é que a insistência no «banquete de núpcias do Cordeiro» só vincaria,

até do ponto de vista pedagógico, a dimensão escatológica, admitindo a possível falta de familiaridade com as imagens do Apocalipse. Na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, o santo Papa João Paulo II, depois de comentar a última aclamação do povo *Vinde Senhor Jesus*, na sequência da confissão *Mistério da fé*, sublinha no n. 19 esta dimensão: «A tensão escatológica suscitada pela Eucaristia exprime e consolida a comunhão com a Igreja celeste. Não é por acaso que, nas Anáforas orientais e nas Orações Eucarísticas latinas, se lembra com veneração Maria sempre Virgem, Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, os anjos, os santos apóstolos, os gloriosos mártires e todos os santos. Trata-se de um aspeto da Eucaristia que merece ser assinalado: ao celebrarmos o sacrifício do Cordeiro unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que grita: 'A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro' (Ap 7,10). A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho». E, a propósito do banquete escatológico, Bento XVI escreve no n. 31 da Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*: «Com o dom de Si mesmo, (Cristo) inaugurou objetivamente o tempo escatológico. (...) Com o chamamento dos Doze – número que evoca as doze tribos de Israel – e o mandato que lhes confiou na Última Ceia, antes da sua paixão redentora, de celebrarem o seu memorial, Jesus manifestou que queria transferir, para a comunidade inteira por Ele fundada, a missão de ser, na história, sinal e instrumento da reunificação escatológica que n'Ele teve início. Por isso, em cada celebração eucarística, realiza-se sacramentalmente a unificação escatológica do povo de Deus. Para nós, o banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final, preanunciado pelos profetas (Is 25, 6-9) e descrito no Novo Testamento como 'as núpcias do Cordeiro' (Ap 19, 7-9) que se hão de celebrar na comunhão dos santos».

Há sacerdotes que, conhecendo a evolução do *ordo missae*, fazem o convite na formulação textual do Apocalipse: «Felizes os convidados para

o banquete de núpcias do Cordeiro». E, assim, até restituem o genitivo «*nuptiarum*» que o texto da edição típica suprimiu.

Conclusão

Depois deste itinerário textual, resulta claro que, no convite para a Comunhão, a sequência do *ordo missae* exige, do ponto de vista da *ars celebrandi*, uma disciplina fiel. Não se pode cantar o *Agnus Dei* durante outro momento que não o da fração do Pão. Nem, como por vezes sucede, suprimi-lo só porque o cântico da paz se prolongou. Quem romper a estreita ligação que existe entre o *Agnus Dei*, a proposição do convite para a Comunhão e a fórmula *Senhor, eu não sou digno*, com a respetiva ritualidade, destrói por completo os amplíssimos significados da liturgia eucarística: fere irremediavelmente a sua centralidade. Disso estamos persuadidos, sobretudo depois da iluminação bíblica das fórmulas litúrgicas, que permitiu aprofundar o significado salvífico dos eventos litúrgicos, no quadro de uma teologia sacramental.

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Não urdamos desculpas para recusar tão honroso convite. Participemos do grito do Esposo e da Esposa. Revistamo-nos de linho puro, resplandecente, como convém entrar no banquete de núpcias do Cordeiro. E participemos da mesa já preparada. Pois, «um sabor amargo colocou Eva na boca de seus filhos, Maria os criou entre carícias, dando-lhes terno Pão como alimento; e nenhum de seus filhos morre a não ser que sinta fastio deste Pão» (Prefácio da Assunção de Maria, de uma antiga anáfora mariana da liturgia galicana). Reconhecendo-nos indignos, agradeçamos e exclamemos como Teófilo de Alexandria: «Oh tremendo mistério! Oh inefável economia de salvação! Oh incompreensível condescendência! Oh insondável compaixão! O Criador oferece-se a si mesmo à criatura para ser saboreado» (*Homilia sobre a mística ceia*, PG 77,1017D).

As aparições do Anjo, mesmo em Tuy, deram à mensagem de Fátima uma dimensão profundamente eucarística. Tendo-a também presente na perspetiva escatológica, Marko Ivan Rupnik desenvolveu, com a sua equipa de artistas, para a nova igreja da Santíssima Trindade, agora basílica, o painel atrás do altar, a representar a paisagem apocalítica contemplada na visão do capítulo 22 do Apocalipse de São João, com o trono de Deus e do Cordeiro, ladeados por uma multidão de santos. À esquerda, aparece João Batista que apontou para Cristo como o Cordeiro de Deus. É o cenário ideal para ouvir interiormente a voz que fez os convites de Ap 19, em particular, o segundo: «Felizes os convidados para o banquete de núpcias do Cordeiro». Jamais esqueçamos o que ela acrescentou: «Estas são as verdadeiras palavras de Deus!» (v. 9).

Vigiai e Orai

Maria do Rosário Soveral

*Mais do que a sentinela espera pela aurora,
Israel espera pelo Senhor
porque nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção.*

Salmo 129,7

Vigiai e orai... A oração e a vigilância são atitudes que nascem no cristão a partir do seu seguimento de Jesus. Com efeito, nos Evangelhos a oração de Jesus tem um grande relevo: procurava os lugares desertos, durante a noite e de manhã cedo, (cf. Mt 14, 23; Mc 1, 35; 6, 46; Lc 5, 16). A oração de Jesus acompanha momentos importantes da sua vida: o Batismo recebido de João (Lc 3, 21-22); antes de escolher os Doze (Lc 6, 12- 13); na Transfiguração (Lc 9, 28-29); e na noite em que foi entregue «como de costume, dirigiu-se ao Monte das Oliveiras» (Lc 22, 39) e, antes de se distanciar dos discípulos, Jesus Cristo interpelou-os: «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil» (Mt 26, 41).

O apelo de Jesus Cristo à oração e à vigilância, nessa noite de pavor, angústia e tristeza até à morte vividos pelo Senhor (Mt 26, 38; Mc 14, 33-34; Lc 22, 44-46), permanece até hoje e acentua uma dimensão essencial na oração: o reconhecimento da fragilidade pessoal, da necessidade que se tem da graça de Deus, que não só se revela na brisa suave, como a Elias, no monte Horeb (1Rs 19, 9-17) como também no combate de Jacob com o anjo (Gn 52, 24- 30)¹.

1. Cf. LOUTH, Andrew – Oração. In *DICCIONÁRIO Crítico de Teologia*. Dir. Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1285.

A oração e a vigilância face à tentação são um apelo dramático à liberdade do homem para hoje e sempre se mudar a si mesmo, para transformar o mundo e alterar o curso da história².

1. A atualidade da Mensagem de Fátima: oração, vigilância e conversão

A Mensagem de Fátima, com o seu apelo à vigilância e à oração, mantém-se atual face à conflitualidade que, surgida no século XX, se mantém até hoje, repercutindo-se no sofrimento de toda a humanidade e num vasto martírio cristão como o revela o segredo de Fátima³, tão atual no século XXI.

Por outro lado, atualmente, a existência humana decorre numa sociedade febril, centrada no “fazer” e no “produzir”, e o homem tem sido conduzido à desvalorização da sua interioridade e da dimensão contemplativa, realidades que constituem o ser humano na sua globalidade⁴ porque a sede de transcendência e a busca do sentido da existência humana são um pulsar constante no homem.

Assim, a vigilância e a oração são atitudes proféticas que perscrutam os “sinais dos tempos” e anunciam os sinais da graça que irrompe, porque é Deus que vai ao encontro do homem, que nele espera, como diz o Salmo 129:

«Eu espero no Senhor! Sim, espero! A minha alma confia na sua palavra. A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que a sentinela para a aurora. Mais do que a sentinela espera pela aurora, Israel espera pelo Senhor porque nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção» (Sal 129, 5-7).

2. Cf. RATZINGER, Joseph – *Deus e o Mundo*. Coimbra: Tenacitas, 2005, p. 264.

3. Cf. *Ibidem*: «A visão mostra o penoso itinerário de um Bispo vestido de branco (que as próprias crianças identificaram com o Papa) em direção a uma colina coroada por uma cruz; o caminho atravessa uma cidade meio destruída. Bispos, sacerdotes, leigos e, finalmente o papa, são assassinados. Mas o sangue é recolhido pelos anjos e torna-se fecundo para o mundo. Pode ver-se no texto a visão abreviada e apresentada em imagens simbólicas da Igreja dos mártires do século XX; o professor Riccardi, responsável da comunidade de Santo Egidio, num livro sobre os mártires do nosso século que sucumbiram à mercê de vários regimes ditatoriais, mostra de forma impressionante a realidade aqui simbolizada».

4. Cf. ROVIRA BELLOSO, Josep – *Fe y cultura en nuestro tiempo*. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 45.

A Mensagem de Fátima, no seu apelo à vigilância, à oração e à conversão, proclama que o mundo necessita da graça e da misericórdia⁵ e de orantes que vigiem e anunciem novos céus e novas terras porque «os homens pertencem a um mundo novo, rumo ao qual caminham e que, na sua peregrinação é antecipado»⁶.

2. Oração e vida teologal

A oração é a personalização da vida teologal. Através dela articulam-se a Fé, a Esperança e a Caridade. Com efeito, como escreve São Paulo, «Cristo habita nos nossos corações pela fé» (Ef 3, 17), «Ele é a nossa esperança» (1 Tim 1, 1). Quanto ao amor, não há a mínima dúvida de que nos habita e é participação do amor de Cristo porque todos fomos chamados por Jesus Cristo ao amor. A Fé e o Amor condicionam-se e exigem mutuamente a Esperança que ultrapassa o momento presente e o determinismo possível, abrindo a Humanidade a um tempo novo⁷. Da correlação entre a Fé, o Amor e a Esperança decorre que a oração seja a expressão essencial destas virtudes: Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus este encontra a felicidade que procura sem descanso, como escreveu São João da Cruz: «Onde é que tu, Amado, te escondeste? É como se dissera: Verbo, Esposo meu, mostra-me o lugar onde estás escondido»⁸.

A oração ensinada pelo Anjo da Paz aos pastorinhos, na sua primeira aparição, em agosto de 1916 exprime essa correlação entre a Fé, a Esperança e a Caridade: «Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.»⁹. Nesta oração pede-se que Deus revele a cada pessoa a sua dimensão de pecado para que, com toda a humanidade pecadora,

5 . Cf. MARTO, António – *Eucaristia e Trindade: A dimensão eucarística na mensagem de Fátima*. In *Humanística e Teologia* 19 (1998) pp. 15-37.

6 . BENTO XVI – Carta Encíclica *Spe Salvi*. Lisboa: Paulus, 2007, n. 4.

7 . Cf. RATZINGER, Joseph – *Introducción al Cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 225.

8 . JOÃO DA CRUZ – Noite Escura. In *Obras Completas*. Fátima: Edição do Carmelo de S. José, 1977, p. 574.

manifeste na sua oração uma solidariedade salvífica com todos os homens. Está presente a dimensão mística da colaboração do homem na obra que Deus realiza no mundo e do seu projeto histórico-salvífico, o que o leva a dizer: «Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam»⁹.

3. Oração e discernimento: o encontro com o amor divino

A oração conduz à docilidade obediencial da fé pela qual o homem estabelece uma distância crítica em relação a situações, coisas e pessoas que lhe são caras, no desprendimento necessário para a oblação da sua vida a Deus. Gera-se, assim, uma íntima relação entre a oração e a realidade concreta quotidiana, por vezes dura, pessoal e comunitária.

A oração é também a aprendizagem de uma *ars bene vivendi*, percebida no discernimento orante pelo qual o homem encontra no seu quotidiano a epifania de Deus, a qual lhe permite olhar a realidade com um olhar novo e com a convicção de que encontra a vontade de Deus no encontro com o amor divino.

Para esse olhar é fundamental a liberdade espiritual, que brota de fé e conduz à abnegação cristã¹⁰, que reconduz o homem à obediência original que o pecado obscureceu e de que foi redimido por Jesus Cristo. Progressivamente, o cristão centra-se na pessoa de Jesus Cristo¹¹ porque a abnegação tem o seu fundamento teológico na *kenosis* de Cristo, na sua entrega como Filho de Deus e exprime o amor sem medida e a entrega total de Deus aos homens.

O cristão, escutando o chamamento de Cristo ao seu seguimento, responde-lhe com a sua vida, integrando a sua existência na dimensão redentora

9. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. 1, p. 105: «Os anjos que vimos primeiro exercitaram-nos na fé, na esperança e na caridade e o conteúdo de toda a mensagem é precisamente isso».

10. Cf. RAHNER, Karl – Sobre la teología de la abnegación. In *Escritos de Teología*. Madrid: Cristiandad, 2002, vol. 3, pp. 59-70; HAUSHERR, I. – Abnegation, renoncement, mortification. *Christus* 6 (1959) 182-195; MELLONI, J. – La abnegación, una alternativa para nuestro tiempo. *Manresa* 73 (2001), pp. 412- 423.

11. Cf. RATZINGER – *Introducción al Cristianismo*, p. 239.

e salvífica de Jesus Cristo¹². Por isso, o espírito sacrificial nada tem a ver com uma teologia redutora da expiação, que exige a imolação de uma vítima, para satisfação de um deus vingador¹³, mas está presente na maneira de olhar e viver diferentes etapas da vida humana – uma doença, uma morte inesperada, um fracasso – que apelam claramente à aceitação e à integração pessoal do mistério da Cruz de Jesus.

O desnível entre a finitude do homem e a sua esperança só em Deus transporta o ser humano ao abandono confiante ao Mistério de Deus.

Pelo abandono e pela abnegação o homem diz um “sim” a Deus, sem reservas. A Deus tudo pertence e ao homem é-lhe dada a liberdade para dizer “sim” ou “não”, para amar ou rejeitar. No seu “sim” o homem sai de si próprio, do isolamento do seu pequeno mundo e da sua crispação, e abre-se à solicitude pelos outros e ao Mistério de Deus, no qual é chamado a participar¹⁴. É configurado por uma dimensão sacrificial cujo princípio constitutivo não é a destruição do homem mas sim um princípio de amor que se abre a toda a humanidade¹⁵. Esse amor inclui também a fé, porque a fé e o amor se interrelacionam e exigem a esperança que supera cada momento presente, e ultrapassa qualquer determinismo possível¹⁶.

Assim, a oração conduz o cristão ao descentramento pessoal, fazendo-se cada vez mais disponível para a ação de Deus, numa entrega que se realiza totalmente na Cruz, por amor. Alimenta essa atitude o desejo de uma comunhão e de uma paz que envolvam toda a humanidade «para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra» (Ef 1, 10).

12. É nessa dimensão redentora que participam os pastorinhos, despertados para ela pelas palavras do anjo, na sua segunda aparição. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 63: «Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão os sofrimentos que o Senhor vos enviar».

13. Cf. MARTO – *Eucaristia e Trindade*, p. 34.

14. Cf. MELLONI – *La abnegación*, p. 420.

15. Cf. RATZINGER – *Introducción al Cristianismo*, p. 242.

16. IDEM – *Deus e o Mundo*, p. 264: “Como o demonstra claramente a coerência das três partes da mensagem [de Fátima] o apelo à penitência é central e põe em evidência que a história não se encontra submetida a um determinismo implacável, como se tudo estivesse escrito e definido, mas que uma história de liberdade está ainda por escrever: a penitência pode modificar aquela visão”.

4. Da vigilância à adoração

O homem, pela oração, é aquele que se ocupa sempre do mistério santo cujo horizonte dá sentido à existência humana e é um permanente desafio ao ser humano. Por isso, se, pela graça o homem acolhe a possibilidade da proximidade absoluta do mistério, acolhe também, humilde e amorosamente, a sua incompreensibilidade¹⁷.

O homem participa assim na intimidade e comunhão com o próprio Deus, o Deus verdadeiro, uno e trino que se revelou plenamente na humanidade de Jesus Cristo, oferecendo-nos o seu amor como doação de si próprio, porque «o mistério de Deus é o mistério do seu infinito amor»¹⁸. É esse amor trinitário que conduz à adoração como mostram as palavras do Anjo: «Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente»¹⁹.

A adoração exprime a intimidade e a comunhão na relação com Deus, que se manifesta na consolação sentida inexplicavelmente²⁰ e que engloba não só a oração como a maneira de viver do cristão. Com efeito, a oração não se pode separar de uma vida transformada pela adoração e que determina a sua orientação (Rom 12, 2), porque sempre caminhamos à beira da sarça-ardente²¹.

17. RAHNER, Karl – Sobre la posibilidad de la fe hoy. In *Escritos de Teología*, vol. 5, p. 14: «Porque, que diz propriamente o Cristianismo? Desde o início nada mais diz senão que o mistério permanece mistério eternamente; este mistério, enquanto infinito, enquanto incompreensível, enquanto indizível, chamado Deus, enquanto proximidade que se dá a si próprio na autocomunicação absoluta, que se comunica ao espírito humano».

18. LADARIA, L. – *El Dios vivo y verdadero: El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998, pp. 10-11.

19. Cf. MARTO, A. – *A beleza do rosto trinitário de Deus na Mensagem de Fátima*. Diocese de Leiria-Fátima, 2007, p. 22.

20. Cf. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 156: «A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa que quase não dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e tão íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar».

21. Cf. *Ibidem*, p. 40: Jacinta dizia: «Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lho digo muitas vezes parece que tenho lume no peito, mas não me queimo».

A participação no mistério santo suscita a consolação, a alegria interior que brotam do amor de Deus. Assim, Jacinta dirá: «Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro de mim! Compreendo o que me diz e não o vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!»²².

A adoração conduz a uma vivência unitiva da relação com Deus, em que o “dar” e o “comunicar” traduzem a plenitude do amor divino do qual o homem participa pelo dom do Espírito²³. Nessa participação espelha-se o modo divino de amar que consiste em comunicar e fazer o outro participante do próprio amor²⁴, numa dimensão trinitária que a Irmã Lúcia exprime referindo-se a Francisco: «O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma»²⁵.

A oração vigilante conduz à comunhão com Deus, na dimensão de comunhão dos santos, a qual é a negação do isolamento e da rutura e insere o homem numa comunidade salvífica, marcada por um vínculo de solidariedade²⁶ da qual nasce a inquietação do cristão pela salvação da humanidade²⁷.

A oração pode ser ação de graças, como o descobriu a Irmã Lúcia, escutando o conselho de um confessor: «Meu Deus, eu Vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido»²⁸; grito, súplica, intercessão: «Doce Coração de Maria, sede a minha salvação!»²⁹; ou pedido de perdão profundo, mas realiza-se sempre em Cristo e em Igreja porque na oração solitária ou comunitária Cristo e a Igreja estão sempre presentes.

22. *Ibidem*, p. 116.

23. Cf. LADARIA, L. – *La Trinidad, misterio de comunión*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2013, p. 123; RAHNER, K. – Amor. In *SACRAMENTUM Mundi: Enciclopedia Teologica*. Dir. Karl Rahner [et al.]. 3.ª ed. Barcelona: Herder, vol. 1, col. 124.

24. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 128: «Subimos para o cimo do penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos, e perguntei-lhe: – Mas que estás tu [Francisco] aqui a fazer há tanto tempo? – Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos Pecados. Se eu fosse capaz de lhe dar alegria!».

25. *Ibidem*, p. 131.

26. Cf. BALTHASAR, Hurs von – *Teodramática: Último Ato*. Madrid: Encuentro, 1997, vol. 5, pp. 470–471.

27. Narrando a última etapa de Jacinta, já perto da morte, a Irmã Lúcia cita palavras desta que mostram de que forma a sua oração e a sua vida experimentavam já a dimensão da comunhão dos santos. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 47: «Vou amar muito a Jesus, ao Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores e pelo Santo Padre, pelos meus Pais e irmãos, e por todas as pessoas que me têm pedido para pedir por elas».

28. *Ibidem*, p. 75.

29. *Ibidem*, p. 111.

Cristo e a Igreja estão presentes no Ofício Divino, na *lectio divina*, na recitação do Terço onde encontramos uma forma simplificada desta; com efeito, pela contemplação dos mistérios de Cristo, a Encarnação é compreendida na totalidade do seu mistério, da vida e morte de Cristo à sua ressurreição³⁰ e também na Oração de Jesus³¹, cujos traços encontramos na oração dos Pastorinhos, em Fátima, quer numa fase inicial quer posteriormente. Aliás, a Oração de Jesus não só se pode associar à oração do Terço como também à sucessão das invocações “Ave-Maria” e “Pai-Nosso” que os pastorinhos faziam inicialmente e à repetição da oração à Santíssima Trindade que o Anjo lhes ensinou³².

Nas mais variadas formas de oração o cristão faz a experiência cristológica e eclesial de um encontro interior e unificante com Deus, no seu mistério trinitário e numa dimensão eucarística: «Ó santíssima Trindade, eu Vos amo. Meu Deus! Meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento»³³.

5. Oração e sociedade atual: ecuménica, inter-religiosa e dialogal

À multiculturalidade da sociedade contemporânea corresponde um carácter ecuménico e plurirreligioso³⁴. Assim, o cristão tem que estar disposto a despojar-se do sentido de exclusividade ou superioridade na relação com Deus, porque «cada caminho espiritual é, por sua vez, semente e fruto de um modo de conceber Deus, o ser humano e o mundo»³⁵.

Portanto, a oração ecuménica e a oração inter-religiosa manifestam o desejo de comunhão e revelam a intervenção salvífica de Deus em espaços

30. Cf. MARTO, A. – *Esperança cristã e futuro do homem: Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II*. Porto, 1987, p. 65.

31. Cf. IDEM – *Eucaristia e Trindade*, p. 22. A oração de Jesus vem da tradição ortodoxa e caracteriza-se pela repetição de uma frase em que se invoca o nome de Jesus, tendo-se espalhado em todo o cristianismo, sobretudo na vida monástica, mas sendo usada por muitos leigos. Cf. ANONIME – *Récits d'un pèlerin russe*. Paris : Seuil, 1978 ; UN MOINE DE L'ÉGLISE D'ORIENT – *Prière de Jésus*. Paris: Seuil, 1974 ; CLEMENT, Olivier – *La Prière du cœur*. Paris : Seuil; Bellefontaine, 1977.

32. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 20: «O nome que melhor ecoava era o de Maria. A Jacinta dizia às vezes, assim a Ave-maria inteira, repetindo a palavra seguinte, só quando a precedente tinha acabado de ecoar».

33. *Ibidem*, p. 165.

34. Cf. MELLONI, Javier – *Los ciegos y el elefante: El diálogo interreligioso*. Barcelona: Eides, 1998, p. 2; IDEM – *El Uno en lo Múltiple*. Santander: Sal Terrae, 2003.

35. IDEM – *Los Ejercicios Espirituales y la tradición del Oriente*. Barcelona: Eides, 2004, p. 35.

cristãos ou religiosamente diversos do Cristianismo: na variedade das expressões religiosas há a procura da comunhão do homem com aquele que é Tudo em todos, sem exclusividade sincretismos e relativismos³⁶.

A oração ecuménica é um caminho que conduz à conversão dos corações e que nasce de um amor que tem a sua origem no desejo de unidade: Deus que é Trindade e fonte perfeita de comunhão, pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, suscita a comunhão entre pessoas, comunidades e entre os cristãos ainda separados³⁷.

É um facto que a sociedade atual se caracteriza pelo pluralismo, onde as diversas áreas do saber procuram, cada uma com os seus valores próprios, responder à vida e aos desejos humanos. Assim, o homem moderno vive em setores com valores próprios (a vida profissional, a vida familiar, o mundo cultural e religioso, o económico e político...), com interferências e conflitos, quando não com a procura de supremacia hegemónica de um ou outro.

Ao cristão de hoje impõe-se o desafio a um diálogo coerente com setores que não têm uma referência explícita à fé cristã, não sendo possível nem desejável a fuga alienante dessas realidades nem a crispação interna que constrói novos muros. Com efeito, os diferentes espaços onde a pessoa se move são suscetíveis de serem considerados como lugares de diálogo que encontra resposta no Evangelho contemplado.

6. Maria, ícone humano da oração

Maria, a Virgem Mãe, que tantos invocam como Nossa Senhora de Fátima, é aquela em quem se realizou a plenitude do seguimento,

36. Cf. ALEMANY, José Joaquín – Diálogo interreligioso. DICCIONARIO de *Espiritualidad Ignaciana*. Bilba: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2008, vol. 1, pp. 558-559.

37. Cf. JOÃO PAULO II – Carta Encíclica *Ut Unum sint*. Braga: Apostolado de Oração, 1995, nn. 21-27.

procurando fazer em tudo a vontade do Pai. Maria, medianeira e modelo exemplar, é a precursora da vigilância e da oblação que Cristo pede à sua Igreja e a cada um de nós.

Assim, Nossa Senhora é o modelo exemplar da esperança e da existência cristãs e é aquela que faz da sua vida um permanente ato de entrega confiante, no esquecimento de si própria, porque vive da fé na realização da promessa que nela acontece já em plenitude. Nela manifesta-se o ideal do homem absolutamente redimido, sem pecado, inteiramente santo, entregue totalmente a Deus³⁸, sendo Maria venerada como criatura santa e rosto materno do amor trinitário³⁹.

Na contemplação dos Mistérios do Terço, ao longo dos Evangelhos, Maria está presente desde a Anunciação até ao Pentecostes, silenciosa e discreta, mas atenta às preocupações humanas, como nas Bodas de Caná. Maria está presente ora perante a glória que se manifesta na adoração dos pastores e dos reis do Oriente, ora na dor que a profecia de Simeão já revela até aos pés da Cruz. É aos pés da Cruz que Maria se converte na Mãe daquele discípulo, João (Jo 19, 25-27), e na mãe de todos os discípulos, de todos nós.

Há em Maria a dimensão orante da oblação pela qual se entrega incondicionalmente ao plano salvífico de Deus. Maria entrega-se livremente, numa dimensão obediencial e abnegada ao Deus da Promessa, para a salvação de toda a humanidade. Pela recapitulação de todas as coisas em Cristo, o "sim" de Maria alcança uma plenitude que ultrapassa a dimensão universal para ter uma dimensão cósmica. Com efeito, o livro do Apocalipse (Ap 12, 1) refere-se em primeiro lugar à Igreja, na mulher vestida de sol, mas indiretamente a Maria.

38. Cf. FORTE, Bruno – *Maria, la mujer icono del misterio*. Salamanca: Sígueme, 2011, p. 112; LA POTTERIE, Ignace de – *Maria en el misterio de la alianza*. Madrid: B.A.C, 2005, p. 207.

39. Cf. MARTO, A. – *Fátima e a Modernidade: Profecia e Escatologia*. Viseu: Jornal da Beira, 2006, p. 45.

Conclusão

A fé é dom, mistério, é relação, e pela sua correlação com a esperança e a oração exprime, numa dimensão trinitária, que o homem é, constitutivamente um ser para a transcendência, na orientação permanente da sua vida para o amor pleno que é Deus.

Existindo no mundo, com toda a criação, o homem pode ser tentado a tomar esse mesmo mundo pela revelação definitiva de Deus. No entanto, não só vive num mundo que lhe foi dado como também o constrói, numa relação dialogal com Deus e num imperativo de missão, aos quais correspondem a solidariedade e a inquietação salvífica por toda a humanidade.

A oração alimenta a missão do homem, na sua cooperação com o projeto salvífico de Deus e é o alimento de todo aquele que opta pelo seguimento de Cristo, no abandono confiante a Deus, na vigilância da oração e na sua dimensão intercessora e salvífica.

A oração não encontra na sociedade atual terreno fácil, apesar da multiplicidade de realizações, encontros e grupos a ela dedicados, que exprimem o esforço da Igreja em reconduzir o homem de hoje ao seu desejo essencial: o encontro com Deus, numa comunhão com todos os homens.

É um facto que se manifestam na sociedade contemporânea sinais de um efetivo esforço pela construção da paz e da justiça, o que significa que a sociedade atual, marcada pela angústia experimenta também a urgência da esperança. A inquietação pela necessidade da paz, pelo sofrimento humano, pelo pecado e desequilíbrio do homem, a necessidade de conversão tão presente na Mensagem de Fátima, nas palavras de Nossa Senhora e no coração dos pastorinhos, deve suscitar a mesma inquietação na nossa oração, hoje.

Caminhando à beira da sarça-ardente, como Moisés, é importante que o cristão encontre na oração vigilante, abnegada e reparadora a força e

a consolação que o ajudem e encaminhem ao fim para que é destinado: a comunhão com Deus e a proclamação do «que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que as nossas mãos apalparam do Verbo da Vida – porque a Vida manifestou-se e nós a vimos e damos testemunho e vos anunciamos a Vida eterna» (1 Jo 1, 1-2).



PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA
DO TEMA DO ANO



Catequese para Adolescentes

Sandra Dantas

Objetivos

- Redescobrir o sentido de ser Igreja
- Perceber o que é mais importante para ser e construir a Igreja
- Ajudar os adolescentes a tomar consciência de que eles são Igreja

Materiais necessários

- Projetor;
- Computador;
- Filme: *O Milagre de Fátima* ou ligação à internet que permita ver no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=EebQaaLTbQE&hd=1>;
- Cartolinas A4 de cores variadas, tantas quantos os participantes;
- Lápis.

Breve palavra aos catequistas

«Igreja, em grego, diz-se *ekklesia* e significa “os convocados”. Todos nós, que somos batizados e cremos em Deus, somos convocados pelo Senhor. Juntos somos a Igreja. Cristo é, no dizer de S. Paulo, a “cabeça” da Igreja; nós somos o seu “corpo”».

«Quando celebramos os sacramentos e ouvimos a Palavra de Deus, Cristo está em nós e nós estamos n'Ele – isto é a Igreja. A Sagrada Escritura descreve a comunhão estreita, pessoal e vital de todos os batizados com Jesus através de metáforas sempre novas: ora fala do Povo de Deus, ora da esposa de Cristo; ora é chamada mãe, ora é a família de Deus ou comparada a um banquete nupcial. A Igreja nunca é uma simples instituição ou uma “igreja administrativa” que podemos pôr de lado. Podem escandalizar-nos os erros e os defeitos da Igreja, mas não nos podemos distanciar dela, porque Deus a escolheu irrevogavelmente e, apesar de todos os pecados, não se distancia dela. A Igreja é a presença de Deus na humanidade, pelo que a devemos amar» (*Youcat* n.º 121 ou p. 77).

É a partir desta certeza de que a Igreja somos cada um de nós juntamente com aqueles que estiveram nos seus inícios que, com esta catequese, queremos ajudar a criar nos adolescentes uma consciência de Igreja, para que eles possam amar a igreja a que pertencem e possam ser a Igreja que são chamados a ser. Ao mesmo tempo, é bom que reconheçam que não caminham sozinhos; têm uma comunidade que os acompanha na sua caminhada de fé e Maria por mãe.

CATEQUESE

Com Maria sou e construo a Igreja

A Igreja, como Jesus Cristo, tem a sua concepção, o seu nascimento, a infância, a adolescência e a maturidade. Em todas estas fases pode repetir-se: «E Maria Mãe de Jesus estava lá!» (Jo 2,1); esta frase do Evangelho diz bem o papel de Maria na Igreja. A Igreja nasce no Cenáculo no dia de Pentecostes. O Cenáculo é a Belém da Igreja. Aí estavam presentes os apóstolos. E Maria estava lá. A Igreja teve a sua infância no meio do povo judaico e pagão, cercada de morte pelos poderosos e pelos perseguidores; em luta com as debilidades humanas. Era preciso alguém que pregasse, encorajasse, iluminasse com a Palavra e com o exemplo.

Tratava-se dos primeiros passos desta comunidade que começava a sua marcha através dos séculos e das nações. E lá estava Maria.

Cântico - Maria, Queremos Amar-Te (Cd – *Vox Popoli*)

Ver um excerto do filme *O Milagre de Fátima* (com Diogo Morgado e Catarina Furtado. pode ser visto aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=EebQaaLTbQE&hd=1>), a começar em 1:20:37 até ao final.

Das Memórias da Ir. Lúcia - «Andando com as ovelhas, na companhia de Francisco e seu irmão João, num lugar chamado Valinhos, e sentindo que alguma coisa de sobrenatural se aproximava e nos envolvia, suspeitando que Nossa Senhora nos viesse a aparecer e tendo pena que a Jacinta ficasse sem A ver, pedimos a seu irmão João que a fosse a chamar. Como ele não queria ir, ofereci-lhe, para isso, dois vinténs e lá foi a correr. Entretanto, vi, com o Francisco, o reflexo da luz a que chamávamos relâmpago; e chegada a Jacinta, um instante depois, vimos Nossa Senhora sobre uma carrasqueira. – Que é que Vossemecê me quer? – Quero que continueis a ir à Cova de Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem. – Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova de Iria? – Façam dois andores: um, leva-o tu com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda duma capela que hão de mandar fazer. – Queria pedir-Lhe a cura dalguns doentes. – Sim; alguns curarei durante o ano. E tomando um aspeto mais triste: – Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas. E, como de costume, começou a elevar-se em direção ao nascente».

(Falar com os adolescentes, perguntando-lhes o que é que estas experiências têm em comum e se fazem sentido para eles.)

Animador - Em quase todas as aparições Nossa Senhora pede aos pastorinhos a perseverança em irem ao mesmo lugar e em rezarem o terço. A fé é feita também de perseverança e de ritos, que nos fazem cair na conta da presença do divino na nossa vida. Por que é que hoje em dia é difícil perseverar, ser constante? Quais são os rituais ou os ritos que te ajudam no teu dia a dia? E quais não te ajudam? Constrói a tua capela, não te esqueças de colocar no centro o principal! *(Neste momento cada adolescente é convidado a pegar numa cartolina de tamanho A4 que está colocada previamente na sala e desenhar ou fazer qualquer forma com ela, que represente a sua Igreja ideal).*

Depois de realizada a igreja de cada um, convida-se cada adolescente a partilhar com todos o porquê daquilo que fez como sua igreja ideal e que dificuldades encontra na comunidade, para que essa não seja a sua igreja.

ORAÇÃO

Dai-me, Senhora, um pouco de força para a minha fraqueza

Um pouco de coragem para o meu desalento

Um pouco de certeza para a minha dúvida

Um pouco de sol para o meu Inverno

Um pouco de serenidade para a minha inquietude

Um pouco de chama para o meu gelo

Um pouco de alegria para a minha tristeza

Um pouco de sabedoria para a minha ignorância.

Cântico - Maria, Queremos Amar-Te (Cd - *Vox Popoli*)

Catequese para Crianças

Sandra Dantas

Objetivos

- Dar a conhecer às crianças a figura dos três pastorinhos.
- Ajudar as crianças a perceberem o que significa ser Igreja.
- Ajudar as crianças a perceberem que são importantes na vida da Igreja.

Materiais necessários

- Projetor;
- Computador;
- Ligação à internet que permita ver no youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=BullAb7DhjI&hd=1>;
- Folhas A4 brancas, tantas quantos os participantes;
- Lápis de cor ou marcadores.

Breve palavra ao catequista

Com esta catequese, temos a pretensão de ajudar as crianças a conhecer os pastorinhos de Fátima e fazer com que percebam a importância de ser Igreja e rezar pelos outros. Ninguém vive a sua fé para si mesmo, mas para a transmitir aos outros, assim como também não a vive sozinho, mas em Igreja. É na Igreja que aprendemos a crescer na fé. Mas a Igreja também é cada um de nós. Seria bom que, desde cedo, a criança pudesse fazer essa experiência de ser e ajudar a construir a Igreja, porque cada um de nós deve ser a imagem do amor de Deus no mundo, ou seja, a Igreja.

CATEQUESE

Com Maria sou e construo a Igreja

Maria é a mãe de Jesus. Ela acompanhou-o sempre durante toda a sua vida. Foi com ela que Jesus aprendeu a amar a Deus e a humanidade. Como todas as mães, ela gostava muito de Jesus e só queria o seu bem. Mas, como toda a gente, Jesus também sofreu, às vezes a escola era difícil, os amigos não o compreendiam e Maria lá estava para o ajudar. Quando Jesus morreu ofereceu a sua vida pelos seus amigos e Maria continuou ao lado dele a ajudar esses amigos. Nós somos hoje esses amigos de Jesus e Maria é nossa mãe. Com ela nós somos e construímos a Igreja de Jesus.

Cântico – Somos as Crianças de um Mundo (Cd – *Festa Maior*)

Tal como cada um de nós, os pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, queriam ser amigos de Jesus, por isso rezavam todos os dias o terço e eram muito bons para todos. Já ouvistes a história dos três pastorinhos? Vamos agora ver e escutar com muita atenção esta história.

Ver a animação Pastorinhos, que pode ser encontrada aqui – (<http://www.youtube.com/watch?v=BullAb7Dhjl&hd=1>)

Falar depois com as crianças sobre o que acabaram de ver. Incentivá-las a rezar pelos outros como faziam os Pastorinhos.

Animador – Maria, a mãe de Jesus é também a nossa mãe. Ela que acompanhou Jesus durante a sua vida está connosco sempre. Vamos agora fazer um desenho para lhe oferecer. Para lhe dizer como gostamos dela e queremos estar sempre com ela e com Jesus. Queremos ser os amigos de Jesus, como os pastorinhos. *(Dar a cada criança uma folha de papel branca e colocar à disposição de todas lápis de cor ou marcadores coloridos, depois convidar as crianças a desenhar Maria na Igreja com Jesus. Depois de desenhar podem oferecer o desenho a Nossa Senhora, na Igreja).*

ORAÇÃO

Ó Maria, tu és a mãe de Jesus e a minha mãe do céu.

Eu quero estar sempre contigo e com Jesus.

Ajuda-me a ser bom e a fazer sempre a vontade de Jesus, como tu fizeste.

Como os pastorinhos, eu também me comprometo a ser um sinal do teu amor no mundo.

Rezo por todos os meus amigos e companheiros da escola; ajuda-me a gostar deles mesmo quando eles são maus para mim.

Peço-te também pela minha mãe e pelo meu pai, que eles sejam meus amigos como tu foste de Jesus. Eu também quero ser muito amigo deles.

Obrigado por seres minha mãe e me ajudares sempre.

Ámen.

Cântico – Raios De Sol (Cd – *Festa Maior*)

Mistérios do Rosário

Marta Heleno

Na sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, S. João Paulo II afirma que a oração do Rosário é uma oportunidade para “*deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do Seu amor*” (1). Com efeito, continua o Pontífice, “*recitar o Rosário nada mais é senão contemplar com Maria o rosto de Cristo*” (3).

Neste V ciclo da celebração do Centenário das Aparições, queremos que o Santo Rosário seja também uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que nos santifica em Cristo. Para isso, é fundamental deixarmos que a contemplação dos mistérios de Cristo alcance o nosso coração e interpele a nossa vida concreta, despertando desejos de verdadeira santidade.

Peçamos, pois, à Virgem Maria, o que insistentemente lhe pedia Santo Inácio: *que nos ponha com o Seu Filho*, para que, por sua intercessão, possamos *ser santos como o nosso Pai Celeste é santo* [Mt 5,48].

MISTÉRIOS GOZOSOS

1.º Mistério: a Anunciação do Anjo a Maria

Do Evangelho de S. Lucas [1,26-27.30-31.38]

O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. (...)

O anjo disse-lhe: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus”.

E Maria respondeu: "Eis aqui a Escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a Tua Palavra".

Chegada a plenitude dos tempos, Deus estabeleceu com a humanidade um novo diálogo de amor. Fê-lo de maneira discreta, preparando o coração de uma jovem de Nazaré para dar o SIM mais livre de toda a história humana; mais livre e mais comprometido.

*A Anunciação é uma oportunidade para contemplar o Deus Santo, que é *discrição e fecundidade*: é o Deus que potencia a liberdade e faz nascer a vida no mais íntimo de nós. Basta que digamos SIM.*

Quantas "anunciações" na vida dos pastorinhos e na nossa! Quantas oportunidades de dizer FIAT, "faça-se", abertos e disponíveis para acolher a Vida Verdadeira que Deus nos quer dar!

Que "anjos" tem posto Deus no meu caminho?

Que "SIM" tenho agora de dar ao Senhor?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Infinita Bondade, que capacitaste Maria para Te responder em plena liberdade, concede-nos a graça de ouvir a Tua voz e de cumprir fielmente a Tua vontade. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÁMEN.**

2.º Mistério: a Visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel

Do Evangelho de S. Lucas [1,39-42]

Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.

Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. (...) E disse-lhe: "Feliz de ti, porque acreditaste que havia de cumprir-se o que o Senhor te disse!".

Maria sai ao encontro da sua prima, apressadamente, pelos caminhos montanhosos da Judeia. Cheia de graça, quer brindar com sua prima ao Deus da Vida e celebrar com ela a alegria de acreditar num Deus para quem nada é impossível.

A Visitação é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que cumpre o que promete e cuja Palavra não volta atrás (Is 55,11): é o Deus do Amor Fiel, comprometido com a vida de cada um.

Quantas “visitações” na nossa vida! Quantos encontros, quantas oportunidades para experimentar a verdadeira felicidade de estar nas mãos de um Deus que é Todo-Poderoso no Amor!

Que promessas me faz Deus? Acredito e confio-me a Ele? Ou duvido?
(breve silêncio)

Oração: Deus Fiel, que concedeste a Maria a graça de acreditar plenamente na Tua Palavra, aumenta a nossa fé e o nosso desejo de partilharmos com outros a alegria de acreditarmos em Ti. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

3.º Mistério: o Nascimento de Jesus em Belém

Do Evangelho de S. Lucas [2, 6-7]

Quando se encontravam [em Belém], completaram-se os dias de [Maria] dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria.

O Filho de Deus nasce em *suma pobreza*: em circunstâncias inesperadas, sem lugar, sem comodidades! À pobreza de Deus, Maria responde com a sua: oferece o melhor de si, *envolvendo e recostando* a fragilidade do Deus Menino, para que não Lhe falte o mais importante – o Amor.

O Nascimento de Jesus é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que Se entrega na debilidade: é o Deus Pobre, que desperta sempre o melhor que há em nós.

Quanta fragilidade, quanta impotência na nossa vida e na dos que estão à nossa volta! Quantas ocasiões para, como Maria, oferecermos o que temos e nos centrarmos no Amor!

Como vivo as incomodidades e impotências da vida?

Percebo-as como ocasião para dar o melhor de mim?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Infinita Sabedoria, que quiseste vir ao mundo em suma pobreza, ensina-nos a acolhermos a nossa fragilidade e a defendermos com ternura qualquer vida ameaçada. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÁMEN.**

4.º Mistério: a Apresentação de Jesus no Templo

Do Evangelho de S. Lucas [2, 22-23.25]

Quando se cumpriu o tempo da purificação, segundo a Lei de Moisés, [Maria e José] levaram Jesus a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor (...). Ora, vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel.

O Filho de Deus sujeitou-se à Lei e aos seus preceitos! Na vida da Sagrada Família o respeito pela Lei nasce da certeza de que é Deus o seu Fundamento. Por isso, o cumprimento rotineiro do estabelecido, do aparentemente imutável, torna-se também lugar de revelação de Deus.

A Apresentação de Jesus no Templo é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que assume o ritmo dos homens: é o Deus de Amor, que Se revela na história humana *sem se impor*.

Quanta verdade, quanta revelação de Deus no cumprimento fiel dos deveres de cada dia! Quanta rotina santificada em gestos simples de pura obediência, por parte dos pastorinhos!

Como vivo o que não foi estabelecido por mim ou em função de mim?

Sei respeitar os tempos e os momentos dos outros, que às vezes não são os meus?

(breve silêncio)

Oração: Deus Todo-Poderoso, que aceitaste revelar-Te ao ritmo dos homens, concede-nos, por intercessão de Maria, a graça de Te encontrarmos no cumprimento fiel dos deveres do dia a dia e ensina-nos a acolher com paciência os tempos de quem está à nossa volta. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. AMEN.

5.º Mistério: Jesus no Templo, entre os doutores

Do Evangelho de S. Lucas [2,43.48-49]

Terminados os dias da festa, [Maria e José] regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. (...)

Ao vê-lo, ficaram assombrados e Sua mãe disse-lhe: "Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!" Ele respondeu-lhes: "Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?"

Na realidade previsível de José e de Maria, Deus revela-Se agora como o *inesperado*: a atitude de Jesus surpreende-os, deixa-os "assombrados". Por fidelidade ao que vive e sente, Jesus assume que aquele é o momento de *estar em casa do Pai*.

A cena de Jesus no Templo, entre os Doutores, é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que irrompe na nossa vida e a transforma:

é o Deus Forte, que unifica e totaliza a nossa existência e nos chama a pôr *n'Ele só a nossa confiança*.

Quantas chamadas de Deus! Quantas oportunidades de encontro com a nossa própria verdade e os nossos desejos mais profundos!

Como reajo ao Deus imprevisível, que não posso controlar?

O que me unifica e totaliza por dentro?

(breve silêncio)

Oração: Deus da Verdade, que revelaste no Teu Filho Jesus o sentido da nossa existência – estar em Tua casa –, unifica-nos e ensina-nos a pôr em Ti a nossa confiança. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

MISTÉRIOS LUMINOSOS

1.º Mistério: o Batismo de Jesus no rio Jordão

Do Evangelho de S. Mateus [3, 13-14.16-17]

Jesus veio da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele. João opunha-se, dizendo: "Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?" (...)

Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: "Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado".

O Filho de Deus na fila dos pecadores! Ele, *igual a nós em tudo exceto no pecado* (Heb 4,15), *deixa-Se batizar*. No Batismo, Jesus revela-nos o Seu modo de ser: assumir a condição humana até ao extremo, *descer sempre*, para revelar ao mundo a Sua verdadeira identidade – ser o *Filho muito amado de Deus*.

O Batismo de Jesus é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que *Se deixa sepultar*: também nós, deixando-nos *sepultar* com Ele, com Ele renascemos para uma vida nova.

Quantos "batismos", na nossa vida! Quantas ocasiões para discernmos, para servirmos, para aceitarmos *morrer para dar vida!*

O que é que na minha vida precisa de "nascer para Deus"?

Onde e com quem me pede o Senhor que "desça", que renuncie?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Misericórdia, que no Batismo de Jesus nos revelaste a Sua verdadeira identidade, concede-nos, por intercessão de Maria, a graça de nos sentirmos, em todas as circunstâncias, Teus filhos muito amados. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

2.º Mistério: as Bodas de Caná

Do Evangelho de S. João [2,3-5]

A mãe de Jesus disse-Lhe: "Não têm vinho!" Jesus respondeu-Lhe: "Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora". Sua mãe disse aos serventes: "Fazei o que Ele vos disser!".

Maria revela-se nesta passagem como o protótipo de todo o crente: atenta às necessidades concretas, apresenta-as a Jesus e anima os que estão à sua volta para porem n'Ele a sua confiança.

As Bodas de Caná são uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que acolhe com Bondade as nossas preces e os nossos desejos: é o Deus do "tempo oportuno", que sabe dar a cada um aquilo de que mais precisa.

Quantas necessidades no mundo! Quanta generosidade, por parte dos pastorinhos, em rezar incessantemente por elas, confiados na misericórdia de Deus!

A que necessidades, à minha volta, posso estar mais atento?

A quem posso dizer, como Maria, confia; faz o que Jesus te disser?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Infinita Bondade, que ouves o clamor do Teu Povo e respondes, solícito, às suas preces, faz-nos, por intercessão de Maria, atentos às necessidades do nosso mundo e concede-nos uma profunda confiança no poder da Tua graça. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

3.º Mistério: o Anúncio do Reino de Deus por Jesus

Do Evangelho de S. Marcos [1, 14-15]

Depois de terem prendido João, Jesus foi para a Galileia e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: "Completo-se o tempo e o Reino de Deus aproximou-se: convertei-vos e acreditai no Evangelho".

Perante a prisão injusta de João Batista, Jesus reage com vigor, resumindo e anunciando o essencial da mensagem de Deus: em Jesus, o *Reino de Deus aproximou-se* de nós. Perante esta "Boa Notícia", a resposta de cada crente só pode ser uma: converter-se e acreditar.

O Anúncio da proximidade de Deus, em Jesus Cristo, é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que elimina todas as barreiras: é o Deus de Amor que, em Jesus, Se aproxima sempre de nós e nos convida a voltarmos para Ele.

Quantas ocasiões de anunciarmos esta proximidade de Deus! Quanto empenho pedido aos pastorinhos, pela conversão dos que estão longe: "rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores!" (4.ª Memória).

Experimento na minha vida esta proximidade de Deus, em Jesus Cristo? Acredito e anuncio, com vigor, esta "Boa Notícia", para que outros se convertam?

Oração: Deus de Amor, que no Teu Filho Jesus Cristo não te cansas de Te aproximar de cada um de nós, dá-nos um coração sensível à Tua Presença e enche-nos de fé e de coragem para Te anunciarmos com alegria. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

4.º Mistério: a Transfiguração de Jesus

Do Evangelho de S. Marcos [9, 2-3.7]

Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-Se diante deles. As Suas vestes tornaram-Se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim. (...) Formou-se, então, uma nuvem e da nuvem fez-se ouvir uma voz: "Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O".

Escutai-O! Envolvidos numa experiência de Luz e de Sentido, que antecipa a Ressurreição do Senhor, os discípulos recebem um novo imperativo: "Escutai-O!". *Escutar e obedecer* têm a mesma raiz: estar atentos, para que todos os sentidos possam *conhecer internamente e aderir* à Verdade que é Jesus.

A Transfiguração do Senhor é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que revela aos homens, em Jesus Cristo, a Sua Santidade: é o Deus Fiel, que enche de sentido e luz a vida dos que O escutam.

Quantas experiências de Verdade! Quantos convites de Deus para escutar, conhecer, amar e seguir o Senhor Jesus!

Que experiências tenho da revelação da Verdade de Deus na minha vida? Deixo-me implicar por essa Verdade, que é Cristo? Escuto-O e adiro a Ele?
(breve silêncio)

Oração: Deus Santo, que nos ofereces o Teu Filho como Caminho, Verdade e Vida, concede-nos, por intercessão de Maria, a graça de O escutarmos sempre e de *pormos em prática* aquilo que Ele nos pede. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

5.º Mistério: a Instituição da Eucaristia

Da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios [11,23-26]

Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus, na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o Meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim".

Paulo escreve aos cristãos de Corinto, para os alertar de que as divisões e desigualdades que viviam na comunidade punham em causa o sentido da celebração da eucaristia. Na Última Ceia, o Senhor Jesus antecipa a Sua entrega na Cruz e oferece-Se, na Pão e no Vinho, *para a reconciliação* de todos os homens consigo mesmos, entre si e com Deus.

A Instituição da Eucaristia é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, entregue por nós, em Cristo Jesus: é o Deus da Comunhão, que Se parte e Se reparte para que sejamos, n'Ele, um só Corpo!

Quanta Vida recebida e celebrada! Quantas ocasiões para, como Jesus, *nos partirmos e repartirmos* para criarmos ou mantermos a comunhão!

*Vivo a relação entre o Corpo que comungo e a Comunhão que Jesus deseja?
Com quem me chama Cristo a dar passos concretos de reconciliação?*

(breve silêncio)

Oração: Deus de Bondade, que em Jesus te fizeste Pão da Vida e Vinho da Salvação, ajuda-nos a colaborarmos generosamente na reconciliação de todas as pessoas consigo mesmas, com os outros e contigo. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÁMEN.**

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1.º Mistério: a Agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras

Do Evangelho de S. Marcos [14,33-36]

Jesus, tomando consigo Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-Se. E disse-lhes: "A Minha alma está triste até à morte; ficai aqui e vigiai".

Adiantando-Se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora. E dizia: "Abbá, Pai, todas as coisas Te são possíveis; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, senão o que queres Tu".

No momento de maior angústia e desespero, o grito do Senhor Jesus dirige-Se ao Pai, com uma intimidade e uma confiança inabaláveis: "Abbá, Pai"! É uma confiança que nasce de estar continuamente voltado para o Pai, em todas as circunstâncias da vida.

A Agonia de Jesus no Horto é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que Se revela sobretudo nos momentos difíceis e dolorosos da vida: é o Deus Compassivo, capaz de despertar nos corações atribulados uma confiança inabalável.

Quantas "agonias", na nossa vida e nas vidas de tantos! Quanta intimidade nesse diálogo de fé, que se estabelece de coração a Coração: "Abbá, Pai!".

Como vivo os momentos dolorosos? Deixo que o desespero me invada?

Ou abro as portas à confiança e à intimidade com o Pai?

(breve silêncio)

Oração: Deus Todo-Poderoso, que em Jesus nos revelaste o sentido profundo de uma dor vivida em união contigo, concede-nos, por intercessão de Maria, vivermos com confiança e liberdade os momentos dolorosos da nossa vida. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

2.º Mistério: a Flagelação de Jesus

Do Evangelho segundo S. Mateus [27, 22-26]

Pilatos disse ao povo: "Que hei de fazer de Jesus, chamado Cristo?". Todos responderam: "Seja crucificado!". Vendo que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: "Estou inocente deste sangue. Isso é convosco". E todo o povo respondeu: "Que o Seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!".

Então, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de O mandar flagelar, entregou-O para ser crucificado.

O relato que antecede a flagelação mostra claramente que a condenação e morte de Jesus são resultado, em grande medida, da liberdade humana. O povo pede a crucifixão; Pilatos acede, lavando as mãos. O Filho de Deus, entregue às mãos dos homens desde o nascimento, sofre agora, na própria pele, o preço da Fidelidade.

A Flagelação de Jesus é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, cuja *Palavra não volta atrás*: é o Deus Fiel, que responde sempre com *mais amor* às nossas infidelidades.

Quantas condenações injustas! Quantas palavras duras gritadas em tempo de exaltação! Quantas mãos cobardemente lavadas de sangue inocente!

Como me situo perante as injustiças do mundo e à minha volta? Condeno? Denuncio? Calo?

(breve silêncio)

Oração: Deus Fiel, que entregaste nas mãos da humanidade pecadora o Teu Filho Jesus Cristo, concede-nos o dom da fidelidade à Sua entrega e a valentia para denunciarmos as injustiças deste mundo. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. *ÂMEN.*

3.º Mistério: a Coroação de espinhos

Do Evangelho de S. Mateus [27,29]

Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, dobrando o joelho diante de Jesus, escarneciam-no, dizendo: "Salve, Rei dos Judeus!"

Os soldados, habituados a ser alvo de escárnio e humilhação, aproveitam a passividade de Jesus para fazerem o mesmo com Ele. Pervertem o poder que lhes foi concedido. Em oposição, a coroa de espinhos que Cristo leva à cabeça é símbolo do poder que se faz serviço, "amor até ao extremo".

A coroação de espinhos é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que renuncia à violência como arma e responde com Amor: é o Deus da Paz, que Cristo estabeleceu *pelo Sangue da Sua Cruz* (Col 1, 20).

Quanto escárnio! Quanta humilhação! Quanta perversão do poder, também nas pequenas coisas do dia a dia!

Sou capaz de usar o poder que tenho para servir?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Infinita Bondade, que pelo Teu Filho vieste trazer a Paz ao mundo, concede-nos, por intercessão de Maria, a graça de sermos em todo o mundo construtores de Paz. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÁMEN.**

4.º Mistério: Jesus a caminho do Calvário

Do Evangelho de S. João [19,17]

Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz 'Gólgota'.

Jesus assume a Sua Cruz e, nela, todos os nossos pecados e infidelidades. A caminho do Calvário, Jesus deixa-Se ajudar e o Seu olhar cruza-Se com outros olhares, uns de ódio, outros de compaixão. A todos Cristo responde com Amor.

O caminho de Jesus até ao Calvário é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que, em Cristo, Se entrega em fidelidade até ao fim: é o Deus Compassivo, que a todos oferece a Sua Misericórdia.

Quanto caminho por percorrer! Quantas "cruzes" para ajudar a carregar, ao menos pela oração, como tão bem fizeram os pastorinhos!

O que me custa, neste momento, "levar até ao fim"?

Ajudo a levar as cruzes dos outros ou fico sempre fechado na minha dor?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Bondade Infinita, Tu que, na Paixão do Teu Filho, Lhe deste força para carregar a Cruz, concede-nos carregarmos também as nossas com fidelidade e aliviarmos a cruz dos que estão ao nosso lado. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

5.º Mistério: a Crucifixão e Morte de Jesus

Do Evangelho de S. João [19, 30.33-34]

Jesus disse: "Tudo está consumado". E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. (...)

Vendo que Jesus já estava morto, um dos soldados trespassou-Lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água.

Jesus entrega o Seu espírito nas mãos do Pai. E, já morto, oferece ainda à humanidade Sangue e Água, símbolos da *Vida em Abundância* que Ele nos veio oferecer.

A Morte de Jesus é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que na Cruz Se faz dom inesgotável: é o Deus da Vida Verdadeira, que se dá inteiramente e para sempre a cada um de nós.

Quanta abundância! Quanta generosidade brota do Coração aberto de Jesus! Quanta Vida para acolher no nosso coração!

Neste breve tempo de silêncio façamos interiormente um gesto de adoração.

Oração: Deus da Vida Abundante, que permitiste que o Coração do Teu Filho fosse para nós Fonte inesgotável do Teu amor, concede-nos, por intercessão de Maria, respondermos agradecidos a *tanto bem recebido*. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. AMEN.

MISTÉRIOS GLORIOSOS

1.º Mistério: a Ressurreição do Senhor

Do Evangelho de S. Lucas [24, 28-39]

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, [Jesus] fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: "Fica conosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso". Entrou para ficar com eles. E, quando Se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?». Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém.

Jesus Ressuscitado, vencedor da Morte, põe-Se a caminho com os discípulos e *deixa-Se ver* pelos Seus efeitos: passam do desânimo à esperança, da tristeza à alegria, do medo à coragem.

A Ressurreição do Senhor é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que revela todo o Seu poder em Cristo Jesus: é o Deus Forte, em quem podemos pôr a nossa esperança!

Quanta vida recebida de Cristo Ressuscitado! Quantas ocasiões para O anunciarmos e para comunicarmos aos outros os efeitos da Sua Ressurreição! Quanta certeza – nascida da experiência da Ressurreição de Cristo – nas palavras de Maria: “O meu coração imaculado triunfará!”.

Experimento, na minha vida, os efeitos da Ressurreição?

Atrevo-me a comunicá-los aos outros?

(breve silêncio)

Oração: Deus Forte, que concedeste ao Teu Filho a vitória sobre a Morte, dá-nos a graça de participarmos da Sua Alegria e de sermos, com a nossa vida, testemunhas da Sua Ressurreição. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

2.º Mistério: a Ascensão de Jesus ao Céu

Do Evangelho de S. Marcos [16, 19-20]

Então, o Senhor Jesus, depois de ter falado [com os discípulos], foi recebido no Céu e sentou-Se à direita de Deus. Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam.

Completado o tempo das aparições, Jesus ascende ao Céu, para junto do Pai, tal como tinha prometido aos discípulos: “Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus”. (Jo 20,17). Desde ali, sentado à direita de Deus, intercede por nós eternamente (Heb 7,25).

A Ascensão de Jesus é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, eternamente fiel à Sua promessa: é o Deus Vivo, que Se oferece em Cristo como único mediador e caminho seguro para o Pai.

Quantas oportunidades para nos unirmos, como os pastorinhos, à mediação de Cristo, entregando-Lhe, por Maria, todas as necessidades do mundo!

Que pessoas ou situações quero entregar ao Coração de Jesus, para que Ele as confie ao Pai?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Misericórdia, que nos deste Cristo como único mediador, concede-nos, por Sua intercessão, caminharmos sempre para Ti e confiarmos-Te os nossos irmãos. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

3.º Mistério: a Descida do Espírito Santo

Do Evangelho de S. João [14, 25-26]

Jesus disse aos Seus discípulos: "Fui revelando-vos estas coisas enquanto permaneci convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse".

Para nos conduzir à Verdade plena, recebemos do Pai e do Filho o Espírito Santo. É Ele que nos guia pelo caminho da santidade e nos dá a força para sermos testemunhas da Ressurreição do Senhor Jesus.

A descida do Espírito Santo é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que não Se cansa de nos atrair para Si: é o Deus de Amor que, pelo Espírito Santo, fortalece a nossa comunhão e fecunda a nossa entrega.

Quanto caminho por percorrer! Quantos desejos de verdadeira santidade no coração das almas simples, como as dos pastorinhos!

Reconheço os dons do Espírito Santo na minha vida? Lembro-me de os agradecer?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Amor, que pelo Espírito Santo fortaleces a nossa fé e a nossa caridade, dá-nos desejos de verdadeira santidade e concede-nos chegarmos, em Ti, à verdade plena. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

4.º Mistério: a Assunção de Nossa Senhora ao Céu

Do Evangelho de S. Lucas [11,27-28]

Naquele tempo, enquanto Jesus falava à multidão, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e disse: "Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito! Mas Jesus respondeu: "Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática".

A Virgem Maria, preservada, em atenção a Cristo, do pecado original, é agora acolhida por Deus e preservada também da corrupção da morte. Ela, que viveu por Cristo e para Cristo, foi feliz porque *ouviu a Palavra de Deus e a pôs em prática*. Por isso, precede-nos na vida ressuscitada que todos somos chamados a viver.

A Assunção de Nossa Senhora é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que nos quer introduzir na vida divina: é o Deus de Amor que, em Maria, nos recorda a meta a que somos chamados.

Quanta delicadeza, por parte de Deus! Quanto desejo de nos ter para sempre junto de Si! E quanta felicidade em *pôr em prática* a Sua Palavra!

Sinto, como os pastorinhos, verdadeiros desejos de santidade?

Tenho colaborado com Deus para os pôr em prática?

(breve silêncio)

Oração: Deus de Infinita Misericórdia, que, pelos méritos de Cristo, quiseste preservar a Santa Virgem da corrupção da morte, concede-nos a graça de a termos como modelo de vida e de santidade. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÂMEN.**

5.º mistério: a Coroação de Nossa Senhora no Céu

Do Evangelho de S. Lucas [46.48b-49]

Maria exclamou: "de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações, porque o Todo-Poderoso fez em mim maravilhas! Santo é o Seu nome!"

Elevada ao Céu, Nossa Senhora recebe das mãos de Deus a coroa da glória, como sinal de uma vida totalmente referida a Deus e ao cumprimento da Sua vontade. Com o seu sim incondicional, Maria permitiu que o *Todo-Poderoso fizesse nela maravilhas*. É, por isso, chamada *bem-aventurada* por todas as gerações.

A coroação da Virgem é uma oportunidade para contemplarmos o Deus Santo, que se alegra com a fidelidade: é o Deus da Alegria verdadeira, que deseja, mais que tudo, a nossa *bem-aventurança*.

Quanta alegria! Quanta força recebida do Coração Imaculado de Maria! Quanto deseja Nossa Senhora fazer com que todos os homens sejam também bem-aventurados.

Em silêncio, contemplo a alegria de Maria e confio a minha vida à sua intercessão.

(breve silêncio)

Oração: Deus de Bondade, que concedeste à Virgem Maria a coroa da glória, dá-nos, por sua intercessão, saborearmos a alegria de vivermos para Te amarmos e para Te servirmos. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. **ÁMEN.**

Santificados em Cristo, diante do Cordeiro Adoração ao Santíssimo Sacramento

Marco Daniel Duarte

Ritos iniciais

A celebração estrutura-se em quatro partes e foi pensada sem medição do tempo. Caso se entenda que a comunidade não dispõe de tempo para toda a celebração, pode abreviar-se ou repartir-se por mais que um dia, conferindo ênfase aos temas de cada núcleo. Nessa versão abreviada deve estar sempre presente a primeira e a segunda partes. O canto proposto é parte integrante da celebração, razão pela qual, nalguns casos, se tomaram específicos textos que a comunidade deve rezar com as melodias propostas para esta celebração em particular.

Enquanto se expõe o Santíssimo Sacramento na custódia ou se retira a píxide do sacrário para a colocar sobre o altar, todos cantam, os que puderem ajoelhados:

Refrão C. Silva



Se - nhor Vós sois o ca - mi - nho, a Ver -
da - de'e a Vi - da do mun - do.

Versículo



1. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vi - da,
Ninguém vai ao Pai se não por Mim. _____

2. Em verdade, em verdade vos digo: Eu **sou** a porta.
Quem entrar por **mim** será salvo.
3. Eu sou a **Luz** do mundo.
Quem Me segue não caminha nas trevas/ mas **tem** a luz da vida.
4. Eu vim para que todos **tenham** a vida.
e a **tenham** em abundância.
5. Eu vim para dar testemunho **da** verdade.
Quem é da verdade ou**ve** a minha voz.
6. Eu sou a Ressurreição **e** a Vida.
Quem acredita em Mim, ainda que morra **viverá**.

Presidente:

Irmãos e irmãs,
membros de uma comunidade diante de Cristo, o Cordeiro Pascal, rezemos a oração que em Fátima o Anjo ensinou aos Pastorinhos e meditemos no mistério da aliança de Amor que Deus quer selar com todos nós, quando cremos, adoramos, esperamos e amamos, mas também quando não cremos, não adoramos, não esperamos e não amamos:

Todos:

Meu Deus, eu creio... (três vezes)

C. Silva



Meu Deus eu creio, a - do - ro, es - pe - ro e a - mo - Vos.

Pe - ço - Vos per - dão pa - ra'os que não cre - em,

não a - do - ram, não es - pe - ram e não Vos a - mam.

Segue-se um momento de silêncio que propicie a adoração pessoal.

Primeira Parte: sou chamado à santidade

Todos se sentam, enquanto o que preside convida a um exame de consciência que precede a profissão de fé. Porque as interpelações às renúncias são deixadas para reflexão interior, às quais cada um responde no seu íntimo, deve deixar-se uns instantes de silêncio reflexivo e orante.

Presidente:

É a presença de Deus no meio de nós que nos transforma numa comunidade de amor rumo à eternidade. Esse caminho de santidade começou no dia do nosso batismo, quando, pela mão da Igreja, nos tornámos filhos de Deus. A partir desse momento, pode cada um de nós dizer: sou chamado à santidade. Em silêncio, renovo, no interior do meu coração, essa vocação à santidade. No interior do meu coração, pergunto-me:

- estou disposto a renunciar ao pecado, para viver na liberdade dos filhos de Deus?
- quero renunciar às seduções do mal, para que o pecado não me escravize?
- quero renunciar a Satanás, que é o autor do mal e pai da mentira?

Convidando a levantar, o presidente diz:

Com os meus irmãos, diante de Cristo verdadeiramente presente no Sacramento da Eucaristia, proclamo a minha fé no Deus vivo e digo:

- Sim, creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra.

Todos:

- Sim, creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra.

Presidente:

– Sim, creio em Jesus Cristo, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai.

Todos:

– Sim, creio em Jesus Cristo, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai.

Presidente:

– Sim, creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna.

Todos:

– Sim, creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna.

Presidente:

Irmãos e Irmãs: esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor. Assim caminhamos desde o dia do nosso batismo, com a luz que recebemos e que vem de Deus e que, em Fátima, foi experimentada de forma mística por Francisco, Jacinta e Lúcia.

Todos se ajoelham, enquanto o que preside convida a orar pela perseverança da fé que acabou de professar:

Rezemos pela santidade que queremos viver, dizendo:



Fa - zei - nos san - tos, Se - nhor, por - que Vós sois San - to.

Leitor(es):

Pai Santo, que criastes o Céu e a Terra, fazei-nos criaturas transfiguradas pela Ressurreição de Jesus Cristo.

Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.

Senhor Jesus, Redentor do mundo, santificai-nos para sermos, em Igreja, verdadeira comunhão, excelsa imagem do Vosso Corpo.

Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.

Espírito Santo, Senhor que dais a vida, fortalecei as nossas obras para seguirmos, no mundo, o caminho de Cristo Jesus.

Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.

Presidente, convidando à alegria na consciência batismal:

Conscientes da nossa vocação à santidade, na presença de Cristo Ressuscitado, no qual fomos batizados, de pé, cantemos, com alegria, a nossa condição de filhos de Deus:

Refrão F. Santos



Vós que fostes ba - ti - za - dos em
Cris - to es - tais re - ves - ti - dos da luz!
A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.

Versículo



1. Honra a **vós** que acredi - **tais**:
geração e - **leita**, sacerdócio re - **al**, **nação** **santa**.

- Honra a **vós** que **acreditais**: povo adquirido por **Deus**, para anunciar os **Seus** louvores.
- Honra a **vós** que **acreditais**: n'Àquele que vos chamou das **trevas** para a Sua **luz admirável**.

ou

Refrão J. P. Martins

Ba - ti - za - dos em Cris - to
for - ma - mos o Po - vo de Deus.

Versículo

1. No mis - tério da Su - a morte,
que nos reúne em um só corpo.
Nós fo - mos ba - ti - za - dos.

2. Alimentados com o maná do deserto
o pão vivo que **Deus** nos serve.
Nós fomos batizados.

3. Seremos recebidos **no** seu reino
quando Ele voltar na **sua** glória.
Nós fomos batizados.

Segunda parte: o caminho da santidade

Presidente:

Em silêncio meditemos nesse caminho de santidade que queremos trilhar e ouçamos as palavras da Escritura que nos exortam a sermos santos:

Todos se sentam para escutar as exortações extraídas do Novo Testamento. Deixando silêncio entre cada uma das exortações, o(s) Leitor(es) proclamam:

São Pedro, na sua primeira epístola, diz: «Assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, porque a Escritura diz: *"Sede santos, porque Eu sou santo"*» (1 Pe 1, 15-16).

São Paulo, dirigindo-se aos colossenses, escrevia: «Deus reconciliou-vos com Ele no corpo humano de Cristo, pela sua morte, *para vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis diante d'Ele*» (Col 1, 22).

Escrevendo aos Efésios, São Paulo afirmava: «Deus escolheu-nos em Cristo *para sermos santos e irrepreensíveis*» (Ef 1, 4).

No cântico que recolheu na sua carta aos cristãos de Colossos, São Paulo fixou: «Dai graças ao Pai, que vos tornou capazes de tomar parte *na herança dos santos na luz divina*» (Col 1, 12).

No livro do Apocalipse, lemos: «Das mãos do Anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, juntamente com as *orações dos santos*» (Ap 8, 4).

Presidente:

As palavras que ouvimos da Escritura, se por um lado nos dão alento, por outro parecem ser audazes na exigência. Como poderemos ser santos, assumir essa vocação à santidade? Que caminho é esse que nos leva e se constrói de santidade? O caminho é Cristo. É dele que ouvimos, como outrora as multidões, a explicação dessa via da santidade que escutamos de pé:

Todos se levantam para ouvirem o Leitor proclamar:

Do Evangelho segundo São Mateus

Ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte e sentou-Se.

Rodearam-n'O os discípulos

e Ele começou a ensiná-los, dizendo:

«Bem-aventurados os pobres em espírito,

porque deles é o reino dos Céus.

Bem-aventurados os humildes,

porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que choram,
 porque serão consolados.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
 porque serão saciados.
 Bem-aventurados os misericordiosos,
 porque alcançarão misericórdia.
 Bem-aventurados os puros de coração,
 porque verão a Deus.
 Bem-aventurados os que promovem a paz,
 porque serão chamados filhos de Deus.
 Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça,
 porque deles é o reino dos Céus.
 Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa,
 vos insultarem, vos perseguirem
 e, mentindo, disserem todo o mal contra vós.
 Alegrai-vos e exultai,
 porque é grande nos Céus a vossa recompensa.

Terminada a leitura, o presidente diz:

O caminho da santidade é trilhado a partir das bem-aventuranças, o novo código que nos leva a configurar com Cristo. Meditemos, em silêncio, cada uma das bem-aventuranças que acabámos de ouvir.

Todos se sentam e, em silêncio, aceitam o convite à meditação. Durante a meditação, um cantor entoia a primeira parte da bem-aventurança, à qual todos respondem com a segunda parte. Entre cada uma das proclamações, faz-se silêncio:

Proclamação C. Silva

1. Bem-aventurados os pobres em es - pí - rito,

Resposta

porque deles é o rei - no dos Céus. _____

2. Bem-aventurados os **humildes**,
porque possui **raão** a terra.
3. Bem-aventurados os que **choram**,
porque serão **consolados**.
4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de **justiça**,
porque serão **saciados**.
5. Bem-aventurados os misericordiosos,
porque alcançarão **misericórdia**.
6. Bem-aventurados os puros de **coração**,
porque **verão** a Deus.
7. Bem-aventurados os que prom**ovem** a paz,
porque serão chamados **filhos** de Deus.
8. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da **justiça**,
porque deles é o **reino** dos Céus.
9. Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, +
vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra **vós**.
*Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa **recompensa**.*

Depois do tempo de silêncio para a meditação, os que puderem ajoelham para a oração que o presidente introduz:

Peçamos juntos o dom da santidade e digamos:



Fa - zei - nos san - tos, Se - nhor, por - que Vós sois San - to.

Leitor(es):

Senhor Jesus, que proclamastes bem-aventurados os pobres em espírito, os humildes e os que choram, permiti que tenhamos o reino dos Céus, que possuamos a terra e que sejamos consolados.

Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.

Senhor Jesus, que proclamastes bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, saciai-nos das alegrias eternas, levai-nos a alcançar misericórdia e a ver a face de Deus. *Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.*

Senhor Jesus, que proclamastes bem-aventurados os que promovem a paz, os que sofrem perseguição por amor da justiça e os que são perseguidos por Vossa causa, fazei com que sejamos chamados filhos de Deus, com que entremos no reino dos Céus e comunguemos da felicidade eterna. *Fazei-nos santos, Senhor, porque Vós sois Santo.*

A santidade toma como alicerce a cruz de Cristo, caminho de salvação proclamado em Fátima pelos lábios de Maria a três crianças que se dispuseram a seguir a cruz de Jesus. Assumamos esse caminho e sigamos os passos do nosso Redentor:

Refrão C. Silva

Se al - guém qui-ser se - guir-Me, se al-guém qui-ser se -
 guir - Me to - me'a su - a cruz e si - ga - Me,
 to - me'a su - a cruz e si - ga - Me.

Versículo

1. O filho do Homem não veio para ser ser - vi - do
 veio para servir e dar a vi - da.

2. Se alguém quiser seguir-Me renuncie a si mesmo,/ tome a sua **cruz** e siga-Me.
3. Quem quiser salvar a sua vida há **de** perdê-la; mas quem quiser perder a sua vida por causa de Mim há **de** encontrá-la.

Terceira parte: a Igreja como Comunhão dos Santos

Presidente:

Diante de Cristo, o Cordeiro Pascal, somos uma assembleia que louva o seu Senhor, como ao longo de gerações e gerações aconteceu na Igreja que formamos. Somos uma assembleia especial, porque nascemos da Páscoa de Cristo, como nos diz Santo Agostinho a propósito do salmo 150.

Todos se sentam e escutam o Leitor:

Quando o salmista nos diz: Louvai a Deus no seu santuário, ou nos seus santos, a quem se dirige ele senão a nós próprios? Em quem devem eles louvar a Deus, senão em si mesmos? Ele disse: Vós sois os seus santos, vós sois a sua força, mas uma força que Ele realizou em vós. Vós sois o seu poder, como a sua grandeza multiforme que Ele realizou e manifestou em vós à luz do dia.

Vós sois a sua trombeta, a lira, a cítara, o tambor, o coro, as cordas, o órgão, os címbalos sonoros, que ressoam com harmonia. Vós sois tudo isso. Ninguém pense em nada de vil, de passageiro, de fútil. Mortal é a sabedoria da carne. Tudo quanto respira louve ao Senhor».

Todos se sentam, enquanto o presidente convida à ação de graças por tantos santos da vida da Igreja:

Em silêncio, meditemos na nossa vida e em como ela traduz a santidade de Deus. Lembremos a ação concreta de alguns santos que conheçamos de uma forma particular, desde a Virgem Maria aos santos anjos, desde os patriarcas antigos a João Batista e a São José, desde os apóstolos aos mártires, aos confessores, às virgens, aos monges, aos presbíteros, aos leigos que com as suas vidas deram testemunho. Lembremos o exemplo de Francisco e Jacinta Marto. Lembremos também os irmãos que caminham

ao nosso lado e que em tantos momentos são expressão da santidade de Deus. Diante de Cristo, o Cordeiro Pascal, dêmos graças por tantos santos da vida da Igreja.

Depois do silêncio oportuno, o presidente convida à ação de graças em comunidade:

Também nós aqui presentes pertencemos a esse número incontável dos santos no Santo. Somos de facto os santos diante do Santo, porque n'Ele radicamos a nossa vida e n'Ele queremos viver para um dia podermos estar «de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão», como lemos no Livro do Apocalipse. Antecipemos esse momento e, de pé, cantemos diante do Senhor, dando graças ao Deus omnipotente, com o hino dos redimidos.

Refrão M. Luís

Os san - tos can - ta - vam um cân - ti - co no - vo di -
 an - te do tro - no de Deus e do Cor - dei - ro e as su - as
 vo - zes en - chi - am a ter - ra, en - chi - am a ter -
 ra. A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.

Versículo

Sois digno, Senhor nosso Deus, *

de receber a honra, a glória e o po - der,

porque fizestes todas as **co**isas, *
 e, pela vossa vontade, existiram e **foram** criadas.

Sois digno de receber o livro e abrir suas páginas **seladas**, *
 porque fostes **imolado**,
 e resgastest para Deus, com o vosso **Sangue**, *
 homens de toda a tribo, língua, povo e nação,

e fizestes de nós, para Deus, um reino de **sacerdotes**, *
 que reinarão **sobre** a terra.
 É digno o Cordeiro que foi **imolado** *
 de receber o poder e a riqueza, a sabedoria e a força, †
 a honra, a glória e o louvor.

ou

Refrão C. Silva

Os san - tos can - ta - vam um cân - ti - co
 no - vo di - an - te do tro - no de Deus e do Cor -
 dei - ro, e as su - as vo - zes en - chi - am a
 ter - ra. A - le - lu - ia.

Versículo

1. Sois digno, Senhor nos - - so Deus, *
 de receber a honra, a glória e o po - der,
 porque fizestes todas as coisas, *
 e, pela vossa vontade, existiram e fo - ram cri - adas.

Refrão F. Santos

Can - tai ao Se - nhor na'as-sem - ble - ia dos
san - tos. Can - tai ao Se - nhor.

Versículo

1. Se - nhor, **os céus proclamam as Vossas** ma - ra - vi - lhas
e a assembleia dos santos a Vossa fi - de - li - da - de.
A Vós pertencem os céus, a **Vós** a ter - ra,
Vós formastes o mundo e tudo o que e - le con - tém.

2. Poderoso é o vosso braço, robusta a **vossa** mão,
excelsa a **vossa** direita.
A justiça e o direito são a base do **vosso** trono,
a bondade e a fidelidade caminham à **vossa** frente.
3. Feliz o povo que **sabe** aclamar-Vos
e caminha, Senhor, à luz do **vosso** rosto.
Todos os dias aclama o **vosso** nome
e se gloria com a **vossa** justiça.

ou

Versículo L. Deiss

1. Nós Te can - ta - mos, ó Fi - lho da Vir - gem Ma -
ri - a. Nós Te lou - va - mos, ó Cris - to, nos - so'ir -
mão e nos - so Sal - va - dor.

Refrão

Po - vo de Reis, as-sem-blei-a san-ta, po-vo sa-cer-do-
tal! Po - vo de Deus, ben - diz o teu Se - nhor!

2. Nós Te cantamos, ó nosso Mediador para Deus.
Nós Te louvamos, estrada da vida, caminho do céu.
3. Nós Te cantamos, Cordeiro da Páscoa eterna.
Nós Te louvamos, ó vítima imolada pelos nossos pecados.

Quarta parte: a Mensagem de Fátima é desejo de que todos sejam santos

Presidente:

Irmãos e irmãs, diante de Cristo, o Cordeiro Pascal, meditemos na graça que nos é dada de podermos usufruir da pedagogia que, em Fátima, a Virgem Maria revela à humanidade e de como a Mensagem de Fátima é desejo de que todos sejam santos.

A Virgem Maria, na aparição do mês de agosto de 1917, disse aos videntes: «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores». Em Fátima ressoa o apelo à conversão para que todos possam, santificados em Cristo, tomar parte dessa comunidade dos santos: «rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas».

Francisco, Jacinta e Lúcia perceberam a importância da solidariedade que se experimenta na oração, qual cadeia de vasos comunicantes que pode mudar, inclusivamente, o curso da História. Perceberam, assim, como o corpo de Cristo se encontra mutilado cada vez que o pecado ensombra um dos seus membros e por isso consagraram a sua vida à salvação das almas. Ouçamos as palavras interpelantes da Igreja sobre a santidade dos seus filhos.

Leitor:

Da *Lumen Gentium* sobre a Igreja

Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do Povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos.

Presidente:

Diante do Santíssimo Sacramento, ponhamos diante do Senhor a vida de tantos irmãos nossos que neste momento estão longe de Deus. Lembremos também todas as vezes que nós não deixamos brilhar essa luz que transportamos desde o dia do nosso batismo. Peçamos ao Senhor que um dia, unidos, cantemos na assembleia dos santos.

Todos se ajoelham e oram em silêncio por esta intenção. Depois do silêncio, o Presidente convida a ter especialmente presente os que estão longe de Deus e a rezar pela conversão dos pecadores:

Também os videntes de Fátima experimentaram a dor de saber que há homens e mulheres que não estão em Deus. Imitemos a sua atitude de adoração e digamos juntos, pedindo ao Senhor, através do Seu coração e do coração de Sua Mãe, que converta a todos:

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Ritos finais

De pé, o presidente convida:

Rezemos, com confiança, a oração que o Senhor nos ensinou:

Pai nosso

Todos se ajoelham e dizem:

Pai Santo,

fazei-nos santos, porque Vós sois Santo!

Jesus Cristo, o Santo de Deus,

fazei-nos santos, porque Vós sois Santo!

Espírito Santo,

fazei-nos santos, porque Vós sois Santo!

Termina a oração com um cântico de louvor (*Tantum ergo* ou *Ó Verdadeiro Corpo do Senhor*) que, se for o caso, acompanhará a incensação. Se a oração for presidida por um ministro ordenado, termina com a bênção com o Santíssimo Sacramento, precedida da oração e seguida da reposição. Caso a oração seja presidida por outro ministro, depois do canto de louvor faz-se a oração e, de seguida, a reposição. No final, invocará de Deus a bênção sobre si e os restantes irmãos, conforme se indica.

Gregoriano

Tan - tum er - go Sa - cra - men - tum
Ge - ni - to - ri, Ge - ni - to - que

Ve - ne - re - mur cer - nu - i:
Laus et ju - bi - la - ti - o,

Et an - ti - quum do - cu - men - tum
Sa - lus, ho - nor, vir - tus quo - que

No - vo ce - dat ri - tu - i:
Sit et be - ne - dic - ti - o:

Praes - tet fi - des sup - ple - men - tum
Pro - ce - den - ti ab u - tro - que

Sen - su - um de - fec - tu - i.
Com - par sit lau - da - ti - o.

A - men.

ou

Refrão C. Silva

Ó ver - da - dei - ro cor - po do Se - nhor, nas -
ci - do pa - ra nós da Vir - gem Mãe, pe -
nhor da'e - ter - na gló - ria pro - me - ti - da!
Ó ver - da - dei - ro cor - po do Se - nhor!

Versículo

1. O Cor - dei - ro de Deus o - fe - re - ci - do a
2. Do la - do'a - ber - to cor - re san - gue'e á - gua e'o
3. Quan - do'a mor - te ba - ter à nos - sa por - ta e
1. seu e - ter - no Pai em sa - cri - cio ____ mor - re na
2. dis - cí - pu - lo'a - ma - do'é tes - te - mu - nha ____ des - ta
3. tra - var - mos o úl - ti - mo com - ba - te, ____ Je - sus pie -
1. cruz pa - ra sal - var o mun - do.
2. fon - te de gra - ça'e de ter - nu - ra.
3. do - so, fi - lho de Ma - ri - a,
3. fi - ca con - nos - co, pão da vi - da'e - ter - na.

Presidente:

Oremos.

Senhor, nosso Deus, que remistes todos os homens pelo mistério pascal de Cristo, conservai em nós a obra da vossa misericórdia, para que, celebrando continuamente o mistério da salvação, mereçamos alcançar os seus frutos. Por Nosso Senhor.

Todos respondem:

Ámen.

Depois da oração, quando a celebração é presidida por um ministro não ordenado:

O Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos conduza à vida eterna.

Todos respondem:

Ámen.

Concluídos os ritos finais, o que presidiu despede a assembleia, convidando ao gesto da paz, enquanto se entoia uma paráfrase do salmo 132, depois do qual termina a celebração:

No final da nossa oração, saudemo-nos uns aos outros na paz de Cristo e cantemos, com as palavras do salmo 132, a alegria de sermos uma comunidade de irmãos, santificados em Cristo:

Versículo M. Luís

1. Quan - ta paz e quan - to bem, quan - ta'a - le - gri -
a nos vem de vi - ver - mos co - mo'ir - mãos!

Refrão

As - sim se - ja'e - ter - na - men - te!

2. Como a luz que vem da altura,
assim nos enche a ventura
de vivermos como irmãos!
3. Qual perfume que inebria,
assim a doce alegria
de vivermos como irmãos!
4. Qual orvalho da manhã
é a alegria cristã
de vivermos como irmãos!

Adoração Eucarística com crianças

Maria Emília Carreira

Tema: "Sede Santos, porque Eu sou Santo" (Lv 19, 1-3).

1. Preparação

- *Sugere-se que esta frase esteja escrita em cartolina com letras bem visíveis ao longe e colocada, por exemplo, diante do altar, de modo a ser lida por todas as crianças.*
- *A adoração eucarística com as crianças poderá ser feita diante do sacrário, no caso de impossibilidade da exposição solene do Santíssimo Sacramento.*
- *Para este ato, as crianças não devem vir coagidas por nada nem ninguém. Motivadas, sim. Daí a importância de que elas sejam preparadas com a devida antecedência. (O/A orientador/a deve ter em conta a sua própria preparação, sobretudo no aprofundamento do tema e na oração pessoal).*

2. Acolhimento (Ao fundo da igreja ou numa sala anexa)

Orientador/a: *Estamos, hoje aqui, reunidos, porque temos fé: Fé em Deus, Nosso Pai, em Jesus Cristo, Seu Filho e nosso Irmão, e no Espírito Santo que nos dá a vida a cada instante. É um Dom maravilhoso que Deus nos ofereceu no dia do nosso Batismo. Para crescermos na fé precisamos de cuidar dela e de a alimentar. A oração é um ótimo alimento que a torna forte e firme. Por isso, estamos aqui. Queremos rezar a Jesus; queremos escutá-Lo; sentir a Sua presença, a sua Amizade e o Seu Amor.*

O silêncio ajuda a preparar o nosso coração para este momento. Vamos serenar (Silêncio); acalmar (Silêncio); fazer a paz dentro de nós. (Silêncio) Pensemos em Jesus e digamos: Jesus, ajuda-me a estar aqui, só para Ti (Silêncio).

3. Início da Adoração Eucarística

Entram em duas filas, em silêncio ou a cantar o cântico: Senhor, quem entrará no Santuário p'ra Te louvar...

Cântico

Senhor, quem entrará no santuário p'ra te louvar?

Senhor, quem entrará no santuário p'ra te louvar?

Quem tem as mãos limpas e o coração puro,

Quem não é vaidoso e sabe amar (bis)

Senhor, eu quero entrar no santuário p'ra te louvar.

Senhor, eu quero entrar no santuário p'ra te louvar.

Ó, dá-me mãos limpas e um coração puro,

Arranca a vaidade, ensina-me a amar (bis)

Orientador/a: *Estamos junto do Senhor. Acabámos de lhe pedir, cantando, que nos desse mãos limpas, coração puro, que arrancasse a vaidade do nosso coração e nos ensinasse a amar. Ele vai ajudar-nos a ter um coração puro, sem maldades.*

Em silêncio, rezemos: Jesus dá-me um coração puro, bom, humilde, verdadeiro. (Silêncio)

4. Exposição do Santíssimo Sacramento

De joelhos

Oração silenciosa (1 minuto)

Orientador/a: *(Pausadamente) diz:*

Jesus Ressuscitado está diante de nós, nesta hóstia santa que se encontra sobre o altar e que foi consagrada durante a Missa. Nós não o vemos com os nossos olhos; não o ouvimos com os nossos ouvidos, mas acreditamos que Ele está aqui, no meio de nós. Olha-nos com muito amor e com grande alegria. Cada um, no íntimo do seu coração, diga baixinho: Jesus, eu estou aqui, diante de Ti. Quero ser Teu/Tua amigo/a. Ajuda-me, Jesus. (Silêncio).

De joelhos, todos repetem cada invocação pausadamente.

5. Invocações

- Jesus, eu creio em Ti.
- Jesus, Tu és o meu Senhor.
- Jesus, Tu és o meu Salvador.
- Jesus, Tu és Santo.
- Jesus, eu louvo-Te.
- Jesus, eu adoro-te.
- Jesus, eu amo-Te.

Com fé, cantemos a Jesus

6. Cântico

Refrão:

Tão perto de mim,

Tão perto de mim.

Que até eu Lhe posso tocar.

Aqui está Jesus. (2 vezes)

Sentados

7. Introdução à Palavra de Deus

Apelar para a leitura da frase: "Sede santos, porque Eu, sou Santo". Estas palavras são uma proposta de vida. Vêm de Alguém para outro alguém. Pensemos: de quem virá esta proposta? (Deixar falar as crianças) Vem de Deus. Deus fala-nos de muitas maneiras. Mas, uma delas é mesmo muito especial! É como se fosse uma carta escrita cheia de boas notícias, recomendações, pedidos, promessas e outras coisas lindas! Essa forma maravilhosa que Deus tem para nos falar é a Sua Palavra. Ela é muito importante para nós, porque nos ensina tudo o que devemos fazer para vivermos bem a nossa vida, sermos santos, felizes...

Vamos escutar a Palavra do Senhor. Queremos perceber o que Ele, hoje, nos quer dizer. Começemos por cantar:

De pé

7.1 Cântico:

1) Eu vim para escutar:

Tua Palavra, Tua Palavra, Tua Palavra de amor. (Bis)

2) Eu gosto de escutar:

Tua Palavra, Tua Palavra, Tua Palavra de amor. (Bis)

3) Eu quero entender melhor:

Tua Palavra, Tua Palavra, Tua Palavra de amor. (Bis)

Leitura da Palavra de Deus (Lv 19, 1-3)

O Senhor disse a Moisés: "Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel e diz-lhes: sede santos, porque Eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo".

O/A Orientador/a poderá apresentar uma reflexão (esta servirá apenas de guia/exemplo) a partir do tema proposto.

7.2 Reflexão da Palavra

Deus falou a Moisés e fez-lhe uma recomendação para dirigir a todo o povo de Israel: "sede santos, porque Eu, o vosso Deus, sou Santo".

Estas palavras de Deus são uma proposta de vida para todos: crianças, jovens e adultos. Fazem-nos perceber que a nossa vida não é para viver à toa, conforme nos apetece, **mas a partir d'Ele e orientada para Ele**. "É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos" (Act 17, 28).

Deus chama-nos a sermos santos, porque Ele é Santo. "Santo, Santo, Santo" rezamos nós na missa. O Céu e a Terra estão cheios da Glória, da Santidade, da Perfeição, da Beleza, da Luz e do Amor de Deus.

Deus é a origem de todo o Bem. N'Ele não há qualquer pecado, qualquer maldade. Ele é reto, justo, bom. "A bondade do Senhor encheu a terra, encheu a terra" (Sl 33, (32). Tudo o que há de belo no mundo nos fala da bondade e do amor infinito de Deus. Estamos em Deus, cheios de Deus. Somos Sua morada, templos de Deus que é santo e que partilha connosco a Sua santidade.

O que é ser santo? Podemos ser santos? Sim. Podemos. Ser santo é uma aventura maravilhosa que começa no dia do nosso Batismo. É neste dia que recebemos uma Vida Nova, a Vida de Cristo Ressuscitado. Assim, Deus faz de cada um de nós "quase um ser divino". Dá-nos uma graça muito especial que nos transforma por dentro e nos faz santos, porque **filhos de Deus**. A Vida de Deus em nós anima o nosso coração, dá-nos força para O amarmos, sermos bons, verdadeiros, atentos aos outros, meigos para com todos, santos...

Mas Deus quer precisar da nossa colaboração para crescermos na santidade. Vivendo n'Ele, somos iluminados pelo Seu amor e temos a certeza de que acontecerão mudanças lindas e extraordinárias na nossa vida. Não precisamos de deixar de fazer as coisas de que gostamos, mas tornar mais belas todas essas coisas, tendo, no coração, o amor e o louvor a Deus.

Sede santos! Este é o maior desejo de Deus para cada um de nós. É fácil e difícil ao mesmo tempo. Difícil, porque exige de nós muita atenção, muita força de vontade, muita generosidade, muito amor a Deus e aos outros. Fácil, porque Deus está em nós para nos inspirar o que devemos fazer. Ele está em nós e alegra-se quando, com o nosso esforço, fazemos o que lhe agrada. Ele está em nós para não desistirmos da sua proposta, porque d'Ele recebemos toda a Força para O amarmos e amarmos todas as pessoas.

No íntimo do nosso coração, vamos acreditar que Deus nos ama muito e que quer para cada um de nós todo o Bem. (Silêncio)

"Sede santos, porque Eu, o vosso Deus, sou Santo". (Silêncio)

Orientador/a: *Podemos viver tudo isto, porque somos filhos de Deus. Então, rezemos a oração que o próprio Jesus nos ensinou:*

Pai nosso que estais nos céus...

8. Adoração

De joelhos, adoremos o Senhor.

Oração

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão, para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (Três vezes)

Breves instantes de silêncio

Orientador/a: *Cantemos um cântico à Santíssima Trindade: Pai, eu Te adoro...*

9. Cântico de adoração

- Pai, eu Te adoro/ Te ofereço a minha vida. Como eu Te amo!
- Jesus Cristo, eu Te adoro/ Te ofereço a minha vida. Como eu Te amo!
- Espírito Santo, eu Te adoro/ Te ofereço a minha vida. Como eu Te amo!
- Trindade Santa, eu Te adoro/ Te ofereço a minha Vida. Como eu Te amo!

10. Bênção Eucarística ou recolha do Santíssimo Sacramento

Se estiver um sacerdote, é ele (e só ele o pode fazer) que dá a bênção com o Santíssimo Sacramento. Se não, o/a Orientador/a, ou quem tenha permissão para o fazer, recolhe o Santíssimo em silêncio.

11. Cântico final e saída da Igreja

Orientador/a: *Os Pastorinhos, crianças como vós, viveram a sério e com muita generosidade os recados de Deus, trazidos pelo Anjo e por Nossa Senhora. Tornaram-se crianças de coração bom, puro, humilde, santo. São santos. Vivem junto de Deus e gozam da felicidade que nunca terá fim. Cantemos o Hino que lhes foi dedicado:*

Hino dos Pastorinhos

Refrão:

Cantemos alegres
A uma só voz.
Francisco e Jacinta,
Rogai por nós.

1. Salve, salve, Pastorinhos
Nosso encanto e alegria.
Salve, salve, Pastorinhos
Prediletos de Maria.

Via-sacra

Maria Isabel Rodrigues

Introdução

Com este exercício da Via-Sacra aceitamos o convite de Jesus a segui-Lo, contemplando-O no caminho que Ele fez por nós até à morte na Cruz. Jesus é o inocente que recebe e assume em si uma culpa que não tem: foi condenado injustamente. Mas o sofrimento não vale por si, vale enquanto expressão de amor. E o de Jesus é a expressão máxima do amor com que Deus nos ama, até ao extremo (cf. Jo 13,1).

Ao caminho da cruz de Jesus, juntamo-nos nós agora com todos os irmãos e irmãs, nossos contemporâneos, que sofrem, rezando por eles. Tornamo-nos solidários com os outros, como Jesus o é connosco. Rezamos também por aqueles que são causa de sofrimento, como Nossa Senhora pediu, aqui, na aparição de agosto: «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas» (Ir. Lúcia, *Memórias*, 16.^a edição, p. 179).

Vamos contemplar, em cada passo, o modo como Jesus realizou a sua oferta de amor por nós, até ao fim. Vamos suplicar para que também nós saibamos levar o nosso sim até às últimas consequências, e que os nossos irmãos e irmãs de todo o mundo recebam o fruto da paixão redentora, vivendo a alegria de serem salvos e amados por Deus.

V. Iniciemos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. *Ámen.*

Cântico: Se alguém quiser seguir-Me, (rep.)
Tome a sua cruz e siga-Me (rep.)
O Filho do Homem não veio para ser servido,
Veio para servir e dar a vida.



1.ª Estação

Jesus é condenado à morte

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo. Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse, então, aos judeus: "Aqui está o vosso Rei!" E eles bradaram: "Fora! Fora! Crucifica-o!" Disse-lhes Pilatos: "Então, hei de crucificar o vosso Rei?" Replicaram os sumos-sacerdotes: "Não temos outro rei, senão César". Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus» (Jo 19, 13-16).

A condenação, que se torna agora pública, tinha sido antes concebida no segredo. Ao mesmo tempo que o coração do Mestre inventava gestos de amor criativo, o coração do traidor dava lugar ao ódio e à rejeição, como nos relata o evangelista João: «Jesus, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar» (Jo 13, 1b-2).

Deus de ternura e de misericórdia que amais o inimigo, que ponde amor onde reina a maldade, ensinai-me a colaborar convosco acolhendo o vosso perdão e sabendo perdoar aos outros.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico: Se alguém quiser seguir-Me, (repete)

Tome a sua cruz e siga-Me (repete)

Quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la;

Mas quem quiser perder a vida por causa de Mim há de encontrá-la.



2.^a Estação

Jesus toma a sua cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo». (Lc 14, 27); «Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota» (Jo 19, 17).

Nossa Senhora em agosto de 1917 recomendou aos pastorinhos: «Rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores». O seu cuidado materno impele-nos a tornarmos atual a oferta de Jesus por todos, tomando cada um a sua cruz e a uni-la à de Jesus. Assumir os sofrimentos e dificuldades próprios da vida e ajudar a suavizar a cruz de quem está ao nosso lado é uma forma simples e concreta de seguirmos Jesus no dia a dia.

Senhor, ajudai-me a assumir o lado custoso da vida com coragem e generosidade; que eu não a torne mais pesada só com lamentos e mágoas. Dai-me a graça de levar a minha cruz, assumida livremente, como dom de mim e oferta de amor.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*

Cântico: Se alguém quiser seguir-Me, (rep.)

Tome a sua cruz e siga-Me (rep.)

Se alguém quiser seguir-Me,

Renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me



3.^a Estação

Jesus cai pela primeira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-se semelhante aos homens» (Fl 2, 6-7).

Igual a nós em tudo, exceto no pecado, Jesus é «na verdade Deus escondido, o Deus de Israel, o salvador!» (Is 45, 15). Ele que oferece a liberdade aos cativos, que liberta os oprimidos, que dá a vista aos cegos, submete-se a si próprio à humilhação da fraqueza. A nada se poupa para demonstrar o seu amor fiel e que a sua palavra merece a nossa fé.

Jesus, Vós que aceitais cair por amor de mim, ajudai-me a aceitar com humildade as minhas quedas e a contribuir para elevar os outros e não para os derrubar.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

Cântico: Convertedei-nos, Senhor;

mostrai-nos o vosso santo rosto e salvai-nos.

Escutai-me, Senhor, a minha voz vos implora;

Por misericórdia, respondei-me.



4.^a Estação

Jesus encontra sua mãe

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Quando José e Maria apresentaram o Menino no Templo, «Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações”» (Lc 2, 34-35).

Maria comunga com Jesus, mais do que ninguém. Ela conhece o sentido da sua vida e o sentido que Ele dá à sua cruz. Ela, que participou desde o início na vida e missão de Jesus, também está presente no caminho do Calvário, sofrendo com Ele e amando com Ele.

Unamo-nos também a Maria, pedindo-lhe que coloque no nosso coração os sentimentos de Jesus: Salvé, Rainha...

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico: Sois a Mãe do Senhor, mensageira da paz.

Sois Rainha da terra e do céu.

Vós sois a 'strela dentro da noite;
guiai nossos passos pela vossa luz.

Vós sois Rainha do mundo inteiro;
voltai para nós vossos olhos de mãe.



5.^a Estação

Jesus é ajudado pelo cireneu

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus» (Lc 23,26).

Nos caminhos da vida, lugar das nossas "vias-sacras", Jesus é o nosso principal Cireneu. Consagrados pelo batismo, somos ungidos pelo Espírito Santo e assumimos a nossa vida como caminho de santidade. No caminho específico da nossa vocação, na família ou na comunidade cristã, encontramos sempre ocasião de sermos cireneus uns dos outros.

Ajudai-nos, Senhor, a aliviar a cruz dos mais próximos; não permitais que andemos distraídos das cruzes dos nossos irmãos e irmãs na fé ou dos membros da nossa família.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

Cântico: Recebemos do Senhor um mandamento novo:

amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou (rep.)

Felizes os que levam vida sem mancha,

que andam na Lei do Senhor.



6.^a Estação

A Verónica limpa o rosto a Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Vimo-lo sem aspeto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores» (Is 53, 2b-3a).

O individualismo, muitas vezes provocado pelos nossos medos e inseguranças, fecha-nos em nós. Deste modo, a outra pessoa pode tornar-se incómoda ou rival, em vez de ser reconhecida e estimada como igual, companheira de caminho, motivo de dedicação e de apreço.

Senhor, ensinai-me a reconhecer o dom que a outra pessoa é em si mesma, em vez de a valorizar apenas por aquilo que é para mim. Tornai-me capaz de amar, à imagem da Santíssima Trindade, onde cada Pessoa é dom

gratuito para a outra e recebe da outra esse mesmo dom gratuito, gerando, desse modo, à nossa volta, um ambiente de amor, que circula e dá vida.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Âmen.

Cântico: Recebemos do Senhor um mandamento novo:

amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou (rep.)

Felizes os que guardam seus preceitos,

E O buscam de todo o coração.



7.^a Estação

Jesus cai pela segunda vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«À minha alma está prostrada por terra; dá-me vida segundo a tua palavra. A minha alma chora de tristeza; reconforta-me, segundo a tua palavra. Abraço as tuas ordens; não permitas, Senhor, que seja confundido» (Sl 119, 25.28.31).

E quando reincidimos nos mesmos erros? E quando vemos alguém cair de novo ao nosso lado? Como reagimos? O que fazemos? Exigimos, julgamos, comentamos... Ou compreendemos e ajudamos?

Jesus, que Vos apresentais débil, a vossa fraqueza é evidente. Porque tenho tanta dificuldade em aceitar a minha e a das pessoas que vivem ao meu lado? Ensinai-me, Senhor, a lidar com as fraquezas.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*

Cântico: *Perdoai, Senhor; perdoai ao vosso povo.*

Dos abismos em que vivo, ergo a Deus o meu clamor:

Escutai a minha prece, clementíssimo Senhor.



8.^a Estação

Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”» (Lc 23, 27-28).

Lamentar-se nunca foi maneira de resolver os problemas. Jesus reenvia as mulheres para a sua realidade, para cuidarem do que está ao seu alcance e delas depende: elas mesmas e os seus filhos. Neste mundo em que vivemos existem muitas coisas erradas: injustiças, negligências, corrupção... E eu, na minha vida concreta, faço para aumentar ou para combater esses males?

Jesus, ensinai-me a estar atento/a àquilo que me rodeia, a colocar o bem onde vejo o mal. Saiba eu agradecer em vez de me lamentar, saiba compreender em vez de julgar e perdoar em vez de condenar. Ajudai-me, Senhor, a assumir a minha responsabilidade na construção do bem comum.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*

Cântico: *Perdoai, Senhor; perdoai ao vosso povo.*

Se todas as nossas faltas tendes em vossa lembrança,
quem, Senhor, há de salvar-se? Quem pode ter esperança?



9ª Estação

Jesus cai pela terceira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«O meu espírito desfalece dentro de mim, gelou-se-me o coração dentro do peito. Ergo para ti as minhas mãos; como terra seca, a minha alma está sedenta de ti. Senhor, responde-me depressa; estou prestes a desfalecer! Não escondas de mim a tua face, pois seria como os que descem à sepultura» (Sl 143, 4.6-7).

A tentação do desânimo pode bater-nos à porta. Ela resulta da experiência da nossa fragilidade e impotência e do autocentramento, por colocarmos a confiança em nós mesmos e não em Deus. Jesus, o santo de Deus, tornou-se solidário connosco até ao extremo, para que não hesitemos em buscar n'Ele a força da nossa esperança.

Senhor, que eu aprenda a humildade através das humilhações e me fixe em Vós, como Pedro, para me manter de pé. Perdoai-me pelas vezes em que tomo o meu sentir pela verdade e consinto na falta de confiança.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*

Cântico: *Por vosso amor infinito,*

perdoai, Senhor, ao vosso povo contrito

Senhor, o pecado nos enche de trevas;

Clamamos por Vós, excelsa Luz.



10.^a Estação

Jesus é despojado das suas vestes

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Os soldados pegaram na roupa de Jesus e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, exceto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: “Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará”. Assim se cumpriu a Escritura, que diz: “Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes”. E foi isto o que fizeram os soldados» (Jo 19, 23-24).

Desde o Seu nascimento até à morte, Cristo enriquece-nos com a sua pobreza. Ele despojou-Se e nós somos revestidos da dignidade de Filhos de Deus. Pelo batismo, revestidos de Cristo, somos novas criaturas, não pelos bens que a sorte nos trouxe, mas pela fé que nos faz participar da sua vida divina e gozar da intimidade com Deus.

Senhor Jesus, fonte de vida e de amor, colocai no meu coração o desejo de vos dar tudo, o desejo e a capacidade de me dar e de nada reclamar para mim.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Âmen.

Cântico: Convertedei-nos, Senhor;

mostrai-nos o vosso santo rosto e salvai-nos.

Vós sois o meu amparo: não me rejeiteis;

Não me abandoneis, Deus meu salvador.



11.^a Estação

Jesus é cravado na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem”» (Lc 23, 33-34a).

O perdão recebido conduz à conversão. A conversão consiste em fixar o nosso olhar em Cristo, reconhecer com profunda gratidão o seu amor que nos salva e orientar a nossa vida para Ele, isto é, tomar a sua palavra e o seu exemplo como referência das nossas opções, das nossas atitudes, dos nossos comportamentos.

Senhor, diante da vossa cruz, mostrai-me o que devo mudar para que a minha vida seja mais conforme ao vosso estilo e defenda os interesses

do vosso Reino, mais do que os pequenos interesses individuais ou do grupo a que pertença.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*

Cântico: Toda a nossa glória está na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo

Deus se compadeça de nós e nos dê a sua bênção;

Resplandeça sobre nós a luz do seu rosto.

Para que se conheçam na terra os seus caminhos;

E entre os povos a sua salvação.



12.^a Estação

Jesus morre na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

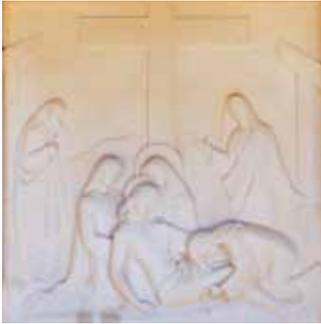
«Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dito isto, expirou» (Lc 23, 44-46).

Contemplemos, em silêncio, o amor que por nós se oferece até ao fim.

Em silêncio, adoremo-Lo. (momento de silêncio)

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Âmen.*



13.^a Estação

Jesus é retirado da cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo» (Jo 19, 38).

Os verdadeiros amigos revelam-se nos momentos difíceis, quando já não há nada para retribuir. É assim que somos chamados a amar os nossos amigos, com um amor gratuito e generoso. Mas, como é difícil?! É muito mais espontâneo *dar para que me dês, ou dar-te porque me dás*. Mas isso não basta, o cristão dá um passo mais: dou-te porque tu és digno do meu carinho, da minha atenção.

Senhor, formai os meus afetos, para que construa amizades baseadas na gratuidade, no amor sincero e não no interesse; amizades que permaneçam, mesmo quando chega a prova do silêncio, da ausência ou da separação.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

Cântico: *Em Vós, Senhor, eu pus a minha esp'rança:*

Sois o meu Deus, toda a minha vida está nas vossas mãos.

Em Vós, Senhor me refugio,

Não serei confundido.



14.^a Estação

Jesus é depositado no sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os judeus era o dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus» (Jo 19, 40-42).

O silêncio da morte é o lugar onde a esperança se acende. Deus está presente mesmo quando tudo parece perdido. É necessário passar pela experiência do nada, para se poder receber o TUDO que Deus É.

Senhor, ensinai-me a esperar. Não permitais que a minha esperança se reduza ao espaço do já conhecido da minha experiência, mas fazei que se abra, pela fé-confiança, às dimensões infinitas da vossa Ressurreição.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Amen.

Cântico: *Em Vós, Senhor, eu pus a minha esp'rança:*

Sois o meu Deus, toda a minha vida está nas vossas mãos.

Nas vossas mãos entrego o meu espírito:

Vós me libertareis.



15.^a Estação

Jesus sai vitorioso do sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: “O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram”. Pedro entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer» (Jo 20, 1-2.6.8).

No testemunho de João e de Pedro, a Igreja iniciou há dois mil anos o caminho da Fé que nos une na comunhão dos santos. A Igreja vive e proclama que a graça de Deus supera todo o pecado, porque o Espírito Santo nos santifica pela escuta da Palavra, que nos conduz à conversão, e pela celebração frutuosa dos Sacramentos, em que Cristo Se nos dá para que a nossa vida se vá transformando cada vez mais em semelhança Sua.

Senhor, Jesus, que pela força do vosso amor vencestes a morte, concedei-nos abraçar com fé a cruz da nossa vida e de participar, através dela, no dom do vosso amor por todos. Fortalecei a nossa fé, de modo que vivamos em cada momento animados pela certeza e pela força da vossa Ressurreição.

Em união com o Papa, rezemos, por toda a Igreja: **Pai nosso...**

V. Bendigamos ao Senhor

R. Graças a Deus.

Cântico: *Ressuscitou, ressuscitou, ressuscitou, aleluia!*

Aleluia, aleluia, aleluia, ressuscitou!

*Ó morte, sempre vencedora,
onde está agora a tua vitória?*

IV

MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES
ANIVERSÁRIAS



Missas para as Peregrinações Aniversárias

MAIO

"A Mãe de Jesus" (Act 1, 14)

12 de maio – segunda-feira

Missas da Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja (II)

1.^a leitura: Judite 13, 14.17-20 "Aniquilastes os inimigos do vosso povo" (Lec MVSM, 157)

2.^a leitura: 2 Cor 1, 3-7 "Deus conforta-nos em todas as tribulações" (Lec MVSM, 183)

Evangelho: Jo 19, 25-27 "Eis a tua Mãe" (Lec MVSM, 124)

13 de maio – terça-feira

Missas de Nossa Senhora de Fátima (Missal Romano, 848)

1.^a leitura: Is 61, 9-11 "Exulto de alegria no Senhor" (Lec Santoral, 424)

2.^a leitura: Ef 1, 3-6. 11-12 "Deus escolheu-nos em Cristo" (Lec Santoral, 435)

Evangelho: Lc 11, 27-28 "Feliz Aquela que te trouxe no seu ventre" (Lec MVSM, 159)

JUNHO

"A quem iremos?" (Jo 6, 68)

12 de junho – sexta-feira

Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

1.^a leitura: Os 11, 1. 3-4. 8c-9 "O meu coração agita-se dentro de mim" (Lec II, 405)

2.^a leitura: Ef 3, 8-12. 14-19 "Conhecer a caridade de Cristo" (Lec II, 407)

Evangelho: Jo 19, 31-37 "Trespasseu-Lhe o lado" (Lec II, 408)

13 de junho – sábado

Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria (MVSM, 142)

1.ª leitura: Is 61, 9-11 "Exulto de alegria no Senhor" (Lec VII, 162)

2.ª leitura: 2 Cor 5, 14-20: "Confiou-nos o ministério da reconciliação" (Lec. VII, 504)

Evangelho: Lc 2, 41-51 "Guardava... no seu coração" (Lec VII, 164)

JULHO

"Sereis santos porque eu sou Santo" (1 Pe 1, 16/ Lev 19, 2)

12 de julho – domingo

Missa do XV Domingo do Tempo Comum (B)

1.ª leitura: Amós 7,12-15 "Vai, profeta, ao meu povo" (Lec II, 315)

2.ª leitura: Ef 1, 3-10 "Escolheu-nos, em Cristo" (Lec II, 318)

Evangelho: Mc 6, 7-13 "Começou a enviá-los" (Lec II, 319)

13 de julho – segunda-feira

Missa da Virgem Maria, Porta do Céu (MVSM, 212)

1.ª leitura: Ap 21, 1-5ª "Vi a nova Jerusalém" (Lec MVSM, 203)

2.ª leitura: Rom 8, 18-23 "As criaturas esperam a revelação dos filhos de Deus" (Lec I, 286)

Evangelho: Mt 1, 18-23 "O que nela se gerou é fruto do Espírito Santo" (Lec MVSM, 237)

AGOSTO

"Formamos um só corpo" (Ef 4, 4)

12 de agosto – quarta-feira

Missa por diversas necessidades | Pelos Emigrantes (Missal Romano, 1232)

1.ª leitura: Deut 10, 17-19 "Deus ama o estrangeiro" (Lec VIII, 824)

2.ª leitura: Heb 13, 1-3. 14-16 "Não esqueçais a hospitalidade" (Lec VIII, 829)

Evangelho: Lc 10, 25-37 "Quem é o meu próximo?" (Lec VIII, 833)

13 de agosto – quinta-feira

Missa Votiva da Virgem Maria, Mãe da Divina Providência (MVSM, 190)

1.ª leitura: Is 66, 10-14c “Também eu vos confortarei” (Lec MVSM, 179)

2.ª leitura: Rom 5, 12, 17-19 “Superabundou a graça” (Lec MVSM, 225).

Evangelho: Mt 13, 54-58 “A sua Mãe não se chama Maria?” (Lec MVSM, 238)

SETEMBRO

“Felizes os convidados para a Ceia do Senhor”

12 de setembro – sábado

Missa Votiva de Nossa Senhora do Cenáculo (MVSM, 98)

1.ª leitura: Act 1, 6-14 “Recebereis a força do Espírito Santo” (Lec MVSM, 87)

2.ª leitura: 1 Jo 3, 14-16 “Passámos da morte à vida” (Lec VIII, 1104)

Evangelho: Lc 8, 19-21 “Minha Mãe e meus irmãos” (Lec MVSM, 88)

13 de setembro – domingo

Missa do XXIV Domingo do Tempo Comum (B)

1.ª leitura: Is 50, 5-9ª “Apresentei as costas aos que me batiam” (Lec II, 350)

2.ª leitura: Tg 2, 14-18 “A fé sem obras está morta” (Lec II, 352)

Evangelho: Mc 8, 27-35 “Tu és o Messias” (Lec II, 353)

OUTUBRO

“Vigiai e orai” (Mt 26, 41)

12 de outubro – segunda-feira

Missa da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

1.ª leitura: Ez 43, 1-2. 4-7ª “A glória do Senhor entrou no templo” (Lec Santoral, 396)

2.^a leitura: 1 Cor 3, 9c-11. 16-17 "Vós sois templo de Deus" (Lec Santoral, 403)

Evangelho: Jo 2, 13-22 "Ele falava do templo do seu Corpo" (Lec Santoral, 409)

13 de outubro – terça-feira

Missa da Virgem Santa Maria, Rainha da Paz (MVSM 209)

1.^a leitura: Is 9, 1-3. 5-6 "Numa paz sem fim" (Lec MVSM, 200)

2.^a leitura: Rom 12, 9-16b "Vivei em harmonia" (Lec MVSM, 228)

Evangelho: Lc 1, 26-38 "Conceberás e darás à luz um Filho" (Lec MVSM, 202)



PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA
DO TEMA DO ANO



Textos de apoio aos temas mensais

Maio – A mãe de Jesus estava com eles

Textos Bíblicos

E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus (Act 1, 14).

Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar (Gen 3, 15).

Rute respondeu: Não insistas para que te deixe, pois onde tu fores, eu irei contigo e onde pernoitares, aí ficarei; o teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus (Rt 1, 16).

A tua esperança não abandonará o coração dos homens, ao recordarem a força de Deus para sempre (Jt 13, 19).

O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará (Sf 3, 17).

Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe (Mc 3, 35).

Porque àqueles que Ele de antemão conheceu também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos (Rm 8, 29).

Textos do Magistério

Lumen Gentium – Concílio Vaticano II

53. Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)», porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça». É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

63. Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rom 8, 29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe.

68. Entretanto, a Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cf. 2 Ped 3, 10).

***Redemptoris Mater*, João Paulo II**

43. A Igreja «torna-se mãe... pela fiel receção da palavra de Deus». Como Maria, que foi a primeira a acreditar, acolhendo a palavra de Deus que lhe foi revelada na Anunciação e a ela permanecendo fiel em todas as provações até à Cruz, assim também a Igreja se torna mãe quando, acolhendo com fidelidade a palavra de Deus, pela pregação e pelo batismo, gera para uma vida nova e imortal os filhos, concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus». Esta característica «materna» da Igreja foi expressa dum modo particularmente vívido pelo Apóstolo das Gentes, quando escreveu: «Meus filhinhos, por quem sofro novamente as dores de parto, até que Cristo não se tenha formado em vós!» (Gal 4, 19). Nestas palavras de São Paulo está contida uma indicação interessante: da consciência que tinha a Igreja primitiva da função maternal, que andava ligada ao seu serviço apostólico entre os homens. Tal consciência permitia e constantemente permite à Igreja encarar o mistério da sua vida e da sua missão à luz do exemplo da Genetriz do Filho de Deus, que é «o primogénito entre muitos irmãos» (Rom 8, 29).

A Igreja, em certo sentido, apreende de Maria também o que é a própria maternidade: ela reconhece esta dimensão maternal da própria vocação, como algo ligado essencialmente à sua natureza sacramental, «contemplando a sua santidade misteriosa, imitando a sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai». O facto de a Igreja ser sinal e instrumento da íntima união com Deus tem a sua base na maternidade que lhe é própria: porque, vivificada pelo Espírito Santo, «gera» filhos e filhas da família humana para uma vida nova em Cristo. Com efeito, assim como Maria

está ao serviço do mistério da Encarnação, também a Igreja permanece ao serviço do mistério da adoção como filhos mediante a graça.

Ao mesmo tempo, a exemplo de Maria, a Igreja permanece a virgem fiel ao próprio Esposo: «Também ela é virgem, que guarda íntegra e pura a fé jurada ao Esposo» (LG 64). A Igreja, de facto, é a esposa de Cristo, como resulta das Cartas paulinas (cf. Ef 5, 21-33; 2 Cor 11, 2) e da maneira como São João a designa: «a Esposa do Cordeiro» (Ap 21, 9). Se a Igreja como esposa «guarda a fé jurada a Cristo», esta fidelidade, embora no ensino do Apóstolo se tenha tornado imagem do matrimónio (cf. Ef 5, 23-33), possui também o valor de ser o tipo da total doação a Deus no celibato «por amor do Reino dos céus», ou seja, da virgindade consagrada a Deus (cf. Mt 19, 11-12; 2 Cor 11, 2). Esta virgindade precisamente, a exemplo da Virgem de Nazaré, é fonte de uma especial fecundidade espiritual: é fonte da maternidade no Espírito Santo.

Mas a Igreja guarda também a fé recebida de Cristo: a exemplo de Maria, que guardava e meditava no seu coração (cf. Lc 2, 19. 51) tudo o que dizia respeito ao seu divino Filho, ela está empenhada em guardar a Palavra de Deus, apurando as suas riquezas com discernimento e prudência, para dar sempre da mesma, ao longo dos tempos, testemunho fiel a todos os homens.

Catecismo da Igreja Católica

975. Nós cremos que a santíssima Mãe de Deus, a nova Eva, a Mãe da Igreja, continua a desempenhar no céu o seu papel maternal para com os membros de Cristo.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Andando com as ovelhas, na companhia de Francisco e seu irmão João, num lugar chamado Valinhos, e sentindo que alguma coisa de sobrenatural se aproximava e nos envolvia, suspeitando que Nossa Senhora nos

viesse a aparecer e tendo pena que a Jacinta ficasse sem A ver, pedimos a seu irmão João que a fosse a chamar. Como ele não queria ir, ofereci-lhe, para isso, dois vinténs e lá foi a correr.

Entretanto, vi, com o Francisco, o reflexo da luz a que chamávamos relâmpago; e chegada a Jacinta, um instante depois, vimos Nossa Senhora sobre uma carrasqueira.

- Que é que Vossemecê me quer?

- Quero que continueis a ir à Cova de Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem.

- Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova de Iria?

- Façam dois andores: um, leva-o tu com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda duma capela que hão de mandar fazer.

- Queria pedir-Lhe a cura dalguns doentes.

- Sim; alguns curarei durante o ano.

E tomando um aspeto mais triste:

- Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

E, como de costume, começou a elevar-se em direção ao nascente (p. 178).

Junho – A quem iremos?

Textos Bíblicos

A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus (Jo 6, 68-69).

É boa a oração feita com verdade e a esmola, acompanhada pela justiça. Melhor é pouco com justiça, do que muito com iniquidade (Tb 12, 8).

Diante de ti, não passamos de estrangeiros e peregrinos como todos os nossos pais (1 Cr 29, 15).

Estamos sempre confiantes e conscientes de que, permanecendo neste corpo, vivemos exilados, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão... (2 Cor 5, 6-7)

O tempo chegou ao seu termo, o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e acreditai na boa-nova (Mc 1, 15).

Alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja (Col 1, 24).

Saiba que aquele que converte um pecador do seu erro salvará da morte a sua alma e obterá o perdão de muitos pecados (Tg 5, 20).

Textos do Magistério

Evangelii Nuntiandi, Paulo VI

10. Este reino e esta salvação, palavras-chave da evangelização de Jesus Cristo, todos os homens os podem receber como graça e misericórdia; e no entanto, cada um dos homens deve conquistá-los pela força, os violentos apoderam-se dele, diz o Senhor, pelo trabalho e pelo sofrimento, por uma vida em conformidade com o Evangelho, pela renúncia e pela cruz, enfim pelo espírito das bem-aventuranças. Mas, antes de mais nada,

cada um dos homens os conquistará mediante uma total transformação do seu interior que o Evangelho designa com a palavra «metanoia», uma conversão radical, uma modificação profunda dos modos de ver e do coração.

Catecismo da Igreja Católica

1428. Ora, o apelo de Cristo à conversão continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos. Esta segunda conversão é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja, que «contém pecadores no seu seio» e que é, «ao mesmo tempo, santa e necessitada de purificação, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e de renovação». Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do «coração contrito» atraído e movido pela graça para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro.

1434. A penitência interior do cristão pode ter expressões muito variadas. A Escritura e os Padres insistem sobretudo em três formas: o jejum, a oração e a esmola que exprimem a conversão, em relação a si mesmo, a Deus e aos outros. À par da purificação radical operada pelo Batismo ou pelo martírio, citam, como meios de obter o perdão dos pecados, os esforços realizados para se reconciliar com o próximo, as lágrimas de penitência, a preocupação com a salvação do próximo, a intercessão dos santos e a prática da caridade «que cobre uma multidão de pecados» (1 Pe 4, 8).

1435. A conversão realiza-se na vida quotidiana por gestos de reconciliação, pelo cuidado dos pobres, o exercício e a defesa da justiça e do direito, pela confissão das próprias faltas aos irmãos, pela correção fraterna, a revisão de vida, o exame de consciência, a direção espiritual, a aceitação dos sofrimentos, a coragem de suportar a perseguição por amor da justiça. Tomar a sua cruz todos os dias e seguir Jesus é o caminho mais seguro da penitência.

Reconciliação e Penitência, João Paulo II

6. A parábola do filho pródigo é, antes de mais, a história inefável do grande amor de um Pai – Deus – que oferece ao filho, que a Ele retorna, o dom da reconciliação plena. E ao evocar, na figura do irmão mais velho, o egoísmo que divide os irmãos entre si, ela torna-se também a história da família humana: mostra a nossa situação e indica o caminho a percorrer. O filho pródigo, com a sua ânsia de conversão, de regresso aos braços do pai e de perdão, representa aqueles que pressentem no fundo da própria consciência a nostalgia de uma reconciliação a todos os níveis e sem reserva, e têm a intuição, com íntima certeza, de que ela só será possível, se derivar de uma primeira e fundamental reconciliação: aquela reconciliação que leva o homem da distância à amizade filial com Deus, do qual reconhece a misericórdia infinita. Lida, porém, na perspectiva do outro filho, a parábola retrata a situação da família humana dividida pelos egoísmos, põe em evidência a dificuldade em secundar o desejo e a nostalgia de uma só família reconciliada e unida; e, por conseguinte, apela para a necessidade de uma profunda transformação dos corações, pela redescoberta da misericórdia do Pai e pela vitória sobre a incompreensão e a hostilidade entre irmãos.

À luz desta inesgotável parábola da misericórdia que apaga o pecado, a Igreja, acolhendo o apelo que nela está contido, compreende a sua missão de empenhar-se, seguindo as pegadas do Senhor, pela conversão dos corações e pela reconciliação dos homens com Deus e entre si, duas realidades que estão intimamente conexas.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Como é que a Jacinta, tão pequenina, se deixou possuir e compreendeu um tal espírito de mortificação e penitência?

Parece-me que foi: primeiro, por uma graça especial que Deus, por meio do Imaculado Coração de Maria, lhe quis conceder; segundo, olhando para o inferno e desgraça das almas que aí caem.

Algumas pessoas, mesmo piedosas, não querem falar às crianças do inferno, para não as assustar; mas Deus não hesitou em mostrá-lo a três e uma de 6 anos apenas e que Ele sabia se havia de horrorizar a ponto de, quase me atrevia a dizer, de susto se definhar.

Com frequência se sentava no chão ou em alguma pedra e, pensativa, começava a dizer:

- O inferno! o inferno! que pena eu tenho das almas que vão para o inferno! E as pessoas lá vivas a arder como a lenha no fogo!

E meio trémula ajoelhava, de mãos postas, a rezar a oração que Nossa Senhora nos tinha ensinado:

- Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem.

Agora, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, já V. Ex.cia Rev.ma compreenderá por que a mim me ficou a impressão de que as últimas palavras desta oração se referiam às almas que se encontram em maior perigo ou mais iminente de condenação.

E permanecia assim, por grandes espaços de tempo, de joelhos, repetindo a mesma oração. De vez em quando, chamava por mim ou pelo irmão (como que acordando dum sono):

- Francisco, Francisco, vocês estão a rezar comigo? É preciso rezar muito, para livrar as almas do inferno. Vão para lá tantas! tantas!

Outras vezes, perguntava:

- Por que é que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não pecavam, para não irem para lá! hás de dizer

àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente (referia-se aos que se encontravam na Cova da Iria, no momento da aparição). Verás como se convertem.

Depois, meio descontente, perguntava-me:

- Por que não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o inferno àquela gente?

- Esqueci-me - respondia.

- Também me não lembrei! - dizia com ar triste.

Às vezes, perguntava ainda:

- Que pecados são os que essa gente faz, para ir para o inferno?

- Não sei. Talvez o pecado de não ir à Missa ao Domingo, de roubar, de dizer palavras feias, rogar pragas, jurar.

- E só assim por uma palavra vão para o inferno?!

- Pois! É pecado!

- Que lhes custava estar calados e ir à Missa!? Que pena eu tenho dos pecadores! Se eu pudesse mostrar-lhes o inferno!

Repentinamente, às vezes, agarrava-se a mim e dizia:

- Eu vou para o Céu; mas tu que ficas cá, se Nossa Senhora te deixar, diz a toda a gente como é o inferno, para que não façam mais pecados e não vão para lá.

Outras vezes, depois de estar um pouco de tempo a pensar, dizia:

- Tanta gente a cair no inferno, tanta gente no inferno! Para a tranquilizar dizia-lhe:

- Não tenhas medo; tu vais para o Céu.

- Pois vou - dizia com paz -, mas eu queria que toda aquela gente para lá fosse também.

Quando ela, por mortificação, não queria comer, dizia-lhe: - Jacinta! Anda, agora come.

- Não. Ofereço este sacrifício pelos pecadores que comem demais.

Quando, já na doença, ia algum dia à Missa, dizia-lhe:

- Jacinta, não venhas; tu não podes. Hoje não é domingo!

- Não importa. Vou por os pecadores que nem ao domingo vão.

Se calhava de ouvir algumas dessas palavras que alguma gente parece fazer alarde de pronunciar, encobria a cara com as mãos e dizia:

- Ó meu Deus! Esta gente não saberá que por dizer estas coisas pode ir para o inferno? Perdoa-lhes, meu Jesus, e converte-os. Decerto não sabem que, com isto, ofendem a Deus. Que pena, meu Jesus! Eu rezo por eles.

E lá repetia a oração ensinada por Nossa Senhora: - Ó meu Jesus, perdoai-nos, etc. (p. 122-124).

Julho – Sede santos

Textos Bíblicos

Por isso vos lembrareis de cumprir todos os meus preceitos e sereis santos para o vosso Deus! (Num 15, 40).

Porque Eu sou o Senhor, vosso Deus, deveis santificar-vos e permanecer santos, porque Eu sou santo (Lv, 11, 44).

Aqueles que se conduzem segundo as leis santas serão reconhecidos como santos, e os que se deixam instruir por elas, nelas encontrarão a sua defesa (Sb 6, 10).

Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste (Mt 5, 48).

Mas agora, que estais libertos do pecado e vos tornastes servos de Deus, produzis frutos que levam à santificação, e o resultado é a vida eterna (Rm 6, 22).

Paulo, Apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso: a vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo (Ef 1, 1-2).

Mas a constância tem de se exercitar até ao fim, de modo a serdes perfeitos e irrepreensíveis, sem falhar em nada (Tg 1, 4).

Assim como é santo aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder, conforme diz a Escritura: Sede santos, porque Eu sou santo (1 Pe 1, 15-16).

Também vós – como pedras vivas – entraís na construção de um edifício espiritual, em função de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo (1 Pe 2, 5).

Vós, porém, sois linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido em propriedade, a fim de proclamardes as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável (1 Pe 2, 9).

Textos do Magistério

***Lumen Gentium* – Concílio Vaticano II**

41. Nos vários géneros e ocupações da vida, é sempre a mesma a santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus e, obedientes à voz do Pai, adorando em espírito e verdade a Deus Pai, seguem a Cristo pobre, humilde, e levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes da Sua glória. Cada um, segundo os próprios dons e funções, deve progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e que atua pela caridade.

Em primeiro lugar, os pastores do rebanho de Cristo, à semelhança do sumo e eterno sacerdote, pastor e bispo das nossas almas, desempenhem o próprio ministério santamente e com alegria, com humildade e fortaleza; assim cumprido, também para eles será o seu ministério um sublime meio de santificação. Escolhidos para a plenitude do sacerdócio, receberam a graça sacramental para que, orando, sacrificando e pregando, com toda a espécie de cuidados e serviços episcopais, realizem a tarefa perfeita da caridade pastoral, sem hesitarem em oferecer a vida pelas ovelhas e, feitos modelos do rebanho (cf. 1 Ped 5, 3), suscitem na Igreja, também com o seu exemplo, uma santidade cada vez maior.

Os presbíteros, à semelhança da ordem dos Bispos, de que são a coroa espiritual, já que participam das suas funções por graça de Cristo, eterno e único mediador, cresçam no amor de Deus e do próximo com o exercício do seu dever quotidiano; guardem o vínculo da unidade sacerdotal, abundem em toda a espécie de bens espirituais e deem a todos vivo testemunho de Deus, tornando-se émulo daqueles sacerdotes que no decorrer dos séculos, em serviço muitas vezes humilde e escondido, nos deixaram magnífico exemplo de santidade. O seu louvor persevera na Igreja. Orando e oferecendo o sacrifício pelo próprio rebanho e por todo o Povo de Deus, conforme é seu ofício, conscientes do que fazem e imitando as realidades com que lidam, longe de serem impedidos pelos cuidados, perigos e tribulações do apostolado, devem antes por eles elevar-se a uma santidade mais alta, alimentando e afervorando a sua ação com a abundância da contemplação, para alegria de toda a Igreja de Deus. Todos os presbíteros, e especialmente aqueles que por título particular da sua ordenação são chamados sacerdotes diocesanos, lembrem-se de quanto ajudam para a sua santificação a união fiel e a cooperação generosa com o próprio Bispo.

Na missão de graça do sumo-sacerdote, participam também de modo peculiar os ministros de ordem inferior, e sobretudo os diáconos; servindo nos mistérios de Cristo e da Igreja, devem conservar-se puros de todo o vício, agradar a Deus, atender a toda a espécie de boas obras diante dos

homens (cf. 1 Tim 3, 8-10. 12-13). Os clérigos que, chamados pelo Senhor e separados a fim de ter parte com Ele, se preparam sob a vigilância dos pastores para desempenhar os ofícios de ministros, procurem conformar o coração e o espírito com tão magnífica eleição, sendo assíduos na oração e fervorosos no amor, ocupando o pensamento com tudo o que é verdadeiro, justo e de boa reputação, fazendo tudo para glória e honra de Deus. Destes se aproximam aqueles leigos, que, escolhidos por Deus, são chamados pelos Bispos para se consagrarem totalmente às atividades apostólicas e com muito fruto trabalham no campo do Senhor.

Os esposos e pais cristãos devem, seguindo o seu caminho peculiar, amparar-se mutuamente na graça, com amor fiel, durante a vida inteira, e imbuir com a doutrina cristã e as virtudes evangélicas a prole que amorosamente receberam de Deus. Dão assim a todos exemplo de amor incansável e generoso, edificam a comunidade fraterna e são testemunhas e cooperadores da fecundidade da Igreja, nossa mãe, em sinal e participação daquele amor, com que Cristo amou a Sua esposa e por ela Se entregou. Exemplo semelhante é dado, mas de outro modo, pelas pessoas viúvas ou celibatárias, que muito podem concorrer para a santidade e ação da Igreja. Aqueles que se ocupam em trabalhos muitas vezes duros, devem, através das tarefas humanas, aperfeiçoar-se a si mesmos, ajudar os seus concidadãos, fazer progredir a sociedade e toda a criação; e, ainda, imitando com operosa caridade a Cristo, cujas mãos se exercitaram em trabalhos de operário e, em união com o Pai, continuamente atua para a salvação de todos; alegres na esperança, levando os fardos uns dos outros, subam com o próprio trabalho quotidiano a uma santidade mais alta, também ela apostólica.

Todos quantos se veem oprimidos pela pobreza, pela fraqueza, pela doença ou tribulações várias, e os que sofrem perseguição por amor da justiça, saibam que estão unidos, de modo especial, a Cristo, nos seus sofrimentos pela salvação do mundo; o Senhor, no Evangelho, proclamou-os bem-aventurados e «o Deus... de toda a graça, que nos chamou à Sua eterna

glória em Cristo Jesus, depois de sofrerem um pouco, os há de restabelecer, confirmar e consolidar» (1 Ped 5,10).

Todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai celeste e cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria atividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo.

Catecismo da Igreja Católica

823. «A Igreja é [...], aos olhos da fé, indefetivelmente santa. Com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é proclamado «o único Santo», com o Pai e o Espírito, amou a Igreja como sua esposa, entregou-Se por ela para a santificar, uniu-a a Si como seu Corpo e cumulou-a com o dom do Espírito Santo para glória de Deus». A Igreja é, pois, «o povo santo de Deus», e os seus membros são chamados «santos».

824. A Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele. Por Ele e n'Ele torna-se também santificante. «Todas as obras da Igreja tendem, como seu fim, para a santificação dos homens em Cristo e para a glorificação de Deus». É na Igreja que se encontra «a plenitude dos meios de salvação». É nela que «nós adquirimos a santidade pela graça de Deus».

825. «Na terra, a Igreja está revestida duma verdadeira, ainda que imperfeita, santidade». Nos seus membros, a santidade perfeita é ainda algo a adquirir: «Munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um pelo seu caminho».

826. A caridade é a alma da santidade à qual todos são chamados: «É ela que dirige todos os meios de santificação, lhes dá alma e os conduz ao seu fim»: «Compreendi que, se a Igreja tinha um corpo composto de diferentes membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava: compreendi que a igreja tinha um coração, e que esse coração estava ardendo

de amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que se o Amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue... Compreendi que o Amor encerra todas as vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e lugares... numa palavra, que ele é Eterno».

827. «Enquanto que Cristo, santo e inocente, sem mancha, não conheceu o pecado, mas veio somente expiar os pecados do povo, a Igreja, que no seu próprio seio encerra pecadores, é simultaneamente santa e chamada a purificar-se, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e renovação». Todos os membros da Igreja, inclusive os seus ministros, devem reconhecer-se pecadores. Em todos eles, o joio do pecado encontra-se ainda misturado com a boa semente do Evangelho até ao fim dos tempos. A Igreja reúne, pois, em si, pecadores abrangidos pela salvação de Cristo, mas ainda a caminho da santificação:

A Igreja «é santa, não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que eles caem em pecado e nas desordens que impedem a irradiação da sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por estas faltas, tendo o poder de curar delas os seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo».

828. Ao canonizar certos fiéis, isto é, ao proclamar solenemente que esses fiéis praticaram heroicamente as virtudes e viveram na fidelidade à graça de Deus, a Igreja reconhece o poder do Espírito de santidade que está nela, e ampara a esperança dos fiéis, propondo-lhes os santos como modelos e intercessores. «Os santos e santas foram sempre fonte e origem de renovação nos momentos mais difíceis da história da Igreja». «A santidade é a fonte secreta e o padrão infalível da sua atividade apostólica e do seu dinamismo missionário».

829. «Na pessoa da Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição, sem mancha nem ruga, que lhe é própria. Mas os fiéis de Cristo têm ainda de trabalhar para crescer em santidade, vencendo o pecado. Por isso, levantam os olhos para Maria»: nela, a Igreja é já plenamente santa.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Ao chegar à Igreja, disse a minha mãe que me queria confessar a esse sacerdote de fora. Sua Rev.cia estava confessando na sacristia, sentado em uma cadeira. Minha mãe ajoelhou-se, pois, ao pé da porta, no altar-mor, junto das outras mulheres que estavam esperando a vez dos seus filhinhos. Aí, diante do Santíssimo, foi-me fazendo as suas últimas recomendações.

E quando chegou a minha vez, lá fui ajoelhar aos pés do nosso bom Deus, ali representado pelo Seu ministro, a implorar o perdão dos meus pecados. Quando terminei, vi que toda a gente se ria. Minha mãe chama-me e diz:

- Minha filha, não sabes que a confissão se faz baixinho, que é um segredo? Toda a gente te ouviu! Só no fim disseste uma coisa que ninguém soube o que foi.

No caminho para casa, minha mãe fez várias tentativas para ver se descobria o que ela chamava o segredo da minha confissão; mas não obteve mais que um profundo silêncio. Vou, pois, descobrir agora o segredo da minha primeira confissão. O bom sacerdote, depois de me ter ouvido, disse-me estas breves palavras:

- Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Guarde-a para sempre pura, para que Ele possa continuar nela a Sua ação divina.

Ao ouvir estas palavras, senti-me penetrada de respeito pelo meu íntimo e perguntei ao bom confessor como devia fazer.

- De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-Lhe, com muita confiança, que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o Seu querido Filho e que o guarde para Ele só.

Havia na Igreja mais que uma imagem de Nossa Senhora.

Mas, como minhas irmãs arranjavam o altar de Nossa Senhora do Rosário, estava por isso habituada a rezar diante dessa e por isso lá fui também dessa vez. Pedi-Lhe, pois, com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que ela se sorria e que, com um olhar e gesto de bondade, me dizia que sim. Fiquei tão inundada de gozo, que a custo conseguia articular palavra (p. 70-71).

Apelos da Mensagem de Fátima, Irmã Lúcia

Maria é, para todos nós, o modelo da mais perfeita santidade a que pode elevar-se uma criatura, nesta pobre terra de exílio. Quantas vezes terá Ela lido e meditado em seu coração estas palavras da Sagrada Escritura: «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lv 19, 2). Isto que Deus nos diz aqui é para todos e para todos os estados de vida, como se conclui do contexto da frase: «O Senhor disse a Moisés: “Fala a toda a assembleia dos filhos de Israel e diz-lhes: Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo”» (Lv 19, 1-2).

Este é um mandamento que nos obriga a cumprir todos os outros mandamentos, porque transgredir um só deles que seja é faltar à santidade.

O dever de ser santos obriga a todos, mesmo àqueles que não têm fé. Claro que, neste caso, sem a virtude da fé, a santidade será apenas ditada pela própria consciência e ficará privada do mérito sobrenatural, porque lhe falta a razão fundamental que valoriza toda a verdadeira santidade: ser santo, porque Deus é santo. Ser santo, para agradar a Deus, para nos assemelharmos a Deus, para fazer a Sua vontade, para dar gosto a Deus e provar-Lhe todo o nosso amor.

Como dizia, os que não têm a felicidade de possuir o dom da fé estão igualmente sujeitos à obrigação de serem santos por um ditame da consciência humana; pela mesma razão, se diz que, mesmo sem terem conhecimento de Deus, podem salvar-se todos aqueles que cumprirem a lei natural. Assim no-lo assegura o Apóstolo S. Paulo: «Porque, quando os gentios, que não têm lei, cumprem naturalmente os preceitos da lei, não tendo eles lei, a si mesmos servem de lei. Deste modo, demonstram que o que a lei ordena está escrito nos seus corações, dando-lhes testemunho disso a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os, como se verá no dia em que Deus julgar, por Jesus Cristo, as ações secretas dos homens» (Rm 2, 14-16).

Para nós que temos a felicidade de possuir o dom da fé, recebido no sacramento do Batismo, o dever de ser santos obriga-nos a algo mais: a revestirmo-nos da vida sobrenatural, a dar a todas as nossas ações o caráter sobrenatural, isto é, a ser santos porque Deus o quer e porque Deus é santo. O referido dever obriga-nos a viver à sombra da santidade de Deus, ou seja, segundo o caminho que Deus nos traçou para ser santos e estar com Ele: «Porque Eu sou o Senhor, vosso Deus, deveis santificar-vos e permanecer santos, porque Eu sou santo» (Lv 11, 44).

Ele mesmo nos guia os passos pelo caminho da santidade: «Eu sou o Deus todo-poderoso. Anda na Minha presença e sê perfeito» (Gn 17, 1). Andar na presença de Deus é dar-nos conta de que o Seu olhar paira sobre nós, e todo o nosso ser como que está em frente do espelho da luz de Deus. E, assim, dando-nos conta de que Deus nos vê, não nos atreveremos a ofendê-Lo; antes nascerá em nós a vontade de cumprir a Sua Lei, para Lhe agradecer, dar gosto, merecer os Seus favores e graças e santificar-nos, para nos identificarmos com Ele. Aqui está para todos a verdadeira união com Deus; e é esta que nos santifica (p. 196-197).

Agosto – Formamos um só corpo

Textos Bíblicos

Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 18-20).

Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança (Ef 4, 4).

Os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros (Rm 12, 5).

Como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo. De facto, num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito (1Cor 12, 12-13).

Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo (Col 3, 15).

A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum. A um é dada, pela ação do Espírito, uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, no mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, no único Espírito; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas. Tudo isto, porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz (1 Cor 12, 7-11).

Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, há o dom dos milagres, depois o das curas, o das obras de assistência, o de governo e o das diversas línguas (1 Cor 12, 27-28).

Textos do Magistério

Mystici Corporis, Pio XII

54. Se bem considerarmos esse divino princípio de vida e atividade, dado por Cristo, enquanto constitui a própria fonte de todos os dons e graças criadas, compreenderemos facilmente que não é outra coisa senão o Espírito Paráclito que procede do Pai e do Filho e de modo peculiar se diz «Espírito de Cristo» ou «Espírito do Filho» (Rm 8, 9; 2 Cor 3, 17; Gal 4, 6). Com esse Espírito de graça e de verdade ornou o Filho de Deus a sua alma logo no imaculado seio da Virgem; esse Espírito deleita-se em habitar na alma do Redentor, como no seu templo predileto; esse Espírito mereceu-no-lo Cristo derramando o próprio sangue; e, soprando sobre os apóstolos, comunicou-o à Igreja para perdoar os pecados (cf. Jo 20,22); e ao passo que só Cristo o recebeu sem medida (cf. Jo 3, 34), aos membros do corpo místico dá-se da plenitude de Cristo e só na medida que ele o quer dar (cf. Ef 1, 8; 4, 7). Depois que Cristo foi glorificado na cruz, o seu Espírito é comunicado à Igreja em copiosíssima efusão para que ela e cada um dos seus membros se pareçam cada vez mais com o Salvador. É o Espírito de Cristo que nos faz filhos adotivos de Deus (cf. Rm 8, 14-17; Gal 4, 6-7), para que um dia «todos, contemplando a face descoberta, a glória do Senhor, nos transformemos na sua própria imagem cada vez mais resplandecente» (cf. 2 Cor 3, 18).

***Lumen Gentium* – Concílio Vaticano II**

7. O Filho de Deus, encarnado na natureza humana, redimiu o homem e, superando a morte com a Sua própria morte e ressurreição, transformou-o em nova criatura (cf. Gal 6, 15; 2 Cor 5, 17). E, pela comunicação do Seu Espírito, constitui os Seus irmãos, convocados de entre todas as gentes, como que em Seu corpo místico.

Neste corpo, a vida de Cristo comunica-se aos crentes que, através dos sacramentos, se unem de modo misterioso e real a Cristo, que sofreu e foi glorificado. Pelo Batismo configuramo-nos com Cristo: «De facto, num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). Este rito sagrado significa e efetua a nossa união com a morte e ressurreição de Cristo: «pelo Batismo fomos sepultados com Ele na morte», e se «estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição» (Rm 6, 4-5). Participando nós realmente do corpo do Senhor, na fração do pão eucarístico, somos levados à comunhão com Ele e entre nós mesmos. «Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo» (1 Cor 10, 17). Assim nos tomamos, todos, membros desse corpo (cf. 1 Cor 12, 27): «individualmente somos membros que pertencem uns aos outros» (Rm 12, 5).

Assim como os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam um corpo único, assim também os fiéis em Cristo (cf. 1 Cor 12, 12). Também na edificação do corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Único é o Espírito que, para bem da Igreja (cf. 1 Cor 12, 1-11), distribui os Seus vários dons, conforme a sua riqueza e a necessidade de cada ministério. De entre esses dons sobressai a graça própria dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito sujeitou até mesmo os carismáticos (cf. 1 Cor 14). O mesmo Espírito, unificando o corpo por Si e operando, com a sua virtude, a coesão interna dos membros, produz

e estimula a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro sofre, sofrem com ele os demais; se um membro recebe glória, todos os outros se regozijam com ele (cf. 1 Cor 12, 26).

Cristo é a cabeça deste corpo. Ele é a imagem de Deus invisível, e n'Ele foram criadas todas as coisas. Ele existe antes de todas, e tudo subsiste n'Ele. Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, de modo que tem em tudo a primazia (cf. Cl 1, 15-18). Com a grandeza do Seu poder, domina o Céu e a Terra, e, com a Sua supereminente perfeição e ação, enche todo o corpo com as riquezas da Sua glória (cf. Ef 1, 18-23).

Todos os membros devem conformar-se com Ele, até que neles se forme Cristo (cf. Gl 4, 19). Por isso, somos incorporados nos mistérios da Sua vida, com Ele configurados, mortos e ressuscitados, até chegarmos a reinar com Ele (cf. Fl 3, 21; 2 Tm 2, 11; Ef 2, 6; Cl 2, 12, etc.). Na nossa peregrinação terrena, seguimos as Suas pegadas na tribulação e na perseguição, associamo-nos à Sua paixão como corpo à cabeça, e sofremos com Ele, para com Ele sermos depois glorificados (cf. Rm 8, 17).

D'Ele, «todo o Corpo, abastecido e mantido pelas juntas e articulações, recebe o seu crescimento de Deus» (Cl 2, 19). Ele distribui continuamente ao Seu corpo, que é a Igreja, os dons dos ministérios, pelos quais, graças ainda ao Seu poder, nos ajudamos mutuamente no caminho da salvação, para que, professando a verdade na caridade, cresçamos de todos os modos para Ele, que é a nossa cabeça (cf. Ef 4, 11-16).

Para que possamos renovar-nos constantemente n'Ele (cf. Ef 4, 23), repartiu connosco o Seu Espírito, o qual, sendo um só e o mesmo na cabeça e nos membros, vivifica, unifica e dirige de tal modo o corpo inteiro, que a Sua função pôde ser comparada pelos santos Padres àquela que a alma, princípio da vida, exerce no corpo humano.

Cristo ama a Igreja como Sua esposa, tornando-Se modelo do marido que ama a esposa como ao seu próprio corpo (cf. Ef 5, 25-28); e a Igreja, por sua vez, está sujeita à sua cabeça (ibid 23-24). «Porque é nele que habita realmente toda a plenitude da divindade» (Cl 2, 9), Ele enche dos Seus dons divinos a Igreja, que é o Seu corpo e a Sua plenitude (cf. Ef 1, 22-23), para que ela procure e alcance toda a plenitude de Deus (cf. Ef 3, 19).

Catecismo da Igreja Católica

799. Extraordinários ou simples e humildes, os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, ordenados como são para a edificação da Igreja, o bem dos homens e as necessidades do mundo.

800. Os carismas devem ser acolhidos com reconhecimento por aquele que os recebe, mas também por todos os membros da Igreja. De facto, eles são uma maravilhosa riqueza de graças para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo; desde que se trate de dons verdadeiramente procedentes do Espírito Santo e exercidos de modo plenamente conforme aos impulsos autênticos do mesmo Espírito, quer dizer, segundo a caridade, verdadeira medida dos carismas.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

A segunda [aparicação do Anjo] deveu ser no pino do verão, nesses dias de maior calor, em que íamos com (os) rebanhos para casa, no meio da manhã, para os tornar a abrir só à tardinha.

Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós.

– Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre

vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, oferecei um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começamos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, exceto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado (p. 169-170).

A Jacinta gostava de, durante o recreio, ir visitar o Santíssimo; mas, dizia ela:

– Parece que adivinham. Logo que a gente entra na Igreja, é tanta gente a fazer-nos perguntas! Eu gostava de estar muito tempo sozinha, a falar com Jesus escondido; mas nunca nos deixam!

Na verdade, aquela gentinha simples das aldeias não nos deixava. Contavam, com toda a simplicidade, todas as suas necessidades e aflições. A Jacinta mostrava pena, em especial quando se tratava de algum pecador. E, então, dizia:

– Temos que rezar e oferecer sacrifícios a Nosso Senhor, para que o converta e não vá para o inferno, coitadinho! (p. 54)

A amizade que me unia ao Francisco era apenas a de parentesco e a que consigo traziam as graças que o Céu se dignava conceder-nos.

O Francisco não parecia irmão da Jacinta senão nas feições do rosto e na prática da virtude. Não era, como ela, caprichoso e vivo; era, ao contrário, de natural pacífico e condescendente.

Quando, nos nossos (jogos) e brincadeiras, algum se empenhava em negar-lhe os seus direitos por ter ganhado, cedia sem resistência, limitando-se a dizer apenas:

– Pensas que ganhaste tu? Pois sim! A mim isso não me importa.

Não manifestava, como a Jacinta, a paixão pela dança; gostava mais de tocar o pifarito, enquanto os outros dançavam.

Nos jogos, era bastante animado, mas poucos gostavam de jogar com ele, porque perdia quase sempre. Eu mesma confesso que simpatizava pouco com ele, porque o seu natural pacífico excitava, por vezes, os nervos da minha demasiada vivacidade. Às vezes, pegava-lhe por um braço, obrigava-o a sentar-se no chão ou em alguma pedra, mandava-lhe que estivesse quieto e ele obedecia-me, como se eu tivesse uma grande autoridade. Depois, sentia pena, ia buscá-lo pela mão e vinha com o mesmo bom humor, como se nada tivesse acontecido. Se alguma das outras crianças porfiava em tirar-lhe alguma coisa que lhe pertencesse, dizia:

– Deixa lá! A mim que me importa? (p. 136).

Setembro – Felizes os convidados para a Ceia do Senhor

Textos Bíblicos

Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 19-20).

Permaneço em mim, que Eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim (Jo 15, 4).

O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão (1 Cor 10, 16-17).

E foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, em ordem a preparar os santos para uma atividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo (Ef 4, 11-12).

Textos do Magistério

***Sacramentum Caritatis*, Bento XVI**

21. O Concílio Vaticano II veio recordar que a celebração eucarística está no centro do processo de crescimento da Igreja. De facto, depois de afirmar que «a Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus», querendo de algum modo responder à questão sobre o modo como cresce, acrescenta: «Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» (1 Cor 5, 7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1 Cor 10, 17)».

Existe um influxo causal da Eucaristia nas próprias origens da Igreja. Os evangelistas especificam que foram os Doze, os Apóstolos, que estiveram reunidos com Jesus na Última Ceia (cf. Mt 26, 20; Mc 14, 17; Lc 22, 14). Trata-se de um detalhe de notável importância, porque os Apóstolos «foram a semente do novo Israel e ao mesmo tempo a origem da sagrada Hierarquia». Ao oferecer-lhes o seu corpo e sangue como alimento, Cristo

envolvia-os misteriosamente no sacrifício que iria consumir-se dentro de poucas horas no Calvário. De modo análogo à aliança do Sinai, que foi selada com um sacrifício e a aspersão do sangue, os gestos e as palavras de Jesus na Última Ceia lançavam os alicerces da nova comunidade messiânica, povo da nova aliança.

No Cenáculo, os Apóstolos, tendo aceite o convite de Jesus: «Tomai, comei [...]. Bebei dele todos» (Mt 26, 26.27), entraram pela primeira vez em comunhão sacramental com Ele. Desde então e até ao fim dos séculos, a Igreja edifica-se através da comunhão sacramental com o Filho de Deus imolado por nós: «Fazei isto em minha memória [...]. Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em minha memória» (1 Cor 11, 24-25; cf. Lc 22, 19).

22. A incorporação em Cristo, realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no sacrifício eucarístico, sobretudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos dizer não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós. Ele intensifica a sua amizade connosco: «Chamei-vos amigos» (Jo 15, 14). Mais ainda, nós vivemos por Ele: «O que Me come viverá por Mim» (Jo 6, 57). Na comunhão eucarística, realiza-se de modo sublime a inabituação mútua de Cristo e do discípulo: «Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4).

Unindo-se a Cristo, o povo da nova Aliança não se fecha em si mesmo; pelo contrário, torna-se «sacramento» para a humanidade, sinal e instrumento da salvação realizada por Cristo, luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16) para a redenção de todos. A missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21). Por isso, a Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo.

23. Pela comunhão eucarística, a Igreja é consolidada igualmente na sua unidade de corpo de Cristo. A este efeito unificador que tem a participação no banquete eucarístico, alude S. Paulo quando diz aos coríntios: «O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão» (1 Cor 10, 16-17). Concreto e profundo, S. João Crisóstomo comenta: «Com efeito, o que é o pão? É o corpo de Cristo. E em que se transformam aqueles que o recebem? No corpo de Cristo; não muitos corpos, mas um só corpo. De facto, tal como o pão é um só apesar de constituído por muitos grãos, e estes, embora não se vejam, todavia estão no pão, de tal modo que a sua diferença desapareceu devido à sua perfeita e recíproca fusão, assim também nós estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo». A argumentação é linear: a nossa união com Cristo, que é dom e graça para cada um, faz com que, n'Ele, sejamos parte também do seu corpo total que é a Igreja. A Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito (cf. 1 Cor 12, 13.27).

A ação conjunta e indivisível do Filho e do Espírito Santo, que está na origem da Igreja, tanto da sua constituição como da sua continuidade, opera na Eucaristia. Bem ciente disto, o autor da Liturgia de S. Tiago, na epiclese da anáfora, pede a Deus Pai que envie o Espírito Santo sobre os fiéis e sobre os dons, para que o corpo e o sangue de Cristo «sirvam a todos os que deles participarem [...] de santificação para as almas e os corpos». A Igreja é fortalecida pelo Paráclito divino através da santificação eucarística dos fiéis.

24. O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e sobreabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano. Pela comunhão do corpo de Cristo, a Igreja consegue

cada vez mais profundamente ser, «em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano».

Aos germes de desagregação tão enraizados na humanidade por causa do pecado, como demonstra a experiência quotidiana, contrapõe-se a força geradora de unidade do corpo de Cristo. A Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo comunidade entre os homens.

***Communio* Notio, Congregação para a Doutrina da Fé**

3. O conceito de comunhão está «no coração da autoconsciência da Igreja», enquanto Mistério da união pessoal de cada homem com a Trindade divina e com os outros homens, iniciada na fé, e orientada para a plenitude escatológica na Igreja celeste, embora sendo já desde o início uma realidade na Igreja sobre a terra.

Para que o conceito de comunhão, que não é unívoco, possa servir como chave interpretativa da eclesiologia, deve ser entendido no contexto dos ensinamentos bíblicos e da tradição patrística, nos quais a comunhão implica sempre uma dupla dimensão: vertical (comunhão com Deus) e horizontal (comunhão entre os homens). É essencial à visão cristã da comunhão reconhecê-la, antes do mais, como dom de Deus, como fruto da iniciativa divina cumprida no mistério pascal. A nova relação entre o homem e Deus, estabelecida em Cristo e comunicada nos sacramentos, expande-se ainda a uma nova relação dos homens entre si. Consequentemente, o conceito de comunhão deve ser também capaz de exprimir a natureza sacramental da Igreja enquanto estamos «longe do Senhor», assim como a peculiar unidade que faz dos fiéis os membros de um mesmo Corpo, o Corpo místico de Cristo, uma comunidade organicamente estruturada, «um povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo», e dotado ainda com os meios adequados à união visível e social.

4. A comunhão eclesial é ao mesmo tempo invisível e visível. Na sua realidade invisível, é a comunhão de cada homem com o Pai por Cristo no Espírito Santo, e com os outros homens que participam na natureza divina, na paixão de Cristo, na mesma fé, no mesmo espírito. Na Igreja sobre a terra, entre esta comunhão invisível e a comunhão visível na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos e na ordem hierárquica, existe uma íntima relação. Mediante estes dons divinos, realidades bem visíveis, Cristo exercita de vários modos na história a Sua função profética, sacerdotal e real pela salvação dos homens. Esta relação entre os elementos visíveis e os elementos invisíveis da comunhão eclesial é constitutiva da Igreja como Sacramento de salvação.

Desta sacramentalidade deriva o facto de a Igreja não ser uma realidade voltada sobre si mesma, mas permanentemente aberta à dinâmica missionária e ecuménica, porque enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e expandir o mistério de comunhão que a constitui: a fim de reunir todos e tudo em Cristo; de ser para todos «sacramento inseparável de unidade».

5. A comunhão eclesial, na qual cada um se insere pela fé e pelo Batismo, tem a sua raiz e o seu centro na Sagrada Eucaristia. Na realidade, o Batismo é incorporação num corpo edificado e vivificado pelo Senhor ressuscitado mediante a Eucaristia, de tal maneira que este corpo pode ser verdadeiramente chamado Corpo de Cristo. A Eucaristia é fonte e força criadora de comunhão entre os membros da Igreja precisamente porque une cada um deles com o próprio Cristo: «na fração do pão eucarístico, participando nós realmente no Corpo do Senhor, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós: 'Visto que há um só pão, nós, embora muitos, formamos um só corpo, nós todos que participamos dum mesmo pão' (1 Cor. 10, 17)».

Por isso, a expressão paulina a Igreja é o Corpo de Cristo significa que a Eucaristia, na qual o Senhor nos dá o seu Corpo e nos transforma num

só Corpo, é o lugar onde permanentemente a Igreja se exprime na sua forma mais essencial: presente em toda a parte e, no entanto, sendo só uma, como um é Cristo.

6. A Igreja é Comunhão dos santos, segundo a expressão tradicional que encontramos nas versões latinas do Símbolo apostólico a partir do final do século IV. A comum participação visível nos bens da salvação (as coisas santas), especialmente na Eucaristia, é raiz da comunhão invisível entre os participantes (os santos). Esta comunhão comporta uma solidariedade espiritual entre os membros da Igreja, enquanto membros de um mesmo Corpo, e tende à sua efetiva união na caridade, constituindo «um só coração e uma só alma». A comunhão conduz, de igual modo, à união na oração, inspirada em todos por um mesmo Espírito, o Espírito Santo «que penetra e une toda a Igreja».

Esta comunhão, nos seus elementos invisíveis, existe não apenas entre os membros da Igreja peregrinante na terra, mas também entre estes e todos aqueles que, tendo deixado este mundo na graça do Senhor, fazem parte da Igreja celeste ou serão nela incorporados depois de uma plena purificação. Isto significa, aliás, que existe uma mútua relação entre a Igreja peregrina sobre a terra e a Igreja celeste na missão histórico-salvífica. Dela resulta a importância eclesiológica não só da intercessão de Cristo a favor dos seus membros, mas também da dos santos e, num modo eminente, da Santíssima Virgem Maria. A essência da devoção aos santos, tão presente na piedade do povo cristão, corresponde assim à profunda realidade da Igreja como mistério de comunhão.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Começou a Missa cantada e à maneira que o momento se aproximava, o coração batia mais apressado, na expectativa da visita dum grande Deus que ia descer do Céu para Se unir à minha pobre alma. O Senhor Prior

desceu por entre as filas a distribuir o Pão dos Anjos. Tive a sorte de ser a primeira. Quando o Sacerdote descia os degraus do altar, o coração parecia querer sair-me do peito. Mas logo que pousou em meus lábios a Hóstia Divina, senti uma serenidade e uma paz inalterável; senti que me invadia uma atmosfera tão sobrenatural, que a presença do nosso bom Deus se me tornava tão sensível, como se O visse e ouvisse com os sentidos corporais. Dirigi-Lhe então as minhas súplicas:

– Senhor, fazei-me uma santa, guardai o meu coração sempre puro, para Ti só.

Aqui, pareceu-me que o nosso bom Deus me disse, no fundo do meu coração, estas distintas palavras:

– A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna.

Sentia-me de tal forma transformada em Deus!

Quando terminou a função religiosa, que era quase a uma hora da tarde, por os Sacerdotes de fora terem tardado em vir, e com o sermão e renovação das promessas do batismo, minha mãe foi, pois, buscar-me, aflita, julgando-me a cair de fraqueza. Mas eu sentia-me tão saciada com o Pão dos Anjos, que me foi impossível, por então, tomar alimento algum. Perdi, desde então, o gosto e atrativo que começava a sentir pelas coisas do mundo e só me sentia bem em algum lugar solitário, onde pudesse, só, recordar as delícias da minha primeira comunhão (p. 72-73).

Passados os primeiros dias e recuperado o estado normal, perguntou o Francisco:

– O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi o que Ele nos deu?

– Foi também a Sagrada Comunhão – respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível. – Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia?

– Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!

E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com a sua Irmã, repetindo a oração do Anjo: Santíssima Trindade..., etc. (p. 140).

Outubro – Vigiai e orai

Textos Bíblicos

Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogênitos do seu rebanho e as suas gorduras (Gen 4, 3-4).

«Terás, pois, de conceder ao teu servo um coração cheio de entendimento para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal. De outro modo, quem seria capaz de julgar o teu povo, um povo tão importante?» Esta oração de Salomão agradou ao Senhor (1 Rs 3, 9-10).

David bendisse o Senhor na presença de toda a assembleia, dizendo: «Sê bendito para todo o sempre, Senhor, Deus do nosso pai Israel! A ti, Senhor, a grandeza, o poder, a honra, a majestade e a glória, porque tudo te pertence no céu e na terra» (1 Cr 29, 10-11).

Em alta voz invoco o SENHOR e Ele responde-me da sua montanha santa (Sl 3, 5).

Rezai, pois, assim: 'Pai nosso, que estás no Céu [...] (Mt 6, 9).

Voltando para junto dos discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil» (Mt 26, 40-41).

Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração (Rm 12, 12).

Perseverai na oração e mantende-vos, por ela, em vigilante ação de graças (Cl 4, 2).

Textos do Magistério

***Sacrossanctum Concilium* – Concílio Vaticano II**

26. As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é «sacramento de unidade», isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos.

Por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual.

27. Sempre que os ritos comportam, segundo a natureza particular de cada um, uma celebração comunitária, caracterizada pela presença e ativa participação dos fiéis, inculque-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada.

Isto é válido sobretudo para a celebração da Missa e para a administração dos sacramentos, ressaltando-se sempre a natureza pública e social de toda a Missa.

28. Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu ofício, a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas.

29. Os que servem ao altar, os leitores, comentadores e elementos do grupo coral desempenham também um autêntico ministério litúrgico. Exerçam, pois, o seu múnus com piedade autêntica e do modo que convêm a tão grande ministério e que o Povo de Deus tem o direito de exigir.

É, pois, necessário imbuí-los de espírito litúrgico, cada um a seu modo, e formá-los para executarem perfeita e ordenadamente a parte que lhes compete.

30. Para fomentar a participação ativa, promovam-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes corporais. Não deve deixar de observar-se, a seu tempo, um silêncio sagrado.

31. Na revisão dos livros litúrgicas, procure-se que as rubricas tenham em conta a parte que compete aos fiéis.

83. Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor.

Continua esse múnus sacerdotal por intermédio da sua Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação de todo o mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pela recitação do Ofício divino.

84. O Ofício divino, segundo a antiga tradição cristã, destina-se a consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e noturno do tempo. E quando são os sacerdotes a cantar esse admirável cântico de louvor, ou outros para tal deputados pela Igreja, ou os fiéis quando rezam juntamente com o sacerdote segundo as formas aprovadas, então é verdadeiramente a voz da Esposa que fala com o Esposo ou, melhor, a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai.

85. Todos os que rezam assim, cumprem, por um lado, a obrigação própria da Igreja, e, por outro, participam na imensa honra da Esposa de Cristo, porque estão em nome da Igreja diante do trono de Deus, a louvar o Senhor.

86. Os sacerdotes, dedicados ao sagrado ministério pastoral, recitarão com tanto mais fervor o Ofício divino, quanto mais conscientes estiverem de que devem seguir a exortação de S. Paulo: «Rezai sem cessar» (1 Tess 5, 17). É que só o Senhor pode dar eficácia e fazer progredir a obra em que trabalham, Ele que disse: «Sem mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5).

Razão tiveram os Apóstolos para dizer, quando instituíram os diáconos: «Nós atenderemos com assiduidade à oração e ao ministério da palavra» (Act 6, 4).

***Gaudium et Spes* – Concílio Vaticano II**

24. Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que «fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro género humano, saído dum princípio único» (Act 17, 26), todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus.

E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo, «...todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo... A caridade é, pois, a lei na sua plenitude» (Rom 13, 9-10; cf. 1 Jo 4, 20). Isto revela-se como sendo da maior importância, hoje, que os homens se tornam cada dia mais dependentes uns dos outros e o mundo se unifica cada vez mais.

Mais ainda: quando o Senhor Jesus pede ao Pai «que todos sejam um..., como nós somos um» (Jo 17, 21-22), sugere – abrindo perspectivas inacessíveis à razão humana – que dá uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança torna manifesto que o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo.

***Lumen Gentium* – Concílio Vaticano II**

34. O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus, querendo também por meio dos leigos continuar o Seu testemunho e serviço, vivifica-o pelo Seu Espírito e sem cessar os incita a toda a obra boa e perfeita. E assim, àqueles que intimamente associou à própria vida e missão, concedeu também participação no seu múnus sacerdotal, a fim de que exerçam

um culto espiritual, para glória de Deus e salvação dos homens. Por esta razão, os leigos, enquanto consagrados a Cristo e ungidos no Espírito Santo, têm uma vocação admirável e são instruídos para que os frutos do Espírito se multipliquem neles cada vez mais abundantemente. Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. 1 Ped 2, 5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. E deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo.

35. Cristo, o grande profeta, que pelo testemunho da vida e a força da palavra proclamou o reino do Pai, realiza a sua missão profética, até à total revelação da glória, não só por meio da Hierarquia, que em Seu nome e com a Sua autoridade ensina, mas também por meio dos leigos; para isso os constituiu testemunhas, e lhes concedeu o sentido da fé e o dom da palavra (cf. Act 2, 17-18; Ap 19, 10) a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida quotidiana, familiar e social. Os leigos mostrar-se-ão filhos da promessa se, firmes na fé e na esperança, aproveitarem bem o tempo presente (cf. Ef 5, 16; Col 4, 5) e com paciência esperarem a glória futura (cf. Rom 8, 25). Mas não devem esconder esta esperança no seu íntimo, antes, pela contínua conversão e pela luta «contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal» (Ef 6, 12), manifestem-na também nas estruturas da vida secular.

Do mesmo modo que os sacramentos da nova lei, que alimentam a vida e o apostolado dos fiéis, prefiguram um novo céu e uma nova terra (cf. Ap 21, 1), assim os leigos tornam-se valorosos arautos da fé naquelas realidades que esperamos (cf. Heb 11, 1), se juntarem sem hesitação, a uma vida de fé, a profissão da mesma fé. Este modo de evangelizar, proclamando

a mensagem de Cristo com o testemunho da vida e com a palavra, adquire um certo caráter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo.

Nesta obra, desempenha grande papel aquele estado de vida que é santificado por um sacramento próprio: a vida matrimonial e familiar. Aí se encontra um exercício e uma admirável escola de apostolado dos leigos, se a religião penetrar toda a vida e a transformar cada vez mais. Aí encontram os esposos a sua vocação própria, de serem um para o outro e para os filhos as testemunhas da fé e do amor de Cristo. A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade.

Por isso, ainda mesmo quando ocupados com os cuidados temporais, podem e devem os leigos exercer valiosa ação para a evangelização do mundo. E se há alguns que, na medida do possível, suprem nas funções religiosas os ministros sagrados que faltam ou estão impedidos em tempo de perseguição, a todos, porém, incumbe a obrigação de cooperar para a dilatação e crescimento do Reino de Cristo no mundo. Dediquem-se, por isso, os leigos com diligência a conseguir um conhecimento mais profundo da verdade revelada, e peçam insistentemente a Deus o dom da sabedoria.

Evangelii Nuntiandi, Paulo VI

9. Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele. Tudo isto começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição; mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará.

10. Este reino e esta salvação, palavras-chave da evangelização de Jesus Cristo, todos os homens os podem receber como graça e misericórdia; e no entanto, cada um dos homens deve conquistá-los pela força, os violentos apoderam-se dele, diz o Senhor, pelo trabalho e pelo sofrimento, por uma vida em conformidade com o Evangelho, pela renúncia e pela cruz, enfim pelo espírito das bem-aventuranças. Mas, antes de mais nada, cada um dos homens os conquistará mediante uma total transformação do seu interior que o Evangelho designa com a palavra «metanoia», uma conversão radical, uma modificação profunda dos modos de ver e do coração.

Catecismo da Igreja Católica

2659. Aprendemos a orar em certos momentos, escutando a Palavra do Senhor e participando no seu mistério pascal. Mas a cada momento, nos acontecimentos de cada dia, o seu Espírito é-nos oferecido para fazer brotar a oração. O ensinamento de Jesus sobre a oração ao nosso Pai está na mesma linha que o ensino sobre a providência: o tempo está nas mãos do Pai; é no presente que nós O encontramos; não ontem nem amanhã, mas hoje: «Quem dera ouvísseis hoje a sua voz; não endureçais os vossos corações» (Sl 95, 7-8).

2660. Orar nos acontecimentos de cada dia e de cada instante é um dos segredos do Reino, revelados aos «pequeninos», aos servos de Cristo, aos pobres das bem-aventuranças. É justo e bom orar para que a vinda do Reino da justiça e da paz influencie a marcha da história; mas também é importante levar pela oração a massa das humildes situações quotidianas. Todas as formas de oração podem ser esse fermento a que o Senhor compara o Reino.

2678. A piedade medieval do Ocidente propagou a oração do rosário como substituto popular da Liturgia das Horas. No Oriente, a forma litânica do *akáthistos* e da *paráclêsis* ficou mais próxima do ofício coral nas Igrejas bizantinas, ao passo que as tradições arménia, copta e siríaca preferi-

ram os hinos e cânticos populares à Mãe de Deus. Mas, na Ave-Maria, nas *theotokía*, nos hinos de Santo Efrém ou de São Gregório de Narek, a tradição da oração é fundamentalmente a mesma.

2679. Maria é a orante perfeita, figura da Igreja. Quando Lhe oramos, aderimos com Ela ao desígnio do Pai, que envia o seu Filho para salvar todos os homens. Como o discípulo amado, nós acolhemos em nossa casa a Mãe de Jesus que se tornou Mãe de todos os viventes. Podemos orar com Ela e orar-Lhe a Ela. A oração da Igreja é como que sustentada pela oração de Maria. Está-lhe unida na esperança.

2720. A Igreja convida os fiéis para uma oração regular: orações quotidianas, Liturgia das Horas, Eucaristia dominical, festas do ano litúrgico.

2721. A tradição cristã compreende três expressões principais da vida de oração: a oração vocal, a meditação e a contemplação. Têm em comum o recolhimento do coração.

2722. A oração vocal, fundada na união do corpo e do espírito na natureza humana, associa o corpo à oração interior do coração, a exemplo de Cristo que orava ao Pai e ensinava o «Pai nosso» aos seus discípulos.

2723. A meditação é uma busca orante que põe em ação o pensamento, a imaginação, a emoção, o desejo. Tem por finalidade a apropriação crente do tema considerado, confrontado com a realidade da nossa vida.

2724. A contemplação é a expressão simples do mistério da oração. É um olhar de fé fixo em Jesus, uma escuta da Palavra de Deus, um amor silencioso. Realiza a união com a oração de Cristo, na medida em que nos faz participar no seu mistério.

Textos sobre a Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Quando, nesse dia [14 de maio de 1917], chegámos à pastagem, a Jacinta sentou-se pensativa, em uma pedra.

– Jacinta! Anda brincar!

– Hoje não quero brincar.

– Por que não queres brincar?

– Porque estou a pensar. Aquela Senhora disse-nos para rezarmos o Terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores. Agora, quando rezarmos o Terço, temos que rezar a Ave Maria e o Padre Nosso inteiro. E os sacrifícios como os havemos de fazer?

O Francisco discorreu em breve um bom sacrifício:

– Demos a nossa merenda às ovelhas e fazemos o sacrifício de não merendar!

Em poucos minutos, estava todo o nosso farnel distribuído pelo rebanho. E assim passámos um dia de jejum, que nem o do mais austero cartuxo! (p. 46-47).

Já disse como, um dia, dois Sacerdotes nos recomendaram a oração pelo Santo Padre e nos explicaram quem era o Papa. A Jacinta, depois, perguntou-me:

– É o mesmo que eu vi a chorar e de quem aquela Senhora nos falou no segredo?

– É – lhe respondi.

– Decerto aquela Senhora também o mostrou a estes Senhores Padres! Vês? Eu não me enganei. É preciso rezar muito por Ele.

Em outra ocasião, fomos para a Lapa do Cabeço. Chegados aí, prostrámo-nos por terra, a rezar as orações do Anjo. Passado algum tempo, a Jacinta ergue-se e chama por mim:

– Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não tem nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?

Passados alguns dias, perguntou-me:

– Posso dizer que vi o Santo Padre e toda aquela gente?

– Não. Não vês que isso faz parte do segredo? Que por aí logo se descobria?

– Está bem; então não digo nada (p. 127).

Como vejo a Mensagem, Irmã Lúcia

«Que fazeis? Oraí! Oraí muito! Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.»

A pergunta: «Que fazeis?», não significa uma repreensão, mas apenas uma chamada de atenção, para o mais necessário e importante, que é a oração, o nosso encontro com Deus na oração, que deve ser um diálogo habitual, da nossa alma com o Senhor.

Mesmo no meio das nossas ocupações, dos nossos trabalhos, dos nossos entretenimentos, dos nossos afazeres e recreações, o Senhor deve estar sempre presente no nosso espírito, no nosso coração e nas nossas intenções, para que em tudo Lhe dêmos gosto e glória, isto é, uma prova de amor. Devemos, assim, dar gosto ao Senhor, para cativarmos o Seu olhar de misericórdia sobre nós, de modo que o Senhor Se sinta bem em nós, em nós Se recreie e descanse, para fazer-nos um com Ele. Para tanto, é preciso que a nossa oração seja um diálogo de encontro com Ele; quer seja

servindo-nos de orações vocais compostas por outros, quer seja deixando o nosso coração falar, dizer-Lhe tudo quanto sente, deseja e d'Ele espera, com fé, e confiança, certos de que o Senhor nos vê, nos observa, nos escuta e nos atende. S. Paulo diz que nós somos casa de Deus. (cf. 1 Cor 3, 9)

Se somos casa de Deus, somos morada onde Ele habita; não deixemos que na nossa casa Ele se encontre só, esquecido, abandonado, menos ainda, que aí seja por nós ofendido (p. 21).

Apelos da Mensagem de Fátima, Irmã Lúcia

Tudo isto nos mostra a grande necessidade que temos de fazer oração, de nos aproximarmos de Deus pela oração. É pela oração que se obtém o perdão dos próprios pecados, a força e a graça para resistir às tentações do mundo, do Demónio e da carne. Somos muito fracos; sem essa força, não conseguiremos vencer. Por isso, Jesus recomendou aos Seus Apóstolos: «Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca» (Mt 26, 41).

É pelo mesmo motivo que a Mensagem nos renova esta recomendação do Senhor: «Orai, orai muito!». Este apelo é a repetição da chamada à oração que tantas vezes nos foi dirigida por Deus e que Jesus Cristo deixou aos Seus Apóstolos e a nós também, nos últimos momentos da Sua vida terrena: «Vigiai e orai».

Em várias passagens do texto sagrado, encontramos Jesus Cristo que nos dá o exemplo e recomenda a oração; e não só no-la recomenda, mas ensinou-nos a orar, como, por exemplo, nesta página de S. Lucas: «Sucedeu que, estando Ele algures a orar, disse-Lhe, quando acabou, um dos Seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos». Disse-lhes Ele: «Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino...» (Lc 11, 1-2). E foi assim que dos Seus lábios aprendemos o Pai-Nosso, a mais bela das nossas orações que dirigimos a Deus e na qual Jesus Cristo nos ensina a dar a Deus o doce nome de Pai.

Este nome revela-nos o mistério da paternidade divina e confirma-nos na verdade de que todos somos filhos do mesmo Deus; esta verdade, confirmada por Jesus Cristo, de que Deus é nosso Pai, enche-nos de confiança e fortifica-nos no amor, porque quem jamais nos amou como Deus? Por isso, a nossa oração deve ser o encontro do amor do filho que vai fundir-se no coração do Pai, e é o amor de Pai que Se inclina para o filho, escuta as palavras do filho, ouve os seus rogos, os seus louvores, os seus agradecimentos, e atende os seus pedidos.

Há muitas maneiras de fazer oração, ou de nos encontrarmos com Deus na oração. Qual é a melhor? A melhor para cada pessoa é aquela que mais a ajuda a encontrar Deus e a manter-se em contacto íntimo com Ele, coração a coração, palpitando de amor pelo Pai com o Coração de Jesus Cristo, assumindo os mesmos anelos e sentimentos de Jesus Cristo, tornando-nos um com Cristo, como Ele o desejou e pediu ao Pai: «Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim (...); como Tu, ó Pai, estás em Mim e eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste» (Jo 17, 20-21).

Por esta sublime oração de Cristo, vemos quais são os planos de Deus a nosso respeito: sermos um com Ele pela nossa união com Cristo: «Como Tu, ó Pai, estás em Mim e eu em Ti, que também eles estejam em Nós». Mas, esta união com Deus não se pode conseguir senão por meio da oração; é aí que nos encontramos com Deus, e é nesse encontro que Ele nos comunica a Sua graça, os Seus dons, o Seu amor e o Seu perdão.

Vemos que Jesus Cristo, na Sua oração, rogou também por nós: «Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim». E nós temos a felicidade de ser do número daqueles que, pela palavra dos Apóstolos que nos foi transmitida pelos seus sucessores, acreditam no Senhor, pelo que Cristo também rogou ao Pai por nós. Sinto-me tão feliz quando penso que Ele me tinha presente no momento em que dirigiu ao Pai esta oração: que pensou em mim e me apresentou ao Pai como filha do Seu amor!

Pensou em mim, pensou em vós, pensou na multidão inumerável dos Seus irmãos. E a nossa oração, para ser animada dos mesmos anelos e sentimentos de Jesus Cristo, deve unir-se à Sua oração por todos aqueles que n'Ele hão de acreditar e salvar-se pelos Seus méritos (p. 92-94).



PROGRAMA OFICIAL
DO SANTUÁRIO



DA PÁSCOA A OUTUBRO

07:30	Missas, na Capela da Morte de Jesus
09:00	Missas, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
10:00	Rosário, na Capelinha, aos sábados e domingos
11:00	Missas, transmitida pela comunicação social aos domingos, no Recinto, seguida de Procissão do Adeus de segunda-feira a sábado, na Basílica da Santíssima Trindade
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sexta-feira
12:30	Missas, na Capelinha aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha
15:00	Missas, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade, com interpretação em Língua Gestual Portuguesa Em agosto, de domingo a sexta-feira, na Basílica da Santíssima Trindade
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missas, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Capelinha
17:00	Saudação a Nossa Senhora, na Capelinha, aos sábados
17:30	Procissão Eucarística, no Recinto, aos domingos Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento, à quinta-feira Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento, à sexta-feira
17:45	Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento, à quinta-feira
18:30	Missas, na Capela da Morte de Jesus à quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas (à quinta-feira, Procissão Eucarística)

NOTA: Nos dias santos e feriados nacionais de 25 de abril, 1 de maio e 10 de junho segue-se o programa de domingo.

11 a 13 de maio a outubro – Peregrinação Aniversária

Dia 11

18:30 – Missa dos peregrinos a pé, na Capela da Morte de Jesus; em maio e agosto, na Basílica da Santíssima Trindade.

Dia 12

07:30 – Via-sacra, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela de Santo Estêvão, com a Eucaristia. Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07:30 e as 09:00, para não perturbar a via-sacra oficial.

Missas, em português, de manhã:

07:30 – Capela da Morte de Jesus;

09:00 – Capela da Morte de Jesus;

11:00 – Basílica da Santíssima Trindade;

12:30 – Capela da Morte de Jesus.

Concelebrações em línguas estrangeiras, na Capelinha:

07:30 – Alemão;

08:30 – Inglês;

09:30 – Francês;

10:30 – Espanhol;

11:30 – Neerlandês;

12:30 – Italiano;

13:30 – Polaco.

14:00 – Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Nossa Senhora das Dores (maio, agosto e outubro).

16:30 – Missa, com a participação dos doentes: em junho, julho e setembro, na Capelinha; em maio, agosto e outubro, no Recinto de Oração.

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto.

18:30 – Início oficial da peregrinação, na Capelinha.

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas.

22:30 – Eucaristia, no Recinto.

NOTAS:

1. Em julho, por ser domingo:

- De manhã, segue-se o programa de domingo (não há concelebrações em línguas estrangeiras);
- À tarde, segue-se o programa dos dias 12;
- Há Missa às 15:00, na Basílica da Santíssima Trindade.

2. Em setembro, por ser sábado:

- Há Rosário às 10:00, na Capelinha;
- As concelebrações das 09:30 e 10:30 são na Capela da Ressurreição de Jesus e na Capela da Morte de Jesus, respetivamente;
- Há Missa às 15:00, na Capela da Morte de Jesus.

Dia 13

Noite de Vigília:

00:00 às 02:00 – Adoração Eucarística; em maio, agosto e outubro, na Basílica da Santíssima Trindade; em junho, julho e setembro, na Capela da Morte de Jesus,

02:00 às 03:15 – Via-sacra, no Recinto.

03:15 às 03:30 – Café (atrás da Capelinha).

03:30 às 04:15 – Celebração Mariana, na Capelinha.

04:30 às 05:30 – Missa, na Capelinha.

05:30 às 07:00 – Adoração com Laudes do Santíssimo Sacramento, na Capelinha.

07:00 – Procissão Eucarística, no Recinto.

Celebração final:

09:00 – Rosário, na Capelinha.

10:00 – Procissão para o Altar do Recinto, Missa, Bênção dos Doentes e Procissão do Adeus, no Recinto.

NOTAS:

- A partir das 15:00, é retomado o programa oficial do dia da semana.
- A missa das 15:00 é celebrada pelas intenções dos benfeitores do Santuário.

DE NOVEMBRO À PÁSCOA

07:30	Missa, na Capela da Morte de Jesus
09:00	Missa, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
10:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
11:00	Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, transmitida pela comunicação social No dia 8 de Dezembro, no Recinto
12:00	Rosário, na Capelinha, de segunda a sábado
12:30	Missa, na Capelinha aos domingos, na Capela da Morte de Jesus
14:00	Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha, aos sábados e domingos (excepto domingos da Quaresma) Via-sacra, no Recinto, aos domingos e sextas-feiras da Quaresma
15:00	Missa, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade, com interpretação em Língua Gestual Portuguesa
16:00	Rosário, na Capelinha, aos domingos
16:30	Missa, na Capela da Morte de Jesus aos domingos, na Basílica da Santíssima Trindade
17:30	Vésperas. Aos domingos, na Capela da Morte de Jesus; à quinta- -feira, na Capela do Santíssimo Sacramento Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento, à sexta-feira
18:30	Missa, na Capela da Morte de Jesus. À quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento Rosário, na Capelinha, transmitido pela comunicação social
21:30	Rosário, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira: Procissão Eucarística) e do Advento à Quaresma, aos sábados e dias 12.

NOTA: Nos dias santos, segue-se o programa de domingo.

12 e 13 de novembro a abril – Peregrinação mensal

Dia 12

21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas.

NOTA: Em março, porque é Quaresma, não há Procissão das Velas.

Dia 13

10:00 – Rosário, na Capelinha;

10:45 – Procissão;

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade.

NOTAS:

- Não há Rosário às 12:00; a missa das 12:30 é celebrada na Capela da Morte de Jesus;

- A missa das 15:00 é celebrada pelos benfeitores do Santuário.

PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade;

14:00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria, na Capelinha;

15:00 – Meditação e adoração eucarística, na Basílica da Santíssima Trindade;

16:00 – Conclusão.

NOTA: Em abril, por ser Sábado Santo, este programa não se realiza.

UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês.

10:00 – Acolhimento e preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus;

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade;

12:15 – Catequese sobre a Mensagem de Fátima;

13:00 – Almoço (livre);

14:30 – Preparação da Adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus;

14:45 – Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus;

15:30 – Despedida, na Capelinha.

- Programa aberto à participação de todas as crianças.

- Os grupos devem inscrever-se no Serviço de Peregrinos.

NOTA: Em agosto, por ser dia santo, este programa não se realiza.

PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS

Datas inscritas no Calendário do Santuário:

1.º dia (3.ª feira)

10:00 – Acolhimento, na Casa de Nossa Senhora das Dores;

15:00 – Filme;

16:00 – Reflexão;

17:00 – Sacramento da Reconciliação;

18:30 – Missa, na Capela dos Santos Anjos;

21:30 – Rosário e Procissão das Velas.

2.º dia (4.ª feira)

08:00 – Oração da manhã;

10:00 – Visita à Basílica da Santíssima Trindade;

12:00 – Rosário, na Capelinha;

12:30 – Missa, na Capelinha;

13:30 – Almoço e despedida.

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Capela da Reconciliação:

Sábados e domingos: 07:30 às 19:30

Segunda a sexta-feira: 07:30 às 13:00 e 14:00 às 19:30

De maio a outubro, dias 12: 07:30 às 19:30 e 20:30 às 22:30;
dias 13: 07:00 às 19:30.

BENÇÃO DOS VEÍCULOS

No parque junto à Livraria do Santuário:

Domingos, dias santos e feriados nacionais, às 12:45 e às 17:00.

Esta celebração **não se realiza**:

- na Sexta-feira Santa;
- no dia 10 de junho;
- no dia 12 de julho (à tarde);
- no dia 13 de setembro (de manhã).

BATISMOS

Celebração oficial: domingos, às 11:30.

CASAMENTOS

Celebração oficial: sábados, às 12:00.

BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais em todas as missas oficiais da semana, de segunda a sábado.

Exceções:

- sábados, 11:00 e vespertinas (15:00, 16:30 e 18:30);
- dias santos e celebrações das peregrinações internacionais aniversárias.

Os casais que pretendam fazer a celebração no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração.

CASA DO JOVEM

Acolhimento aos jovens na Colunata Sul, aos sábados e domingos dos meses de julho e agosto.

Horário: 09:00 às 12:30 e 14:30 às 19:00.

PEREGRINOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Programa oficial

Da Páscoa a outubro:

08:00 – Missa, em italiano; ao sábado, na Capelinha; de segunda a sexta-feira, **na Capela da Ressurreição de Jesus;**

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos sábados e domingos;

11:00 – Missa, de segunda a sábado, na Basílica da Santíssima Trindade; aos domingos, no Recinto;

15:30 – Missa, em inglês, de segunda a sexta-feira, **na Capela da Ressurreição de Jesus;**

17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto, aos domingos;

19:15 – Missa, em espanhol: ao sábado, na Capelinha; de segunda a sexta-feira, **na Capela da Ressurreição de Jesus;**

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha e Procissão das Velas; à quinta-feira, Procissão Eucarística.

De novembro à Páscoa:

10:00 – Rosário internacional, na Capelinha, aos domingos;

11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade;

19:15 – Missa, em espanhol, na Capelinha, aos sábados;

21:30 – Rosário internacional, na Capelinha. A Procissão das Velas faz-se diariamente até ao início do Advento (à quinta-feira, Procissão Eucarística) e aos sábados e dias 12, do Advento à Quaresma.

Confissões:

O Santuário coloca confessores à disposição dos peregrinos sempre que possível, de vários idiomas, sobretudo desde a Páscoa até outubro.

Os horários de confissões são publicados na Capela da Reconciliação.

FILMES

Os filmes a seguir listados são exibidos gratuitamente na sala de projeções situada na Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. A capacidade máxima é de 55 lugares. Para grupos maiores, dependerá da disponibilidade de salas. Reservas: Posto de Informações do Santuário (info@fatima.pt).

Aparição

História das aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas memórias.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

Fátima, experiência de fé

Documentário sobre as aparições e a mensagem de Fátima.

Disponível em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Horários oficiais, de 16 de julho a 31 de agosto:

10:00 – Italiano (segunda a sexta-feira);

11:00 – Francês (segunda a sexta-feira);

12:00 – Inglês (segunda a sexta-feira);

15:00 – Português;

16:00 – Polaco;

17:00 – Espanhol.

Fátima e o mundo – episódios I e II

Documentário.

Disponível em português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 51 minutos cada episódio.

O dia em que o sol bailou

História das aparições em desenhos animados; especialmente dirigido a crianças.

Disponível em português.

Duração: 35 minutos.

Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente

Documentário sobre as aparições do Anjo.

Disponível em Português.

Duração: 25 minutos.

Todo teu, todo nosso – João Paulo II, peregrino e apóstolo de Fátima

Documentário sobre o Papa João Paulo II e sua relação com Fátima.

Disponível em português.

Duração: 15 minutos.

Quereis oferecer-vos a Deus?

Documentário sobre a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Disponível em português.

Duração: 25 minutos.

Os Três Pastorinhos de Fátima

Documentário sobre os videntes Lúcia, Francisco e Jacinta.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

Fátima e os Papas

Documentário que aborda a ligação dos Papas à mensagem de Fátima, desde Bento XV até Bento XVI.

Disponível em português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

VISITAS GUIADAS

A secção de Informações orienta visitas guiadas gratuitas a grupos que não tenham guia, mediante marcação (reservas: info@fatima.pt).

LUGARES A VISITAR:

Casas dos Pastorinhos

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30;

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Entrada livre.

Casa-Museu de Aljustrel (encerra à segunda-feira)

1 de maio a 31 de outubro: 09:00 às 13:00 e 14:30 às 18:30;

1 de novembro a 30 de abril: 09:00 às 13:00 e 14:00 às 18:00.

Exposição permanente "Fátima Luz e Paz" (encerra à segunda-feira e dias 13 de manhã, de maio a outubro)

Terça a sábado: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 17:30;

Domingos, dias santos e feriados: 09:00 às 12:00 e 14:30 às 16:30.

Exposição temporária evocativa da aparição de agosto de 1917, *Neste vale de lágrimas*

Convivium de Santo Agostinho

29 de novembro de 2014 a 31 de outubro de 2015.

Segunda-feira a domingo: 09:00 às 19:00.

Entrada livre.



CALENDÁRIO DE ATIVIDADES



CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

Novembro de 2014

29	Sáb	Jornada de Apresentação do tema do ano pastoral de 2014-2015 Abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral
----	-----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

30	Dom	I do Advento Início do ano pastoral de 2014-2015
----	-----	------------------------------------------------------------

Dezembro de 2014

01	Seg	
----	-----	--

02	Ter	
----	-----	--

03	Qua	S. Francisco Xavier – MO
----	-----	---------------------------------

04	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (04-07)
----	-----	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

05	Sex	S. Frutuoso, S. Martinho de Dume e S. Geraldo – MO Assembleia Geral da Associação de Servitas de Nossa Senhora (05-08)
----	-----	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

06	Sáb	Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857; Lec VII 162) Primeiro sábado (pág. 277) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Festival Jovem Nacional da Canção Mensagem
----	-----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

07	Dom	II do Advento Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria 21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas para a Basílica da Santíssima Trindade, seguindo-se o canto do <i>Hino Akathistos</i> Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
----	-----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

08	Seg	Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria - SOLENIDADE Programa dos domingos 11:00 – Missa, no Recinto
----	-----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

09	Ter	Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	
11	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima - COCA
12	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Retiro do Movimento Esperança e Vida de Leiria-Fátima (12-14)
13	Sáb	Peregrinação mensal (pág. 277) S. Luzia – MO 11:00 – Missa votiva da Virgem Maria, filha eleita de Israel Gen 12, 1-7; Mt 1, 1-17 (MVSM 33; Lec VSM 23) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Encontro de preparação da Peregrinação Nacional da Imagem Peregrina Peregrinação dos Autocaravanistas
14	Dom	III do Advento Bênção das imagens do Menino Jesus, na Missa das 11:00 16:00 – Salão de Nossa Senhora das Dores: 1.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>A Mãe de Jesus estava com eles. A presença de Maria na Igreja</i>
15	Seg	
16	Ter	
17	Qua	Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
18	Qui	Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima - COFI Encontro do Reitor com as Comunidades Religiosas de Fátima Encontro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal de Leiria-Fátima
19	Sex	
20	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 278) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
21	Dom	IV do Advento Festa de Natal dos funcionários e voluntários do Santuário de Fátima 15:00 – Concerto de Natal
22	Seg	

23	Ter	
24	Qua	Vigília Natalícia , na Basílica da Santíssima Trindade 23:00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo Neste dia não há rosário às 21:30
25	Qui	Natal do Senhor – SOLENIDADE Programa dos domingos Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus Ofertório para os pobres No rosário, durante a oitava do Natal, meditam-se os Mistérios Gozosos
26	Sex	2.º dia da oitava do Natal S. Estêvão – FESTA
27	Sáb	3.º dia da oitava do Natal S. João – FESTA 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
28	Dom	Sagrada Família de Jesus, Maria e José – FESTA Consagração das Famílias
29	Seg	5.º dia da oitava do Natal
30	Ter	6.º dia da oitava do Natal
31	Qua	7.º dia da oitava do Natal Ação de Graças pelo ano findo 22:00 – Missa com <i>Te Deum</i> de Ação de Graças, na Basílica da Santíssima Trindade. A seguir, procissão para a Capelinha e recitação do rosário 00:00 – Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da Paz 00:30 – Chá-convívio Neste dia não há rosário às 21:30

Janeiro de 2015

01	Qui	Santa Maria, Mãe de Deus – SOLENIDADE XLVIII Dia Mundial da Paz Programa dos domingos Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus (exceto 15:00) Ofertório para os pobres (exceto 15:00) Após a missa das 15:00, Procissão Eucarística pela Paz no mundo, para o Altar do Recinto, no 55º aniversário do Lausperene Neste dia não há rosário, às 16:00, nem vésperas
02	Sex	SS. Basílio Magno e Gregório de Nazianzo - MO
03	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missas votivas do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (MVSM 141; Lec VSM 128) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
04	Dom	Epifania do Senhor – SOLENIDADE Nas missas deste dia, depois do Evangelho, anunciam-se as festas móveis
05	Seg	Curso de Noviços da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (05-09)
06	Ter	
07	Qua	
08	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
09	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Curso sobre a Mensagem de Fátima – 6.ª edição (09-11)
10	Sáb	Missas votivas de Nossa Senhora de Nazaré Gal 4, 4-7; Lc 2, 22.39-40 (MVSM 59; Lec VSM 49) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro de responsáveis de retiros de doentes e idosos
11	Dom	Batismo do Senhor – FESTA 16:00 – Salão de Nossa Senhora das Dores: 2.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>A quem iremos? A peregrinação e a experiência da fé</i> Reunião de Pais e Encarregados de Educação dos Acólitos do Santuário de Fátima

12	Seg	Início do Tempo Comum – Semana I 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (12-13) Retiro do Movimento Esperança e Vida – Lourinhã (12-15)
13	Ter	Peregrinação mensal (pág. 277) Missa votiva de S. Maria, Mãe do Senhor 1 Cr 15, 3-4.15-16; 16, 1-2; Lc 1, 39-47 (MVSM 107; Lec VSM 95) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
14	Qua	
15	Qui	Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i> Jornadas da <i>Association des Oeuvres Mariales</i> – AOM (Paris – França) (15-16)
16	Sex	
17	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 277) S. Antão – MO Aniversário da restauração da diocese de Leiria-Fátima 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Conselho Pastoral da diocese de Leiria-Fátima Movimento da Mensagem de Fátima - Encontro das instituições que dão assistência aos peregrinos a pé
18	Dom	II do Tempo Comum Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
19	Seg	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima (1.º turno) (19-23)
20	Ter	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
21	Qua	S. Inês – MO Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
22	Qui	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS

23	Sex	Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro do Grupo de Reparação (23-25)
24	Sáb	S. Francisco de Sales – MO Ef 3, 8-12; Sl 36; Jo 15, 9-17 (Lec VII 535, 520) Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
25	Dom	III do Tempo Comum Encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima
26	Seg	S. Timóteo e S. Tito – MO Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima (2.º turno) (26-30) Congresso da <i>Association des Recteurs de Sanctuaires</i> – ARS (Roma – Itália) (26-30) Curso de Formadores da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (26-30)
27	Ter	
28	Qua	S. Tomás de Aquino – MO Encontro do <i>Coordinamento Nazionale Pellegrinaggi Italiani</i> – CNPI (Roma – Itália) (28-29)
29	Qui	
30	Sex	
31	Sáb	S. João Bosco – MO Fil 4, 4-9; Mt 18, 1-5 (Lec VII 595, 610) 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro dos Guias de Peregrinos a Pé (31-01)

Fevereiro de 2015

01	Dom	IV do Tempo Comum Ofertório para a Universidade Católica Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
02	Seg	Apresentação do Senhor – FESTA Dia do Consagrado 11:00 – Procissão, bênção das velas e Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, com renovação dos votos dos consagrados No rosário meditam-se os Mistérios Gozosos
03	Ter	
04	Qua	S. João de Brito – MO 2 Cor 4, 7-15; Mc 6, 7-17 (Lec VII 468, 95)
05	Qui	S. Águeda – MO Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
06	Sex	SS. Paulo Miki e Companheiros – MO Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro para Mensageiros (06-08)</i>
07	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Cinco Chagas do Senhor – FESTA 21:30 – Rosário e Procissão das Velas
08	Dom	V do Tempo Comum 16:00 – Salão de Nossa Senhora das Dores: 3.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Vamos para o Céu. A santidade e a comunhão dos santos</i>
09	Seg	
10	Ter	S. Escolástica – MO Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima
11	Qua	Nossa Senhora de Lourdes – MO Is 66, 10-14c; Jo 2, 1-11 (Lec VII 104, 448) Dia Mundial do Doente (Programa próprio) 14.º aniversário da ordenação episcopal de D. António Marto
12	Qui	21:30 – Rosário e Procissão das Velas Encontro de Hoteleiros de Fátima

13	Sex	Peregrinação mensal (pág. 277) Missa votiva da Virgem Maria, Mãe da Consolação Is 61, 1-3.10-11; Mt 5, 1-12 (MVSM 193; Lec VSM 182) 10.º aniversário do falecimento da Irmã Lúcia Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
14	Sáb	S. Cirilo e S. Metódio – FESTA 21:30 – Rosário e Procissão das Velas Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Missionários da Consolata Apostolado de la Oración - Espanha (14-17) Retiro de Catequistas do Patriarcado (14-17)
15	Dom	VI do Tempo Comum
16	Seg	Acólitos do Santuário de Fátima - Atividade de Inverno, na Serra da Estrela
17	Ter	Carnaval
18	Qua	Cinzas – Início da Quaresma Dia de jejum e abstinência Programa: 07:30 – Missa, na Capela da Morte de Jesus 08:15 – Laudes, na Capela do Santíssimo Sacramento 09:00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus 10:15 – Adoração comunitária - Hora Intermédia, na Capela do Santíssimo Sacramento 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade 12:00 – Rosário, na Capelinha 12:30 – Missa, na Capelinha das Aparições 13:30 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento 14:00 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento 15:00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus 16:00 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento 16:30 – Missa, na Capela da Morte de Jesus 17:45 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento 18:30 – Missa, na Capela da Morte de Jesus 18:30 – Rosário, na Capelinha 21:30 – Rosário, na Capelinha 22:15 – Adoração comunitária com Meditação sobre a Quaresma, na Capela do Santíssimo Sacramento

19	Qui	17:30 – Vésperas dos Beatos Francisco e Jacinta Marto, na Capela do Santíssimo Sacramento 21:30 – Vigília da Festa Litúrgica dos Beatos Francisco e Jacinta Marto, na Capelinha Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Encontro de Comerciantes de Fátima
20	Sex	Beatos Francisco e Jacinta Marto – FESTA 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Programa: 10:00 – Rosário, na Capelinha 10:45 – Procissão para a Basílica da Santíssima Trindade com os ícones dos Beatos 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, e bênção das crianças (a procissão não regressa à Capelinha) 15:00 – «Encontro com os Pastorinhos», na Basílica da Santíssima Trindade 17:30 – Adoração ao Santíssimo Sacramento: «Adorar com os Pastorinhos», na Capela do Santíssimo Sacramento 95.º aniversário do falecimento da Beata Jacinta Marto 14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima) Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro para Mensageiros Reparadores (20-22)
21	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 278) Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima
22	Dom	I da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto Retiro dos funcionários do Santuário de Fátima (1º turno) (22-25)
23	Seg	Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (23-27) Retiro das Missionárias de Cristo Sacerdote (23-27)
24	Ter	Encontro dos padres colaboradores do rosário das 18:30
25	Qua	
26	Qui	Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD

27	Sex	14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima) Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro de responsáveis do Setor das Crianças (27-01)
28	Sáb	Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Encontro da Família Missionária Verbum Dei

Março de 2015

01	Dom	II da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
02	Seg	Encontro de Guias-Intérpretes e Peregrinação a Ávila (02-04) Retiro do Clero do Patriarcado (02-06)
03	Ter	
04	Qua	
05	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Mov. Mensagem de Fátima – Retiro das Mensageiras do Imaculado Coração de Maria (05-08)
06	Sex	14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima) Reunião com os padres colaboradores das vigílias das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro
07	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (MVSM 141; Lec VSM 128) Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças
08	Dom	III da Quaresma Ofertório para a <i>Cáritas Portuguesa</i> 14:00 – Via-sacra, no Recinto 16:00 – Salão de Nossa Senhora das Dores: 4.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. A Eucaristia como fonte de comunhão</i> Retiro dos funcionários do Santuário de Fátima (2.º turno) (08-11) Caminhada da Paz
09	Seg	Retiro da Quaresma da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal, de Leiria-Fátima

10	Ter	Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Qua	105.º aniversário do nascimento da Beata Jacinta Marto
12	Qui	21:30 – Rosário Encontro da Comunidade Canção Nova
13	Sex	Peregrinação mensal (pág. 277) 11:00 – Missa votiva da Virgem Maria, mãe da reconciliação 2 Cor 5, 17-21; Jo 19, 25-27 (MVSM 86; Lec VSM 74) 2º aniversário da eleição do Papa Francisco 14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima)
14	Sáb	Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima Encontro do Grupo da Imaculada Encontro da Fraternidade Nuno Álvares (14-15) Encontro das Filhas de Maria Auxiliadora (14-15)
15	Dom	IV da Quaresma 14:00 – Via-sacra, no Recinto Peregrinação e Bênção dos Ciclistas
16	Seg	Knights of Columbus – Estados Unidos
17	Ter	Passeio dos Capelães do Santuário de Fátima Jornada Inter-Escolas dos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica dos 2º e 3º ciclos da diocese de Lisboa
18	Qua	À tarde: missa vespertina da solenidade
19	Qui	S. José, esposo da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE 2.º aniversário da solene inauguração do pontificado do Papa Francisco Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i> Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (19-22)
20	Sex	14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima) Reunião com os padres comentadores das peregrinações aniversárias de 12-13 de maio a outubro

21	Sáb	<p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 278)</p> <p>Evocação das Aparições do Anjo</p> <p>21:30 – Rosário e procissão aos locais das Aparições do Anjo</p> <p>Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</p> <p>Pessoal das Telecomunicações (21-22)</p> <p>Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus</p> <p>Retiro das Fraternidades Agostinianas Portuguesas (21-22)</p>
22	Dom	<p>V da Quaresma</p> <p>108º aniversário do nascimento da Irmã Lúcia</p> <p>14:00 – Via-sacra, no Recinto</p> <p>Diocese de Leiria-Fátima</p>
23	Seg	
24	Ter	À tarde: missa vespertina da solenidade
25	Qua	<p>Anunciação do Senhor – SOLENIDADE</p> <p>No rosário meditam-se os Mistérios Gozosos</p> <p>21:30 – Rosário e Procissão das Velas</p>
26	Qui	Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA
27	Sex	<p>14:00 – Via-sacra, no Recinto (Religiosas de Fátima)</p> <p>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC</p> <p>Retiro de Diplomados Católicos (27-30)</p>
28	Sáb	Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
29	Dom	<p>Ramos na Paixão do Senhor</p> <p>Semana Santa</p> <p>Dia Mundial da Juventude</p> <p>10:25 – Bênção dos ramos e procissão</p> <p>11:00 – Missa, no Recinto</p> <p>14:00 – Via-sacra, no Recinto</p> <p>17:30 – Vésperas, na Capela da Morte de Jesus</p> <p>Não há rosário às 10:00</p>
30	Seg	
31	Ter	

Abril de 2015

01 Qua

02 Qui

Quinta-feira Santa

09:00 – Laudes, na Capela da Ressurreição de Jesus
14:30 – Vídeo, na sala de projeções: *Via-sacra do peregrino*
18:00 – Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade
23:00 – Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus
Ofertório para os pobres

03 Sex

Sexta-feira da Paixão do Senhor

00:00 - 03:00 – Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha
09:00 – Laudes, na Capela da Ressurreição de Jesus
15:00 – Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade
21:00 – Via-sacra, no Recinto
Ofertório para os Lugares Santos de Jerusalém

04 Sáb

Sábado Santo

09:00 – Laudes, na Capela da Ressurreição de Jesus
10:30 – Vídeo, na sala de projeções: *Via-sacra papal*
12:00 – Rosário, na Capelinha
15:00 – Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha
17:30 – Vésperas, na Capela da Ressurreição de Jesus
22:30 – Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de Procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento
96.º aniversário do falecimento do Beato Francisco Marto
(Não se realiza o programa dos Primeiros Sábados)

05 Dom

Páscoa da Ressurreição do Senhor – SOLENIDADE

Início do programa de Verão
Programa dos domingos:
10:00 – Rosário, na Capelinha
11:00 – Missa, no Recinto
17:30 – Procissão Eucarística, no Recinto
21:30 – Rosário e Procissão das Velas
No rosário, durante a oitava da Páscoa, meditam-se os Mistérios Gloriosos

06 Seg

Oitava da Páscoa

Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria
Reunião sobre a Hora de Reparação, com as Religiosas de Fátima
No rosário, durante a oitava da Páscoa, meditam-se os Mistérios Gloriosos

07	Ter	Oitava da Páscoa Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (07-08)
08	Qua	Oitava da Páscoa
09	Qui	Oitava da Páscoa Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS
10	Sex	Oitava da Páscoa Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Sáb	Oitava da Páscoa Sociedade S. Vicente de Paulo (11-12)
12	Dom	II da Páscoa ou da Divina Misericórdia 15:00 - Concerto da Páscoa
13	Seg	Peregrinação mensal (pág. 277) Missa votiva da Virgem Maria na Ressurreição do Senhor Ap 21, 1-5a; IS 62; Mt 28, 1-10 (MVSM 92; Lec NS 79) Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (13-16)
14	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (14-15) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
15	Qua	
16	Qui	Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima – COFI Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (16-19)
17	Sex	Curso de Postulantes II da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (17-19)

18	Sáb	<p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 278)</p> <p>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto</p> <p>1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5</p> <p>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima</p> <p>Amigos do Verbo Divino (18-19)</p> <p>Arautos do Evangelho</p> <p>Encontro das Reparadoras Missionárias da Santa Face (18-19)</p>
19	Dom	<p>III da Páscoa</p> <p>16:00 – Salão de Nossa Senhora das Dores: 5.ª Conferência sobre o tema do ano: <i>Vigiai e orai</i></p>
20	Seg	
21	Ter	
22	Qua	
23	Qui	<p>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS</p> <p>Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i></p>
24	Sex	<p>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC</p> <p>Curso Sub-10 da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (24-26)</p>
25	Sáb	<p>S. Marcos, Evangelista – FESTA</p> <p>Feriado nacional</p> <p>Programa dos domingos</p> <p>VII Encontro de Coros Infantis - Salão do Bom Pastor</p> <p>Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</p> <p>Família Andaluz – Servas de Nossa Senhora de Fátima</p> <p>Movimento Esperança e Vida (25-26)</p>
26	Dom	<p>IV da Páscoa</p> <p>Domingo do Bom Pastor</p> <p>Dia Mundial de Oração pelas Vocações</p> <p>Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima</p> <p>Federação do Folclore Português</p>
27	Seg	
28	Ter	<p>Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (28-29)</p>
29	Qua	<p>S. Catarina de Sena – FESTA</p>
30	Qui	

Maio de 2015

01	Sex	S. José, operário – MO Gen 1, 26-2, 3; Mt 13, 54-58 (Lec VII 134) Feriado nacional Programa dos domingos Peregrinação dos Acólitos Adoración Nocturna – Espanha (01-03)
02	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) S. Atanásio – MO Grupo Oração das Mães Encontro de Diretoras das Filhas de Maria Auxiliadora (02-03)
03	Dom	V da Páscoa Dia da Mãe Encontro das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
04	Seg	Retiro da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal de Leiria-Fátima
05	Ter	68.º aniversário natalício de D. António Marto
06	Qua	
07	Qui	20.º aniversário da ordenação presbiteral do Reitor do Santuário de Fátima Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
08	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
09	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, fonte da luz e da vida Actos 2, 14a.36-40a.41-42; Jo 12, 44-50 (MVSM 94; Lec VSM 82) Colégios de Fomento Encontro do Secretariado Nacional da Educação Cristã (09-10)
10	Dom	VI da Páscoa Início da Semana da Vida Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Seg	18:30 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade – Peregrinos a Pé

12	Ter	Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de Imprensa Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
13	Qua	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Nossa Senhora do Rosário de Fátima – SOLENIDADE Ap 21, 15a; Ef 1, 3-6.11-12; Mt 12, 46-50 (Lec VII 431, 435, 440) 15.º aniversário da beatificação de Francisco e Jacinta Marto No rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Viseu (13-31)
14	Qui	S. Matias – FESTA Rogações Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
15	Sex	
16	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 278) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Conselho Pastoral da Diocese de Leiria-Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Família Salesiana (16-17)
17	Dom	VII da Páscoa Ascensão do Senhor – SOLENIDADE Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social - Ofertório
18	Seg	Retiro organizado pelas Servas da Santa Igreja (18-22)
19	Ter	Reunião do Conselho de Gestão Económico-Financeira do Santuário de Fátima – COGEF Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (19-20)
20	Qua	
21	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (21-24)

22	Sex	Aniversário da criação da Diocese de Leiria-Fátima Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Encontro de alunos das Escolas Salesianas
23	Sáb	Missa votiva de Nossa Senhora no Cenáculo Atos 1, 6-14; Lc 8, 19-21 (MVSM 98; Lec VSM 86) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Amigos de Jesus – Comunidade Pneumavita Encontro dos Irmãos Maristas
24	Dom	Pentecostes – SOLENIDADE
25	Seg	VIII semana do Tempo Comum
26	Ter	S. Filipe Néri – MO Assembleia do Clero da Diocese de Leiria-Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (26-27) Peregrinação dos Feirantes
27	Qua	
28	Qui	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (28-31)
29	Sex	Encontro Inter-Escolas
30	Sáb	Missa votiva da Visitação da Virgem Santa Maria Sof 3, 14-18a; Lc 1, 39-56 (MVSM 41; Lec VSM 30) Encontro dos responsáveis de grupos de adoradores noturnos Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças
31	Dom	IX DO TEMPO COMUM Santíssima Trindade – SOLENIDADE Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Braga (31-14) Diocese de Portalegre e Castelo Branco Peregrinação dos Pescadores

Junho de 2015

01	Seg	S. Justino – MO Escolas das Filhas de Maria Auxiliadora Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (01-04)
----	-----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

02	Ter	Conselho Presbiteral da diocese de Leiria-Fátima
03	Qua	SS. Carlos Lwanga e Companheiros - MO
04	Qui	Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima - COPA
05	Sex	S. Bonifácio - MO Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC Curso sobre a Mensagem de Fátima - 7.ª edição (05-07)
06	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857; Lec VII 162) Família Redentorista (06-07)
07	Dom	X do Tempo Comum Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo - SOLENIDADE Dia Nacional do Cigano 21:30 - Rosário e Procissão Eucarística Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima Família Dehoniana Associação dos Amigos da Irmã Wilson
08	Seg	
09	Ter	
10	Qua	S. Anjo da Guarda de Portugal - FESTA Dan 10, 2a, 5-6.12-14ab; Lc 2, 8-14 (Lec VII 171) Feriado nacional Peregrinação das Crianças Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Qui	S. Barnabé - MO 107.º aniversário do nascimento do Beato Francisco Marto À tarde: missa vespertina da solenidade
12	Sex	Sagrado Coração de Jesus - SOLENIDADE Peregrinação Internacional Aniversária
13	Sáb	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14	Dom	XI do Tempo Comum Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Viana do Castelo (14-28)
15	Seg	Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (15-17)

16	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (16-17) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
17	Qua	
18	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i> Diocese das Forças Armadas e de Segurança (18-19)
19	Sex	Simpósio teológico-pastoral sobre o tema do ano (19-21) Encontro do Apostolado da Oração (19-21)
20	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 278) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Dia do Município de Ourém Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Missionários da Boa Nova (20-21)
21	Dom	XII do Tempo Comum
22	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (22-25)
23	Ter	À tarde: missa da vigília do nascimento de S. João Baptista
24	Qua	Nascimento de S. João Baptista - SOLENIDADE
25	Qui	Aniversário da tomada de posse de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA
26	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
27	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, rainha dos Apóstolos Atos 1, 12-14; 2, 1-4; Sl 86; Jo 19, 25-27 (MVSM 103; Lec VSM 89) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Assembleia Geral do Movimento Esperança e Vida (27-28) Assembleia Provincial das Filhas de Maria Auxiliadora (27-28)

28	Dom	XIII do Tempo Comum À tarde: missa vespertina da solenidade Ofertório para a Cadeira de S. Pedro – Santa Sé Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Vila Real (28-12)
29	Seg	S. Pedro e S. Paulo - SOLENIDADE
30	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (30-01)

Julho de 2015

01	Qua	
02	Qui	
03	Sex	S. Tomé - FESTA
04	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) S. Isabel de Portugal – MO 1 Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-46 (Lec VII 600, 619) Família Espiritana (04-05)
05	Dom	XIV do Tempo Comum Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima
06	Seg	
07	Ter	Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima – COFI Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (07-08)
08	Qua	
09	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Encontro de Formação das Filhas de Maria Auxiliadora (09-15)
10	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Sáb	S. Bento, Abade – FESTA Diocese de Coimbra

12	Dom	XV do Tempo Comum Peregrinação Internacional Aniversária Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Bragança-Miranda (12-26)
13	Seg	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA À tarde: Dedicação da Igreja Catedral de Leiria-Fátima
14	Ter	Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
15	Qua	S. Boaventura - MO Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado
16	Qui	Nossa Senhora do Carmo - FESTA Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440) Seminaristas maiores: 1º turno de voluntariado (16-31) Reunião do conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
17	Sex	Bb. Inácio de Azevedo, presbítero, e Companheiros - MO
18	Sáb	"Um Dia com as Crianças" (pág. 278) B. Bartolomeu dos Mártires - MO Reunião geral dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima (18-19)
19	Dom	XVI do Tempo Comum
20	Seg	Retiro do Clero (20-24)
21	Ter	
22	Qua	S. Maria Madalena - MO Cant 3, 1-4a; Jo 20, 1. 11-18 (Lec VII 214, 216)
23	Qui	S. Brígida - FESTA Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS
24	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
25	Sáb	S. Tiago - FESTA Família Comboniana

26	Dom	XVII do Tempo Comum "Dia dos Avós" 10:00 – Rosário, na Capelinha 11:00 – Missa internacional, no Altar do Recinto 15:00 – Encontro com os avós Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Lamego (26–09)
27	Seg	Encontro de Pastoral Litúrgica (27–31)
28	Ter	
29	Qua	S. Marta – MO 1 Jo 4, 7-16; Jo 11, 19-27 (Lec VII 223, 225)
30	Qui	Mov. Mensagem de Fátima – Férias para pais com filhos portadores de deficiência (30–05)
31	Sex	S. Inácio de Loyola – MO Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado

Agosto de 2015

01	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) S. Afonso Maria de Ligório – MO Seminaristas maiores: 2º turno de voluntariado (1-15) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Encontro Mariápolis (01–04)
02	Dom	XVIII do Tempo Comum Acolhedores dos Postos de Informações
03	Seg	Passeio dos Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (03–06) Retiro das Missionárias de Cristo Sacerdote (03–07)
04	Ter	S. João Maria Vianney – MO Encontro de Confessores do Santuário de Fátima
05	Qua	
06	Qui	Transfiguração do Senhor – FESTA No rosário meditam-se os Mistérios Luminosos Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
07	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC

08	Sáb	S. Domingos – MO Mov. Mensagem de Fátima – Férias para pais com filhos portadores de deficiência (08-14)
09	Dom	XIX do Tempo Comum Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana
10	Seg	S. Lourenço – FESTA Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Ter	S. Clara – MO
12	Qua	Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de imprensa
13	Qui	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Durante a Procissão das Velas, faz-se a evocação da queda do Muro de Berlim, junto ao monumento Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
14	Sex	S. Maximiliano Kolbe – MO À tarde: missa vespertina da solenidade Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria 21:30 – Rosário, na Capelinha, e Procissão das Velas para o Altar do Recinto 22:30 – Canto do Hino Akathistos e da Ladainha de Nossa Senhora
15	Sáb	Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE Programa dos domingos No rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos À tarde: Missa da solenidade Não se realiza o programa “Um dia com as Crianças”
16	Dom	XX do Tempo Comum Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana Reunião com os seminaristas maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado Seminaristas maiores: 3.º turno de voluntariado (16 a 31 de agosto)
17	Seg	S. Beatriz da Silva – MO Retiro do Renovamento Carismático Católico de Espanha (17-23)
18	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (18-19)

19	Qua	98.º aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima 10:00 – Rosário, na Capelinha 10:45 – Procissão para a Basílica da Santíssima Trindade 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade 21:30 – Rosário e procissão aos Valinhos, com início na Capelinha (não levar velas) Não há rosário às 12:00 A missa das 12:30 é celebrada na Capela da Morte de Jesus Mov. Mensagem de Fátima – Férias para pais com filhos portadores de deficiência (19-25)
20	Qui	S. Bernardo – MO Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
21	Sex	S. Pio X – MO
22	Sáb	Virgem Santa Maria, Rainha – MO Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38 (Lec VII 258) No rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto
23	Dom	XXI do Tempo Comum
24	Seg	S. Bartolomeu – FESTA Retiro do Clero (24-28)
25	Ter	
26	Qua	Diocese da Guarda (26-27)
27	Qui	S. Mónica – MO Retiro da União Missionária Franciscana (27-31)
28	Sex	S. Agostinho – FESTA 1 Jo 4, 7-16; Mt 23, 8-12 (Lec VII 268) Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Mov. Mensagem de Fátima – Férias para pais com filhos portadores de deficiência (28-03)
29	Sáb	Martírio de S. João Baptista – MO
30	Dom	XXII do Tempo Comum Acólitos do Santuário de Fátima – Semana de formação na Serra da Estrela (30-05)
31	Seg	

Setembro de 2015

01	Ter	Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (01-02)
02	Qua	
03	Qui	S. Gregório Magno – MO
04	Sex	Movimento da Mensagem de Fátima – Encontro do Conselho Nacional (04-06)
05	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (MVSM 142; Lec VSM 128) Movimento dos Convívios Fraternos (05-06)
06	Dom	XXIII do Tempo Comum
07	Seg	
08	Ter	Natividade da Virgem Santa Maria – FESTA Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD Movimento da Mensagem de Fátima – Peregrinação de Idosos (08-09) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
09	Qua	
10	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima - CODIS Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Sex	
12	Sáb	Peregrinação Internacional Aniversária Santíssimo Nome de Maria - MO Gal 4, 4-7; Lc 1, 39-47 (Lec VII 434, 442) Vigília com funcionários e colaboradores voluntários do Santuário de Fátima
13	Dom	XXIV do Tempo Comum PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Coimbra (13-27)
14	Seg	Exaltação da Santa Cruz – FESTA Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (14-17) Retiro do Clero (14-18)

15	Ter	Nossa Senhora das Dores – FESTA
16	Qua	S. Cornélio e S. Cipriano – MO
17	Qui	
18	Sex	
19	Sáb	<p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 277)</p> <p>Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1,3-10; Mt 18, 1-5 Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Vigilaria de Fátima – Celebração do Crisma Jornadas Missionárias (19-20)</p>
20	Dom	<p>XXV do Tempo Comum Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue</p>
21	Seg	<p>S. Mateus – FESTA Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (21-24)</p>
22	Ter	
23	Qua	S. Pio de Pietrelcina – MO
24	Qui	<p>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i></p>
25	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
26	Sáb	<p>Missa votiva de Santa Maria, mãe e medianeira da graça Est 8, 3-8.16-17a; Jo 2, 1-11 (MVSM 150; Lec VSM 136) Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto Família Passionista Peregrinação do Rosário (26-27)</p>
27	Dom	<p>XXVI do Tempo Comum Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese da Guarda (27-11)</p>
28	Seg	<p>Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (28-01)</p>
29	Ter	S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael , arcanjos - FESTA
30	Qua	S. Jerónimo – MO

Outubro de 2015

01	Qui	S. Teresa do Menino Jesus – MO
02	Sex	Santos Anjos da Guarda – MO Ex 23, 20-23a; Mt 18, 1-5. 10 (Lec VII 303)
03	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Judite 13, 17-20; 15, 9; Lc 11, 27-28 (MVSM 141; Lec VSM 128)
04	Dom	XXVII do Tempo Comum Ofertório para o «Dia anual da diocese de Leiria-Fátima» Início da Semana Nacional da Educação Cristã Curso de Acólitos do Santuário de Fátima
05	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (05-08)
06	Ter	
07	Qua	Nossa Senhora do Rosário – FESTA Atos 1, 12-14; Lc 1, 26-38 (Lec VII 428, 308)
08	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
09	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
10	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, mãe da divina Providência Is 66, 10-14c; Sl 130; Jo 2, 1-11 (MVSM 191; Lec VSM 179) Encontro da Comunidade Canção Nova (10-11) Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Dom	XXVIII do Tempo Comum Curso de Acólitos do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Portalegre-Castelo Branco (11-25) Apostolado da Oração
12	Seg	Peregrinação Internacional Aniversária À tarde: Missa vespertina da solenidade Conferência de imprensa Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
13	Ter	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA Dedicação da Basílica de Nossa Senhora do Rosário – SOLENIDADE 1 Reis 8, 22-23.27-30; 1 Pedro 2, 4-9; Mt 16, 13-19 (Lec VII 391, 405, 406)

14	Qua	
15	Qui	S. Teresa de Jesus – MO Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (15-18)</i>
16	Sex	Curso sobre a Mensagem de Fátima – 8.ª edição (16-18)
17	Sáb	“Um Dia com as Crianças” (pág. 278) S. Inácio de Antioquia – MO Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima <i>Encontro do Grupo da Imaculada</i>
18	Dom	XXIX do Tempo Comum Dia Mundial das Missões – Ofertório para as Missões Curso de Acólitos do Santuário de Fátima <i>Institutos Religiosos de inspiração carmelita e teresiana</i> <i>Musical teresiano – V Centenário do Nascimento de Santa Teresa de Jesus</i>
19	Seg	45.º aniversário natalício do Reitor do Santuário de Fátima <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (19-22)</i> <i>Retiro do Clero (19-23)</i>
20	Ter	
21	Qua	
22	Qui	S. João Paulo II , Papa - MO Leituras da féria Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
23	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC
24	Sáb	Missa votiva da Virgem Maria, imagem e mãe da Igreja (II) Atos 1, 12-14; Sl 86; Jo 2, 1-11 (MVSM 133; Lec VSM 122) <i>Movimento da Mensagem de Fátima – Dia de Deserto</i> <i>Legião de Maria (24-25)</i>
25	Dom	XXX do Tempo Comum Reunião mensal dos Acolhedores nas Procissões do Santuário de Fátima Curso de Acólitos do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Setúbal (25-08)

26	Seg	Movimento da Mensagem de Fátima – Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (26-29)
27	Ter	
28	Qua	S. Simão e S. Judas – FESTA
29	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima - COCA
30	Sex	
31	sáb	Missa votiva da Virgem Maria, porta do Céu Ap 21, 1-5a; Mt 25, 1-13 (MVSM 212; Lec VSM 203) Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria Movimento da Mensagem de Fátima – Adoração com crianças

Novembro de 2015

01	Dom	XXXI do Tempo Comum Todos os Santos – SOLENIDADE Início do programa de Inverno
02	Seg	Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos 11:00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano Retiro do Clero (02-06)
03	Ter	
04	Qua	S. Carlos Borromeu – MO
05	Qui	
06	Sex	S. Nuno de Santa Maria – MO Sir 44, 1-3ab.4.6-7.10.13-14; Lc 14, 25-33 (Lec VII 344) Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima - SEAC Magusto dos funcionários do Santuário de Fátima
07	Sáb	Primeiro sábado (pág. 277) Missa votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (MR 857; Lec VII 162, 164) 44.º aniversário da ordenação presbiteral de D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima

08	Dom	XXXII do Tempo Comum Início da Semana dos Seminários Reunião mensal dos Acólitos do Santuário de Fátima Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Évora (08-22)
09	Seg	Dedicação da Basílica de Latrão – FESTA <i>Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa</i> (09-12)
10	Ter	S. Leão Magno – MO <i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
11	Qua	S. Martinho de Tours – MO
12	Qui	S. Josafat – MO À tarde: missa vespertina da Dedicação da Basílica da Santíssima Trindade Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da <i>Voz da Fátima</i>
13	Sex	Peregrinação mensal (pág. 277) Dedicação da Basílica da Santíssima Trindade – SOLENIDADE 1 Reis 8, 22-23.27-30; 1 Pedro 2, 4-9; Mt 16, 13-19 (Lec VII 391, 405, 406)
14	Sáb	Missa votiva de Nossa Senhora, rainha e Mãe de Misericórdia Est 4, 17 n. p-r. aa-bb.hh-kk; Jo 2, 1-11 (MVSM 187; Lec VSM 172)
15	Dom	XXXIII do Tempo Comum Ofertório para o Seminário Diocesano de Leiria-Fátima
16	Seg	Congresso da <i>Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages</i> – ANDDP (Tours – França) (16-20) <i>Retiro do Clero</i> (16-20)
17	Ter	S. Isabel da Hungria – MO
18	Qua	
19	Qui	
20	Sex	<i>Movimento da Mensagem de Fátima - Retiro para responsáveis dos secretariados</i> (20-22)

21	Sáb	<p>“Um Dia com as Crianças” (pág. 278)</p> <p>Apresentação de Nossa Senhora – MO</p> <p>Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440)</p> <p>Reunião mensal dos Leitores e Ministros Extraordinários da Comunhão do Santuário de Fátima</p>
22	Dom	<p>Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – SOLENIDADE</p> <p>Visita da Imagem Peregrina à Diocese de Beja (22-06)</p>
23	Seg	
24	Ter	<p>S. André Dung-Lac e companheiros – MO</p> <p>Reunião do Conselho de Gestão Económico-Financeira do Santuário de Fátima – COGEF</p> <p>Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima – COAD</p>
25	Qua	
26	Qui	<p>Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS</p>
27	Sex	<p>Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC</p>
28	Sáb	<p>Missa votiva Santa Maria, templo do Senhor</p> <p>1 Reis 8, 1.3-7.9-11; Sl 83; Lc 1, 26-38 (MVSM 122; Lec VSM 109)</p> <p>Jornada de Apresentação do tema do Ano Pastoral de 2015-2016</p> <p>Abertura da exposição sobre o tema do ano pastoral</p>
29	Dom	<p>I do Advento</p> <p>Início do ano pastoral de 2015-2016</p>
30	Seg	<p>S. André – FESTA</p>

Memória descritiva do projeto de comunicação 5.º ano da Celebração do Centenário das Aparições de Fátima

Michel Gonçalves

Redpost®

“Santificados em Cristo” é o tema proposto pelo Santuário de Fátima para o Ano Pastoral de 2014-2015. Toda a temática assenta no acontecimento de referência, a Aparição de agosto, no qual Nossa Senhora pede aos Pastorinhos: “Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores”.

A linguagem visual apresentada caracteriza-se por algumas formas abstratas, mas simbólicas, resultado de pesquisas em que o processo criativo foi desconstruindo formas figurativas de referência, criando novas abordagens e o seu próprio espaço de reflexão.

Deste modo, o desenvolvimento gráfico da proposta ficou centrado nos seguintes aspetos e factos inspiradores:

“Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores”.

A forma circular que surge transparente ao centro pretende transmitir o espaço de oração que aparece como base do Amor de Cristo.

“Formamos um só corpo”

As formas que surgem em redor de Cristo procuram gerar um movimento de união como se estivessem a juntar-se para criar um coração. As figuras vão beber inspiração à sumamente conhecida obra de Rafael Sanzio (1483-1520) – “A Transfiguração” –, uma das últimas e mais importantes pinturas do autor, inspirada no relato da Transfiguração de Jesus, no Monte Tabor, a partir da narrativa de Mt, 17, 1-13.

A obra desvia-se do seu estilo sereno e apresenta uma nova sensibilidade de um mundo turbulento e dinâmico. O facto de a Transfiguração ter ocorrido no alto de uma montanha poderá entender-se como o ponto/momento no qual a natureza humana se encontra com Deus: o encontro do temporal com o eterno, o encontro de Jesus como a ponte entre o céu e a terra.

"Aparição de Agosto"

As cores das formas que envolvem Cristo pretendem recriar um dos acontecimentos de agosto em que, quando no dia 13, altura em que deveria dar-se a quarta aparição, os três videntes não puderam ir à Cova da Iria, pois ficaram retidos pelo administrador do concelho de Vila Nova de Ourém.

Nesse dia, juntou-se uma grande multidão que aguardava pela aparição. Por volta do meio-dia, ouviu-se um trovão, ao qual se seguiu um relâmpago, tendo os espectadores notado uma pequena nuvem branca que pairou alguns minutos sobre a azinheira. Observaram-se também fenómenos de coloração, de diversas cores, nos rostos das pessoas, nas roupas, nas árvores e no chão.



